

Viajor



Marcus Braga

VIAJOR

Artigos espíritas selecionados – vol. II

Marcus Vinicius de Azevedo Braga

Data publicação: 15/09/2020

PUBLICAÇÃO:

EVOC – Editora Virtual O Consolador

Rua Senador Souza Naves, 2245 – CEP 86015-430

Fone: (43) 3343-2000

www.oconsolador.com

Londrina – Estado do Paraná

2020

Dados internacionais de catalogação na publicação

	Braga, Marcus Vinicius de Azevedo.
B794v	Viajor : artigos espíritas selecionados : v. II / Marcus Vinicius de Azevedo Braga; revisão de Angélica Reis; capa de Ana Luísa Barroso da Silva Neto e Carolina Braga Seda. – Londrina, PR : EVOC, 2020. 288 p.
	1. Literatura espírita-crônicas. 2. Imaginário infantil. 3. Casa espírita. 4. Movimento espírita. 5. Ethos colaborativo. I. Braga, Marcus. II. Reis, Angélica. III. Silva Neto, Ana Luísa Barroso e Seda, Carolina Braga. IV. Título
	CDD 133.9 19.ed.

Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

Índice

APRESENTAÇÃO.....	8
PREFÁCIO.....	10
1. VIAJANTES, SOMOS TODOS NÓS.....	12
2. A MONTANHA.....	14
3. ALÉM DO HORIZONTE.....	17
4. DESENHO ANIMADO É COISA SÉRIA: O IMAGINÁRIO INFANTIL E OS CONCEITOS ESPÍRITAS.....	20
5. DINHEIRO, CONSUMO E OUTROS TEMAS NATALINOS.....	30
6. ESPÍRITO NÃO TEM COR (...)......	32
7. "JESUS TE AMA".....	39
8. AS MUITAS FACES DA PENA DE MORTE.....	42
9. LUCIDEZ E GENIALIDADE.....	46
10. O VELHO CHICO.....	48
11. OS "ISMOS".....	51
12. ENTRE A PENA E A VINGANÇA.....	54
13. PARA ALÉM DA PORTEIRA.....	58
14. A PRIMEIRA PEDRA.....	60
15. PRÓXIMO, TODO E QUALQUER.....	64
16. A MAGIA DA ATITUDE.....	67
17. A TOLERÂNCIA ZERO.....	70
18. AS CHAGAS CONTEMPORÂNEAS.....	74
19. CHICÃO, BOTA ÁGUA NO NOSSO FEIJÃO.....	77
20. NARCISO DECEPCIONADO.....	79
21. O PROFETA DO TERROR QUE A LARANJA MECÂNICA ANUNCIA....	82
22. BANANAS, PARA DAR E VENDER.....	85
23. OS TALENTOS DE WAKANDA.....	88

24. PAGAR CONTAS E VER SÉRIES.....	90
25. PREVINHA-SE, QUE O CÉU TE PREVENIRÁ.....	93
26. ANÔNIMOS	96
27. AVALIAR PARA EVOLUIR.....	98
28. A CASA ESPÍRITA ROUBOU MEU PAI... ..	101
29. A ERA DO PPS.....	104
30. A FERRAMENTA DO BEM.....	107
31. EPPUR SI MUOVE*	115
32. O CHUÁ	125
33. O ETHOS COLABORATIVO	128
34. O MELHOR E O ADEQUADO	130
35. O PARADIGMA CLIENTE-FORNECEDOR NA CASA ESPÍRITA	132
36. PRÁTICAS SALUTARES NA CONDUÇÃO DE TRABALHOS ESPÍRITAS.....	135
37. SÃO KARDEC, KARDEC SÃO	140
38. TEMOS ASSISTIDO.....	144
39. VERDADEIRAS FORMIGUINHAS.....	146
40. BANDEIRAS, PAUTAS E LUTAS	148
41. IMPORTAÇÃO DE PARADIGMAS: A REFLEXÃO NECESSÁRIA.....	151
42. A FREQUÊNCIA MELHORA A FREQUÊNCIA	156
43. RELIGIÃO: GRAXA E AREIA.....	159
44. HUMANICES.....	162
45. PÉ DE BARRO, PÉ NO BARRO.....	164
46. VINDOURA.....	167
47. COMPLIANCE E A CURA	170
48. DUREZA DOUTRINÁRIA	172
49. “NÓIS É ESPRITO”.....	177
50. O SELO DO ACOLHIMENTO ESPÍRITA.....	180
51. OS DESAFIOS DE UMA FÉ RACIOCINADA.....	182

52. TOLERÂNCIA É UMA PALAVRA FEIA	185
53. UMA ESTRATÉGIA, DIRIA EQUIVOCADA, NO TRATO DA QUESTÃO DA DEFESA DA VIDA	189
54. VIRTUS IN MEDIUM EST	194
55. FÉ RACIOCINADA, UM TANTO <i>DEMODÉ</i> , MAS TÃO NECESSÁRIA..	197
56. PINCELADAS SOBRE ASSISTÊNCIA E PROMOÇÃO SOCIAL ESPÍRITA	203
57. A BENÇÃO DE UMA FAMÍLIA ESTRUTURADA.....	207
58. NAMORO ESPÍRITA	209
59. O ABORTO, O ABANDONO E A RODA DOS SÉCULOS	212
60. O QUE ENSINO AS MINHAS FILHAS.....	216
61. REFLEXÕES SOBRE A VIDA A DOIS	218
62. SOBRE BODES E CABRAS.....	221
63. O TITULAR DA AÇÃO	224
64. FRUTOS E SEMENTES.....	228
65. A MARVADA	230
66. A LINDA ROSA JUVENIL.....	235
67. ALVORADA JOVEM	237
68. ENCONTRO DE JOVENS	240
69. INFÂNCIAS ARMADAS.....	245
70. INTERNET, INFÂNCIA E JUVENTUDE	248
71. TESOUROS DA JUVENTUDE	251
72. MÚSICA PARA OUVIR E MÚSICA PARA SE CANTAR JUNTO	254
73. O INDIVÍDUO COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS (DEFICIÊNCIA MENTAL) E A CASA ESPÍRITA	257
74. O SUPER JOVEM.....	265
75. OS FILHOS DA COMEERJ	268
76. A SEMENTE DO HOMEM DE BEM.....	272
77. PAULO DE TARSO E A JUVENTUDE.....	276
78. REMINISCÊNCIAS DA ORIENTAÇÃO NA JUVENTUDE ESPÍRITA	279

79. A DIMENSÃO PEDAGÓGICA NA EVANGELIZAÇÃO DE CRIANÇAS SOCIALMENTE CARENTES	282
80. INABALÁVEL, NA BALADA	286

APRESENTAÇÃO

Recebi convite do autor e, apesar dos meus múltiplos afazeres, não poderia recusar, mas, sim, agradecer a oportunidade de poder falar da amizade de longos anos com Marcus Braga, funcionário público federal, pedagogo, mestre em educação, que vem apresentando-se na imprensa escrita e virtual, colaborando em diversos blogs, sites e revistas e escrevendo artigos clássicos, há mais de 15 anos, de segmentos variados (científicos, econômicos e espíritas), notadamente no jornal Correio Espírita, onde mensalmente publica seus artigos doutrinários.

O livro “Viajor” reúne temas diversos para leitores de todas as idades. Com capítulos curtos e bem didáticos, facilita a todo tipo de leitor o acesso suave aos conhecimentos da doutrina espírita, com paralelos inteligentes, demonstrando que o Espiritismo está presente em todas as nossas ações e atitudes, conforme de lei de causa e efeito.

Os oitenta temas selecionados com interpretação e pertinência espírita são de grande valor moral para a sociedade, que, por muitas vezes, carece de exemplos cristãos como os que são apresentados nessa obra, o que a torna preciosa fonte para estudo e reflexão. O leitor, por certo, vai adquirir mais conhecimento, vai fortalecer-se diante de acontecimentos sobre determinados assuntos delicados, como a morte, aborto, violência armada e compreender melhor questões relacionadas à educação e evangelização espírita para jovens e crianças e sua interação com a internet. E, claro, será enriquecido com citações e passagens dos ensinamentos de Jesus, além da surpreendente descrição do encontro no palco entre Chico Xavier e Roberto Carlos em comemoração pelos 50 anos de carreira.

O título da obra é um convite a uma viagem interior cujas estradas cabem a cada um de nós escolher, pois o livro nos

remete à reflexão profunda em sonhos de pura realidade, sem criar mitos ou expectativas. Sob uma linguagem moderna e muito compreensível, diferente de uma obra técnica, o livro revela-se uma obra capaz de despertar a alma para a grandeza que somos na condição de usufrutuários e herdeiros do amor de Deus.

Desejamos a todos uma excelente leitura em mais uma obra edificante, com sinceros votos de muita paz!

Saulo de Tarso F. Netto
Editor do jornal Correio Espírita (RJ)

PREFÁCIO

Recebo muito honrada o convite do Marcus Braga para prefaciar o livro que os leitores têm em mãos e um misto de surpresa e alegria se apodera de mim, além do orgulho e gratidão por ter sido agraciada por tão generoso convite.

Conheci o Marcus há alguns anos, quando sendo ele apenas um jovem participativo e questionador, militava nos bancos da Mocidade Espírita onde eu era evangelizadora e também aprendia um pouco mais da vida através daqueles jovens, que me levaram a buscar num curso de Pedagogia, mais subsídios para a realização dessa troca tão intensa de almas e corações, através do conhecimento advindo da nossa amada Doutrina Espírita.

Tempos importantes e produtivos, onde tanto aprendizado se fez, se trocou e se firmou e quando penso no autor desses ótimos textos que leio com interesse e que o leitor terá a oportunidade de partilhar, o que me vem à mente é a figura de um jovem íntegro e dinâmico, que utilizando a Arte para a divulgação de suas ideias, se destacava entre os demais, por sua responsabilidade e objetividade, junto as crianças carentes do Centro Espírita Amazonas Hércules no Canal do Anil, no bairro de Jacarepaguá.

O tempo passou, seguimos nossos caminhos e eis que depois de algum tempo, reencontro o Marcus em uma Bienal, ostentando um livro lançado pela FEB (Federação Espírita Brasileira), escrevendo artigos para o “Correio Espírita” o mesmo Jornal onde também sou articulista, tocando sua vida de esposo, de pai de duas meninas e cumulando novos estudos em sua carreira profissional.

Parabéns, Marcus! Continue firme! Vejo que você tem aproveitado todas as oportunidades que lhe são concedidas e é isso que o torna tão especial, dentro dessas verdades

adquiridas ao longo de todo esse tempo e como já sabemos que uma das finalidades do Espiritismo é tornar melhores as pessoas que o compreendem, como nos diz um artigo da Revista Espírita através de nosso codificador, é meu desejo que seus textos possam continuar a encantar jovens, adolescentes e adultos, ampliar seus horizontes e lhes transmitir conhecimento junto à interiorização destas informações, na vivência prática destes aprendizados em suas vidas cotidianas.

Fátima Moura

Escritora-RJ

1. VIAJANTES, SOMOS TODOS NÓS

Uma das metáforas preferidas com a existência é de uma viagem, na qual atravessamos uma estrada, um deserto, acompanhado de pessoas e sujeitos a toda ordem de dificuldades.

Essa comparação, feliz, é verdade, só esquece que essa jornada é infinita, com algumas paradas. Algumas como encarnado, e outras, inexoráveis, a cada vez que mudamos de roupagem pela reencarnação. Mas essa viagem tem sempre pausas, para descanso e refazimento. A vida é feita em ciclos.

Esse segundo livro, que se segue a “Fruto Forte” com a mesma proposta, faz parte da minha viagem como espírito, é a continuação de uma produção que figurou em diversos periódicos espíritas, impressos e virtuais, e que aproveitei agora para um fecho, para um registro de ideias, de percepções, e reflexões, e muitas delas apontam a paisagem da viagem, os que me acompanharam e as dificuldades vivenciadas.

Ao olhar para o horizonte, vê-se muitos outros desafios, muitos outros temas, muitas outras discussões que se fazem necessárias, mas no momento, antes de retomar a rédea dessas discussões e projetos, faz-se necessário clamar um pouco no deserto, para que essas falas, espalhadas ao vento das publicações, se concentrem e inspirem outras falas e outras reflexões.

Escrever nos faz pensar, nos faz crescer e ponderar sobre coisas. As vezes nos traz arrependimentos, normal nos processos de amadurecimento, mas é assim que se constrói o saber.

Assim, como mais um viajante, despretenso, apresento o que tenho colhido e espalhado pelo caminho, na seara espírita e na vida cotidiana, na forma de fazer coro com alguns

companheiros de viagem, e para trazer a reflexão a outros. São mais de quinze anos de produção, que variam de atualidades a temas doutrinários clássicos, e que permitirão ao leitor também fazer uma viagem, a partir dessas reflexões, para seu interior e de lá para o mundo exterior, que nos desafia a cada dia.

2. A MONTANHA

No ano de 2009, o grande compositor Roberto Carlos, o "Rei", completou 50 anos de carreira, evento esse que foi comemorado com uma caravana de shows pelos país inteiro. Roberto, uma unanimidade nacional, atravessou décadas e embalou gerações, com estilos e temáticas diversas e com uma bela produção de orientação religiosa.

Chico Xavier, o "nosso Chico", era um fã de Roberto Carlos. Conforme publicado na Revista Fatos e Fotos de 1973, em um Show Beneficente em São Paulo, promovido pela Comunhão Espírita Cristã de Uberaba, o público foi brindado com um abraço do "Mineiro do Século" e o "Rei" em pleno palco. Roberto nunca escondeu sua ternura por Chico e Chico a sua admiração por Roberto. Em uma entrevista que assisti a muito tempo atrás, lembro-me de perguntarem a Chico que música ele mais gostava do repertório de Roberto Carlos e ele disse sem pestanejar: "A montanha".

A Montanha realmente é uma música de uma vibração singular, que fala ao coração. Uma obra-prima que alia linguagem simples e profundidade nos conceitos. Vamos refletir um pouco sobre alguns trechos dessa música, que como não poderia deixar de ser, é da dupla Roberto e Erasmo, em uma breve homenagem aos 50 anos de carreira do Rei, mas também em lembrança ao nosso saudoso Chico, que não escolheu essa música por acaso.

"Eu vou seguir uma luz lá no alto eu vou ouvir
Uma voz que me chama eu vou subir
A montanha e ficar bem mais perto de Deus e rezar
Eu vou gritar para o mundo me ouvir e acompanhar
Toda minha escalada e ajudar
A mostrar como é o meu grito de amor e de fé".

Nesse trecho, a letra da música nos convida a, por meio de uma metáfora, comparar a nossa vida com a tarefa de escalar uma montanha e que quanto mais caminhamos na senda evolutiva, mais nos aproximamos de Deus. Não o Deus que está no céu fisicamente e fica mais próximo à medida que subimos e sim a aproximação da ideia de Deus que fazemos ao longo da nossa caminhada como espíritos imortais. Interessante que o grito de agradecimento se dá durante toda a caminhada e não objetiva os “ouvidos de Deus” e sim o mundo, para “me ouvir e acompanhar”, na busca de amor e fé. É fazer da caminhada um ato de alegria e agradecimento, convidando a todos a seguir na estrada do Cristo.

“Eu vou pedir que as estrelas não parem de brilhar
E as crianças não deixem de sorrir
E que os homens jamais se esqueçam de agradecer”

A música fala de pedidos que não objetivam as questões pessoais e sim de pleitos de bênçãos voltadas a todos. Ela pede que os homens jamais se esqueçam de agradecer, para que todos possam sentir aquela presença infinita de Deus, nos momentos de glória e nos momentos de dor, pois estes fazem parte do nosso processo de caminhada rumo a Deus, até o cume da montanha.

“Por mais que eu sofra. Obrigado Senhor!
Mesmo que eu chore.
Obrigado Senhor!
Por eu saber que tudo isso me mostra o caminho que leva
a Você.
Mais uma vez (...)”

Nesse ponto, refletimos que o agradecimento não se restringe apenas aos momentos em que as bênçãos se materializam, e sim também aos momentos de dificuldade, e essa compreensão deriva do entendimento de Deus como Pai amantíssimo e que a prova nos mostra o caminho do progresso. A repetição da expressão "mais uma vez" na música lembra-nos que agradecer deve ser um hábito, repetido incessantemente. Um hábito ativo, convidando o mundo a caminhar enquanto agradece.

Essa música é uma joia do cancionero nacional popular e traz em sua letra uma profunda sabedoria e uma visão da divindade muito interessante, materializando o Deus Bom e Justo apregoado por Jesus e defendido na Doutrina Espírita. A música também revê o conceito de agradecimento, não como uma retribuição ao Deus impiedoso e provedor e sim como uma canção de pertencimento a obra do pai, levando a todos essa mensagem.

Posto isso, só nos resta agradecer a Deus por essa música, por Roberto Carlos, por Chico Xavier e por tantas outras bênçãos que povoam a vida dos brasileiros.

3. ALÉM DO HORIZONTE

A obra de J.K. Rowling, Harry Potter (1997), apresenta uma escola de magia denominada Hogwarts, oculta dos olhares humanos, na qual jovens aprendem a se tornar bruxos, em um mundo paralelo ao nosso mundo conhecido, repleto de magia e fantasia.

A cidade de Shangri-lá, encravada na montanha do Tibet, é um lugar mítico descrito na obra "Horizonte perdido" (1925), livro do inglês James Hilton, local este no qual as pessoas nunca envelhecem.

Atravessando um armário, o Escritor C. S. Lewis nos conduz em "As crônicas de Nárnia" (1949), a um mundo fantasioso, com personagens mitológicos e grandes aventuras do bem contra o mal, repletas de símbolos da cristandade.

Um tufão conduziu a bela Dorothy ao fantástico mundo de Oz, com estradas pavimentadas de dourado e uma bruxa, na obra de 1900, do americano Lyman Frank Baum, intitulada "O Maravilhoso Feiticeiro de Oz" e que já foi objeto de várias versões cinematográficas.

"-Cortem as cabeças!", gritava a Rainha de Copas, para o espanto de Alice, em um mundo louco no livro "Alice no país das maravilhas" (1865), de Lewis Carroll.

Manoel Bandeira cantava em versos uma Pasárgada, onde ele era amigo do Rei e teria a mulher que quisesse na cama que escolhesse...

A literatura mundial é farta de narrações épicas, de mundos míticos e fantasiosos, de lutas do bem contra o mal. Muitas dessas narrações são misturas de lendas de diversas civilizações, mescladas pelos valores cristãos, de elementos psicanalíticos antiquíssimos, servindo de pano de fundo para aventuras que exaltam valores e dramas humanos.

Nessas narrativas, sempre desejando um lugar mítico, um céu de nuvens algodoadas, segue sonhando a humanidade, com um paraíso além do horizonte, como se não bastassem as maravilhas que a realidade nos presenteia cotidianamente.

Grande sucesso em nosso país fez o filme "Nosso Lar", filmagem baseada no grande romance mediúnico de André Luiz sob a pena psicográfica de Francisco Cândido Xavier, o primeiro de uma sequência de livros que reformulou os conceitos espíritas, principalmente da dinâmica da vida após o desencarne, e seus elementos mais concretos.

Estaríamos fazendo do Nosso Lar um mundo mágico e paradisíaco, um céu para além do túmulo?

Nosso lar é um local de trabalho e de luta pelo progresso espiritual da Terra. Nas próprias palavras do livro: "*Nosso Lar é antiga fundação de portugueses distintos, desencarnados no Brasil, no século XVI. A princípio, enorme e exaustiva foi a luta, segundo consta em nossos arquivos no Ministério do Esclarecimento.*"

Longe de ser um lugar idílico, de aventuras mágicas e de realização de sonhos, é uma organização de trabalhadores na senda do bem, de recepção dos desencarnados, de preparação de encarnações. Vê-lo como o céu e o umbral como o inferno é importar um modelo teológico que não cabe ao Espiritismo.

A comunidade de Nosso Lar foi fruto de luta dos nossos abnegados irmãos e longe de ser um mundo à parte, é um local em constante interação com o nosso planeta, como bem espelha o momento da eclosão da segunda guerra, narrada em um trecho do livro.

Importantes reflexões, para não nos esquecermos que, como dito no livro, as finalidades daquela colônia "*residem no trabalho e no aprendizado*", longe de ser um local de realização de sonhos ou de repouso eterno. É uma oficina bendita, de

intercâmbio próximo com a Terra, na qual o trabalho é um valor.

4. DESENHO ANIMADO É COISA SÉRIA: O IMAGINÁRIO INFANTIL E OS CONCEITOS ESPÍRITAS

1 - Uma guerra quase silenciosa

Interessante reportagem publicada em 29 de outubro de 2005 no caderno "Pensar" do *Correio Brasiliense* (DF), falando do lançamento do livro do biólogo Ernst Mayr, grande estudioso no século XX da obra de Charles Darwin (aquele da Evolução das espécies), na qual revela em suas linhas que vivemos uma guerra silenciosa no mundo atual, onde o criacionismo e a teoria do "Design inteligente" se confrontam as ideias evolucionistas originadas de Darwin.

Apesar desta questão ter figurado em artigos de outros jornais e até em programas televisivos, ela ainda figura com um certo caráter de absurda, com um ar de comicidade face a teoria evolucionista dispor de um teor científico robusto frente ao senso comum. Esse caráter de curioso e silencioso tem se apresentado na prática de outras formas. O palco desta luta é o livro, a sala de aula, a conversa entre os amigos durante o filme, e não está restrita apenas a nação estadunidense. Já sabemos de casos aqui no Brasil de alunos que se recusam a estudar e tiram zero nas questões sobre esse tema na disciplina de biologia, por contrariar a sua crença. São ideias "andando" por aí, se contrapondo em provocações e debates acirrados, em tempos de exacerbado fundamentalismo.

Essa guerra de ideias típicas de séculos diferentes revela que as ideias estão imbricadas nas diversas expressões, de uma simples aula a uma música, e elas se espalham e se contrapõe em fóruns diversos. Outra "revolução" silenciosa de conceitos teológicos transmitidos está ocorrendo, sem ter alcançado, entretanto, as páginas dos jornais, como a famosa questão do "homem ter vindo do macaco", mas que vai de encontro a conceitos estabelecidos por séculos pelas religiões dominantes do mundo ocidental.

A ideia desse artigo é analisar ideias que recentemente estão sendo transmitidas para o público infantil nos programas típicos para esse segmento, mormente a conceitos consoantes com as ideias espíritas, em confronto com a visão teológica predominante, e de que forma esse material pode ser utilizado pelo pai e evangelizador na formação conceitual dos nossos.

2 - TV criança

Na época do lampião de querosene, diversão da petizada era correr na rua, brincar de pião, de cabra-cega e uma série de jogos e cantigas, atividade que persiste até hoje em muitas regiões do país e por força de muitos educadores, no seu esforço solitário. Na década de 60, televisão era aquele artigo de luxo que apenas um menino de cada rua tinha (na cidade grande) e reunia-se toda a rua para assistir aquele programa de sucesso na casa do menino. Era o início da TV, onde tudo era novidade e nesses quarenta e poucos anos muita coisa mudou. Falamos hoje da TV Digital, interatividade, fomos invadidos pela cor, pelos efeitos especiais e pelas várias opções de canais da TV por assinatura.

No Brasil, cerca de 14% da população tem acesso a TV por assinatura e 90 % tem acesso a TV aberta e estima-se que a criança brasileira passa em média três horas em frente a tela, a maior média do mundo, conforme atestou pesquisa da Universidade de Brasília divulgada na revista VEJA de 18/01/2006. A TV transformou-se em ferramenta didática e entrou para a escola. Filmes, seriados, novelas e desenhos voltados para o público infantil e produzidos no mundo todo fazem da TV o substituto da babá contadora de histórias.

Esses programas que invadem a nossa residência sem pedir licença e trazem no seu simbolismo e no seu roteiro conceitos, oriundos por vezes da cultura do país produtor ou por vezes *Merchandising* cultural de hábitos e valores, inseridos conscientemente para estimular de maneira subliminar o consumo de determinados produtos, a inclusão, o combate ao

preconceito, o ódio a um inimigo do país e até valores de conduta.

3 - A influência das histórias e dos personagens

Contudo, como essas histórias e personagens podem traduzir para as crianças conceitos, visões de mundo que podem interferir nos seus próprios conceitos? Os desenhos infantis substituem os antigos contadores, os narradores de outras épocas, que narravam o cotidiano e o maravilhoso. A grande diferença é que a história hoje já vem com texto e imagem, já "mastigada", com muita informação e pouco espaço para a interpretação e a imaginação, permitindo pouco espaço para a discussão. Os contos de fadas apresentados nos desenhos modernos apresentam a raiz de ser um instrumento psicológico para a criança enfrentar um mundo cheio de dificuldades, buscando a identificação com heróis, tendo hoje como diferencial a inserção de relações complexas e longas entre os personagens, com raízes psicanalíticas, onde persiste a "moral da história", geralmente associada ao pensamento chamado de "politicamente correto".

Essas histórias então apresentam as nossas crianças soluções de como enfrentar o mundo, heróis, ídolos, fórmulas de conduta e verdades contextuais. Sim, cada desenho tem uma lógica, um conjunto de regras que funciona como a "verdade" daquele desenho. Por exemplo, no "Tom & Jerry", apesar de não falar verbalmente, os animais (gato e rato) pensam e se comunicam, o que difere da realidade, mas para aquele desenho é uma realidade contextual. A criança no seu mundo da imaginação importa aquelas verdades contextuais e volta ao nosso mundo, em suas viagens de revivência das histórias.

Essas verdades contextuais influenciam a forma da criança ver o mundo, pois ela ali vive um mundo com novas regras. Ela não poderá voar como o "Peter Pan", mas a verdade contextual de não querer crescer pode ser para ela uma

verdade interior e exterior. A criança aos poucos vai descobrir que ela não pode disparar raios pelas mãos, mas aos poucos ele também descobre que se não enfrentar o mundo, não conseguirá superar os obstáculos. Essas lógicas vão se confrontando e construindo as visões de mundo da criança, mediando o seu mundo de fantasia com o real.

A questão é que essa lógica do mundo da fantasia sempre foi monopolizada. Por questões de ideologia dominante e de cultura do produtor, os desenhos mais antigos como o citado "Tom & Jerry", "Pica-Pau", "Popeye, o marinheiro" ou "Mickey", sempre trataram as questões teológicas mais cruciais como Deus e a vida após a morte de forma secular e clássica, representando de modo geral a oposição entre anjos e demônios, o céu de nuvens e o inferno flamejante, bem ao estilo medieval, com caldeirão e harpas. O contexto geopolítico também era outro... Desse modo, esses paradigmas eram reforçados e naturalizados nas crianças que assistiam aqueles desenhos.

4 - Os conceitos espíritas

Com a década de 80, com a queda do muro de Berlim, o início da globalização, o mundo começou a intercambiar mais as suas culturas. Com a ampliação das comunicações, com a internet e a TV por assinatura, com a entrada de desenhos de outros países, mormente os europeus e os asiáticos, o eixo ideológico desses desenhos mudou, sem contar os princípios de produções próprias no âmbito da América Latina.

As culturas desses países vinham agora imbricadas nesses novos desenhos e a queda de modelos mais tradicionais, o avanço da corrida espacial e da astronomia, tudo isso fez com que as temáticas teológicas tivessem outra abordagem nas verdades contextuais dos desenhos animados. A imaginação necessária a competição precisa alçar voos e toda visão de mundo era importante para construir uma nova história. O

público, mais crítico e esclarecido, tornava-se mais exigente e queria mais informações.

Para ilustrar esse que é o ponto alto deste artigo, vamos citar alguns desenhos voltados para o público infantil bem recentes, a maioria em exibição ainda, identificando neles conceitos similares aos conceitos espíritas, descritos na tabela a seguir:

Índice	Conceito Espírita
A	Evolução dos espíritos
B	Comunicabilidade dos espíritos com os encarnados/Imortalidade da alma
C	Pluralidade dos mundos habitados
D	Pluralidade das existências (Reencarnação)

Na lista a seguir vão os desenhos e caso o amigo leitor tenha dificuldade de identificar ou saber mais sobre algum dos títulos, pode perguntar para o seu filho ou sobrinho, que ele certamente saberá. Certamente, a maioria desses desenhos tem uma carga grande de violência, em muitos casos explícita, mas não é o nosso propósito avaliar o desenho em si e sim verificar a mudança de conceitos transmitidos e estampados nestes.

INU YASHA – Sucesso japonês, conta a história de uma menina que entra em um poço no fundo do seu quintal e lá retorna no tempo até o Japão feudal, onde vive situações relacionadas a sua encarnação nessa época, como uma sacerdotisa. Conceito (D).

AVATAR – Desenho recente da Nickelodeon, fala de um tempo na China (ou um país similar) no qual as pessoas

dominavam os elementos – Ar, água, terra e fogo e o Avatar que estabelecerá a ordem é aquele que já encarnou nas tribos dos quatro elementos. Conceito (D).

DRAGON BALL – Desenho japonês inspirado em uma lenda chinesa, conta a história de um menino com rabo de macaco e muito forte, que na verdade veio de outro planeta e vive aventuras na Terra na busca das esferas do dragão. Tem vários episódios ocorridos no “mundo espiritual”. Conceito (C) e (B).

YU YU HAKUSHO – Desenho japonês onde Yusuke Urameshi é um jovem indisciplinado que perde a vida ao salvar uma criança de um atropelamento. Por recompensa, ele se torna um “detetive” do mundo espiritual, travando nestas grandes batalhas. Conceito (B)

OS CAVALEIROS DO ZODÍACO – Outro grande sucesso nipônico, onde jovens de um orfanato são criados por um milionário que os treina para se tornarem cavaleiros com armaduras especiais para salvar a Terra de um perigo iminente e defender a jovem Saori, reencarnação da Deusa Athena. Conceito (D).

A MÚMIA – Desenho Norte-Americano inspirado na refilmagem do clássico de 1932, trata de uma família de arqueologistas contra uma múmia que volta a viver. Baseado na mitologia egípcia, trata da reencarnação de personagens com grande naturalidade. Conceito (D).

SHAMAN KING – Desenho japonês que narra a aventura de jovens xamãs (Médiuns), que com a ajuda de espíritos guerreiros do passado, travam batalhas “incorporados” entre si. Conceito (B).

DISNEY – O megaestúdio Disney tem produções com temáticas interessantes, como Irmão Urso e Mulan, que apresentam contatos ostensivos com entidades já desencarnadas e outros como *Little e Stitch* e o Galinho

Chicken Little, que tratam naturalmente da vida em outros planetas. Conceito (B)

STAR WARS – A saga de seis filmes de George Lucas que resultou em diversos desenhos correlatos, além de considerar a vida em outros planetas, fala da “força”, um tipo de fluido que pode ser manipulado. Apresenta também personagens desencarnados que realizam aparições e se comunicam com os encarnados. Conceito (B) e (C).

GHOSTBUSTERS – Desenho inspirado no filme de sucesso que teve a sua continuação fala de um grupo que resolve montar uma empresa para caçar fantasmas. Conceito (B).

SCOOBY-DOO – O velho cão medroso e o seu amigo ainda fazem muito sucesso, em filme ou nos desenhos. A comunicação com os espíritos é na maioria das vezes revelada como um embuste com fins comerciais. Entretanto, os episódios nunca negam a existência destes fenômenos. Conceito (B).

MARTIN MYSTERY – Um jovem estudante e a sua irmã acompanhados de um homem das cavernas são membros de uma agência que investiga eventos paranormais em vários planetas, aparecendo nos episódios toda sorte de fenômeno mediúnico. Conceitos (A), (B) e (C).

A TURMA DA MÔNICA – Os nossos queridos personagens brasileiros esbanjam conceitos com o Astronauta visitando outros planetas, o dinossauro Horácio e o Piteco na pré-história e a turma do Penadinho, que sempre traz aspectos da reencarnação e da mediunidade. Conceitos (A), (B), (C) e (D).

DINOSSAUROS – Diversos desenhos de várias nacionalidades têm como pano de fundo a questão dos dinossauros, caracterizando as ideias de evolução. Conceito (A).

DANNY PHANTOM – Desenho norte-Americano que narra às aventuras de menino filho de caçadores de fantasmas que por um acidente passa a poder se transformar em fantasma e combate os espectros do mal na busca de defender a sua cidade, com diversos fenômenos mediúnicos nos episódios, como incorporação. Conceito (B).

HARRY POTTER – O bruxinho mais famoso do planeta, ratificando a sua origem inglesa, apresenta fantasmas do passado passeando pela escola e conversando com os alunos em todos os filmes. Conceito (B).

Como podemos verificar, a lista é extensa e, com certeza, incompleta. Pergunte a qualquer criança e, com certeza, ela já viu algum desses desenhos, pois são todos bem recentes. Além disso, a maioria tem a sua versão em livro ou em quadrinhos.

Obviamente, os conceitos apresentados nos desenhos apresentam várias distorções dos conceitos espíritas, mas isso não invalida que foi rompida a hegemonia do paradigma anterior de céu versus inferno. Como era de se esperar, a predominância é nas questões da mediunidade e suas facetas e na vida em outros planetas, fruto dos avanços da astronomia e das descobertas da Transcomunicação Instrumental e estudos afins, sendo que os desenhos orientais apresentam mais a questão da reencarnação, que enriquece muito a trama e compõe a crença desses povos.

O fato é que o paradigma teológico católico se vê rompido, na inclusão de elementos novos, que trazem as crianças novas formas de ver a questão da espiritualidade, em um país que, embora tenha uma minoria espírita, tem as ideias afetas a essa crença vulgarizadas e de ampla aceitação, como provam os sucessos das telenovelas de cunho espiritualista e o sucesso de filmes hollywoodianos que tratam os conceitos espíritas.

5 - Como potencializar isso?

Como dito, certamente os nossos alunos da evangelização ou filhos assistem ou já assistiram pelo menos um desses desenhos. É inevitável, pois eles estão na escola, nos produtos licenciados e no jornaleiro. Nessa relação que o nosso evangelizando/filho estabelece com um desses programas é uma oportunidade ímpar de explorar os conceitos espíritas e até morais ali contidos e criar uma discussão frutífera sobre o tema.

Muita gente defende que a reencarnação e a mediunidade são conceitos complexos e que devem deixar o trabalho disso para a juventude e enchemos a evangelização infantil de Moisés e coisas afetas ao catolicismo. Defendo que esses conceitos, simples e naturais, podem e devem ser trabalhados com as crianças sim, na escola de evangelização, e esses filmes podem ajudar sobremaneira nesta tarefa.

Hoje a educação toda gira em torno de trabalhar a partir da realidade do aluno. Se nessa realidade já estamos encontrando conceitos que são afins com os nossos conceitos espíritas, nós temos que trazê-los para a análise crítica. **Não nos cabe somente ver o mundo contido na doutrina espírita e sim identificar a doutrina espírita no mundo.** Como o apelo e a influência desses desenhos sobre as crianças são enormes, o ponto de convergência deve servir de “fio da meada” para iniciar uma discussão de conteúdo. Se na sala de casa com os amigos assistindo a um desses desenhos o nosso evangelizando/filho explicar o que realmente aconteceu à luz da doutrina espírita, o conceito ali se consolidou.

6 - Conclusão

Às vezes tendemos a isolar ou ignorar o material divulgado pela TV por ferirem a pureza doutrinária. O fato é que a revolução silenciosa dos conceitos teológicos está aí. Porém, raramente um desses desenhos será integralmente fiel aos conceitos doutrinários, até por que a sua finalidade é outra, trazendo o maravilhoso e o aventureiro.

Certos mecanismos conceituais básicos podem ser ilustrados a partir destes elementos da realidade das crianças, permitindo a elas um melhor discernimento. Esses desenhos podem nos ajudar sim, a reforçara construção desses conceitos basilares da Doutrina espírita junto as nossas crianças. Fugirmos disso é cairmos em uma redoma, bem próximo dos nossos amigos criacionistas.

5. DINHEIRO, CONSUMO E OUTROS TEMAS NATALINOS

Mais uma vez chega o Natal. Ruas enfeitadas, lojas transbordando de ofertas e as pessoas nas ruas ávidas de aquecer a economia do país. No calendário do consumo, os meses de novembro e dezembro se destinam ao Natal, antecedido pelo dia das crianças, dia dos pais, festas juninas e um sem número de datas que loteiam o ano em um arranjo comercial, no qual sempre temos um motivo para comprar.

Essa contradição do Natal sempre me angustiou. A comemoração do nascimento de um filho de carpinteiro em um estábulo convertida em uma suntuosa festa de "ança". Comilança, beberança e gastança. Foi a mesma estupefação que tive ao visitar Roma e ver toda aquela opulência em nome de Jesus.

Os desenhos animados estadunidenses desde muito trocam o meigo nazareno pelo bom velhinho avermelhado pelo merchandising de famosa marca de refrigerante. Assim, temos um natal farto de representações televisivas, mas de aniversariante ausente. Ah, a influência religiosa imperceptível no cinema americano...

As temáticas Natalinas se reduzem a listas de presentes, viagens e o reaparelhamento da residência com o insumo do décimo terceiro salário em nossas economias. Assim, de forma tão contraditória, pintamos o panorama do Natal, passados mais de 2000 anos da encarnação do incompreendido nazareno em nosso planeta, para trazer uma mensagem do amor como a expressão maior da relação com Deus.

Incompreendido, pois erigiram palácios, fizeram guerras, torturaram pessoas e exploraram pobres. Tudo isso em seu nome, no passado e no presente. O Natal que vemos hoje se converteu em mais uma faceta de Jesus absorvida pelos homens e seus interesses e não a figura de Jesus que veio a Terra.

É um tanto deprimente essa visão da festa Natalina, mas as vivências, os índices de acidentes, a publicidade, a fala das pessoas, tudo nos leva a ver um Natal focado em consumo, dinheiro e tantas outras coisas distantes da comemoração do aniversário de Jesus. Cabe a pergunta: *“como Jesus deveria desejar que seus irmãos mais novos comemorassem o seu aniversário?”* Pois é, em suas andanças pelo nosso planetinha azul, o mestre deixou palavras e gestos, o caminho do crescimento espiritual. Não seria uma boa comemoração cultuar esses valores por atos e gestos?

Assim, como espíritas, que entendem o Cristo como um irmão maior a nos guiar na senda da evolução, necessitamos refletir como estamos vivenciando o Natal. Para nós, é mais uma oportunidade de aproveitar as promoções? Mais um feriado? Uma festança?

O Natal como lembrança da vinda de Jesus, deve nos propiciar uma reflexão sobre o que este representou para nós, no plano coletivo e individual. Mais o Jesus das palavras do que o dos ditos milagres. É difícil remar contra a maré, na pressão da família, dos amigos, dos meios de comunicação. Entretanto, é preciso reinventar formas de vivenciar o Natal para manter acesa a chama do legado de Jesus. Nada contra o Papai Noel, as comidas e os presentes. Mas, tudo a favor de Jesus, como figura ímpar na história da humanidade e que nos indicou uma era ainda inconclusa, da primazia do amor em nossas vidas.

6. ESPÍRITO NÃO TEM COR (...)

[...] o corpo sim.... Assim como a máxima "*espírito não tem sexo*" oculta várias discussões sobre sexualidade e gênero; e a sentença "*espírito não tem idade*" desconsidera questões sociais da juventude e da infância; a afirmativa título desse artigo acaba por servir ao mesmo propósito. Abstrair a questão do espírito, como uma coisa neutra, amorfa, descontextualizada, quase um anjo etéreo é perigoso. Lembremos que uma das grandes inovações da obra *Nosso Lar* de Francisco Cândido Xavier, foi apresentar a vida espiritual em um plano concreto, real. O espírito e a matéria não são coisas isoladas, pois na vida encarnada o espírito se relaciona diretamente com o mundo material, não em uma oposição, mas em uma relação complexa e orgânica.

Esse introito é para mostrar que a questão do racismo, atualmente em ampla discussão, também merece uma discussão no campo do Espiritismo. Em especial, o assunto vem à baila por força da decisão exarada recentemente (2011) por um Juiz Federal diante de uma ação popular, denegando o pedido de retirada de circulação do livro "*Obras Póstumas*", de Allan Kardec, por neste existirem trechos que atentam contra a igualdade entre os povos e raças, em conflito com normas recentes e internacionalmente aceitas, atinentes ao assunto.

O racismo, o preconceito e as guerras por razões étnicas são construções sociais, de processos históricos longos e dolorosos. O nosso país vivenciou séculos de escravidão, em um processo de libertação dos escravos que não foi acompanhado de uma integração dessa massa de indivíduos à sociedade, relegando a eles a pobreza e a discriminação pelas suas práticas culturais, tendo sido perseguidas pela polícia a capoeira e as religiões de matrizes africanas, assim como foi o Espiritismo perseguido pelo governo no início do século XX.

Destarte, é impossível negar essa realidade. A cor da pele representou e representa forma de dominação e de superioridade entre pessoas, em um processo construído, assim como foram as construções religiosas que movimentaram e movimentam guerras. E essa discriminação anda por aí, em nossos corações e falas.

Sobre o assunto da decisão do juiz denegando o recolhimento de Obras Póstumas, vejo que a decisão do Juiz Federal foi sábia, bastando para isso ler a sua fundamentação. Essa questão, infelizmente, não é tão simples...O Racismo está presente sim em várias obras literárias, por ser uma situação que foi aceita e estimulada pelo senso comum, inclusive em nosso país, desde longa data. Não é a primeira vez que uma obra clássica é arrolada nessa situação, como na famosa mudança de nome do romance de Agatha Christie, "O caso dos dez negrinhos", por solicitação dos herdeiros da referida escritora; e mesmo a recente polêmica sobre a obra "As caçadas de Pedrinho", de Monteiro Lobato. Nesse sentido, Nota de 1 de junho de 2011 do Conselho Nacional de Educação (CNE/MEC) apresenta lúcido e interessante posicionamento, o qual transcrevo trechos a seguir:

Uma sociedade democrática deve proteger o direito de liberdade de expressão e, nesse sentido, não cabe veto à circulação de nenhuma obra literária e artística. Porém, essa mesma sociedade deve garantir o direito à não discriminação, nos termos constitucionais e legais, e de acordo com os tratados internacionais ratificados pelo Brasil.

Reconhecendo a qualidade ficcional da obra de Monteiro Lobato, em especial, no livro *Caçadas de Pedrinho* e em outros similares, bem como o seu valor literário, é necessário considerar que somos sujeitos da nossa própria época e responsáveis pelos desdobramentos e efeitos das opções e orientações políticas, pedagógicas e literárias assumidas no contexto em que vivemos. Nesse sentido, a literatura, em

sintonia com o mundo, não está fora dos conflitos, das hierarquias de poder e das tensões sociais e raciais nas quais o trato à diversidade se realiza.

O posicionamento em relação a obra lobatiana se encaixa como uma luva em relação a questão apontada na obra Kardequiana. Obviamente, essas assertivas contidas em "Obras Póstumas" não desmerecem a figura de Allan Kardec, que pregou em seus textos a igualdade. Mas, não podemos nos esquecer que Kardec era um ser humano, um homem do seu tempo, imerso em um contexto social. Sair disso, é procurar santos encarnados.

Se julgássemos as obras básicas livros sagrados e imutáveis, escritas por seres atemporais e perfeitos, seríamos católicos e não espíritas. Kardec vivia em uma sociedade com valores e com uma visão de mundo próprias e isso pode vir a se expressar nos seus comentários, por motivos óbvios. Mas, as análises da obra Kardequiana não devem desconsiderar uma visão global. Podemos citar, por exemplo, a afirmativa na "Revista Espírita", em outubro de 1861, que se contrapõe totalmente a ideias racistas:

O Espiritismo, restituindo ao espírito o seu verdadeiro papel na criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, apaga naturalmente todas as distinções estabelecidas entre os homens segundo as vantagens corpóreas e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou as castas e os estúpidos preconceitos de cor.

Considerando-se ainda trechos das obras básicas, outros reforçam o combate ao racismo, como em:

Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão,

contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade (A Gênese).

Ou ainda no *Evangelho segundo o Espiritismo*, no texto "O Homem de bem", quando diz: "*homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças, nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus*".

Assim, se ater a um trecho isoladamente, na discussão se o pensamento de Kardec no século XIX tinha traços de racismo no século XXI é inócua, principalmente por não ser esse para nós um profeta infalível, considerando ainda que o Espiritismo superou esse modelo beatificador.

Kardec rompeu com vários modelos daquela época, ainda que a polêmica citação faça jus a toda essa discussão, merecendo em minha humilde opinião, uma nota explicativa, no entendimento consoante com a posição apresentada pelo Conselho Nacional de Educação em caso similar. Para melhor exemplificar, segue um excerto do polêmico trecho de Obras póstumas:

[...] Ela nos foi sugerida, assim como a sua solução, pela passagem seguinte de um livro muito interessante e muito instrutivo, intitulado: *As revoluções inevitáveis no globo e na Humanidade*, por Charles Richard.

[...] Passando à beleza das formas, assim se exprime, às páginas 44 e seguintes:

Somente, será bom não esquecer, nessa comparação, que aqui se trata de classes privilegiadas, sempre mais belas do que as outras, e que, conseqüentemente, os tipos modernos a se opor aos antigos deverão ser escolhidos nos salões, e não

na espelunca. Porque a pobreza, ai!, em todos os tempos, e sob todos os aspectos, jamais foi bela, e é precisamente assim para nos fazer vergonha e nos forçar a dela nos libertar um dia.

[...] O negro pode ser belo para o negro, como um gato é belo para um gato; mas não é belo no sentido absoluto, porque os seus traços grosseiros, seus lábios espessos acusam a materialidade dos instintos; podem bem exprimir as paixões violentas, mas não saberiam se prestar às nuances delicadas dos sentimentos e às modulações de um espírito fino.

[...] Tendo este artigo sido lido na Sociedade de Paris, foi objeto de um grande número de comunicações, apresentando todas as mesmas conclusões.

O texto de "Obras Póstumas" deixa claro que Kardec cita um artigo famoso na época e sua correspondente teoria (da beleza), comentando inclusive manifestações de espíritos sobre a questão. Por não se tratar de um ponto basilar da doutrina, por não ser a obra citada um "Livro Sagrado" interpretado ao pé da letra pelos espíritas e por ter sido uma citação de forma incidental, podemos concluir – assim como fez o Juiz – que realmente a infeliz sentença não espelha o pensamento kardequiano ou espírita, como corroborado em outras falas de sua obra. Mas isso não o exime de ser um trecho infeliz, ainda mais se interpretado em um contexto isolado, como é por vezes a bíblia.

A questão é que como toda religião tem um tomo sagrado, contendo a chamada palavra de Deus, as pessoas as vezes atribuem a obra Kardequiana esse sentido literal, o que realmente traria um aspecto negativo a essa sentença, assim como a Bíblia, mormente o "Velho Testamento", tem várias passagens sexistas, de discriminação da mulher e outras situações descabidas em nossa sociedade. Nunca vi uma reflexão religiosa sobre essas visões nos ditos textos sagrados, mas estão ali preconceitos de hoje nos hábitos do povo Hebreu

de outrora, que pedem o espírito que vivifica e não a letra que mata.

O que não pode, ao meu ver, é que nós espíritas, por qualquer motivo, ignoremos que essa discriminação é um fato vivo, social e construído, ocultando-se na neutralidade de um espírito sem cor. Temos sim responsabilidade com o combate a essa prática antifraterna, que não coaduna com nossos ideais cristãos.

A questão do racismo deve ser pauta de nossos estudos, das discussões da juventude e deve ser entendida como uma expressão do orgulho do ser humano. O Espiritismo deve apregoar a compreensão entre as manifestações culturais e religiosas, dentro da visão que não serão essas questões que nos serão "cobradas" no retorno a espiritualidade.

O respeito é uma grande arma contra o racismo e devemos exercitá-lo, principalmente em relação aos irmãos de religiões de matriz africana, que apesar das nítidas diferenças históricas e doutrinárias, tem seus cultos e liturgias que merecem o mesmo respeito e consideração que devemos as tradicionais missas e aos cultos evangélicos.

Confesso que o momento atual é de exaltação e que algumas manifestações soam agressivas quanto a questão do racismo. Mas são formas de trazer à baila a questão e provocar a reflexão coletiva... Essa exaltação se dá, pois, a questão do racismo envolve um processo de segregação e de dor arrastado por gerações. Mas, isso não nos exime da questão do preconceito, lembrando que a luta contra o racismo é a luta contra as diferenças e não a construção de diferenças - de ambos os lados.

Por fim, longe de esgotar o assunto, que visivelmente carece de produção literária na seara espírita, fica a questão de revisarmos a nossa vivência, o nosso discurso e acharmos ali o racismo escondido. Fundamental também olhar o passado,

verificar que essas chagas não se fecharam todas e que as novas gerações, em um novo contexto, devem interpretar os clássicos – que recebem esse nome pelo seu valor – a luz das novas conceituações e das descobertas científicas, entendendo cada fala no seu tempo, mas que novos tempos demandam novas falas. A ação popular contra uma de nossas obras não pode ser fonte de ódio para o movimento espírita e sim de reflexão sobre essa importante questão, que deve ser enfrentada, dentro de nós. Esconder-se dela, jamais...

7. "JESUS TE AMA"

Caminho pela rua distraído e vejo no muro de uma empresa, em letras garrafais, pichado a grafite o dístico "*Jesus te ama*". Recordo-me então que já vi a singela expressão diversas vezes, em placas pregadas em árvores, em portas de banheiro e em um sem número de lugares nos quais a tentativa de passar a referida mensagem desconsidera o patrimônio, a natureza e o bom senso.

A questão de se passar a mensagem, por qualquer meio, nos faz lembrar a grande questão ética de que os fins não justificam os meios e que os processos têm consequências que afetam os seus resultados. De que vale dizermos que Jesus ama a todos, quando desrespeitamos o patrimônio do nosso irmão, ou o caule de um ser vivo? Ainda que repletos de boas intenções, contrariar a mensagem do Cristo na sua divulgação é trocar a profundidade da renovação pela superfície das palavras, nas urnas caídas que já nos advertia o meigo nazareno.

Uma reflexão profunda, pois o espírito messiânico no Espiritismo é suplantado pelo espírito do bem, sem olhar a quem, na construção do Reino de Deus na Terra. Não temos interesse de divulgar "leia Kardec" em proporção maior do que "ame seu próximo", pois a nós interessa o resultado – o homem de bem – considerando as implicações éticas de como chega-se a esse estágio. Aliás, "leia Kardec" para nós tem que significar "ame seu próximo"...

A questão do homem de bem é um desafio íntimo, construído no convívio com nossos irmãos encarnados. As vezes nos preocupamos com a divulgação, com a pregação mirando no outro, para tirá-lo da pretensa ignorância, quando esquecemos que o outro é nossa ferramenta de evolução. Se conhecer a doutrina espírita fosse o caminho único de crescimento espiritual, o que dizer dos outros 99% de

habitantes do globo que desconhecem nossos postulados, pelo menos da forma como fora sistematizado por Kardec? Sairemos então em cruzadas de divulgação para levar a mensagem de Kardec? O que sacrificamos com esse investimento – a prática do bem e o estudo edificante?

Já vi afirmações de que o objetivo da casa espírita é a divulgação da Doutrina Espírita e que isso se estenderia para federativas, no seu âmbito. Seria muito pouco para a casa espírita ser apenas um propagador de ideias. A casa espírita é oficina de estudo e trabalho na forja do homem de bem em cada um de seus frequentadores e as tarefas de divulgação servem para enlaçar essa missão entre todos. Mas não pode ser a divulgação um fim em si mesmo, sob pena de nos trocarmos a ação pelo discurso. Empenhados por levar o nome de Jesus a outros rincões, já se matou e se roubou muito, como nos mostra a história.

Embalados pela clássica máxima do Livro “Estude e Viva”, ditado pelos Espíritos: Emmanuel e André Luiz; psicografado por Chico Xavier e Waldo Vieira: “(...). *Para isso, estudemos Allan Kardec, ao clarão da mensagem de Jesus Cristo, e, seja no exemplo ou na atitude, na ação ou na palavra, recordemos que o Espiritismo nos solicita uma espécie permanente de caridade – a caridade da sua própria divulgação*”, nos arvoramos a empreender uma campanha desenfreada de divulgação da nossa crença, esquecendo o “letreiro vivo” que o nosso “exemplo e atitude” constitui na divulgação da nossa doutrina, como ação renovadora e construtora de homens de bem e não pela divulgação fria dos meios publicitários, sob o discurso da nossa benevolência com a causa.

Assim, na prática da divulgação doutrinária, seja por meios impressos, pela fala ou ainda, por canais publicitários típicos- Rádio, Televisão, Internet, Cartazes, nos convida a considerar os meios utilizados, ainda que os fins-divulgação para o grande número de pessoas – pareça justificável, devemos recordar

que o codificador nos apontou em "O Evangelho Segundo o Espiritismo" que o caminho para a evolução se faz na prática do bem, que nos faz bons, e não pelas palavras que dizem "Santo, santo, santo".

Em uma época de revolução tecnológica pelo acesso fácil a meios de comunicação, que nos inundam de informações diversas, não confundamos a grandeza das coisas pelo seu potencial de divulgação de nossos conceitos, mas sim pela força de renovação, de olhar o irmão mais desfavorecido, pois toda essa tecnologia que une países em segundos não foi o suficiente para banir a miséria material e moral de nosso planeta. Mas o amor possui esse dom. E Jesus te ama.

8. AS MUITAS FACES DA PENA DE MORTE

A pena de morte ou pena capital, uma das facetas da mobilização espírita em defesa da vida, é entendida como uma modalidade de pena, no campo jurídico, que se caracteriza pela desencarnação compulsória do condenado, apresentando-se como penalidade irreversível.

Presente em vários momentos da história da humanidade e no momento atual em vários países, tem a pena de morte a sua aplicação por métodos modernos, como a injeção letal, e por meio de mecanismos bizarros, como o pisoteamento por elefantes, em casuísticas que variam não só pelo grau de espetáculo, mas também pelo requinte de crueldade e pela dor causada na execução, suscitando discussões adicionais no campo dos direitos humanos.

Os crimes que motivam a condenação a pena de morte no mundo e na história também variam em grande espectro. De crimes hediondos, como homicídio e estupro, até questões ideológicas e comportamentais, como adultério, homossexualismo, corrupção, negação da religião oficial e ainda, insubordinação; estas tipologias penais compõe os motivos que levam a sociedade a decretar a morte de um dos seus, sugerindo pela natureza dos crimes que a pena de morte serve também de instrumento de dominação e atemorização da população, diante do poder autoritário.

Praticamente abolida na Europa e na Oceania, tem seus maiores índices de execução na China, Irã e Arábia Saudita, resistindo com pujança em governos de matriz democrática, como os Estados Unidos e o Japão. Apesar desse quadro, percebe-se no mundo um claro declínio dessa modalidade de pena, no campo legal e prático, seja pela pressão de grupos de direitos humanos, seja pela sua baixa efetividade na inibição de delitos e ainda, pela possibilidade de condenação

irreversível de um inocente, o que na prática já ocorreu mais de uma vez.

No Brasil, a última execução por pena de morte ocorreu em 1876. No período republicano, a exceção da Constituição Federal de 1937, a pena de morte somente se apresenta para aplicação em tempos de guerra, para crimes militares, previsto ainda a possibilidade de indulto. Na prática, nossos tribunais não condenam ninguém a morte desde 1876.

Apesar de arroubos midiáticos, a vedação da pena de morte figura como cláusula pétrea na Constituição Federal de 1988, o que impossibilitaria a sua implantação em nosso ordenamento por alterações legais ou constitucionais, federais ou regionais, o que tranquiliza todos aqueles que marcham contra essa prática abjeta, sintonizados com os movimentos mundiais, que encaminham esta para uma futura extinção.

O Espiritismo condena a pena de morte, de forma veemente, em especial pelo contido nas perguntas 760 a 765, do qual destacamos o trecho:

Sem dúvida, o progresso social ainda muito deixa a desejar. Mas, seria injusto para com a sociedade moderna quem não visse um progresso nas restrições postas à pena de morte, no seio dos povos mais adiantados, e à natureza dos crimes a que a sua aplicação se acha limitada. Se compararmos as garantias de que, entre esses mesmos povos, a justiça procura cercar o acusado, a humanidade de que usa para com ele, mesmo quando o reconhece culpado, com o que se praticava em tempos que ainda não vão muito longe, não poderemos negar o avanço do gênero humano na senda do progresso.

Entretanto, apesar de distantes da pena de morte no plano jurídico-político, não temos muito o que nos gabar no Brasil... A pena de morte formal, por mais contraditório que isso possa parecer, tem um aspecto positivo, de prever um processo

legal, métodos sem crueldade, a possibilidade de indulto, o contraditório e a ampla defesa, no escopo de direitos e garantias que consagram o direito penal, via de regra.

Infelizmente, em nosso país, a pena de morte se apresenta com outras faces, distante do modelo formal, em práticas que guardam o mesmo espírito de vingança, de exclusão do plano terreno, de espetacularização da dor, com um barbarismo mais acentuado e com um caráter clandestino.

Figuram em nossas páginas de jornal a casuística de grupos de extermínio, execuções de população de rua, homicídios por forças policiais, penas capitais por determinação de traficantes de drogas, matadores de aluguel, e por fim, com mais destaque recentemente, o linchamento de criminosos de pequeno potencial ofensivo por populares. Um rol de práticas mais abjetas que a pena de morte formal, beirando a barbárie, e que são objeto de adesão popular, na exaltação pelas redes sociais.

A pena de morte, seu espírito, se apresenta em múltiplas faces na nossa sociedade, radicada em uma cultura de violência e de desrespeito aos direitos humanos. Cabe a nós, espíritas, que seguimos os exemplos morais do Cristo, um condenado à pena capital no madeiro, e refletir sobre isso tudo e de como devemos nos posicionar.

Refletir nos cabe, em especial no que dizem as obras espíritas respeitáveis, que indicam que a morte não resolve o problema da alma comprometida com a sombra, que a Lei é de amor e que a raiz das questões criminológicas repousa no aspecto social, psicológico e educativo. Esse desespero descompensado está longe de ser justiça ou solução na doutrina da vida eterna e de penas transitórias.

Pesquisa da Revista Isto É de 2008 com os jovens aponta que 47% dos espíritas nessa faixa etária é favorável a pena de morte. Mais do que espanto, devemos refletir sobre essa nossa

busca por soluções imediatistas para os nossos problemas crônicos e verificar que a pena de morte não jaz sepultada como ideia ou prática, merecendo espaço amplo de debate e discussão em nossas casas espíritas, na palestra, no livro e no grupo de estudo.

Uma defesa da vida ampla, que se posicione de forma integral, enxergando o homem em suas múltiplas dimensões, para além de discussões legislativas, atuando sobre o mundo concreto, é o que carecemos. O amanhã regenerativo que desejamos começa nessas singelas lutas, ainda distantes de serem vencidas, não pela falta de leis, mas pela nossa imperfeição latente.

9. LUCIDEZ E GENIALIDADE

Em 9/12/1968, o cantor e compositor Chico Buarque, ao se defrontar com a polêmica pelo fato dele fazer samba, o que seria para época um ritmo ultrapassado, em relação as inovações, como o movimento da Tropicália, escreveu um artigo no periódico "*Última hora*", que termina com uma frase de sua autoria que se tornou consagrada, sintetizando o seu pensamento sobre a questão: "*e nem toda loucura é genial, como nem toda lucidez é velha.*"

Passados mais de 40 anos, a genialidade e a lucidez desta frase nos remetem ao assunto desse artigo, visando ao público jovem. De onde vem essa ideia de que por sermos jovens temos que fazer loucuras? Nos parece que existe uma cota, um número mínimo e máximo de loucuras e inconseqüências que devemos efetuar na nossa juventude, para que esta seja vivida em plenitude... Pois quando ficarmos velhos e caretas, teremos que desempenhar aqueles papéis chatos e sérios, tendo que encarar o batente como cordeirinhos. Uma grande tentativa de compensação, então!

Ora, crer nisso dentro do contexto da realidade espírita é ignorarmos a finalidade de nossa passagem pelo Planeta Terra e as questões ligadas a nossa evolução espiritual no momento da juventude. Ah, é bem verdade, quando jovens temos o nosso processo de autoafirmação, de construção da nossa identidade no contexto social, de busca de caminhos. E isso nos demanda uma certa dose, diria até natural, de contestação. Mas, daí para vivermos uma ciranda de loucuras... muito distante.

Digo isso pois vejo as conseqüências funestas dessa ideia nos noticiários e no cotidiano. Vários jovens ferindo-se ou perdendo a vida nos famosos "rachas" com automóveis, nas guerras de "gangues", no uso e abuso de álcool e de drogas

ilícitas, nos esportes de altíssimo risco sem supervisão profissional, entre outras loucuras geniais.

Toda essa aventura, essa loucura que inunda as veias de adrenalina, traz em si uma dose de risco que nos permite qualificá-las como situações que beiram o suicídio. Ninguém enxerga a genialidade de descobrir novos conhecimentos, ajudar ao próximo, lutar pelas questões sociais, engajar-se na causa ecológica. Vemos o novo e genial apenas nas loucuras!

Seria prudência uma coisa dos mais velhos? Seria se preocupar com a sua integridade física uma caretice? Lucidez é monótona? Genial é se arriscar e acabar com a sua vida? Esses questionamentos são interessantes para a mente juvenil, por vezes seduzida por essas ideias, como quem busca sorver a vida em um único gole.

A vida como espírito encarnado tem suas riquezas e suas dores, nos seus vários momentos. Na infância e na maturidade, na adolescência e na velhice, cada época tem seus frutos e seus dissabores. A vida é isso, essa trajetória, esse caminho cujas preocupações oscilam entre o passado, o presente e o futuro. Entre o individual e o coletivo. Não podemos esquecer o que fomos, nem desprezar o que queremos ser. Porém, o presente é a hora de fazer e acontecer.

Na espiritualidade, bilhões de espíritos se amontoam na busca da oportunidade da reencarnação, na ânsia de aprender a amar, de resgatar as suas dívidas e de crescer, nos ditames da Lei maior. O que pensam esses espíritos quando veem a vida sendo desperdiçada assim? Será que eles acham isso tudo genial?

10. O VELHO CHICO

“O rio atinge os seus objetivos porque aprendeu a contornar obstáculos...” – André Luiz em “Agenda Cristã”

Nascido na Serra da Canastra, no belo Estado de Minas Gerais, o Rio São Francisco atravessa o Estado da Bahia, fazendo a divisa ao norte com Pernambuco, bem como constituindo a divisa natural dos estados de Sergipe e Alagoas, tendo sua foz no Oceano Atlântico, perfazendo cerca de 2.800 km de extensão.

Chamado de Opará pelos indígenas pré-cabralianos, é também chamado de rio da Integração Nacional, rio dos currais ou carinhosamente de “Velho Chico”. Ele dá vida ao Sertão, com seu nome inspirado em Francisco de Assis, o sol que iluminou a Idade Média na busca de resgatar a essência do amor do Cristo. Apresenta grandes trechos navegáveis, irriga plantações, é palco de lazer para os turistas, sendo um rio de grande importância econômica, social e cultural. Ele banha cinco estados da Federação, contando com 90 afluentes pela margem direita e 78 afluentes pela margem esquerda, num total de 168 afluentes, sendo 99 deles perenes. Sua história se confunde com a história de nosso país, sendo palco de romances e vidas, imbricado a alma do brasileiro.

Nascido a 2.04.1910, em Pedro Leopoldo, no belo Estado de Minas Gerais, Francisco Cândido Xavier psicografou quatrocentos e doze livros, vindo a desencarnar aos 92 anos de idade, em 30.06.2002, em decorrência de uma parada cardíaca. Foi e é conhecido como “Chico Xavier”, ou mesmo “Chico Amor Xavier” ou o “Cândido Chico Xavier”. Ele dá vida ao Sertão da Alma e seu nome foi inicialmente Francisco de Paula Cândido, dado em homenagem ao santo católico

Francisco de Paula, sendo substituído pelo nome paterno de Francisco Cândido Xavier, logo que rompeu com o catolicismo.

Apresenta uma biografia gloriosa, mas de muitas lutas, transportando mensagens do além para os que necessitam e irrigando incessantemente o coração das pessoas, com as suas palavras e o seu exemplo. Sua vida foi palco de grandes momentos da vida nacional no século XX, tendo grande importância para a caminhada espiritual da humanidade. Cândido no nome e apesar de “chico”, era grande nas atitudes. Sua história se confunde com a história de nosso país, nos ofertando romances e vidas, imbricado a alma do brasileiro.

O Brasil, e em especial os espíritas, se preparou para em 2010 comemorar o centenário de nascimento de Chico Xavier, esse rio caudaloso que arrastou o nosso povo a prática do bem. Apesar do que muitos pensam, a grandeza e a perenidade de Chico não se fizeram pelos seus dons mediúnicos e sim pelo que ele fazia deles. O seu exemplar mandato mediúnico, com disciplina e humildade, esclareceu, consolou e orientou a vida das pessoas, servindo de paradigma para a “Mediunidade com Jesus”.

Esse momento de comemorações não deve ser o de alimentar discussões, tais como se Chico foi Kardec, ou se vai nascer de novo breve ou se a mensagem psicografada é mesmo dele. Essas atitudes beiram o personalismo com que nós açodamos os médiuns, como budistas que tentam descobrir o Buda reencarnado, e em última análise contrariam o que ele disse e vivenciou na Terra como médium. Importa nestas comemorações refletirmos sobre a sua mensagem, o seu exemplo e o quanto ainda falta caminhar. Importa, acima de tudo, a homenagem íntima no altar do nosso coração.

O Rio São Francisco deságua no litoral do belo Estado de Alagoas. Chico, na sua eterna Minas Gerais, voltou ao mar da Pátria Espiritual em um dia de festa. Assim como o Rio é atacado diariamente pela poluição, nosso Chico foi e é atacado

pela incompreensão. O Rio São Francisco, com seus inúmeros afluentes, se espalha pelo sertão levando a vida. Chico, com a sua psicografia, se espraia pela história de nosso país, espalhando o amor e a esperança. Assim como o Rio São Francisco chega ao seu destino, aprendendo a contornar obstáculos, seguiu Chico em sua vida tortuosa, contornando com amor as dificuldades para prosseguir na sua missão, rememorando a lição por ele mesmo psicografada.

Nestes tempos em que a nossa mente, por uma questão cronológica, se volta para o "velho Chico", pensemos que o nosso coração, para além de dados e fatos, deve se voltar para o "novo Chico", na herança que dele recebemos pela pena psicográfica e que frutifica e se renova a cada dia, nas palavras abençoadas que como faróis guiam aqueles que navegam no tortuoso mar da vida.

11. OS "ISMOS"

O ano de 2007, além da realização do Pan-Americano nas terras brasileiras, fato que tem merecido maior destaque na imprensa, se notabiliza por outras datas relevantes, que apesar da sua divulgação ter sido mais segmentada, são datas de extrema relevância para aqueles que acreditam em um mundo melhor.

Passados exatos 150 anos do lançamento de *O Livro dos Espíritos*, marco do Espiritismo moderno, no qual um professor chamado Hippolyte Léon Denizard Rivail, sob o pseudônimo de Allan Kardec, viabilizava ao mundo o opúsculo que trouxe uma nova visão da existência, codificado pelos espíritos que desde os tempos remotos se manifestavam no plano terreno.

Neste mesmo ano, nascia Robert Stephenson Smith Baden-Powell, idealizador do escotismo, que em 1907, passados exatos cem anos, teve a sua gênese com o Acampamento da Ilha de Brownsea, Inglaterra, primeiro acampamento escoteiro mundial.

Eventos diferentes, ocorridos na mesma Europa, mas que trazem em si semelhanças que valem ser lembradas. O Espiritismo, doutrina libertadora de consciências, veio como uma resposta a ascensão da ciência tomando o lugar do Deus absolutista, confundido com o estado, ciência esta que destruiu o aspecto espiritual do ser humano pelas mazelas do materialismo. O Espiritismo permitiu que, apesar do avanço da ciência, a fé permanecesse viva, de forma inabalável, e que os valores da caridade e da humildade tivessem espaço no novo mundo do reinado do saber.

O escotismo, por sua vez, foi a resposta pedagógica de um mundo que se industrializava, que perdia o contato cotidiano com a natureza e seus valores, permitindo aos jovens desenvolver virtudes e habilidades no contato com os elementos simples do mundo natural, da vida cotidiana em

grupo, com uma visão sadia da competição e de formação do caráter.

Dois remédios para o mundo em ebulição pós Revolução francesa e Revolução industrial, eventos ainda em digestão pela humanidade. Estes remédios resgataram os aspectos de espiritualidade, ainda que em sentidos diferentes, do ser humano. Dois momentos de proteção a valores que pela força das circunstâncias, se faziam ocultos, em um mundo que caminhava para a urbanização, para a crescente demanda da industrialização e pelo sonho da democracia nascente, herdada dos gregos antigos.

De lá para cá, muitos outros fatos ocorreram. Duas guerras que transformaram as fronteiras e a hegemonia no mundo, uma "guerra fria" instalou o medo dentro de cada coração humano e outras revoluções tecnológicas tornaram os sonhos de ficção do homem em realidade e fizeram cair por terra qualquer chance de pensar o futuro, na incerteza pós-moderna.

Esse admirável mundo novo ainda necessita muito da mensagem desses "ismos"... O escotismo, associado aos valores e as questões ambientais, desperta no jovem os sentimentos de fraternidade, da boa-ação, do amor a natureza e da disciplina, tão esquecidos no consumista mundo do individualismo e do relativismo absoluto. O Espiritismo, este é a candeia que nos guia no mundo assaltado pela ciência galopante, onde a religião, perdida entre a política e os interesses, precisa aumentar o número de homens de bem, os seguidores do cordeiro, independente da denominação. Um caminho de vida, que permite ao jovem trilhar uma encarnação pautada no amor ao próximo e no culto da virtude.

Dois marcos para a humanidade que comemoram neste ano de 2007 datas significativas para sua existência. Dois movimentos atrelados a um ideal de um mundo melhor, mais humano, mais fraterno. Mas, acima de tudo, dois contrapesos

para dilemas que a humanidade se defronta, diante das doenças da desigualdade, do individualismo, do consumismo, que corroem a nossa sociedade, como constatamos nas tristes notícias de jornal envolvendo a juventude. Apoiar esse e outros ideais sadios, que construam valores para as gerações vindouras é mais que uma opção, é um dever que se impõe a nós, cristãos, seguidores de um pobre carpinteiro, que na Galileia iniciou um movimento de pessoas que pregava simplesmente o amor ao próximo. E mudou o mundo.

12. ENTRE A PENA E A VINGANÇA

Manhã de segunda no centro do Rio de Janeiro e Pedro vê desolado os pré-adolescentes seminus dormindo na marquise... "– *Cena comum em uma grande metrópole*", diz-lhe a sua vontade de prosseguir, mas ele se vê atormentado por um questionamento: "– *Cadê essa família? Cadê o Estado?*" E a sua manhã se vê estragada, por um misto de revolta e indignação que a indiferença não conseguiu apagar. Esse sentimento se converte no que chamamos de pena, ao ver também pelos cantos sujos crianças, em um prenúncio de uma catástrofe anunciada.

Ao chegar no seu escritório, climatizado, Pedro acompanha o noticiário, que relata a ação de um grupo de cidadãos não identificados, em resposta a ocorrência de delitos nas imediações, como supõe a reportagem, e que apreende e agride um dos jovens que reside na rua e como exemplo aos demais, encerram a sua prática pseudoeducativa com o jovem infrator amarrado no poste, sem as suas vestes.

Ao ver isso, Pedro, que já fora vítima inúmeras vezes dos punquistas no centro do Rio, engrossa o coro dos companheiros de trabalho, exaltando a ação efetiva dos neojusticeiros do pedaço, no combate ao crime onde faltou o Estado, a família, e jactando-se de se sentir vingado pela ação daqueles corajosos cidadãos de bem, termina a sua eloquente fala com a máxima de que "bandido bom é bandido morto".

A narrativa fictícia é recheada de fragmentos de realidade, enquadrando-se em situações corriqueiras da vida na cidade grande. Acabado o discurso, voltamos aos nossos afazeres e não nos detemos mais profundamente as questões relacionadas ao crime e demais situações sociais, simplificando e reduzindo, oscilando entre extremos da pena de nosso irmão em humanidade e o desejo de vingança do mal cometido.

Entre a pena e a vingança, nos arvoramos a empunhar a pena de Talião...

A pobreza aparente nos constrange, o que motiva alguns governantes a iniciativas ditas higienistas, como a tentativa de esconder a população de rua diante da visita de dignitários estrangeiros. Nos causa uma sensação ruim ver que falta ao nosso irmão o mínimo, quando por vezes desperdiçamos no supérfluo.

Aí, assalta o nosso coração o sentimento de pena, oriunda da possibilidade de passarmos também por aquilo. Um sentimento individual e distante que nos exorciza de nossas responsabilidades, passando ao largo das possíveis soluções, nos entristecendo como um filme que assistimos na tarde chuvosa.

Os filmes e séries terminam em explosões e com mortes teatrais do vilão, algoz de diversas vítimas e que tem, como castigo, uma morte violenta e sofredora para materializar a vingança como caminho de um descerramento justo daquela tragédia. Afinal, ninguém gosta de ver o vilão fugir impune ao final da película!

Nos sentimos bem com a morte do malfeitor, com seu sofrimento, com uma alegria límbica de liberação da nossa energia destrutiva, na chamada vingança, um sentimento individualista, que pretende devolver ao causador o mal proporcionado, na busca de se quitar a dívida.

Sentimentos individualistas a pena e a vingança, que não contribuem para romper o ciclo destrutivo do ódio. Jesus nos ensinou a romper esse ciclo, no "*amor que cobre a multidão de pecados*", um amor que transcenda as formas evasivas de lidar com esses problemas, como a esmola, ou as formas extremas, como a Lei de Talião. Um amor que resgate a nossa fé no homem e na sua possibilidade de atuar sobre as questões sociais.

A lei é de amor e o perdão é um conceito crístico. As reuniões mediúnicas nos ensinam, na fala de nossos irmãos sofredores, que o ciclo do ódio vai se transmutando a cada encarnação e que ele precisa ser rompido. E para rompê-lo, tem-se no plano individual o perdão, como desafio posto por Jesus, na arte de esquecer e reparar. O perdão é um dos desafios maiores de nossa existência, pois demanda de nós enxergar naquele que praticou o mal uma possibilidade de bem.

Precisamos repensar a caridade, substituindo o sentimento de pena por iniciativas mais construtivas, emancipatórias, superando o assistencialismo que aplaca as consciências, em uma linha realmente de promoção social. A miséria aparente, na ponta do iceberg das mazelas humanas, indica a ausência de fraternidade, dentro um complexo mecanismo social, que insistimos em simplificar.

Certamente, não fazemos aqui uma apologia à impunidade ou a falta de caridade, mas que saibamos fazer isso da melhor forma, avançando para além do paradigma da pena e da vingança, enxergando a questão social, aparente ou não, de onde derivam as problemáticas apresentadas. Faz-se necessário elevar o debate do plano individual do sentimento de pena e do desejo de vingança para uma discussão do coletivo, da abordagem social e de como a nossa prática, como religiosos, pode se abeirar dessas discussões.

A postura maternal, de amor incondicional, na qual julgamos todos coitadinhos, perdoados por não ser comigo a agressão, é tão danosa quanto a fúria paterna que vocifera por sangue na vingança irracional. Evasivas que aplacam sentimentos pessoais, e embalam nossas tertúlias nas redes sociais, como debates similares aos futebolísticos, com bravatas e rostos ruborizados.

A discussão das questões sociais e a melhor forma de agir sobre elas, como cidadãos e como religiosos, é fundamental e

habita as raízes desses eventos. Por onde anda a nossa empolgação na seara espírita com os trabalhos ligados aos amor ao próximo? O Espiritismo, que tem como uma de suas bandeiras "*fora da caridade não há salvação*", que segue os preceitos morais do Nazareno condenado a morte no madeiro, não pode se furtar a esse debate!

Não adianta defendermos a vida de forma dogmática, no discurso contra a pena de morte, se não mostrarmos que a pena de morte é apenas um instrumento de soluções superficiais e passageiras. A defesa da vida necessita avançar para a discussão das causas e dos contextos e que ações podemos realizar para evitar o crime. Mais do que pregar, precisamos convencer e evitar!

Após a tristeza da pena e a raiva da vingança, Pedro volta para casa na sua condução, para a sua vida cotidiana, esquecendo o ocorrido naquele dia, que se repetirá, como se repete desde o início da história. E a vingança e a pena se mostraram ineficazes para resolver essas questões no plano coletivo, fortalecendo apenas o ciclo do ódio.

Mas, isso é lá com os outros, não é, Pedro? Conosco não ocorre, nem como algozes, nem como vítimas...

13. PARA ALÉM DA PORTEIRA¹

Túu-Túu-Túuu... Ressoava novamente lá pras bandas de Ouro Fino, no Estado de Minas Gerais, o brado daquele berrante. Instrumento imponente, de chamar gado e gente, cortava com sua nota dissonante vales e serras, anunciando a novidade daquela manhã.

O vaqueiro, que em outros tempos ficara desolado com a súbita partida do menino, vítima de um boi sem coração, via agora a sua vida de esvaír. O tempo, implacável, levava as forças daquele corpanzil que conduziu boiadas mil pelo nosso Brasil, somando-se mais uma cruz a do menino no antigo estradão.

Olhando perdido para todos os lados, já confuso entre os portões da vida e da morte, o velho boiadeiro somente consegue distinguir no dourado do horizonte o som daquele berrante que ele jurara jamais tocar novamente. Som que ele há muito não ouvia e que lhe trazia no coração as lembranças do menino tão trigueiro, que abria a porteira para a sua boiada passar.

À medida que o som se aproximava, via surgir um pequeno jovem de cor de ébano, cavalgando bela montaria, tocando berrante em meio de uma imensa boiada. O vaqueiro, em um misto de alegria e de espanto, pergunta com sua voz de trovão ao jovem anjo:

"-Quem é você, que como eu conduz o gado? Por que toca esse berrante que jurei jamais tocar?"

1 Inspirado na famosa música do cancionista popular "O menino da porteira" (1955), sucesso na voz do cantor Sérgio Reis, composição de Teddy Vieira / Luizinho, transformada em filme homônimo em 2009, pela direção de Jeremias Moreira, existindo também uma versão em 1977.

O menino apeia do cavalo, tira o seu chapéu para cumprimentar o boiadeiro. De seu bolso, tira uma moeda, entrega ao boiadeiro, juntamente com seu berrante.

"-Boiadeiro, que Deus vá lhe acompanhando! Eu sou aquele menino da porteira e estou aqui para te receber, nas portas do país da luz. Seja bem-vindo! Siga agora para amearhar outros rebanhos, para tocar outra vez com fé o teu berrante..."

E com as mãos firmes, apagada da memória a cruzinha do estradão, o boiadeiro toma de novo o seu berrante que prometera jamais tocar e com novo ar em seus pulmões, corta com sua nota dissonante vales e serras, anunciando a novidade daquela manhã.

Túu-Túu-Túuu

14. A PRIMEIRA PEDRA

Emblemática no evangelho de Jesus a passagem do apedrejamento da mulher adúltera, situação na qual o Cristo diz que *"quem não tiver pecados, que atire a primeira pedra"* (João, Capítulo 8). Tal afirmativa, que calou os populares que se arvoravam de algozes pela dilapidação, ainda ecoa, pela sua lógica, aplacando os nossos ódios e os nossos instintos mais violentos, diante das situações presenciadas no cotidiano.

Jesus, que em outras situações defendeu a justiça, no *"dai a César o que é de César"* e no *"a cada um segundo as suas obras"*, não menos famosos que o enunciado sobre a primeira pedra, diante daquela mulher condenada pela legislação vigente, traria agora uma mensagem de leniência e de impunidade, em uma apologia ao crime?

Uma resposta afirmativa seria uma visão superficial e contraditória da situação em tela. Ao meu ver, Jesus condena sim o julgamento precipitado, apaixonado e desmedido, que não sopesa o contexto e a subjetividade de cada situação, chamando a reflexão pelo *"quem não tiver pecados"*, inibindo uma pseudojustiça feita com as próprias mãos, mas que desconsidera princípios basilares de proporcionalidade, contraditório, razoabilidade e outros afetos ao direito penal, que muito evoluiu desde a época do Cristo e que compõe o arcabouço jurídico de qualquer Estado moderno.

Mais gravosa que a pena de morte, a dita justiça com as próprias mãos, estampada nos linchamentos, presentes em nossa sociedade e acentuados mais recentemente, é uma explosão de ódio, derivada de uma gama de injustiças menores percebidas e que se materializa em uma injustiça ainda maior, na condenação a uma morte cruel e desumana, que independente de ser um inocente ou um motivo comezinho, traduz-se na barbárie que aplaca vinganças e produz mais dor onde esta já campeava.

A chamada a reflexão de Jesus nos convida a assumir o lugar da vítima e a refletir em qual é a melhor maneira de atuarmos frente a esta situação, o que necessitaríamos se fôssemos nós mesmos ali no banco dos réus da rua, dado que as pelas falhas cometidas, no espectro das reencarnações, ser réu é apenas uma questão temporal.

Ataques de ódio com a promoção de linchamentos e a apologia a praticas dessa natureza, ao meu ver, afrontam diametralmente a conduta espírita na defesa da vida, argumentação ilustrada por autores fundamentais da doutrina, como na pergunta 761 de "O livro dos espíritos", que assevera: *"Há outros meios de ele se preservar do perigo, que não matando. Demais, é preciso abrir e não fechar ao criminoso a porta do arrependimento."*

Ou ainda na pena de Joanna de Ângelis no seu "Após a Tempestade", quando diz: *"A tarefa que compete às leis é a de eliminar o crime, as causas que o fomentam, não o equivocado criminoso. A morte do delinquente não devolve a vida da vítima. Ao invés da preocupação de matar, encontrar recursos para estimular a vida. Educar, reeducar, são impositivos inadiáveis; matar, não. Tenhamos tento! Não há, no Evangelho, um só versículo que apoie a pena de morte."*

A pena de Humberto de Campos, na psicografia de Chico Xavier, no seu "Boa nova", não se furta dessa antiga questão, quando se refere a mulher adúltera: *"- Ninguém pode contestar que ela tenha pecado; quem estará irrepreensível na face da Terra? Há sacerdotes da lei, magistrados e filósofos, que prostituíram suas almas por mais baixo preço; contudo, ainda não lhes vi os acusadores. A hipocrisia costuma campear impune, enquanto se atiram pedras ao sofrimento. João, o mundo está cheio de túmulos caiados."*

Como se vê, a problemática do crime, da violência urbana e da intolerância com isso tudo é antiga e complexa, demandando soluções de igual natureza, dado que a soma de

linchamentos ocorridos até hoje não parece ter surtido efeito na redução de índices de violência nas comunidades que dele fizeram uso.

A visão do dito justicamento é uma percepção segmentada do problema, descompensada e que tomada pelo calor dos acontecimentos, ignora as medidas sociais necessárias, para além de saúde e educação, mas também nas políticas de segurança de qualidade que coíbam e apurem os crimes, remetendo o réu ao Juízo, que tem grande importância nesse processo, no contexto do chamado Estado democrático de Direito.

O ódio é uma força de características irracionais, de forma parcial. Ou seja, ela se volta para uma causa, ainda que a sua percepção seja nebulosa, e a ela associa a necessidade de descarregar a sua energia represada, muitas vezes fomentada pela indignação, pela dor, pelas injustiças cotidianas e ainda, por outras vozes, no ambiente das chamadas redes sociais.

O cidadão comum, nesses ambientes de exaltação, como uma greve, um jogo de futebol, se vê tomado desses ímpetos marcantes e por vezes, se vê envolvido em processos de justicamento, esquecendo aquela voz que lembra a ele a sua condição de espírito imortal.

Casos emblemáticos como a Escola Base (SP) e o linchamento da jovem confundida com uma fotografia na internet ocorrida em 2014 no Guarujá (SP) se agregam a outros, ocultos em outras tipologias penais, atingindo culpados e inocentes, como formas bárbaras de promover uma vingança contra a nossa própria imperfeição como seres humanos batizada de justicamento.

Como espíritas e cristãos, lutemos pela justiça, defendamos a vida, com uma visão ampla e racional dessa questão, não se deixando seduzir pelo canto das soluções fáceis em arranjos complexos, na defesa de atos que servem apenas para aplacar

ódios momentâneos, gerando, em termos práticos, mas violência e sofrimento, para vítimas e algozes.

A exemplificação do bem, a postura cristã, não é privilégio dos mártires das letras evangélicas. A cada dia, cada um pode e deve, no seu campo de luta, exemplificar o que o Cristo espera de nós, em um desafio pessoal, como fez em maio de 2014 no Rio de Janeiro a jovem estudante de arquitetura Mikhaila Copello, que se pôs à frente de linchadores na defesa de um assaltante que já fora imobilizado, se valendo, como em uma parábola moderna, de palavras, do seu corpo e da sua coragem no testemunho de sua forma de ver a vida, impedindo que aqueles espíritos algozes complicassem a sua encarnação, convidando-os a reflexão da "primeira pedra".

Ainda há esperança! Nós, espíritos encarnados, podemos fazer melhor do que isso! A caminhada do bem é dolorosa, e apesar do crime, que a todos causa indignação, temos o dever de fazer ecoar as palavras do Cristo, que nos trouxeram a reflexão quando empunhávamos pedras, passados mais de 2000 anos, nos indicando na ocasião em que local da turba Jesus se posicionou, antes e depois do momento da dilapidação.

15. PRÓXIMO, TODO E QUALQUER

Perdoe-me, estimado leitor, o uso de uma narrativa pessoal, mas entendi essa como forma adequada de abordar tão arenoso tema.

Nessas férias de 2017-2018 assisti a dois filmes na telona, que chamaram a atenção por tratar o mesmo tema, mas de forma diversa.

O primeiro filme, "Extraordinário" (EUA, 2017), oriundo do livro homônimo da escritora R. J. Palácio, narra um momento crucial da vida do jovem August, que tem seu rosto completamente deformado por conta de uma má formação congênita, e que tem que enfrentar o desafio de ir à escola aos dez anos de idade.

Inteligentíssimo, August (ou Augie), teme a escola e vê seus medos se materializarem pela agressividade de alguns de seus colegas pela sua condição. Mas pelo seu exemplo e pela coragem de tantos outros, ele modifica aquele ambiente, que passa a enxergá-lo de forma mais gentil.

O segundo filme é "O Rei do Show" (EUA, 2017), com um desempenho impecável de Hugh Jackman, narra a biografia de P. T. Barnum, que de origem humilde, ascende como produtor artístico de uma Nova York vitoriana, utilizando-se de um show de pessoas com características diferentes, invocando o argumento que o show permitiria a eles serem incluídos e ainda serem remunerados pelas chacotas que lhes causaram sofrimento durante toda a vida.

O desejo de ver o bizarro, o diferente, olhando as pessoas como objetos peculiares, é um mote subjacente ao filme, nos conflitos entre a repulsa pela intolerância e a admiração pela curiosidade, que alimenta protestos diante do caça-níquel instalado.

Ambos os filmes, sintonizados com as discussões modernas que tratam da inclusão, do convívio com a diversidade de características, da questão da aceitação e da indulgência, ocorrem em épocas diferentes, na mesma cidade, mostrando que passado cerca de um século, a curiosidade e o medo continuam a ser a tônica no trato de quem não se enquadra nos padrões estabelecidos.

A curiosidade, a busca por olhar, ver, rir e se emocionar com o que nos é diferente, é uma marca de nossa sociedade, e isso nos faz repensar, trazendo para a pauta espírita, a nossa conduta em relação aos trabalhos assistenciais, diante dos vulneráveis, de pessoas com deficiência, e de que olhar exercitamos em relação a eles.

Afinal, ali se encontra um espírito, em uma vivência reencarnatória, tão relevante quanto a nossa, e o trabalho social no Espiritismo não é um turismo pelas dores do mundo, e sim um mecanismo de intercâmbio de amor na promoção da modificação interior destes envolvidos.

Da mesma maneira, o medo, que conduz a violência, é uma forma de interação que ainda persiste e que precisa ser trabalhada, e a casa espírita não está distante dessa discussão.

Nada justifica a violência... Nada justifica a violência direcionada a uma pessoa pelo fato dela ser diferente em seu corpo, na sua crença, ou na sua orientação sexual. Não existe razão para o temor de outros que enxergam a vida de outra forma, ou de outros que tem a aparência diferente.

Quantas lendas para assustar crianças surgiram de nosso medo e da incompreensão do que é diferente? Quantas pessoas ficaram escondidas em suas casas, privadas da escola, do ar livre, da praça, pelo fato de não termos aprendido essa questão básica de convívio humano. E essa discussão necessita entrar na nossa pauta!

Os filmes citados nos convidam ao exercício dessa peculiar fraternidade, profunda, lastreada no carpinteiro que vivia cercado do populacho, que não olhava a aparência e sim a essência, pregando o amor ao próximo, sem limitar esse conceito.

Aliás, Jesus, quando perguntado quem era o nosso próximo, narrou a Parábola do Bom Samaritano, indicando que todo aquele que necessita, deve ser objeto de nossa ajuda.

Como os habitantes que se acotovelavam para ver o show das chamadas aberrações, como as crianças que hostilizam o amigo de classe pela sua aparência, nos vemos distantes do que se espera como seguidores do Cristo, que trouxe o caminho, a verdade e a vida, mas insistimos em não aprender, presos a subterfúgios alimentados pela nossa própria imperfeição.

16. A MAGIA DA ATITUDE

Diante do guichê do Departamento de Trânsito, a Professora Universitária, a frente de volumosa fila, chama pelo gerente aos berros, indagando-o se sabe o preposto ser ela uma famosa pesquisadora, com muitos livros escritos, e que não pode perder ali seu precioso tempo.

Na delegacia, diante de um acidente com vítima não fatais, militar de alta patente clama por tratamento diferenciado frente a suas prerrogativas, no famoso "fiz por merecer", em relação ao entregador de pizza envolvido na contenda.

Alto funcionário público, diante do posto de devoluções de um supermercado, invoca o gerente no famoso "você sabe com quem está falando?" e a discussão por pouco não termina em uma voz de prisão.

Abonado empresário, saindo de luxuoso shopping center, tromba em funcionário do estabelecimento e em fúria desmedida, ameaça buscar a supervisão para pedir a sua demissão, exalando sobre o funcionário improperios.

Exemplos fictícios, muitas vezes ocultos, mas que se materializam com diversos atores nas páginas de jornais e nos comentários de corredor. Revelam uma cultura de hierarquias, de privilégios, de exceções e de tantas outras práticas que esquecem a transitoriedade da vida, em uma verdade que a reencarnação vem trazer a nós espíritas, de forma límpida e inconteste.

Invocamos exceções e submissões por conta de cargos e posses, movidos por sentimentos de insegurança e de orgulho, que nos fazem temer pela injustiça e pensar-nos com mais direitos que os outros, respectivamente, em uma lógica de grosserias, desrespeitos e opressão, esquecidas as muitas voltas na roda gigante da vida. O medo, nosso velho inimigo, nos faz reagir agressivamente... O orgulho, nosso companheiro

de todas as horas, nos traz um sentimento de superioridade, a alimentar nossa insegurança. Aí está a raiz dessas atitudes.

Seres interdependentes, gregários, sociais, dependemos de nosso próximo. E mais, pela ótica cristã, temos o dever de amá-lo como a nós mesmos. Para além de uma discussão democrática, de cidadania, falamos de uma discussão de amor, de cristandade, na percepção, humilde e realista, da nossa vida social, seus inúmeros percalços e de que devemos contribuir para uma vida com urbanidade e não atribular a existência dos que nos cercam.

E isso vale para toda ordem de destaque e evidência, considerando, obviamente, que no movimento espírita não estamos livres dessas questões, diante do médium, do palestrante e do dirigente, trasladando essa cultura patrimonialista, de personalismo, para a nossa prática religiosa, com hierarquias e endeusamentos.

Os diversos papéis que desempenhamos na vida terrena são provas, experiências de aprendizado, nos quais importam as nossas entregas, e a maneira que fazemo-las. Não valem pelo que somos...Somos o que nós fazemos, e como fazemos, e nos importa o que isso reverte para um mundo melhor, e conseqüentemente, um espírito melhor. Lembrando de Kardec, não nos basta sermos bons e sim, fazer o bem!

André Luiz, na Obra Sinal Verde, falando das profissões, indica que "O essencial em seu êxito não é tanto aquilo que você distribui e sim a maneira pela qual você se decide a servir", apontando a importância do que fazemos e do como isso se dá. Essa é a medida de Deus sobre nós...

Da mesma forma, o Livro dos Espíritos, na Pergunta 804, no estudo da Lei de Igualdade, aponta que "(...) *O que um não faz, fá-lo outro. Assim é que cada qual tem seu papel útil a desempenhar (...)*", valorizando essa interdependência, na qual

cada um tem a sua devida importância e merece respeito, na vida comum.

A despeito de todo sacrifício, justo e merecido, para galgarmos uma posição profissional, a doutrina espírita nos lembra que ali estamos para produzir o melhor, com as ferramentas que aquela posição nos oferta e que aquela oportunidade de hoje contou com a colaboração de inúmeras pessoas, encarnadas e desencarnadas.

Faz-se necessário refletirmos essa nossa prática de alimentarmos modernas realezas individuais, entendendo que os cargos, as posses, as hierarquias, todos esses aspectos são ferramentas a viabilizar nossas entregas, no privilégio de ser útil, de servir ao próximo, fortalecendo a nossa melhoria como espíritos, na dinâmica da vida terrena, como espaço de aprendizado. Finda essa reencarnação, retornamos ao pó comum, como corpo, e a pátria espiritual, como espírito, carregando na nossa bagagem espiritual a grandeza de nossas atitudes.

17. A TOLERÂNCIA ZERO

Uma briga de trânsito, um mal entendido em uma festa, confusões em filas, disputas por vagas de estacionamento, som alto do vizinho, lutas por cadeiras em praças de alimentação. Eventos simples, cotidianos, e que por vezes terminam em ações de violência, tiros, agressões, facadas. Pequenas causas de grandes escândalos.

Um clima de tensão paira no ar, no qual uma simples fagulha atinge o combustível volátil e "bum". Tudo explode. Em especial em aglomerações e em lugares públicos nos convertemos em um irreconhecível agressor a direcionar nossas forças ao alvo da vez. O que está nos levando a tanta selvageria por questões menores, na vivência em sociedade?

Nesse sentido, a expressão "tolerância zero", adquire um caráter negativo, de pessoas que se irritam e explodem com as mazelas cotidianas, as quais todos nós estamos sujeitos, em um problema que tem se agravado, em especial nos centros urbanos. Basta ler os jornais para atestar essa infeliz assertiva. Xingamentos, agressões, preconceito. Pessoas revelando sua pior face em ações reais e virtuais.

O *stress* do dia a dia, diriam uns. A falta de amor no coração, dirão outros. Arriscam alguns que se trata de uma exacerbação do individualismo, no qual nosso problema é sempre o maior. Imediatismo? Falta de uma visão do coletivo? Uma cultura de violência? Penso que todas essas hipóteses são consistentes e tem seu fundo de razão...

Colocaria grandes fichas no medo, na falta de confiança nas pessoas, de pouca fé no futuro, emergentes em uma sociedade de profusão da informação e de consolidação de novos modelos a cada dia, com conflitos e confusão permanentes. Esse cenário gera posturas defensivas, de hipóteses de contra ataques aos dragões imaginários,

colocando no outro a ameaça que nos ronda, descambando para o ódio e a vingança, para a paranoia e a síndrome de perseguição, de forma difusa e sem sentido definido, com rompantes desastrosos.

Essa postura defensiva agrava o *stress*, afasta o amor e nos coloca no centro das questões, como uma fortaleza blindada que precisa se defender dos perigos dessa vida. A cada manchete, a cada desastre, nosso medo fala mais alto e vemos esfacelar a imagem daquele que já foi chamado a imagem e semelhança do criador: o ser humano, espírito encarnado, substituindo este pelo inimigo.

O único mal a temer é aquele que ainda existe em nós, assevera o espírito de André Luiz. Não consintas que o gelo do desencanto te entorpeça o coração, nos ensina Emmanuel. Em tempos de decepção com o ser humano, necessitamos olhar o lado mais belo dessa maçã. Ver, sem extremos, que situações conflituosas são por vezes mal entendidos, ou ainda, projeções de outras dores que arrastamos e não foram bem tratadas, e que mais das vezes, se formos hábeis e pacientes, tudo terminará bem.

Falta-nos, para romper essa falta de crença, olhar cada um como um irmão. A Terra como uma escola. O amor e a paz como uma meta acima de todas as outras. Falta entender a reencarnação no seu sentido profundo, perceber a mão divina a guiar nossos caminhos e ao mesmo tempo, nos dar autonomia para amadurecermos. Necessitamos ver a terra como lar de espíritos em evolução, que choram e sofrem, mas que crescem com isso.

A vida é boa... Já foi muito pior. Superamos e tornamos proscritas a escravidão, a violência contra a mulher e outras formas abjetas de intolerância. Mas precisamos não apenas tolerar o outro. Mas, amá-lo, colocar-se no seu lugar, entender que palavras mágicas como "desculpe", "obrigado", operam milagres e que um sorriso dissipa o orgulho e mantém a paz

entre os homens como meta primordial, acima de todas as outras. O outro, por vezes, está tão apavorado e defensivo como nós.

Surge assim uma outra palavrinha mágica, a indulgência, se apresenta como solução nesse momento que passamos, de tolerância zero. Um exercício de mudança de lugar com o outro, de busca de uma razoável compreensão, destacando-se seu valor no Cap. 10 de "O Evangelho Segundo o Espiritismo", que nos orienta: "*Sede indulgentes meus amigos, porque a indulgência atrai, acalma, corrige, enquanto o rigor desalenta, afasta e irrita.*"

Nessa falta de compreensão, de enxergar no outro um irmão com suas dificuldades, e que tem o mesmo potencial de angelitude que nós, reside o caminho para a derrocada da paz que se faz necessária. E dominados por esse vórtex de sentimentos negativos direcionados para uma pessoa, em uma situação cotidiana, acabamos por nos ver irreconhecíveis, xingando e agredindo, mostrando o nosso eu que ainda precisa ser trabalhado.

Assim, nos caminhos da vida cotidiana, naqueles que corremos o risco de perder a paz interior, por situações que são verdadeiras gotas d'água no copo das mazelas que acumulamos, ou ainda, quando pelo medo atacamos para nos defender, olhemos para nós, olhemos para o nosso irmão e vejamos nele a mesma essência que nos anima, de lastro divino e que merece de nós uma atuação fraterna e racional, cedendo, desculpando, sorrindo e perdoando.

Afinal, como diz o adágio "*Nem todo dia é dia santo*". Aliás, nós todos não somos santos, aqui não é o chamado paraíso e esse problema que vivemos é um de muitos que virão. Mas isso tudo não nos impede de construir essa escalada a perfeição nas pequenas coisas, como os eventos cotidianos, aprendendo a nessa confusão toda, a ser mais felizes.

18. AS CHAGAS CONTEMPORÂNEAS

Cada época tem seu *ethos*, suas questões... Já foi a doença, o tédio, a guerra e hoje nos debatemos perplexos sobre os avanços tecnológicos e sobre as revoluções de costumes que ainda se sucedem. No aspecto individual esse cenário se reflete também em nossas questões íntimas. O presente artigo pretende, de forma singela, categorizar algumas questões atuais que perturbam a mente encarnada, trazendo o debate e a reflexão sobre esses pesos que carregamos na mochila da reencarnação, bem como se detém sobre suas causas e remédios.

O primeiro bloco de questões se prende a aspectos relacionados a depressão, esse estado patológico que nos faz ver tudo de dentro de uma caixa escura, úmida e fria. A depressão tem companheiros inseparáveis. O pessimismo, que nasce do nosso olhar parcial sobre os acontecimentos, esquecendo de enxergar o mais além que o Espiritismo nos brinda com a visão da reencarnação. Tem como salutar balsamo o convívio com pessoas, que nos permite criar novos olhares sobre questões de sempre.

Nessa mesma cepa, temos a tristeza, que se aproxima lentamente e nos invade, oriunda da nossa sucumbência diante dos problemas e que tem no convívio fraterno com a dor no próximo a sua derrocada, por entendermos a pequenez de nossas mazelas. A tristeza resseca em nosso coração, gruda como um colesterol ruim, e vira mágoa, na qual jogamos em alguém a culpa de nossa tristeza. Para a mágoa, apenas o remédio do perdão libertador traz a cura.

Por fim, com tanta informação, com tanta transparência, nossos ídolos de pés de barro se destronam e após grande expectativa, colhemos grande decepção. A decepção nos paralisa, nos afasta e necessita para sarar da compreensão e da indulgência. Quando nos decepçamos conosco mesmo, a

questão é mais complexa, pois exigimos de nós o que sabemos não poder fazer, esquecendo a lição da caminhada passo a passo.

O segundo bloco de problemas contemporâneos transita nos campos do ódio. O ódio, que é um amor doente, que com muita força nos impulsiona a loucuras. O ódio é um filho da carência, na dependência que temos das pessoas e coisas, apegados, transformando esse sentimento de aproximação em repulsão, necessitando de universalização na nossa forma de amar.

O medo também reside na raiz do ódio e pela nossa necessidade irracional de defesa, fomenta reações irracionais, que se curam com fé e entendimento do mundo. Outra fraqueza que alimenta o ódio é o ciúme, derivado da posse de pessoas, o que nos demanda exercícios de desapego, uma ciência de difícil execução.

Por fim, nos tempos atuais, o ódio anda ombreado com o preconceito, fruto do orgulho e de generalizações, de falta de entendimento do pluralismo do mundo, e da consciência de nosso papel como espíritos encarnados. O preconceito também tem suas ligações com o poder, na forma de criar castas e grupos que hierarquizem as pessoas.

O bloco final que arrastamos nas encarnações atuais é vinculado ao poder. A capacidade do homem determinar o destino do próprio homem, que seduz, corrompe e motiva sacrifícios inomináveis. Na carteira do poder, temos a inveja, como sentimento daqueles que não aprenderam a lidar com suas frustrações, e necessitam de entendimento sobre as bênçãos da vida.

O poder se alimenta também da ambição, um sentimento irmanado ao egoísmo, da vontade de se sobrepor a tudo, uma carência de comedimento. Nas mesmas linhas, navega a

competitividade, como vontade de ver em tudo uma disputa, esquecido das lições da cooperação que nos dá a natureza.

Como espíritos encarnados, eivados de imperfeição, não é estranho que carreguemos essa mochila pesada, com maior ou menor grau, acentuados pelas interações da vida coletiva. O Espiritismo, com a ideia positiva da vida eterna pela reencarnação, nos brinda com a ideia das oportunidades de melhoria, a cada dia, nas quais nos cabe perceber e trabalhar as nossas falhas, buscando as causas e os remédios, como caminho de liberdade e emancipação.

19. CHICÃO, BOTA ÁGUA NO NOSSO FEIJÃO

Como carioca, fiquei muito feliz com a deferência do representante maior da Igreja Católica, um latino como nós, em sua mensagem na virada do ano de 2014-2015, alusiva aos 450 anos da cidade maravilhosa, cheia de encantos mil. Parece simples, mas nós aqui, esquecidos de "Lennon e MacCartney", como dizia Milton Nascimento, nos felicitamos com essas referências!

A mensagem, possível de ser acessada em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/12/papa-francisco-homenageia-rio-em-video-povo-corajoso-e-alegre.html>, merece destaque dentre outros motivos, por um singelo trecho, no qual o pontífice católico afirma eu "*De modo concreto, creio que todos podem aprender muito do exemplo de generosidade e solidariedade das pessoas mais simples; aquela sabedoria generosa de saber "colocar mais água no feijão", da qual o nosso mundo ressenete tanto.*"

Sim, a solidariedade dos que sofrem... Uma lição que ainda custamos a aprender. Certa vez, um amigo visitou um trabalho assistencial, crente que iria lá ensinar algo e ao ver que uma criança tinha ficado sem o pão, a outra espontaneamente ofereceu a metade do seu, ensinando a esse meu amigo observador a lição aqui lembrada.

O nosso mundo, mudado pela tecnologia, pelo acesso a informação, pela queda de muros e de preconceitos, ainda se vê assolado pela falta de fraternidade. O egoísmo e seus primos diletos, o consumismo, o individualismo e a competitividade, campeiam soltos pelo cotidiano mundial, anestesiados que somos ao sofrimento do outro, inebriados por um discurso de merecimento que esquece que a Lei é de amor ao próximo. A evolução é uma tarefa individual, mas somente tem sentido no plano coletivo.

Assim, precisamos nos ajeitar no mundo, encontrar nosso lugar, mas também albergar nosso irmão que sofre, que ou fomos nós, ou seremos no amanhã. Deus, esse age por nós, encarnados e desencarnados, instrumentos de uma vida melhor e mais fraterna. E para isso necessitamos estar atentos as nossas necessidades, desnecessárias e a falta de nossos irmãos, muitos anda sofrendo pela falta do elementar.

Quanta sabedoria, quanta iluminação em rede nacional. Como temos muito a aprender com o exemplo de generosidade dos mais simples. Pelas vias da reencarnação, os irmãos que sofrem são mais sensíveis aos apelos da fraternidade. Mas, precisamos descobrir o tesouro de, sem sofrer, lembrar do sofrido. E vemos nessas palavras a valorização de um sentimento que é muito caro, a nós cariocas, de solidariedade, em uma cidade que mistura beleza com miséria, samba com lamento, na partição lembrada pelo escritor Zuenir Ventura.

450 anos da cidade maravilhosa... Praia, sol, Maracanã, futebol... E que possamos ensinar ao mundo a colocar água no feijão, para recebermos de braços abertos a todos, turistas, estudiosos, atletas e todos mais que se abeirem da "Sebastiana", para fazer melhor no pão repartido, na produção de uma vida melhor.

Chicão (perdoe-me o carinho), esperamos que você tenha sucesso nessa missão, de com firmeza e candura, seguir a fundo, colocando água no feijão do mundo!

20. NARCISO DECEPCIONADO

Chegamos ao final de um ano agitado, com eleições, Copa do mundo, crises econômicas, falta de água, desastres aéreos, manifestações populares e alterações climáticas. A conversa cotidiana tomada extremismos, em um acaloramento nas relações presenciais e virtuais que tem marcado o nosso tempo, com diálogos manifestos de ódio, materializados em situações deprimentes, de agressões e xingamentos, que por vezes transbordam para ações criminosas.

Muito desse ódio atribuo, empiricamente, pela observação, a um ser humano inundado de informação e que se defronta consigo mesmo, suas imperfeições e fragilidades e diante desse quadro dantesco... se decepciona.

Sim, isso mesmo, somos narcisos decepcionados.

Decepcionados com a nossa natureza traduzida em atitudes, com a constatação mais patente de que não podemos terceirizar para monstros, vilões e demônios as nossas mazelas. Somos nós, causa primária dos problemas de nosso planeta, como o sal da Terra falado por Jesus.

Ingenuamente, cremos em um mundo praticamente já regenerado, aguardando apenas o carimbo divino, e ao abrimos o jornal no ensolarado domingo, observamos, estupefatos, a selva que a vida moderna nos apresenta, com o mesmo espírito encarnado que exaltamos, a frente de crimes e protagonizando cenas lamentáveis. A mão que faz o samba, faz a bomba! Essa contradição nos choca...

Confundimos novidades mercadológicas e avanços tecnológicos com o aprimoramento moral. Em termos espirituais, ainda temos uma longa estrada a percorrer. Ah, temos que registrar, é claro, que deixamos de lado, pelo menos no discurso, mazelas como a escravidão de nossos irmãos e tantas outras práticas deploráveis e ainda que

distantes do homem de bem pretendido, precisamos enxergar os avanços obtidos e mais que tudo, o caminho a ser trilhado.

O desafio da regeneração nos demanda esperança e dedicação cotidiana. A decepção, fruto da expectativa, só tem utilidade se nos trazer a reflexão, e em excesso, pode ser fonte de grande estagnação. É preciso fé na vida, fé no ser humano, no seu destino para o bem! Mas, essa fé não nos exime de conhecermos a nós mesmos, nossas chagas morais, como diagnóstico necessário a cura.

O ódio não é educativo. O ódio é um amor doente. Educativo é o diálogo. Ainda que achemos, no discurso, que ao mundo está faltando mais reprimenda, vemos que nos falta é o amor, como força poderosa a revolucionar a humanidade. A decepção com o mundo, refletida no ser humano, nos conduz a depressão e ao suicídio. O trabalho, o amor, a reflexão, esses nos conduzem a libertação.

A mensagem espírita é de renovação. Um olhar para o espelho que não visa a admiração, nem a comparação. Um olhar para si mesmo com vistas ao aprimoramento, no trabalho artesanal do cotidiano. O desafio é este e a vida, essa é eterna!

As fraquezas do espírito encarnado não se de agora, voláteis por um mundo globalizado e conectado. Somos nós mais uma vez figurando nos palcos do mundo, com o nosso atraso já conhecido, colecionando pequenos avanços e pagando preços geracionais pela nossa leniência, na dura romagem da evolução, a passos de formiga.

Importa o balanço desses avanços, seu reconhecimento e beber dessa fonte, olhando para frente, como comunidade de espíritos encarnados, e ainda que não vejamos um mundo regenerado, penso que já temos lampejos do caminho a ser trilhado.

Contra a decepção e o pessimismo, a fé e a esperança. Em relação aos desafios, a força do trabalho e a orientação do estudo. Essa adolescência da humanidade em que vivemos, meio revoltados, meio deslumbrados, é a chave atual para nosso amadurecimento como coletividade encarnada. E para isso, temos que transcender o olhar no espelho, saindo de nós mesmos e olhando o outro, ao nosso redor.

21. O PROFETA DO TERROR QUE A LARANJA MECÂNICA ANUNCIA

Certa feita na aula de evangelização para crianças de 10 a 12 anos, cujo tema era “os problemas sociais”, comprei na banca alguns jornais do dia e pedi que elas separassem os principais problemas que elas viam ali. Como já era esperado, o grupo de matérias sobre violência foi predominante na escolha daqueles alunos, corroborando o que se ouve nas ruas, todos os dias.

A despeito dos avanços que fizemos em várias áreas do conhecimento humano, que se refletiram na redução de problemas de saúde, de comunicação, de educação, a violência, como problema percebido, persiste emerge de forma cada vez mais pujante, em especial nos grandes centros, potencializada pela revolução das comunicações, que nos permite ver em imagens e sons o que ocorre pelo mundo, e o que viraliza geralmente é o que se tem de mais cruel.

O filme distópico britânico-americano de 1971, *Laranja Mecânica (A Clockwork Orange)*, dirigido por Stanley Kubrick, baseado no romance de 1962 de Anthony Burgess, traz o conceito de ultraviolência, ou seja, o uso da força em atos aleatórios e injustificados, motivada por questões mezinhas, ou pelo simples prazer. Um conceito atual, passados mais de cinquenta anos do livro.

Essa violência, torpe e cotidiana, em que pese seja rejeitada no discurso, é buscada avidamente pelas pessoas em produções cinematográficas, literatura, esportes ou mesmo em jogos eletrônicos, alimentando essa forma de interação e de resolução de problemas. Sim, a violência é uma forma de relação com o mundo, com suas questões, centrada em si, de forma imediatista e que não se importa com as consequências em relação aos outros.

Aí vê-se na imprensa brigas de trânsito, em elevadores, por lugares na praça de alimentação no Shopping, questões comuns que terminam com feridos e mortos, e que de forma contra intuitiva, são atos realizados por pessoas letradas. Situações que indicam que a violência surge como forma de resolução de conflitos preferencial, por vezes temperada com uma arma de fogo, como amuleto a defender o atemorizado cidadão das agruras da vida em sociedade.

A violência não é a antítese da paz. Ela é o oposto do diálogo. Resoluções possíveis, amistosas, mediadas, com empatia, se convertem em ações destrutivas, em soluções extremas, desproporcionais. A paciência dá espaço a explosão, a conversa cede ao xingamento, e a negociação se converte em luta corporal. A violência é o fracasso do ideal de convívio humano pacífico e harmônico, na superação dos desafios da vida encarnada.

Até a religião tem servido de plataforma para violência. Física ou simbólica, queremos impor nossas crenças, nossos hábitos, expulsar demônios, exilar pessoas de nosso convívio, destruir os que pensam diferente, em fogueiras agora virtuais. Fogem do espírito da prática religiosa, de conciliação e de amor, como reforça o capítulo XXIII de O Evangelho Segundo o Espiritismo: *"(...) decerto que ela formalmente condena toda violência. Disse Ele alguma vez a seus discípulos: Ide, matai, massacrai, queimai os que não crerem como vós? Não; o que, ao contrário, lhes disse, foi: Todos os homens são irmãos e Deus é soberanamente misericordioso; amai o vosso próximo; amai os vossos inimigos; fazei o bem aos que vos persigam."*

A violência não é oriunda da falta de Deus, da falta de Educação, dos próprios problemas humanos em si. Ela nasce de uma cultura de legitimação desta como meio preponderante de se comunicar com o mundo e seus desafios. Falamos *"-Se você não fizer isso, vou te matar."*, como expressão cotidiana. Vou explodir, vou bater, vou quebrar. Surge a destruição

focada no outro, em palavras e gestos, como forma eficaz e eficiente de convívio. E isso não pode acabar bem.

Faz-se necessário estimular, diante dos problemas, uma cultura de diálogo, de compreensão, de empatia em relação ao outro e as suas dificuldades. Palavras mágicas como o "Desculpe", pensamentos essenciais como "ele deve estar passando um problema", posturas libertadoras como "Se eu fosse ele, como eu agiria", rompem esse círculo que se alimenta de violência. Se é violenta, não é uma boa solução.

O medo, como distanciador das relações, também surge como um alimentador da violência e necessita de uma fé raciocinada que não se espante com as coisas que o mundo nos mostra pelas diversas telas, mas que nos permita entender como o mundo funciona e o nosso papel, em especial no que tange ao trabalho na casa espírita, que nos melhora, e também ao próximo.

Estamos em um momento da história no qual vemos falir nossos modelos, nossa crença no ser humano, de decepção e desesperança. E isso nos empurra para a violência, como solução definitiva, que apaga relações, não as reconstrói. No mundo da reencarnação para o nosso aperfeiçoamento, tudo conduz a reconstrução, a reparação, e o caminho do amor é sempre preferencial ao da dor.

Como se vê, temos no Espiritismo os elementos necessários para começar a reverter a crescente violência, a partir de nós mesmos. É preciso resgatar a chave do diálogo, como forma de enxergarmos a todos filhos do mesmo pai amantíssimo, para que a violência anunciada pela Laranja Mecânica dê lugar a distopias melhores, de um espírito encarnado que avança no intelecto, mas não perde de vista a asa da moral, buscando ser pacífico, para um dia ser chamado de filho de Deus.

22. BANANAS, PARA DAR E VENDER

“*Olha a banana, Olha o bananeiro.*” Com esses simpáticos versos, essa música do então Jorge Ben (hoje Jorge Benjor), resgatada lá da década de 1970, e que teve também uma versão gravada pela Banda “Os incríveis”, narra a história de um feliz menino vendedor de bananas e suas indagações filosóficas, justificando-se para si e para o mundo.

O personagem da música aponta, entre os seus brados mercadológicos, que precisa trabalhar para sua sobrevivência, e para ter as suas coisas, mostrando também que o trabalho faz ele ser respeitado (“*Pois vendendo bananas, eu pretendo ter o meu cartaz. Pois ninguém diz pra mim que eu sou um palha no mundo*”), e que o trabalho é fonte de aceitação social (“*Eu vendo banana mãe, mas eu sou honrado mãe*”), ainda que seja um trabalho menos valorizado no contexto social.

A despeito de todos os avanços na luta contra o trabalho infantil, esse não será o mote da análise dessa música que subsidiará esse artigo. Não. Nos determos na questão do trabalho como um valor, que dignifica, que dá sentido à vida, relevante pela sua utilidade, seja vendendo banana, seja como executivo de uma grande empresa, mas também pelas experiências que proporciona.

Na lição de André Luiz (Psicografia de Chico Xavier), em *Condução Espírita*, tem-se que: “*Em nenhuma ocasião, desprezar as ocupações de qualquer natureza, desde que nobres e úteis, conquanto humildes e anônimas. O trabalho recebe valor pela qualidade dos seus frutos.*”, mostrando uma chave de entendimento diferente dessa hierarquia do mundo do trabalho, e que é a régua que seremos medidos no mundo espiritual.

O trabalho, seja religioso, voluntário ou profissional, é uma fonte de aprendizado no cotidiano do seu exercício, mas

também um promotor de entregas que mudam realidades, que fazem o mundo melhor. Aprendizado e entrega, dentro da feira das experiências, são os eixos que balizam a dimensão trabalho, a sua valorização.

Títulos honoríficos, cargos, celebridades, são questões transitórias, e que tem sentido nessa temporalidade. Mas o que fica dessa experiência, pela ótica da entrega e do aprendizado, tem valor pelas pessoas com quem interagimos, pelas vidas que mudamos, pelos tijolos que acrescentamos a realidade, nos pequenos deveres que fazem grandes mudanças.

A pergunta 679 de O Livro dos Espíritos reforça esse binômio do aprendizado e da entrega, quando diz: "*O homem que possui bens suficientes para assegurar sua subsistência está liberto da lei do trabalho?*", e eis que os espíritos respondem: "*Do trabalho material, talvez, mas não da obrigação de se tornar útil na proporção dos seus meios, de aperfeiçoar a sua inteligência ou a dos outros, o que é também um trabalho.*", mostrando que o trabalho, como sofrimento, como pesar, é uma decorrência de nosso processo evolutivo, mas que ele não é algo negativo, e sim uma lei da vida, que nos torna útil e nos aperfeiçoa.

Trabalharemos para sempre. E isso é bom!

Trabalhar é uma dádiva. Trabalhar com o que se gosta, um privilégio. Trabalhar bem, com afinco, é um dever. Valorizar os trabalhos, pequenos e grandes, é uma sabedoria, de entender que nesse jogo de papéis da reencarnação, o trabalho é o instrumento de realização de progresso, ou de estagnação, conforme nos desempenhamos neste desafio.

O jovem vendedor de bananas, uma realidade sofrida, humilhado como outras profissões que são objeto de pilhéria, tem uma oportunidade de crescimento, pela entrega e pelo aprendizado, que merece de todos nós o respeito. Muitos outros, com trabalhos mais pomposos, se olhados com a lupa

espiritual, são objeto de cenários lamentáveis. Nas transitoriedades do mundo, saibamos separar as bananas das maçãs.

23. OS TALENTOS DE WAKANDA

Com grande sucesso, estreou em 2018 mais um filme de herói da *Marvel Comics* nos cinemas, o Pantera Negra, dirigido por Ryan Coogler, e que teve grande sucesso não somente pelo seu intenso roteiro e eletrizantes cenas de ação, mas também por tratar de questões raciais de forma bem interessante, e até, contundente.

O filme narra o surgimento do herói pantera-negra no fictício reino de Wakanda, na África. Um país próspero, social e tecnologicamente, e que teve seu sucesso impulsionado pela queda séculos atrás de um meteoro feito de Vibranium, um poderoso metal nessa mitologia, que tem múltiplas aplicações, inclusive militares.

O filme, a despeito da temática racial, traz um dilema. O dilema de um país abençoado com recursos naturais que permitiram seu desenvolvimento, e que se debate entre se isolar do mundo para aproveitar a sua prosperidade, tornar-se uma potência militar e dominar o mundo ou a opção colaborar para tornar o mundo a sua volta um lugar melhor para se viver. Uma trinca de opções que atravessa a discussão do filme e que nos relembra a questão evangélica dos talentos, uns enterrados, outros investidos.

Esse dilema também confronta o espírito encarnado e as suas potencialidades. Guardar estas para seu deleite? Usá-las como fonte de poder? Transformá-las em dádivas para tornar o mundo melhor? São escolhas que qualquer um encarnado, que possui potencialidades, uns mais que outros, umas diferentes de outras, se vê defrontado dia a dia.

Kardec, no Cap. XVI de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, ao discutir a parábola dos talentos, indica que "*Se a riqueza é causa de muitos males, se exacerba tanto as más paixões, se provoca mesmo tantos crimes, não é a ela que*

devemos inculpar, mas ao homem, que dela abusa, como de todos os dons de Deus. Pelo abuso, ele torna pernicioso o que lhe poderia ser de maior utilidade. É a consequência do estado de inferioridade do mundo terrestre. Se a riqueza somente males houvesse de produzir, Deus não a teria posto na Terra.", chamando-nos a reflexão, dado que todos nós temos alguma riqueza, para doar no gazofilácio da coletividade, e que respondemos, como nos talentos, pelo uso que dela fizemos.

O que fazer com as dádivas da inteligência (as múltiplas), do tempo, da saúde, da abastança? Esse emprego dos nossos talentos dirá do nosso futuro, encarnados e no país da luz. A Wakanda no filme inicia isolada do mundo, no seu paraíso individual, mas ao se ver confrontada com a realidade exterior, se vê tentada a intervir pela violência, pela dominação, mas a reflexão pela dor faz a nação entender, por meio de seus dirigentes, que a fraternidade é o caminho.

Olhar para nossos tesouros... Verificar o que fazemos deles. Adotamos o caminho do egoísmo (se isolar), do orgulho (dominar) ou da fraternidade (doar). Um dilema para espíritos que se aventuram na carne, e que nos demanda uma posição a cada dia, nas encruzilhadas que nos deparamos.

24. PAGAR CONTAS E VER SÉRIES

O meme é uma forma de comunicação moderna, vulgarizada pelas redes sociais, e condensa uma ideia, com um ar cômico, e que retrata situações do momento e visa basicamente se reproduzir, no fenômeno da viralização. Uma forma de comunicação por vezes espontânea, e democrática, que chegou com força e não nos abandona. Imprevisível, coisas viram meme sem esperarmos, e isso tem a ver com a percepção dos diversos públicos daquele evento.

Um desses que rodou muito por aí foi que a vida se resume a pagar contas e ver séries, com variações textuais, mas a ideia é essa. De que a existência se trataria, basicamente, em assistir um novo formato de novelas facilitadas pelos serviços de *streaming*, que permitem gerenciar os programas de forma assíncrona, e de pagar contas que sustentariam as nossas necessidades básicas, como o acesso à internet que permite assistir a essas mesmas séries.

Um retrato de nosso tempo, uma comédia trágica de nós mesmos, por resumir a nossa visão de futuro, nosso ideal de vida em uma postura passiva diante de histórias que consumimos avidamente, e sobre elas comentamos, vivendo um mundo paralelo, ensimesmado, de personagens e narrativas, que por vezes servem de um bom esconderijo dos desafios da vida real. Ou ainda, de nascedouro de um egoísmo crônico.

Nada contra a narrativa novelística, famosa desde os tempos de Honoré de Balzac, ou de uma boa história, que nos embala a imaginação, que nos ajuda a superar as dificuldades, em uma visão mais psicanalítica, elemento de nossa vida abstrata e fonte de saúde mental, de crescimento, de sentimentos e de sonhos.

A questão é o equilíbrio disse tudo, na qual narrativas e vidas vistas por telas afetam a nossa percepção do real, nos distancia de problemas que andam por aí, de questões concretas, enfim, de nossos compromissos como espíritos encarnados. Aí, a própria profusão de comunicação, de transparência, desvela essa realidade, e isso nos causa medo, e nos escondemos do mundo.

Não nascemos para maratona séries, em que pese isso faça parte do contexto da nossa vida como encarnado, como ser social. Mas importa, em uma visão espírita, entender o que recebemos, o que fazemos disso, e o que se espera ao fim de nossa jornada, resgatando a sempre atual parábola dos talentos. Tempo é ouro, e para nós, espíritas, tempo é oportunidade.

Da mesma forma, a literatura espírita é permeada de um sem número de romances, o que monopoliza a forma de reflexão, de linguagem, o que se espraia para o teatro, o cinema espírita, em um processo de narrativa que termina, por vezes, a simplificar o que é complexo, nos afastando das essências, refastelados na aparência transitória.

O chamado loteamento virtual, a qual só existimos se dispusermos de um canal de vídeo, um site, um perfil nas redes sociais, desloca forças de nossos trabalhadores para a criação e manutenção desses espaços, uma energia que poderia ser utilizada em outras frentes, ou, pelo menos, fazer destas ações de comunicação vinculadas a promover trabalhos e para eles arrecadar recursos.

Essa vivência no imaginário e no virtual, como disse, antiga e salutar, pode servir de caverna para nos ocultar dos dragões que julgamos maiores do que são, e que se alimentam de nossas distâncias, para nos privar da vivência intensa e proveitosa da encarnação, uma oportunidade valiosa e que só tem sentido na relação com o outro, pois se assim não fosse, nasceríamos sozinhos.

Pare... pense... analise... a sua vida está pautada em pagar contas e ver séries? Quem está assistindo a série da sua vida vai lhe cobrar, amorosamente, uma conta algum dia, e o tempo passado, como um rio caudaloso, não volta atrás, nos exigindo refazimento e reparação, e ninguém gosta de ficar vendo os mesmos filmes várias vezes. Só os aficionados...

25. PREVINA-SE, QUE O CÉU TE PREVENIRÁ

Estamos vivendo nesse fim de primeiro trimestre de 2020 um momento delicado como humanidade encarnada. Uma pandemia de um vírus que nos impinge mudanças de atitude, desde o isolamento social para diminuir a velocidade da contaminação, até a responsabilidade de disseminar informações de fontes confiáveis, para melhor coordenar esse esforço coletivo, requerido nesses tempos difíceis.

E nesse sentido, a rede social que ajuda a disseminar a informação útil e nos possibilita romper a solidão do isolamento, é a mesma que serve de fio condutor para as mensagens que oscilam entre os extremos de, por um lado, espalhar o pânico e o desespero e, por outro, semear o negacionismo e a resistência aos protocolos que devem ser adotados.

Um negacionismo religioso tomou conta de algumas denominações, situação que ocorreu também na Coréia do Sul e gerou focos agudos de contaminação, e no caso do Espiritismo, não nos vemos imunes, repetindo a conduta habitual em outros momentos de comoção nacional, nos quais inundam nossas telas mensagens, psicografadas ou não, com orientações diametralmente opostas aos protocolos oficiais e confiáveis que orientam as nossas ações.

Por algum motivo, opomos a fé, sustentáculo da esperança, ao conhecimento científico que nos ampara na busca de soluções frente ao cenário que se apresenta. Insistimos que apenas crer é o suficiente, em uma fé sem obras, no sentido de ser descontextualizada da realidade, jogando a conta no colo do transcendente, se desresponsabilizando como geração encarnada nesse momento de sofrimento, e conseqüentemente, de aprendizado mútuo.

A lição do Capítulo XXV de "O Evangelho Segundo o Espiritismo", na frase sintética do "Ajuda-te a ti mesmo, que o céu te ajudará", mostra que a nossa fé não pode ser dissociada do mundo real, no famoso adágio do "Viver no mundo sem ser do mundo", de forma que fugir dessa visão pode nos trazer a uma fé cega, alienante, que caminha junto ao desespero, na busca de novos apocalipses, ou de castigos divinos, tão estranhos a essência espírita.

É preciso fazer nossa parte, nos diversos papéis que desempenhamos: familiar, profissional, cidadão. O Espiritismo serve para fomentar o homem de bem! Precisamos estar atentos as orientações oficiais, e evitar disseminar mensagens e mandamentos, mesmo que de origem mediúnica, que contraponham as ideias essenciais nesse momento: de isolamento social, higiene com rito específico, cuidados com os grupos de riscos etc.

A ignorância é um inimigo comparável ao medo nesse processo de enfrentamento da COVID-19, pois esta primeira paralisa as ações que podem evitar a contaminação maciça, da mesma forma que o medo pode desequilibrar essas ações, gerando estoque de gêneros e desabastecimento de medicamentos. Faces ruins da mesma moeda extremista. A hora é de equilíbrio. Fé é serenidade ativa.

Previna-se, que o céu te prevenirá! Tenha fé, esperança, como esteio que reduz o extremo do desespero que assola os corações. Mas tenha uma fé raciocinada, serena, que rompa o negacionismo e que permita a sua adesão ao que se precisa fazer nesse momento. Como encarnados nesse momento, somos responsáveis pelas atitudes que tomarmos no enfrentamento de mais esse desafio, entre tantos de nossa época recente.

No lugar do ódio, a solidariedade. Do desespero, a serenidade. Busque dar apoio psicológico e espiritual aos que estão mais abalados, e dê uso relevante as redes sociais, que

são um instrumento essencial de comunicação e mobilização, nesse contexto que nos encontramos. E leia o início do Capítulo XXV de "O Evangelho Segundo o Espiritismo", no qual Kardec, com seu bom senso peculiar, traz um posicionamento de um tempo antigo, mas que nos é útil até hoje.

26. ANÔNIMOS

Por vezes, vejo casas espíritas pequenas, simples, com a sua pequena livraria, e seus poucos e fiéis colaboradores sentados em humildes bancos e madeira, atentos as palavras do palestrante convidado. Algumas com instalações bem modestas, operam trabalhos, campanhas, atuando no plano assistencial, mediúnico, doutrinário e da evangelização.

A despeito do esforço de personalidades espíritas de renome, dos grandiosos eventos e das casas de estacionamentos movimentados, penso que são esses pequenos núcleos, espalhados pelo nosso país, erigidos no esforço cotidiano de heróis anônimos, que se entremeia o tecido do chamado "Movimento espírita", materializado no singelo círculo de estudos, na palavra edificante para a pequena plateia, na campanha do quilo e no atendimento fraterno.

O trabalho desses anônimos, na tarefa assistencial, mediúnica ou de estudo, é a presença de nosso movimento na vida cotidiana das localidades, divulgando e consolidando, em uma rede tenaz de companheiros irmanados no mesmo ideal.

A força dos anônimos nos sustenta mais do que inspira.

A evidência, o grande palestrante, o famoso médium, o escritor ilustre; situações que parecem invejáveis, mas se apresentam como uma provação dupla, na qual nos cabe refletir sobre a impropriedade de nosso endeusamento, que pode alimentar o orgulho, em situações que por vezes deságuam para o risível e o descabido, lembrando o comportamento de celebridades e fãs das festas da indústria cultural.

O trabalho é patrimônio permanente e acumulativo, disponível para anônimos e famosos, na contribuição com seu quinhão para a obra do cordeiro, tendo a tarefa a sua

relevância pela transformação íntima corrida em seu agente. Somente Deus vê tudo e a relevância e a doação de cada ação, no ambiente mais humilde e na casa mais cheia.

Assim como buscamos famosos na mesa mediúnica, para avaliar os conteúdos recebidos, pensamos ver a força dos trabalhos pela popularidade angariada pelos tarefeiros, esquecendo-se que a crença no Cristo só se vulgarizou décadas depois de sua passagem.

O trabalho dos anônimos é tão ou mais valoroso do que aqueles de grande repercussão, cabendo a nós enxergar o potencial do bem, no ostracismo ou na pompa e circunstância, com os olhos de ver. O bem não escolhe seu pouso por critérios de notoriedade, pois vencer no mundo é diferente de vencer "o" mundo.

Em uma época de exposição das pessoas e de sua intimidade, de megaeventos globalizados, de celebridades instantâneas e da busca pela evidência, resta-nos pensar no Cristo, no seu exemplo, em especial no momento em que ele caminhava na multidão e sentiu alguém lhe tocar, não pela sua fama ou evidência, e sim pela sua virtude, medida eterna de cada um de nós.

27. AVALIAR PARA EVOLUIR

Toda atividade concreta, anteriormente planejada e pensada, merece uma avaliação. Essa lógica se aplica também as atividades espíritas, em especial aos seminários, encontros e outras atividades pontuais e temáticas. Não que o fim de um ciclo, de um ano de atividades cotidianas, não mereça uma avaliação, mas trataremos aqui, por uma questão de recorte, daquela avaliação rápida, ao fim do evento, como prática salutar e que merece discussão e enriquecimento.

A avaliação é um diagnóstico, uma medida, um momento em que sopesamos o que houve em termos objetivos, captando as percepções na busca de uma síntese. É onde pontuamos o que houve, voltando a fase de planejamento de outras atividades, anotando os aprendizados da experiência, para próximas etapas.

A avaliação se alimenta basicamente de duas fontes de informação: as externas e as internas. As externas são obtidas por consultas verbais ou por escrito as pessoas que participaram do evento. A interna, que em parte depende dos dados da externa, é oriunda da avaliação da equipe que trabalhou no evento. São processos complementares e igualmente importantes.

A avaliação interna, ou autoavaliação, é um momento de confiança, franqueza e de caridade com os companheiros de trabalho. A avaliação não é um tribunal, é uma fonte de informação para a equipe e não para se sair chateado. Precisa-se sair resoluto, com metas de mudança. Mas, para isso, aqueles que conduzem a avaliação devem ter em mente que a indulgência e a franqueza devem ser indissociáveis.

Mais do que uma obsessão pela melhoria, onde metas podem atropelar as pessoas, a avaliação nos conduz a descobrir os caminhos para acertar, fortalecer as boas práticas

e mitigar os entraves. É um momento de autoconhecimento e de empoderamento do grupo, e que deve ser integrado a cultura das equipes de trabalho, como uma ação coletiva e não uma prática apenas de um grupo seletivo.

Por seu turno, a avaliação externa é fundamental, pois nos dá o termômetro da realidade, da percepção das pessoas que participaram, Mas, a avaliação externa, ainda que seja a soma de percepções, não se trata da verdade absoluta. Precisa ser pontuada com as percepções do grupo organizador, que detém outras visões e informações. É um processo construído, e que caminha com as visões internas e externas. Avaliamos o processo e não a conduta das pessoas.

Assim, dez minutinhos no final dessas atividades operam milagres. Para isso, basta seguir uma receita simples. Não basta o grupo dizer se foi bom, ruim ou regular a atividade. É preciso um certo grau de detalhamento, avançar sobre questões intrínsecas, saindo da superfície dos eventos, mergulhando nas suas contradições, de modo a fortalecer as análises.

Inicialmente, é preciso enumerar os pontos positivos e os negativos (oportunidades de melhoria). Depois, listar as inovações e estratégias que deram certo ou errado. Daí, basta identificar causas que conduziram a essas situações positivas ou negativas. Aí, nessa relação de causa e efeito, a caridade não pode ser esquecida, pois é um momento delicado, que exige maestria da coordenação. Situações desagradáveis são melhores tratadas em particular. Após esse levantamento, pode-se então fechar uma opinião global do evento.

Agindo assim, a avaliação nos deixará uma herança do que deu certo, o que deve ser evitado e o porquê. E assim seguem os processos, na melhoria contínua, com as pessoas. Sem ressentimentos, sem meias palavras, na comunhão de um trabalho em equipe, que tem muita vontade de acertar!

28. A CASA ESPÍRITA ROUBOU MEU PAI...

(...) de mim. Acalme-se, prezado leitor. Não estamos falando de nenhum crime, a luz do Código Penal, cometido nas dependências de nossos templos religiosos. Estamos sim verbalizando o sentimento, que percebemos ao longo de nossa vida como evangelizador, presente em muitos jovens, filhos de trabalhadores da casa espírita.

Por vezes o indivíduo dedica-se as tarefas da casa e da causa, com afinco e determinação, privando cronicamente a sua família do convívio, por força de seus inúmeros compromissos na casa. Além das demandas profissionais, arvora-se a encontrar no templo espírita seu segundo emprego, com chefe, cargos, horários e metas.

É alçado assim a condição de "trabalhador", como se fosse um nível hierárquico acima do "frequentador", como se a ele coubesse uma atribuição especial, acima dos outros. Quantos jogos de poder e de orgulho se escondem nessas construções?

Quando constituímos uma família, abraçamos ali responsabilidades afetivas, que demandam tempo... tempo de convivência, de conversa, de sermos amigos e irmãos e por que não, para o lazer. É fundamental o lazer em família, darmos gargalhadas, brincarmos. Esses momentos marcam a história de nossos filhos, que nos veem como seus pais, únicos para eles.

Quando abraçamos diversas responsabilidades na Casa espírita, lembremos que não nos cabe fazer tudo. Por vezes, na busca do evento perfeito, sequiosos de cargos e não de encargos, relembando o velho Chico Xavier, nos atolamos de atribuições, muitas delas burocráticas, constituindo a vivência espírita um fardo, um segundo labor, estressante. Esquecemos que esse trabalho todo só tem valor se tiver reflexos na reforma íntima do trabalhador.

Essa ausência prolongada, com causa identificada, pode alimentar no jovem uma aversão a casa espírita, vendo ali a fonte de afastamento de seus pais, como um protesto por aquela situação, em uma atitude típica da juventude. Isso pode se refletir na falta do desejo de ir a casa espírita, na falta de envolvimento com as atividades da casa ou até na aversão completa.

Em hipótese nenhuma estou fazendo uma apologia a preguiça ou pregando que não venhamos a trabalhar na seara do bem. Pelo contrário, o que nos deve chamar a atenção é a motivação desse trabalho, essa ansiedade centralizadora de fazermos tudo, as vezes a nossa maneira, e pelo discurso da perfeição, abandonarmos o convívio dos nossos, afogados de atribuições.

A religião é uma ferramenta de nosso crescimento espiritual, tão valiosa quanto é a família. Esses institutos não devem concorrer entre si e sim cooperar. Temos de ter tempo de lazer, de conviver com nossos filhos, de conversar. Temos de ter tempo para o trabalho no bem. As tarefas da casa espírita devem crescer com a adesão do grupo e não de uns poucos que se matam para fazer as coisas. Se assim for, a casa não está envolvendo as pessoas e nos vemos nas antigas armadilhas do personalismo e do perfeccionismo.

No livro *Conduta Espírita*, o espírito André Luiz afirma que:

“Acima de todas as injunções e contingências de cada dia, conservar a fidelidade aos preceitos espíritas cristãos, sendo cônjuge generoso e melhor pai, filho dedicado e companheiro benevolente.”

Relembrando o nosso dever em todos os planos e não apenas no religioso. Esse modelo de dedicação intensa a religião, principalmente no plano formal, já existiu no mundo e constatamos pela história que ele não dá certo.

No mesmo livro, André Luiz assevera:

“Situat em posições distintas as próprias tarefas diante da família e da profissão, da Doutrina que abraça e da coletividade a que deve servir, atendendo a todas as obrigações com o necessário equilíbrio.”

Apontado o equilíbrio como a tônica de tudo. Se tens família, se tens filhos, debes dedicar a eles um tempo, não como obrigação de um dever, mas como momento de amor e de comunhão com esses espíritos, dádivas nessa sua encarnação. Não te permita ser roubado por múltiplas atribuições na casa, pela perfeição dos eventos, das instalações, dos documentos, em um novo emprego oriundo dessa visão empresarial de gerir a casa espírita. Pensemos na qualidade e não na quantidade. Não seremos questionados pelo muito que fizemos quando chegarmos ao lado de lá, e sim como fizemos...

29. A ERA DO PPS²

Vivemos a era do PPS! Não tem um evento espírita, um encontro que eu vá que não tenha aquele monte de imagens com a música de fundo, com textos saltando, da mesma maneira que recebemos diversos destes, por e-mail, diariamente em nossas caixas postais.

Da mesma forma, os palestrantes espíritas têm abusado do uso de slides gerados em computador, repleto de imagens e textos, muitas vezes simplesmente lidos, onde a ideia a ser desenvolvida fica perdida naquele emaranhado de informações, com movimentos e cores, na busca de impressionar e despertar a atenção dos ouvintes, como se a ideia desenvolvida não fosse forte suficiente para isso...

Estamos embevecidos pela tecnologia. Fascinados por esse admirável mundo novo. Quando já nos acostumamos a uma nova parafernália digital, ela já está obsoleta e nós, destreinados. Carregamos o material de apoio de nossas atividades de divulgação espírita e pedagógicas com essa nuvem de estímulos para os sentidos dos que nos assistem, esquecendo de dosá-las. *"-Ah, você viu que filme legal da apresentação? E as imagens, que lindas?"* Tudo isso, roubando espaço da discussão das ideias, em um ritmo frenético de multimídias.

Para cada PPS, PPT, WMV, MP3, MVI etc., diminuímos as ações humanas de jogral, teatro, declamação, música cantada "a capela"; e todas essas manifestações humanas construídas e sentidas. Diminuímos gente, trocando estes por paisagens

2 Extensão de programas de computador feitos no Microsoft PowerPoint, que são apresentações de slides autoexecutáveis, sem a necessidade de se apertar o botão a cada mudança de slide.

distantes, música mecânica e textos. Essa onda de tecnologia galopante precisa de equilíbrio!

Não se trata de ojeriza a tecnologia ou um desejo ermitão de se afastar desse mundo novo, mas sim uma necessidade de não sermos atropelados, em nossos valores e vivências, por equipamentos eletrônicos. A tecnologia virou um mito, sinônimo de futuro e progresso. Mas isso não implica no fim da vida como conhecemos e sim na utilização de recursos adicionais voltados para o ser humano e no apoio deste.

Essa questão da tecnologia avassaladora traz em si, ainda, outros reflexos na nossa vivência espírita. Em uma festa de jovens da mocidade espírita, em um encontro, em uma tarde fraterna, observo que nos preocupamos muito com fotografar e filmar, para postar no Blog e na rede social. E lá está aquela multidão com seu celular levantado, como um exército de *cameramen*, na busca de registrar em seu aparelho tudo que estão vendo, ou deixando de ver. E a uma qualidade duvidável, que nos leva a refletir a partir de que momento o "registrar" sobrepujou o "sentir".

Essa é a questão. A tecnologia está fazendo que o aspecto estético e o desejo de registrar tudo suplantem a construção do conhecimento e a vivência dos momentos. Nas atividades deve ser valorizado o sentir e não o registro. Lembraremos do que sentimos vendo os momentos registrados. Mas se não sentimos nada, nada lembraremos... Simples assim!

É compreensível isso tudo, pois são muitos estímulos, principalmente para o jovem espírita. Essa gama de informações, na qual ele perde a profundidade do momento se perdendo na multiplicidade dos eventos. Mas é preciso reagir, rever conceitos e posturas frente a tecnologia diante dos nossos valores, dos sentimentos mais profundos.

Por fim, fica a reflexão... Estamos valorizando nossos eventos pelo seu potencial tecnológico ou essa tecnologia está

na dose certa, servindo ao sentimento e ao aprendizado do espírito?

30. A FERRAMENTA DO BEM

1 A NECESSIDADE DE SE FAZER O BEM:

Uma das questões cruciais e que funciona como um divisor de águas da Doutrina Espírita em relação a outras religiões é a patente necessidade de se praticar o bem para o desenvolvimento espiritual. As palavras de Jesus: "*Amarás ao teu próximo como a ti mesmo*", reforçadas pelo exposto na sua parábola do Bom Samaritano e em outras falas, tornam bem claro esta questão, de qual é a regra do jogo e do que é "gol" para a Divindade.

Não nos basta ser bons e pertencer ao grupo A ou B. É imperioso praticarmos o bem. Na melhoria contínua como espíritos no contato com o próximo. A lei é de amor e o amor é que nos elevará. Por isso, o Espiritismo cristão deve estar vinculado à prática da beneficência e este artigo buscará elucidar algumas razões desse imperativo, bem como visará contextualizar o sentido dessa prática caritativa.

2 A PERSPECTIVA INTERVENCIONISTA:

Ao contrário da história religiosa da humanidade, repleta de isolamentos, reclusões, clausuras e retiros espirituais, na busca de nos isolarmos do mundo, inspirados na visão formalizada posteriormente pelo filósofo Rousseau, que pregava o corrompimento do homem bom pelo mundo, a perspectiva espírita enunciada por Kardec na sua máxima "*fora da caridade não há salvação*", incita-nos ao contato com o mundo na busca de transformá-lo e averba que o mundo somente se transformará quando transformarmos a nós mesmos. Ou seja, o Espiritismo tem esse caráter intervencionista nas questões que se apresentem diante do ser, combatendo a omissão e o isolamento, demonstrando que é na luta do mundo que crescemos rumo a perfeição.

A reforma íntima é uma necessidade. Paradoxalmente, não haverá reforma íntima sem contato com o nosso próximo, mais próximo ou não. Como amar sem ter ação para o amor. Como perdoar sem ter objeto de perdão.

3 FAÇA VOCÊ MESMO:

Na década de oitenta nos deliciávamos com revistas que nos ensinavam a fazer os pequenos reparos de nossa residência. Essa lógica do "faça você mesmo" também se aplica a questão da prática do bem. Jesus já asseverava: "*Vai tu e faze o mesmo*", reforçando a necessidade da ação no bem ser realizada pessoalmente, de não ser delegada.

Valoriza-se nesse sentido a qualidade e não a quantidade. Mais do que o próximo, o valor está na relação com esse próximo. As pessoas que nos rodeiam são a nossa ferramenta de progresso e vice-versa. Não podemos olvidar que o nosso coração é um músculo poderoso, que precisa ser exercitado no sentido físico e principalmente no sentido espiritual.

Na prática do bem não cabe terceirização, é atividade fim. Mandar entregar na porta do centro espírita não tem o valor de se envolver na entrega. A prática do bem deve ser bilateral, ajudando a quem dá e permitindo a reflexão de quem recebe. Esse é o princípio que rege o Bônus-Hora descrito em Nosso Lar por André Luiz. Somente tem valor quando permite a reflexão e reforma de quem praticou a ação. Caso contrário, instauraríamos um ranking de doações volumosas que nos conduziriam a "salvação", como na época das indulgências. Recordemos a passagem do óbolo da viúva, onde valeu mais aos olhos de Jesus aquela que tirou do seu próprio sustento. A matemática divina funciona subjetivamente.

4 OS MOVIMENTOS SOCIAIS:

Outrossim, consideremos sempre que "movimentos geram movimentos". A nossa ação no bem sempre se alinhará com outras iniciativas que em composição gerarão movimentos

sociais em prol dos nossos irmãos menos favorecidos. Nenhum benemérito fundador fez ou faz tudo sozinho em qualquer obra assistencial. O bem é uma tarefa tipicamente de equipe.

Entretanto, constatamos também que a sociedade influencia o Espiritismo, por ser esse uma parcela dela. Na década de 70/80, fruto de conjunturas políticas, as pessoas se engajavam em movimentos sociais, onde existiam iniciativas diversas de preocupação com o coletivo, no campo da assistência, do ambientalismo e da educação. No Espiritismo, observamos o florescer de caravanas, campanhas e iniciativas diversas no campo assistencial, onde as casas espíritas logo buscavam atrelar a sua programação diversas atividades assistenciais com a participação de seus frequentadores.

Na década de 1990, observamos o individualismo campear em nossa sociedade, na qual a tecnologia nos fez cada vez mais desiguais e isolados e estabeleceu níveis de conforto e divisão social nunca antes vistos. Hoje, o indivíduo pode pedir as suas compras pela *internet*, assistir ao filme no shopping transitando pelas ruas sem sair de seu automóvel, vivendo sem conviver, isolado no seu mundo e nas suas necessidades. No movimento espírita, observamos a explosão dos romances, falando de uma esperança passiva e a busca de um esoterismo voltado para previsões futurísticas e a busca da paz por fórmulas e meios exteriores, sem contar a desenfreada busca da cura do corpo.

5 TERAPIAS E AUTO-AJUDA:

Esses fatores geraram uma tendência atual de terapizar-se tudo, em um "psicologismo" que reduz a problemática da criatura humana a solução por um simples diálogo como um passe de mágica, focado no "eu" e pouco no "nós". Os aspectos psicológicos da criatura são fundamentais, mas não podemos nos esquecer das questões do coletivo. Essa preocupação com o indivíduo deságua em um conceito que

muitos se equivocam em classificar as nossas obras espíritas que é a autoajuda.

Podemos compreender a autoajuda como aquela literatura que expõe a felicidade como uma questão de disposição pessoal, de se sentir bem, de acreditar e se programar mentalmente para isso. Derivado de teses comportamentalistas, ignora os contextos, reduzindo uma questão tão complexa a vontade momentânea indivíduo. A evolução é uma tarefa pessoal, mas que só tem sentido no coletivo.

6 A FELICIDADE:

Isso ocorre pois o nosso conceito de felicidade está difuso. A felicidade está associada a ter coisas, ter status, ter reconhecimentos e direitos. Esquecemos que a vida é uma balança de direitos e deveres. Não há felicidade egoística. Não há como ser feliz se o nosso irmão está infeliz, se no mundo ainda há infelicidade. Por isso, Kardec assevera que a felicidade na Terra é relativa. Confundimos hoje o nosso conceito de felicidade, ignorando que a felicidade está implícita no desejo de um mundo melhor. Um mundo que será construído por nós e que seremos felizes nesse processo e não se buscaremos diminuir tantos números do nosso manequim ou se não estamos nos aceitando com o nariz que nós nascemos. A felicidade transcende tudo isso e a sua conquista deve se fazer sem muletas.

7 O PARADIGMA HOLÍSTICO:

Tomando o chamado Paradigma Holístico do mundo, podemos ter bem claro a importância da ferramenta do bem como caminho da nossa felicidade. Segundo o livro "A canção da inteireza", o homem inicialmente adotou um paradigma Teocêntrico, no qual tudo se prendia a um mundo sobrenatural, em que a vida existiria em função deste. Inicialmente subordinados as forças da natureza, passando

para os deuses antropomórficos, até quando o conceito cristão de ressurreição subordinou de vez a vida na terra a espera de outro mundo, chegando ao seu auge na Idade média com as indulgências. Imersos nesse paradigma ainda vemos diversos segmentos de nossa sociedade.

Com o renascentismo, quando Galileu tira a Terra do Centro do Universo, o paradigma antropocêntrico começa a levar o centro das questões para o homem, sendo este então a medida de tudo. Com os iluministas, temos o racionalismo de Descartes, onde todo conhecimento vem da razão e o Empirismo de Locke e Hume, onde todo conhecimento provém da experimentação, colocando a fonte de saber sempre pelo viés humano, reforçando através de Newton que o universo funciona como uma engrenagem determinista, gerando os modelos de pensamento para a futura sociedade industrial que através das revoluções tecnológicas se estabeleceu a vida que preza o "Ter" e o individualismo que vivemos em pleno auge nos dias de hoje. Mais uma vez, como na negritude da idade média, o homem se vê em uma encruzilhada temporal, tendo acesso aos bens de forma desigual e se preocupando cada vez mais consigo e com as suas necessidades, enquanto o mundo padece da violência e do desamor.

8 O FOCO NO COLETIVO:

O paradigma Holístico propõe um novo foco. Nem no homem, nem no mundo que virá. Ele propõe que o Universo é um todo dinâmico que se relaciona. É um complexo sistema de relações e que o foco deve ser na interdependência. Toda ação que realizamos ecoa no universo e reverbera pelos outros elementos. A nossa relação é de cocriadores, com o planeta e com a vida, sendo também corresponsáveis, como cita Emmanuel em *A Caminho da Luz*.

"Mas é chegado o tempo de um reajustamento de todos os valores humanos. Se as dolorosas expiações coletivas preludiam a época dos últimos 'ais' do Apocalipse, a

espiritualidade tem de penetrar as realizações do homem físico, **conduzindo-as para o bem de toda a humanidade** (Grifo nosso).”

Ou seja, o foco deve ser no bem de toda a humanidade, inclusive dos animais, das plantas e dos minerais, habitantes de nosso globo. Esse deve ser o foco. O Espiritismo, como doutrina libertadora e transformadora das consciências, para que entendamos que a solução de nossos problemas está na solução dos problemas do mundo e que os nossos grandes vultos, dentro da sua dimensão humana, também tinham seus problemas e não se imobilizaram em uma postura passiva, partindo para a **Terapia da prática do bem**, ferramenta que cura os nossos males e de nossos semelhantes.

9 AMAR A SI MESMO E A DEUS ATRAVÉS DO PRÓXIMO:

Sabemos que a autoestima e o amor a si mesmo é uma condição fundamental, para que não incorramos novamente em flagelações e autocomiserações de outras épocas. Mas, faz-se mister amar a si mesmo e a Deus através do próximo, dentro do enunciado evangélico de que quando fazemos a um destes pequeninos, é ao Mestre que fazemos. A palavra “bem-estar” não existe no dicionário espírita-cristão associada ao próprio bem da pessoa, pois metodologia nenhuma trará o nosso bem se não envolver o bem de nossos irmãos. Como amar a si mesmo se não amamos o mundo, a natureza e os nossos irmãos.

10- O TRABALHO NA CASA ESPÍRITA:

Após falarmos da evolução histórica do planeta, terminamos por nos defrontar com a nossa realidade diante da prática do bem. O que temos feito? A casa espírita é a Oficina que deve viabilizar as equipes que permitam aos frequentadores a oportunidade de abraçar cada irmão, pois “*a disciplina antecede a espontaneidade*” e se nos disciplinarmos para o bem no trabalho organizado, o nosso coração romperá

o gelo de nossa sociedade para que possamos estender seu amor aos próximos mais próximos e a nós mesmos.

Cabe-nos a construção na juventude do hábito da prática do bem desde cedo, para que tenhamos como objetivos não só que todos sejam em um futuro trabalhadores e colaboradores da casa espírita, doando-se nas frentes que são inúmeras, mas que estes encontrem na prática do bem progresso, conforto e aprendizado, na construção de sua realização e de seu desenvolvimento espiritual. Espíritas envolvidos e comprometidos com a causa da Casa espírita na construção de um mundo melhor. Um sonho, talvez, uma utopia, não.

11 – CONCLUSÃO:

O trabalho no bem é uma ferramenta de nossa evolução. Não nos interessa milhões de bolsas distribuídas se estas não revertem para o nosso progresso moral, pela via da reflexão e do aprendizado.

Por isso o trabalho espírita no bem deve ter envolvimento, contato, abraço e diálogo. Nada de burocratismo, de trabalhos apartados dos frequentadores, que dizem as suas colaborações e se mantêm restritos na participação.

A ferramenta da nossa evolução está bem claro nas palavras do Espírito de Verdade:

"Espíritas, Amai-vos é o primeiro mandamento. Instrui-vos é o segundo"

E como não cremos no amor como verbo intransitivo, cabe-nos utilizar esta ferramenta no palco do mundo para o nosso crescimento, na luta diária, onde realmente descobrimos quem somos e o que necessitamos ainda aperfeiçoar. O amar e o instruir-se se relacionam de uma forma dialética, de relação de teoria e prática, de crescimento mútuo, sem fórmulas mágicas...

Referências bibliográficas:

- 1 BRAGA, Marcus Vinícius de Azevedo. Alegria de Servir, FEB, 2001.
- 2 CARDOSO, Clodoaldo Meneguello – A canção da inteireza – Uma visão holística da educação – Editora Summus – São Paulo – 1995.
- 3 KARDEC, Allan. O livro dos espíritos, FEB.
- 4 KARDEC, Allan. O Evangelho segundo o Espiritismo, FEB.
- 5 XAVIER, F. C. A caminho da luz, pelo espírito Emmanuel, FEB.
- 6 XAVIER, F. C. Nosso Lar, pelo espírito André Luiz, FEB.

31. EPPUR SI MUOVE*

* *"Ainda assim, ela se move."* Frase dita por Galileu após abjurar que o planeta Terra girava em torno do sol.

1 - Introdução:

O objetivo deste estudo é analisar o que chamamos de Movimento Espírita, no seu momento atual, em uma análise crítica dos fatos e das ideias, a luz do bom senso e da vontade de acertar.

2 - Movimento espírita-Origens e definições:

Movimento, segundo a concepção newtoniana, é tudo aquilo que não está em repouso (Velocidade nula) em relação a um dado referencial. Ouvimos falar de movimentos artísticos, movimentos populares, movimentos políticos. No contexto sociológico, movimentos sociais caracterizam articulações de grupos sociais em prol de um determinado objetivo, materializando-se em instituições, eventos, manifestações. Ou seja, quando um objetivo, uma ideologia parte para o reino da prática, se faz através de um movimento. No caso especial do Espiritismo, a doutrina, corpo filosófico e científico de conhecimentos, se faz presente na prática através do MOVIMENTO ESPIRITA. O movimento espírita é um ente concreto, prático, palpável. É a instrumentação que permite as pessoas vivenciarem a doutrina espírita. Lembramos o famoso exemplo que o movimento espírita é um automóvel que conduz a doutrina.

Apesar das instituições organizadas e formais (Federação, conselhos, casas espíritas e outras entidades), o movimento se faz do somatório de todas as ações humanas (Encarnadas e desencarnadas) sob a égide do conhecimento espírita. Desse

modo, longe está de ser algo homogêneo, ou rígido ou mais, de responsabilidade de uma única pessoa. Em última análise, como componentes desse sistema inter-relacionado, nós temos corresponsabilidade orgânica com este movimento. É claro que para aquele que Espiritismo é ficar em casa sentado lendo as obras espíritas, a sua interação neste processo é bem menor.

O movimento espírita iniciou-se junto com o conhecimento espírita. Este, codificado e organizado por Allan Kardec com a orientação dos espíritos superiores, teve logo suas consequências no mundo prático, demorada, bem verdade, tendo sido o assunto tratado pelo codificador em "Obras Póstumas" e na "Viagem espírita de 1862". A relação de influência da doutrina no movimento também traz a doutrina uma influência do movimento. Nossas vivências na área mediúnic, nos trabalhos assistenciais, na exposição mediúnic produzem saber incorporado ao conhecimento espírita. Cito o livro "Diálogo com as sombras" do nosso emérito confrade Hermínio de Miranda, onde as suas experiências na reunião mediúnic se incorporaram ao cabedal espírita, influenciando posteriormente a prática como um todo.

Este belo movimento de interação da prática com a teoria, da doutrina com o movimento, faz-se em um balé dinâmico através da análise e da crítica que constitui a essência do movimento espírita, consubstanciado quando Kardec diz que "Se a ciência estiver correta, ficaremos com a ciência". Essa análise constante com relação à prática nos protege de atavismos e de dogmatismos. Doutrina libertadora, o Espiritismo não se abstém dos métodos científicos para guardar o seu compromisso com a verdade.

Deste modo, segue a revelação espírita pelo nosso orbe. Evocando o título deste artigo: "Ainda sim, ela se move", pois apesar dos óbices naturais de um movimento humano, ela segue pela lei de evolução se movendo e crescendo. Basta contabilizarmos os avanços em relação aos propósitos do Cristo

nestes tempos, observando as mudanças que o mundo sofreu. Por outro lado, nos cabe analisar certos eventos, dentro da conjuntura, para que nesse movimento dialético, capitaneado pela vontade de acertar, se mova talvez mais rápido.

3 - O sustentáculo em três pilares – O macro e o micro:

Assim como convencionamos dividir o Espiritismo em três aspectos: Religioso, científico e filosófico, a prática espírita apresenta, no entender deste autor, três pilares que devem ocorrer simultaneamente e de forma equilibrada:

Pilar mediúnico: Seria a parte da prática voltada para questão da relação do ser com o mundo espiritual. Estaria presente na aplicação de passes e manifestações mediúnicas de toda forma.

Pilar Epistemológico: Seria aquele vinculado as atividades de estudo, divulgação e produção de conhecimento espírita. Seriam todas as atividades doutrinárias (Leituras, palestras, estudos) e aquelas voltadas para reprodução de conteúdo (TV, teatro, música, revistas, jornais, evangelização).

Pilar assistencial: Seria aquele voltado para a prática do bem materialmente falando. A distribuição da sopa, a campanha do quilo, o orfanato espírita, a caravana fraterna.

Estes pilares, longe de serem isolados, constituem facetas que a prática do movimento apresenta, em nível macro e micro. Em nível micro, poderíamos dizer que um dia conhecemos o Espiritismo e começamos a vivenciá-lo. E de modo geral, individualmente e por um conjunto de fatores internos e externos, nos identificamos e vivenciamos o Espiritismo por um destes canais. Seria aquela pessoa espírita mais chegada as atividades de estudo, a oratória, as artes em geral, a produção de livros (Chamaremos de Espírita Epistemológico) ou aquele outro voltado para área mediúnica, médium ostensivo (Chamaremos de espírita mediúnico) ou

aquele outro mais engajado em frentes assistenciais (Chamaremos de espírita caritativo).

Em um nível macro, teríamos instituições que apresentariam esta faceta mais proeminente em suas atividades. É aquela casa espírita mais voltada a prática mediúnica, as curas, as reuniões de desobsessão (Casa mediúnica), ou aquela outra voltada a grandes trabalhos assistenciais (Casa caritativa) ou então aquela que é um grande centro de estudos e reprodução e produção de conhecimento espírita (Casa epistemológica).

Com certeza, sem citar nenhum nome, o prezado leitor conhece personalidades e instituições espíritas que se enquadrem neste nosso modelo, uns em maior ou menor grau de avanço em cada faceta. Toda classificação nos conduz a equívocos, é bem verdade, porém, de um modo geral as instituições e pessoas do movimento espírita oscilam entre esses três pilares. Mas, existe algum óbice nisso? Assim como a doutrina espírita prega a harmonia do intelecto com a moral, o movimento espírita carece de harmonia em sua vivência, sem uniformização. Cada casa espírita e cada pessoa tenderá para um lado, de acordo com a necessidade e as características de cada núcleo.

Porém, deve se guardar o equilíbrio não desprezando nenhum dos outros pilares em detrimento da maximização do outro, caindo em comportamentos desequilibrantes. Façamos uma análise tabulada destes extremos:

	Casa Espírita	Indivíduo
Caritativa em excesso	Poderá se descaracterizar como instituição espírita e desprezando o estudo doutrinário e o contato	Poderá se tornar uma pessoa envolvida no bem, mas ignorante do apoio do alto e dos

	com os espíritos amigos, pode ficar carente nas orientações a serem recebidas.	objetivos maiores daquela tarefa, podendo se desanimar por falta de base teórica de suas ações
Epistemológica em excesso	Poderá tender a um formalismo e burocratização excessiva, valorizando muito o campo das ideias e esquecendo de atuar no mundo, junto ao próximo. Sem contato com a área mediúnica, tenderá a teorizar sem ter contato com experiência.	Poderá se tornar uma pessoa extremamente fria e científica, presa a questões comezinhas e detalhes doutrinários, desprezando o que realmente é importante.
Mediúnica em excesso	Poderá tender a um misticismo exacerbado, pelo desprezo as questões do estudo e o afastamento da questão assistencial pode conduzir a prática mediúnica a existir por ela mesmo.	Poderá se tornar uma pessoa muito confiante em suas faculdades e distante da aplicação disso no apoio ao irmão mais aflito.

Não resta dúvida de que cada caso é um caso. Porém, no dimensionamento da nossa prática espírita, seja em relação a nós mesmos ou a frente de uma instituição, devemos preservar as nossas características, sem menosprezar os outros tripés que sustentarão nosso equilíbrio. A literatura espírita e os próprios exemplos que conhecemos são fartos em ilustrar o

êxito de quem respeitou esse equilíbrio e as patologias de quem adentrou por um dos extremos.

4 - O centro espírita – Célula deste movimento:

O centro espírita é a célula para onde convergem essas atividades do movimento, de forma integrada. Aliás, o centro espírita é a base de tudo. Nos primórdios o movimento surgiu dos centros espíritas e foi se agregando em torno das estruturas de unificação. Isso explica o fato de hoje existirem conselhos, uniões, representações e não órgãos deliberativos de cima para baixo.

Talvez este movimento representativo e não de unidade absoluta tenha sido o segredo de nossa coesão, pois a despeito das discordâncias normais de qualquer grupo, não contamos com dissidências, tampouco com dissidentes opositores mais expressivos. Aprendemos com isso a lidar com as diferenças e a continuar caminhando. Casa espírita forte é movimento espírita forte. A liderança forte não é igual a movimento espírita forte (Entenda-se forte no sentido de operoso e ativo). Nossa força na base nos dá um caminhar mais seguro e diminuem as chances de cairmos em erros antigos.

Mas, para ser uma célula integrada, o centro espírita tem de ser fazer presente. Muitos dirigentes de casas espíritas agem ainda como caracol: Carregam a casa nas costas e estão sempre se escondendo. O intercâmbio e a integração são fundamentais para o progresso coletivo e os órgãos de integração (geralmente divididos por questões geográficas) promovem eventos que facilitam este processo. Órgão de integração (Uniões estaduais, conselhos regionais) tem que contar em seus quadros com representantes das suas casas espíritas. Com eles junto da coordenação, os eventos promovidos virão de encontro aos anseios coletivos. Certos trabalhos assistenciais têm melhor resultado com vários centros trabalhando juntos. A prática mediúnica pode ser

intercambiada em um encontro de médiuns. O estudo pode ser feito em um ciclo de palestras em vários centros diferentes, sobre a mesma temática principal. O importante é haver o movimento de união das casas espíritas nos seus pontos em comum.

Como toda instituição, o centro espírita enfrenta um grande dilema nos dias de hoje: A sua administração.

5 - Administração do Centro espírita - A questão da importação de paradigmas.

Como uma instituição na qual seus frequentadores são todos voluntários (às vezes nos esquecemos deste detalhe), na qual o objetivo primordial é a paz e a felicidade da criatura humana no seu sentido amplo através da vivência do evangelho de Jesus redivivo pela Doutrina Espírita, a casa espírita não é um clube cujo objetivo é o lazer.

Lembrando a clássica definição, o centro espírita é um H.O.T.E.L.:

Hospital: Onde se tratam almas e corpos doentes;

Oficina: Onde se desenvolvem trabalhos de diversas matizes;

Templo: Onde se busca o contato com a divindade;

Escola: Onde aprendemos as lições do evangelho de Jesus e da Doutrina espírita; e

Lar: Onde encontramos amigos que são como irmãos;

Ou seja, uma instituição com objetivos, origem e características próprias, que deve ter em sua administração um perfil próprio. Mas, vemos nas andanças por aí que tentamos copiar modelos de outras organizações para aplicar na Casa espírita, encomendando fórmula *Prêt-à-porter*, oriunda não mais das vezes do nosso conflito com outros papéis que desempenhamos.

O Militar quer administrar o centro como o quartel, o empresário importa as regras da sua empresa, o ex-católico importa os mecanismos eclesiásticos, valorizando cada qual coisas que são importantes para outros lugares e não necessariamente para a casa espírita e suas finalidades. Conflitos políticos, polarizações e palanques inflamados repetem as cenas de conflitos políticos dos partidos na tribuna espírita, como se o dirigente da casa tivesse um papel similar ao de um dirigente político. Se em determinada região os políticos perpetuam-se em condições coronelescas no poder, fenômeno semelhante se incorpora na casa espírita, com dirigentes eternos. O dirigente frequenta determinada reunião e a administração da casa faz-se pela ótica daquele pilar (Mediúnico, epistemológico ou assistencial). Criam-se estruturas funcionais lineares e burocráticas, onde quem decide não tem contato com as bases que executam. Problemas de ordem pessoal interferem na vida das pessoas do Centro.

Essa gama de ocorrências, que com certeza o leitor deve ter visto algumas amostras, não é privilégio nosso. Fazem parte de todas as instituições humanas como é o nosso movimento espírita. Somente pensa este autor que devemos questionar estes processos administrativos, para que separando o joio do trigo, não importemos “pacotes fechados” de nossas experiências individuais ou de outros grupos para a casa espírita, evitando assim a burocracia de **Centros-empresas**, preocupados apenas com índices, produtividade e o aspecto objetivado (Material); **Centros-messiânicos**, onde impera o messianismo, a supervalorização de curas e espíritos opinam sobre a vida administrativa de forma ostensiva; **centros-pessoas**, onde a casa espírita gira em função de uma única pessoa, por vezes médium; **Centros-franquia** que exportam seus modelos para diversas filiais; **Centros-caritativos**, onde o aspecto assistencial suplanta o centro, descaracterizando-o, incorporando modelos de outras

instituições assistenciais. Cairmos no extremo do centro valorizar qualquer um dos pilares citados anteriormente, deixando cair no esquecimento os outros dois, pode levar a essas formas curiosas.

O centro, mola-promotora do movimento espírita, deve buscar nos colegiados uma administração menos concentrada, evitar crescer demasiadamente de modo que não se perca no seu próprio tamanho e deve prezar aquele espírito da Casa do caminho citada nas obras espíritas como instrumento da ação dos apóstolos: Aconchegante, aberta a todos, voltada para o bem do semelhante e para o estudo contínuo, sintonizada sempre com o mais alto.

6 - Arte Espírita – Divulgar e não segregar

A arte é a interpretação da realidade. As manifestações artísticas impressionam os sentidos e tem seu sentido pessoal para cada um. Hoje o relativismo cultural que vivemos nos faz ver (finalmente) que o belo para um grupo não é o belo para o outro. O conceito de Arte espírita é motivo de controvérsias. Arte espírita sendo aquela MADE IN KARDEC, ou seja, produzida por espíritas, para espíritas, é um conceito segregado. Tememos, nessa linha de pensamento, que os espíritas somente possam ouvir músicas espíritas, canais de TV espíritas e peças teatrais espíritas, em situações que vemos acontecer, que redundam em questões de protecionismo comercial ou na cópia de modelos do “Mundo lá de fora”, mudando apenas o rótulo para a denominação ideológica em pauta, na forma de melhor atrair mais adeptos.

Léon Denis afirmava que o Espiritismo não é a religião do futuro e sim o futuro das religiões. Ou seja, todos, dentro da sua ótica, aprenderão com as verdades espíritas. Seguindo bem essa linha de pensamento, as peças espíritas, baseadas em livros e na vida de efemérides espíritas, conquistam grande público não espírita e são apresentadas em circuito nacional, junto com outras peças não espíritas. Ou seja, os conteúdos do

evangelho de Jesus devem ser por nós defendido, independentemente de sua fonte ou rótulo. Quem não é contra nós, é por nós – Afirmava Jesus – Nesta questão artística isso é fundamental. Quantos trabalhos artísticos (Pinturas, poesias, livros, músicas, peças), que não foram produzidas no seio do movimento espírita e traduzem sentimentos e conteúdos consonantes com os nossos? E quanta gente que se diz espírita, que produz coisas de pouca qualidade no sentido moral? “Em tudo tirai o que for bom”, assevera o apóstolo dos gentios.

Isso não nos proíbe de produzir no movimento espírita nossas manifestações artísticas e emprestar a elas a alcunha “Espírita”. Mas, sem esquecer que não temos uma vida ascética, que estamos no mundo e que temos que desenvolver o nosso discernimento para no mundo escolher o que é bom. Mais uma vez a questão de importação de modelos deve ser sempre observada. Principalmente no orgulho que a evidência dos meios artísticos pode trazer.

6 - Conclusão:

O desafio de conduzir o movimento espírita é nosso, dos espíritas. E ele será o que fizermos dele. O importante também é estarmos participando ativamente, na palestra, na sopa, na mesa mediúnica. Errar, é privilégio de quem trabalha. Ainda assim, com todos os atropelos, a doutrina espírita se move. Renovando, consolando, amparando e nos fazendo mais felizes.

32. O CHUÁ

Assim é que a minha filha de seis anos se refere à casa espírita que frequentamos. Ao invés de “-*Vamos ao centro, pai?*”, é “*Pai, vamos ao chuá?*”. Encontrou na rua uma amiga, é a amiga do “chuá”. E assim vai! Um apelido carinhoso, talvez oriundo (quem sabe o que se passa na cabeça de uma criança...) das músicas que embalam as nossas manhãs de domingo na evangelização infantil, como “peixes no mar” ou “nas conchinhas lá do mar”, ambas como seu sonoro chuá, chuá...

O carinho das crianças e jovens pela casa espírita é fundamental! Buscamos com o centro espírita uma relação construída, de apreço e retribuição pelo espaço religioso, que nos oferta a palavra amiga, o conhecimento valoroso e o sorriso renovador. Contudo, essa relação não é percebida assim, diretamente, pelos jovens e crianças, mas sim pela concretude do acolhimento que recebem na casa e as oportunidades de participação que vivenciam, construindo nessas bases a relação que vai se robustecendo com o passar dos anos, de carinho com aquele espaço físico e tudo que a ele remete.

Entretanto, o que seria um ambiente acolhedor para jovens e crianças? Seria permitir algazarras na reunião pública? Bem, penso que o ambiente acolhedor se faz na existência de espaços próprios, decorados, com murais que reflitam ali a presença e a participação desses segmentos. O jovem e a criança precisam se ver no centro espírita, nas falas, fotos e textos. Ver ali também a sua casa.

Da mesma forma, no que tange ao acolhimento, a música funciona como um integrador do ambiente para jovens e crianças, construindo essa atmosfera de encanto para a casa espírita. Nas famosas interações em datas festivas, nada substitui o sorriso dos petizes nas suas atividades típicas, que

podem e devem ser prestigiadas pelos frequentadores, como fator de integração de jovens e crianças na rotina da casa espírita. Por seu turno, a presença dos jovens e crianças em outros espaços, deve ser estimulada, pelo convite fraterno, permitindo a mescla de idades e de visões.

Porém, o que fazer se o Centro Espírita não desperta na criança e no jovem esse encanto? Muitas causas aí se ocultam... Passam, por vezes, pela ausência do sentimento de descoberta no jovem, da percepção do pertencimento, da falta de participação ativa nas atividades, por meio de um mergulho profundo nas potencialidades que oferecem as casas espíritas, como templo que mexe com a nossa espiritualidade, escola de conhecimento edificante e oficina de trabalho renovador.

Descobrir esse mundo, se integrar a ele, faz parte dessa viagem que é a vivência espírita, em suas diversas fases, na infância, juventude e maturidade. Mas, passamos as vezes refratários, atentos apenas a superfície do Espiritismo e de suas manifestações pelo movimento espírita, sabendo muito e vivendo pouco.

Reflitamos, por fim, que temos muito a aprender com as crianças e os jovens. O dia da evangelização na casa espírita é um dia diferente. Alegre, animado, vibrante. As famílias trazendo seus filhos, temos os jovens, suas músicas e as dinâmicas. A magia desse período das encarnações transborda nas atividades de evangelização, importantes não só para os espíritos-alunos, mas para toda a comunidade que frequenta aquele templo, como materialização da vitalidade e da empolgação necessários as atividades espíritas cristãs. O espírito do "chá" precisa envolver as nossas casas espíritas!

Apelidos carinhosos são expressões de profundo respeito e interação com as instituições. Chamemos também a casa que nos acolhe de forma afetuosa e cândida, como fazem as crianças de forma pura. O amor devotado a casa não é só o amor às paredes, aos livros, as pessoas. É o amor a esse

conjunto de coisas, em uma rede de espiritualidade, de presente-passado, unida pelo visgo que chamamos de FRATERNIDADE, e que ajuda, no dia a dia, a superar nossas contradições e dificuldades, juntos no amor do Cristo.

33. O ETHOS COLABORATIVO

Ethos, nas ciências sociais, é o conjunto de atos e ações que visam ao bem de uma comunidade. É a sua marca como grupo. Os grupos que nós participamos – na casa espírita, no trabalho, na vida social – todos esses têm essa marca, esse símbolo dos valores que os distinguem.

Apesar da tecnologia, continuamos cada vez mais participando de grupos, alguns deles virtuais. E desse ambiente virtual vem a ideia colaborativa, ou “wiki”. O Wikipédia³ é uma enciclopédia colaborativa, por exemplo, na qual cada visitante pode acrescentar uma informação sobre um tema e tornar ele mais rico e aprofundado.

Quando falamos de atividades “Wiki”, ou seja, colaborativas, a identidade se dilui, não temos ali um trabalho personificado, com “a cara de fulano” ou a “cara de sicrano”. Temos um agregado de ideias e opiniões, imbricado na construção de um novo trabalho, de todos, onde ao final já não se atribui autorias isoladas.

Então, o que chamamos de “Ethos colaborativo” no título desse breve artigo é quando um grupo, na construção de suas tarefas, preza a colaboração de todos. Na organização das atividades, todos tem voz e vez e podem opinar. As tarefas são construídas juntas, pensadas juntas, com pertencimento, confiança e com divisão dos louros e das decepções.

Obviamente, no nosso estágio evolutivo, uma auto-gestão pura e simples, sem coordenadores é para poucos grupos mais amadurecidos, mas isso não implica que a gestão dos grupos, e agora me reporto diretamente aos diversos grupos que

³ <http://pt.wikipedia.org/>

realizam tarefas na casa espírita, não tenha a necessidade de valorizar a presença desse "Ethos colaborativo".

Trabalho na casa é de todos, para todos e com todos-encarnados ou desencarnados. A sabedoria do espírito André Luiz no livro *Sinal Verde* nos lembra "*Nunca atribua unicamente a você o sucesso dessa ou daquela tarefa, compreendendo que em todo trabalho há que considerar o espírito de equipe*". Isso vale para o sucesso e para o fracasso, e também para as cobranças de dentro de fora da equipe.

Jesus já dizia que ninguém quebra um feixe de varas. Precisamos de equipes fortes e colaborativas. Equipes que ajudem todos e que todos se ajudem. Precisamos nos trabalhos o espírito de "Ethos colaborativo", pois as pessoas passam e o trabalho continua...

34. O MELHOR E O ADEQUADO

Certo professor meu defendia ardorosamente em suas aulas de Administração dos Materiais que não poderíamos, na nossa vida administrativa, querer sempre o melhor. O melhor era muito caro! As organizações demandavam, sim, o adequado. Para uma escola, colocar o papel de secar as mãos de melhor qualidade do mercado pode nos obrigar a tirar recursos do material didático, pois não existirá verba para colocar tudo de primeira linha. Essa sabedoria simples chamou-me a atenção e levei-a para a minha vida profissional. Mas, analisando a sua propriedade, vemos que a nossa vida, como espíritos imortais encarnados na Terra, também demanda um pouco dessa visão.

O melhor é insustentável, pois o melhor de hoje não é mais o melhor de amanhã. O melhor exclui, torna-se obsoleto com grande velocidade. O adequado atende. Na vida nos digladiamos cotidianamente pelo melhor e esquecemos que poderíamos estar satisfeitos com o adequado. Matamos um leão a cada dia para dar o melhor aos filhos, quando eles necessitam do adequado e de nós. A busca pelo melhor é infinita, efêmera.

O melhor é competitivo, olha para o lado. O adequado é para si, olha para quem dele precisa. Muitos no mundo sofrem pela falta do adequado e muitos outros se debatem em tristeza pela falta do melhor. O melhor é construído, o adequado é real. É fundamental identificarmos em nossa vida o que é adequado, o que é necessário para nos atender e aos que de nós dependem. O melhor precisa ser acompanhado da ostentação. O melhor é para poucos, o adequado atende a mais pessoas.

O melhor é elitista. O melhor demanda escolhas, pois os recursos são limitados. O adequado é distributivo, vai ao encontro das necessidades, sem ser mínimo. O melhor é fruto

de um processo de comparações, para se chegar a um eleito. O adequado é fruto de um processo de investigação do atendimento de uma necessidade. O melhor ocupa os lugares do adequado.

O melhor é consumista. O adequado é o necessário. As vezes não precisamos do melhor, mas insistimos em tê-lo. O adequado nos serve. O melhor, só ele serve. O adequado nos exige adaptação. O melhor é a originalidade da exceção. O melhor sempre custa muito caro. O melhor sempre é alvo de disputa.

Como espíritos imortais, viajores da estrada da existência, em relação aos bens materiais devemos cultivar a lógica do adequado, identificando o inadequado, o ocioso e o inservível, pois esses podem ser adequados a outros irmãos. A corrida pelo melhor nos aprisiona aos bens materiais, onde o seu valor de uso é suplantado pelo seu valor de troca, onde ter é um mecanismo de mercado que nos importa não pelo que aquela coisa nos atende e sim pelo que ela vale em relação aos outros.

Construímos castelos de objetivos distantes da nossa vida espiritual. Faz-se mister nos libertamos da busca desenfreada pelo melhor, insuflada pela propaganda massificada. Urge colocar as coisas materiais no seu lugar, o lugar adequado.

35. O PARADIGMA CLIENTE-FORNECEDOR NA CASA ESPÍRITA

Determinados teóricos gostam de aplicar o modelo empresarial em tudo. Escola, governo, família, casamento e até nas organizações religiosas, como se fosse uma fórmula mágica de eficiência e perfeição em tudo o que se faz. Aplicam os conceitos da administração e as regras de mercado sem adaptações, supondo que sejam os mesmos pressupostos aplicados a todas as organizações. Quase um dogma...

Assim como na gerência de uma empresa, onde importam metas, rendimentos e o lucro, aplicam alguns as organizações religiosas esta lógica, fortalecendo entre estas e seus integrantes a relação cliente-fornecedor, base de uma estrutura mercadológica.

As casas espíritas não estão isentas de serem incluídas nessa lógica. Na literatura, nas falas e nos documentos administrativos, essa visão de mundo se materializa, reforçando uma concepção empresarial que separa em castas trabalhadores e frequentadores, produtores e produtos.

Reduz-se as relações – e digo reduz, pois a interação em uma organização religiosa é muito mais do que isso – a questão de que um oferece um serviço (evangelização, assistência espiritual, palestra) e o outro recebe, consome, avalia e exige a qualidade prometida. Se não gostar, reclama e busca outro fornecedor no mercado. A ideia competitiva se sobrepõe a colaborativa, em rankings informais e disputas infundáveis, com reclamações e relações com os trabalhadores voluntários beirando o patronal.

Não vejo problema nenhum em se avaliar pessoas e organizações... O problema é essa relação empresarial, onde sob o discurso da pretensa eficácia e eficiência, atropelamos

peças e diminuímos os aspectos participativos e integrativos, substituindo diálogo pela cobrança.

Temos indicadores de sucesso internalizados nas asas espíritas vinculados a eventos, quantidades de frequentadores e outros fatores, mensuráveis, mais exteriores. É complexa a importação de conceitos de outros campos, indistintamente. Produto é um conceito fabril... Falamos de resultados como se na tarefa espírita, no mundo das pessoas, todo resultado fosse palpável e imediato.

O aconchego, o ambiente fraterno, a comunhão de esforços, são valores da casa espírita que não podem ser esquecidos. E são imensuráveis... A sanha de se avaliar tudo e todos não pode suplantar o desejo de vivenciar e sentir.

Na empresa o funcionário problemático é descartado, o trabalhador que falha é demitido e o cliente, esse tem sempre razão. O lucro é a meta. É uma relação contratual, de partes, de deveres e direitos mútuos. Para a casa espírita, templo-lar-escola entre dois mundos, devemos construir outros paradigmas de relação, que sejam suportados pelos paradigmas filosóficos aos quais estamos vinculados. Para isso estudamos e refletimos.

Na casa espírita buscamos aproveitar o melhor de cada um, entender as dificuldades e ajudar ao próximo, sem esperar a contrapartida. Entendemos a vida como eterna, sucedendo-se em múltiplas encarnações. A dimensão da prática do bem, reflexiva, não está vinculada a quantidade de bolsas distribuídas e sim a reforma íntima em nós proporcionada. O propósito da casa espírita é a construção do homem de bem!

O problema desse paradigma, sob o manto da miraculosa eficiência, é a segregação de papéis, a profissionalização religiosa, a frieza no envolvimento das tarefas e a burocratização das realizações, escondendo o jogo de poder

imbricado nesse modelo e ainda, a superficialidade de achar que o que não está bom, é bom.

Terminamos por achar que uma boa casa espírita é aquela que tem instalações físicas de primeira linha, um belo site e grandiosos eventos. Esquecemos a edificação no altar interior, que não se vincula a ostentação no plano concreto.

A missão, a meta da casa espírita é de difícil mensuração. Falamos de dois planos de vida, de ações que as vezes demoram 20 anos para frutificar ou ainda, ações de alto risco e de baixo retorno. Não é uma empresa, visando ao lucro, abocanhar outras fatias de mercado ou ainda, remunerar o investimento de seus acionistas. Na casa espírita trabalhamos com integração de forças e não na biunívoca relação contratual, do toma-lá-dá-cá. Bem, pelo menos deveríamos... Somos voluntários e não funcionários. Não temos chefes, temos amigos.

É um assunto delicado, mas que merece a nossa profunda reflexão, dando a César o que lhe pertence, inclusive na forma de ver o mundo.

36. PRÁTICAS SALUTARES NA CONDUÇÃO DE TRABALHOS ESPÍRITAS

No cotidiano das casas espíritas, nos vemos na condução de diversas tarefas, seja como coordenador, seja como companheiros de trabalho que contribuem para o sucesso da empreitada, em papéis diversos. Cada ação que vemos no portfólio da casa espírita é fruto do esforço de pessoas articuladas, na construção do trabalho no bem, inspirados no ideal de Jesus, com ações de cá e de lá.

Por seu turno, o trabalho espírita tem um caráter voluntário, ou seja, a pessoa se apresenta livremente para ali trabalhar e dali pode se ausentar com a mesma autonomia. Isso não implica, entretanto, a falta de compromisso com as tarefas assumidas, ainda que as relações não sejam coercitivas, como em determinados ambientes profissionais. É um arranjo laboral peculiar, que demanda profunda reflexão.

Lidar com voluntários exige todo um tato, uma ciência de saber adequar às demandas da tarefa as características e disponibilidades de cada um da equipe. Pensando nisso, as breves linhas desse artigo pretendem apontar algumas práticas salutares na condução de trabalhos espíritas, que amalhei na vivência em várias casas e ainda, na vivência profissional, e que servem de base para a reflexão dos coordenadores e trabalhadores da casa e da causa e que podem, ainda, se colocadas em prática, fortalecer o convívio fraterno e o respeito mútuo, no eterno exercício da convivência:

1 ABRA VOLUNTARIADO – ao compor um grupo para uma atividade específica, fora da rotina, não convoque A ou B. Abra voluntariado. Não temos como saber se uma determinada pessoa, sempre calada, acalenta em seu coração o desejo de participar desse ou daquele trabalho e imagine, pode até surpreender a todos. Não podemos confiar cegamente na

nossa capacidade de julgar as pessoas e seu potencial, nem adivinhar o que as pessoas querem;

2 REUNIÕES – Reunião tem pauta, que deve ser preferencialmente construída pelos envolvidos anteriormente. Tem horário de início e fim. A reunião serve para se falar e se ouvir, construindo encaminhamentos e deliberações sobre determinadas questões, coletivamente. Boas reuniões dinamizam as tarefas e fortalecem os grupos. Reuniões conduzidas de forma equivocada se tornam um martírio;

3 REFERÊNCIAS – Seguir o adágio popular, “repreensões em particular e elogios em público”, ainda que por vezes o elogio público possa cometer injustiças com os esquecidos e necessitemos de repreensões gerais de forma ostensiva. Fortalecer o uso da palavra “nós” quando referendando o trabalho e coletivizar sempre as conquistas. Homenagens em público devem evitar comparações e ferir as suscetibilidades, preferindo a injustiça de incluir o que nada fez a situação de esquecimento do trabalhador;

4 DIVERSIDADE DOS CARISMAS – Respeite a diversidade de cada um, com seus problemas familiares, limitações de diversas ordens, níveis de comprometimento e ainda, o grau de maturidade na tarefa espírita. A grande magia é orquestrar todas essas diferenças na construção do trabalho no bem. Difícil, mas não impossível, se nos dispusermos a isso;

5 RESULTADO COM AS PESSOAS – Resultados são importantes, mas levando em consideração as pessoas envolvidas. De pouco adianta um evento bem-feito, uma distribuição eficiente de bolsas, se junto disso levarmos discussões e mágoas, atropelando pessoas e sentimento. O trabalho é a prioridade, mas deve sempre se considerar que ele é feito por pessoas e para as pessoas e nem sempre o sucesso é a visão de uma só pessoa dele;

6 PRESTAR CONTAS – Cotizações dos trabalhadores para o financiamento de eventos deve ser sempre objeto de prestação de contas, clara e transparente. Na escolha de

fornecedores de vulto, apresente também os critérios que foram usados na escolha desses, para evitar interpretações equivocadas. Essa salutar prática garante um ambiente de confiança mútua na equipe e evita dissabores e fofocas quanto ao uso de recursos;

7 PALAVRINHAS MÁGICAS – Por favor, por gentileza, obrigado, com licença, desculpe-me. Palavras mágicas que ensinamos aos alunos na evangelização infantil e que operam verdadeiros prodígios na prática cotidiana, principalmente em momentos de grande tensão. Pode usar, sem contraindicações;

8 GRUPO FORTE – o foco nos trabalhos espíritas não é um dirigente forte e sim um grupo forte. O grupo coeso e estruturado forma uma rede resistente às intempéries. A delegação de responsabilidades ao longo do grupo fortalece a todos. O coordenador deve sempre lembrar que pelas contingências da vida, ele pode se ausentar de uma hora para outra e a máquina tem que continuar girando, coordenada por ele ou por outro. Muito vértice, pouco vórtice;

9 GESTÃO PARTICIPATIVA – Planejamento de atividades e a sua correspondente avaliação, bem como a tomada de decisões relevantes, devem sempre que possível contar com a discussão no grupo. Nessa discussão encontraremos visões diversas, várias cabeças pensando, o que favorece o processo de construção das tarefas de forma mais eficaz. Além disso, a gestão participativa envolve a todos, fazendo com que cada um se sinta parte da tarefa, fortalecendo o envolvimento e comprometimento;

10 SEM EXCLUSÕES DISCRIMINATÓRIAS – Critérios como idade, nível de conhecimento doutrinário, tempo de casa etc. devem ser usados com muito carinho quando na segregação de grupos para participação de tarefas. É muito fácil sermos burocráticos e criarmos uma regra de exclusão, sem pensarmos nem bem por quê. Mas uma regra dessas pode matar a motivação para o trabalho, e isso é um bem inestimável;

11 SENTIMENTOS DIVISORES – Ciúme, inveja e ambição são sentimentos presentes em qualquer grupo humano. Difícil eliminá-los... Mas é possível trabalhar com eles, não os desprezando e buscando agir, pontualmente e globalmente, na mitigação de seus efeitos nas tarefas;

12 AUSÊNCIAS – A ausência no trabalho tem vários motivos... Alguns reveláveis, outros não. Nessa hora, do coordenador é exigida uma paciência extra para entender o que está se passando e para deixar o ausente à vontade, mesmo que a sua ausência se faça sentida, diante dos compromissos que sempre existem;

13 PREFERÊNCIAS E DECEPÇÕES – Natural que uma pessoa tenha simpatias e decepções com as outras no decorrer dos trabalhos. É da natureza humana, nas lutas diárias. Mas, de público, devemos evitar essas manifestações, muitas vezes construídas em nosso íntimo, sem reflexos na realidade exterior. Ainda assim, pela natural espontaneidade, por vezes o grupo deixa patente suas preferências e cabe a nós, respeitar esse processo;

14 ALARMISMO E GESTÃO DE RISCO – Muitas vezes, como coordenadores, nos colocamos como profetas do apocalipse. Superdimensionamos os riscos e nos vemos afogados diante do medo das coisas darem errados, transferindo isso ao grupo. A avaliação dos riscos deve ser feita de forma serena, porém conservadora, engendrando as respostas adequadas ao impacto e a probabilidade de uma ocorrência infeliz. Se der errado algo, faz parte do jogo. O mais o importante é a consciência tranquila de que nos prevenimos, de maneira razoável. Para isso, devemos combater uma cultura de culpabilização;

15 RESPEITO A FAMÍLIA – Trazer filhos a reunião, não poder comparecer por conta do marido de outra religião, entre outras, são situações cotidianas que exigem nossa maturidade para entender essas peculiaridades e se adaptar a elas. Se a família da pessoa causa embaraços no trabalho, não seremos

nós a piorar essa situação. Isso representa o respeito pelo trabalhador e suas peculiaridades;

16 INTELECTUAL E O BRAÇAL – Supervalorizar o trabalho intelectual em detrimento do trabalho braçal é um hábito infeliz. Ambos têm a sua importância e o trabalho, globalmente, não se faz sem essas componentes. Importante, nos momentos de exaltação pública, nos lembramos dos “invisíveis”, das tarefas ditas menores, que contribuem silenciosamente para o sucesso da casa; e

17 QUEM CHEGA E QUEM VAI – É preciso valorizar quem chega e a despedida dos que vão. São momentos singelos o “bem-vindo” e o “até breve”, e marcam a relação da pessoa com o grupo, merecendo, se cabível, até uma pequena confraternização para exaltar a situação. Grupos valorosos são reconhecidos nesses momentos.

São medidas simples, que cotidianamente contribuem para a construção de grupos coesos, operosos e fraternos, verdadeiras oficinas de transformação interior e usinas de amor ao próximo, onde frequentamos 10, 20 anos com gosto e quando saímos, lembramos sempre com muito carinho.

Assim, é fundamental no trabalho espírita pensarmos no grupo, nas suas dificuldades e nas suas relações, pois a nossa ação é sempre em equipe, do lado de cá e do lado de lá, como bem nos demonstra a literatura espírita.

37. SÃO KARDEC, KARDEC SÃO

O nosso atavismo nos faz reinventar práticas que arrastamos de outras gerações (e reencarnações) nas atuações recentes, fazendo arremedos de mudanças de paradigmas. Assim, vemos na água fluidificada a água benta, no passe a comunhão e na palestra a missa. Importamos práticas, enxergando nos amigos espirituais responsáveis por departamentos e missões a figura dos padroeiros, que tem seus templos a velar sobre causas humanas. Natural, humano, mas merece a nossa atenção...

Essa importação de paradigmas, desde o povo eleito dos judeus até as festas pagãs do império romano, influenciaram a construção do que hoje é a igreja católica e que pelas suas ideias influenciam a nós, espíritas, no país de maior população católica do mundo, com mais de 500 anos de hóstias e castiçais, escolas e conventos.

Em 1996, por questões profissionais visitei Paris, e o também famoso cemitério do "Père-Lachaise", onde estão sepultadas várias personalidades, como Jim Morrison, Oscar Wilde, Honoré de Balzac e o nosso insigne codificador, Allan Kardec. Causou-me muito espanto na visita a relação das pessoas com aquele túmulo, com a imposição de mãos, colocando flores, em manifestações similares as que ocorrem frequentemente na estátua de Chico Xavier no cemitério São João Batista, em Uberaba (MG).

Esse demorado preâmbulo nos serviu para falar que essa postura se espraia na nossa relação com as figuras marcantes do movimento espírita. Santos sobre a Terra são vistos nos famosos médiuns e oradores da causa espírita, com direito a fotos e estátuas, na prática que herdamos dos antepassados. Nesse sentido, o nosso codificador que combatia os rituais não escapa dessas questões.

Ouvimos nas palestras e na escola de evangelização que o Espiritismo não tem sacerdotes, chefes, profetas ou fundadores. Ouvimos falar de uma expressão pouco usual, a existência de um "codificador", ou seja, um tradutor de verdades espirituais para nós, encarnados. Difícil aceitar esse conceito, sem nos deixar arrastar pelos modelos proféticos e faraônicos de outras denominações religiosas.

O ato de codificar, pressupõe uma revelação acabada, pronta. Ora, estamos bem distantes nesse gigante universo de falar de coisas acabadas, em mais uma importação das doutrinas da imagem e a semelhança do criador, no nosso já conhecido "Terra-centrismo", combatido por Galileu e que quase o levou a pira incendiária.

No Evangelho Segundo o Espiritismo, o seu capítulo primeiro traz o próprio Kardec indicando que "*O Espiritismo é a terceira revelação da lei de Deus, mas não tem a personificá-la nenhuma individualidade, porque é fruto do ensino dado, não por um homem, sim pelos Espíritos*", dando a essa doutrina um caráter diferente de outras religiões, por envolver um dinamismo das fontes múltiplas, e ainda, a possibilidade de apreensão individual, pela valorização da razão.

Entretanto, qual seria o papel de Kardec nesse processo? Um reunidor de mensagens? Um organizador de ideias? A exceção do Livro dos Espíritos, nos demais livros da codificação predominam as análises de Kardec, ainda que subsidiadas profundamente pelas informações dos espíritos. Mas, aparecem ali naquelas linhas a reflexão do pensador, não como um profeta, mas como estudioso que trouxe a discussão racional que respaldou e esclareceu aquela gama de informações.

Bem, aventuro-me a dizer que Kardec, dentro de seu potencial intelectual, organizou conhecimentos que vinham de heranças históricas, dos saberes gregos e do evangelho cristão, e agregou-os a modelos trazidos pelos espíritos, que

não se constituíam em linhas gerais ideias inéditas nem no ocidente, nem na história da humanidade. Essa visão da existência, de Deus e do homem encarnado, Kardec reuniu em uma obra que se compõe dos livros principais e de diversos artigos publicados na Revista Espírita, onde ele registrou o fruto de seus incansáveis estudos e pesquisas, na análise de comunicações a luz da razão.

Isso diminuiu a grandeza do Espiritismo? Claro que não! A força do Espiritismo está nos seus fundamentos e não nos seus fundadores. Como Kardec, outros vieram a contribuir com a sua história na construção do que é, ou do que está sendo, o Espiritismo. Alguns desconhecidos, outros mais proeminentes. Todos, inclusive você que me lê, contribuimos para o progresso da doutrina. Esse aspecto colaborativo, bem verdade baseado em pilares, é que traz força a doutrina que busca aliar ciência, filosofia e religião.

Arrepiam-me ver pessoas nas casas espíritas tratando trechos das obras de Kardec como interpretações literais e imutáveis, na linha da "Palavra de Deus", do texto sagrado, esquecendo-se das traduções, revisões e interpretações, na importação de mais um modelo atávico. Oscilamos entre relegar a ele um papel de "Bibliotecário" dos espíritas ao outro extremo de um santo encarnado, um profeta do Espiritismo, na deificação que herdamos do catolicismo, que por sua vez a traz de outros povos, com a sua relação imbricada de política e religião.

Todos esses personalismos nos afastam da discussão principal, que é a contribuição que esse pedagogo francês trouxe a questão do espiritualismo moderno e até para a prática religiosa, apresentando uma nova forma de *ethos* religioso, onde se estuda e se discute, mas também se crê. Essa é a grande quebra de paradigma que insistimos em negar. A construção de uma religião que nos convida a reflexão, mas também a renovação pela vivência no mundo. Uma filosofia que nos apresenta a questão da vida após a

morte em um contexto global, reforçada por aspectos científicos que nos dão alicerces sobre essas conclusões.

Vejo as pessoas falarem que hoje em dia o Espiritismo é muito religioso, e pouco científico. Gostaria de gentilmente discordar destas... A nossa prática espírita recente tem sido rasa. Discutimos identidade de comunicações, filigranas polêmicas, a magnitude de eventos, a última notícia a luz do Espiritismo, mas esquecemos do maior legado de Kardec, o estudo e a reflexão, na descoberta, sem separar teoria de prática. Lemos pouco, esquecemos a prática do bem, perdemos a curiosidade com a questão mediúmica. Nos perdemos em um emaranhado de discussões inúteis e perdemos o foco de Kardec, que apontava em seus estudos, a luz dos ensinamentos dos espíritos, uma visão maior da vida.

Saudamos Kardec de forma saudável, respeitando seu legado, como estudioso disciplinado e brilhante que ele foi, que contribuiu com um método, é bem verdade, mas também com valorosas sínteses sobre os ensinamentos dos espíritos, formalizados em um corpo doutrinário coerente e aberto ao dinamismo da vida. Com Kardec, o espiritualismo saiu das tendas de adivinhação e ganhou um sentido prático, na filosofia, na ciência e na religião.

E assim segue o Espiritismo, progressista e progredindo, procurando superar os modelos igrejistais em um paradigma associativista, construtivista, colaborativo, onde cada um de nós pode contribuir para um Espiritismo melhor, que não se encerra em palavras e livros, e sim na vivência cotidiana de cada um frente aos desafios da encarnação terrestre.

38. TEMOS ASSISTIDO

"E quem é meu próximo" -Lucas, 10-29

Passados os anos, ainda temos assistido nas casas espíritas o "muro invisível" que separa assistidos dos trabalhadores. Entristece a constatação de que essa barreira invisível tem nas suas raízes, entre outras, a questão da classe social, na qual o trabalhador espírita, geralmente oriundo da classe média, é o provedor de serviços assistenciais a um grupo menos favorecido, que dele depende, por vezes em uma condição de subalternidade, o que gera afastamento e isolamento. Você vem aqui pegar a bolsa e eu venho dá-la...

É bem verdade que a tecnologia, a educação formal e a própria cultura local são fatores que dificultam essa relação, porém, os princípios da fraternidade pregados pelo Espiritismo mostram que na fieira das reencarnações nos alternamos na pobreza e na riqueza, e que não existem castas, como incentivo a mudarmos, de alguma forma essa relação, permeada pela visão de esmola na prática do bem. É preciso estimular o diálogo!

Dos princípios evangélicos, fica bem gravado em nossos corações que "somos todos irmãos", exemplificado por um filho de uma manjedoura que pregava entre excluídos e minorias. Mas, como incluir, em uma relação fraterna, esses nossos irmãos, para além da subalternidade da necessidade? Precisamos refletir sobre a relação na casa entre os que "fazem caridade" e os que "recebem caridade", lembrando que a prática do bem é troca incessante, no aprendizado reflexivo, no qual cedo ou tarde nos alistaremos para receber a bolsa da caridade ao longo de nossas encarnações.

Será que nada temos a aprender conversando com essas pessoas? Será que elas não podem ser incluídas na casa em

outros processos? Reflexões necessárias... Olhar para os que entram na casa espírita como verdadeiros irmãos... Que desafio! Se a pessoa vai apenas na busca da bolsa para saciar a fome ou para ouvir uma palavra amiga, são todos filhos do pai, na busca de uma sombra na casa espírita, oásis nas lutas ensolaradas do cotidiano.

Um sonho? Talvez... Um processo, de fato... Um objetivo, acredito que sim. O importante é não perdermos de vista que no espaço da Casa espírita mostramos o "melhor de nós" e que necessitamos ali desenvolver o mundo novo que queremos, com diálogo e integração, para o crescimento mútuo. E para essa grande jornada, é necessário o primeiro passo.

39. VERDADEIRAS FORMIGUINHAS

Fruto de compromissos profissionais, já vivi com minha família e visitei várias cidades do Brasil e do exterior, onde conseqüentemente frequentei ou apenas visitei diversas casas espíritas. Apesar de ter visitado algumas em viagens curtas, essa diversidade permitiu-me um grande enriquecimento na minha visão sobre o movimento espírita. É fato, uma nova casa sempre gera adaptações, pois geralmente não conhecemos ninguém. Mas, como o Kardec é o mesmo, com o tempo as coisas se acertam.

Em especial, nessas casas que visitei e frequentei, vi trabalhadores (as) espíritas que eram verdadeiras formiguinhas. Com uma invejável (diria inveja em um sentido positivo) disposição para trabalhar pelo semelhante, para esses não havia chuva e nem sol, feriado ou final de semana, e para algumas destas, nem doença. Estavam lá, voluntariosas e prontas para pegar a “charrua” e não olhar para trás. Conhecendo-as mais amiúde, descobri que todas tinham seus problemas de ordem pessoal, suas agruras e decepções. Muitas dessas dores por vezes ultrapassavam as dos ditos assistidos.

Com essa dedicação e entusiasmo idealista, arrastavam grupos inteiros, com seu olhar de crença que algo podia ainda ser mudado para melhor. Não tinha pretensão ao destaque ou a evidência, pois nas palavras de Chico Xavier, buscavam na Casa Espírita encargos e não cargos. Considero-me um privilegiado pelo convívio com esses heróis anônimos do cotidiano espírita, que não terão seus nomes citados nessas linhas, mas na lembrança dos muitos que desfrutaram o seu convívio. Aliás, não é necessário citá-los, pois ao chegarmos na casa espírita logo os reconhecemos. Como disse um velho amigo, “são como lata de leite em pó. Você tira o papel da embalagem, mas fica ainda a marca”.

A física nos ensina que todo corpo tem seu centro de gravidade. Nos trabalhos que participei, vi nesses confrades o ponto de apoio encarnado dessas tarefas. Mas cabe lembrar que todo aquele que carrega um grande fardo nos ombros, precisa de um amigo para lhe secar o suor da fronte. Nossas valentes "Formiguinhas", quando diante da prova mais forte, são as vezes abandonados pelos amigos. Não podemos esquecer a dimensão humana desses nossos companheiros, que carecem por vezes do nosso bom ombro amigo. Como a pequena formiguinha, são fortes, mas também são frágeis...

Por isso, estimado confrade, formiguinha ou não, ao identificar os pilares encarnados na tua tarefa espírita, exemplos de determinação pela causa do Cristo, não te esqueças de olhar o espírito imortal diante de ti, que também é nosso irmão de luta, cuja responsabilidade de amar o próximo é idêntica a nossa, e apesar do comprometimento que nos inspira, necessita por vezes da nossa palavra fraterna para seguir adiante.

40. BANDEIRAS, PAUTAS E LUTAS

O movimento espírita materializa as ações dos espíritas, a luz de seus ideais, de forma que isso implica, conseqüentemente, em abraçar determinadas bandeiras, pautas e lutas, eleitas por circunstâncias próprias. Tudo muito natural...

Por motivos históricos diversos, por ações de grupos em momentos específicos, na soma de forças e esforços, abraçamos com afinco determinadas bandeiras, e relegamos outras, também de grande relevância. Essas breves linhas nos motivam a analisar algumas causas que o movimento espírita não abraçou, de forma ostensiva, ou o fez timidamente, para que possamos refletir sobre estas.

Dessas inúmeras e valorosas causas, podemos citar, por exemplo:

DESARMAMENTO: a oposição ao uso extensivo de armas de fogo, seja na guerra, seja nos crimes do cotidiano, é uma causa extremamente relevante, em uma sociedade que, a despeito de toda a tecnologia, padece o fantasma da violência e da criminalidade.

RACISMO: as décadas de escravidão deixaram em nosso país suas marcas, na discriminação da população negra inserida nas falas e artefatos culturais, com práticas de hostilização, em uma falta de caridade com os nossos irmãos, espíritos imortais, ainda que essa questão seja figura ausente ou pouco presente em nossas tribunas e linhas.

INCLUSÃO DE DEFICIENTES: a luta por tornar a nossa sociedade acessível e receptiva aos irmãos que apresentam deficiências de diversas matizes carece avanços no movimento espírita, pela falta de ações expressivas na tradução de obras e palestras, na carência de rampas nas casas espíritas e ainda,

na rasa produção de material pedagógico que discuta essas especificidades.

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: uma triste realidade, oculta nos discursos e atrelada a uma cultura machista e a dependência química, demandando discussão e esclarecimento nas pautas das discussões espíritas e no combate a essa prática hedionda.

COMBATE A CORRUPÇÃO: a malversação do dinheiro público, o desvio de recursos, a propina e o patrimonialismo são uma realidade tratada como um tabu, mas que se faz presente em pessoas bem-vestidas e com instrução, na dilapidação de recursos destinados aos menos favorecidos. Uma discussão ética que, com certeza, traz em seu bojo interesses concomitantes as lutas do cordeiro.

MEIO AMBIENTE: a despeito do esforço pioneiro e hercúleo do nosso confrade, jornalista André Trigueiro, na inserção desse tema na nossa agenda, essa luta ainda se faz incipiente na lembrança da caridade com o nosso planeta.

Apesar de não serem estas listadas, entre outras, bandeiras clássicas do nosso movimento, nada nos impede de aderir a estas lutas como cidadão, espírito encarnado consciente, o que pode trazer, pelo nosso interesse, a entrada dessa bandeira no movimento espírita no futuro.

Trazemos lutas do mundo e vice-versa, pois o movimento espírita está imerso no mundo. Elegemos diversas lutas em função de nossa história, de nossos valores, e isso se relaciona com os rumos adotados pelo movimento, mas não é condicionado totalmente por estes.

Fica aqui então a reflexão sobre as lutas nas quais nos alistamos coletivamente e individualmente, todas valorosas. Também são valiosas as bandeiras abraçadas atualmente pelo movimento espírita, como a defesa da vida, o estudo sistematizado e o esperanto.

O que traz esse artigo é a ideia de que a trincheira é maior do que enxergamos, na luta por um mundo melhor, onde cada um tem a sua parcela de responsabilidade, independente do credo.

41. IMPORTAÇÃO DE PARADIGMAS: A REFLEXÃO NECESSÁRIA

Nos idos de 1990, no estudo da noite de sábado do Mês do Jovem Espírita em Valença – MEJEVAL, encontro de jovens realizado naquela cidade do Rio de Janeiro, presenciei interessantíssima exposição de dois jovens colegas, que falavam da importação de práticas católicas para a Doutrina Espírita, comparando, de forma criativa, a relação das pessoas com a água fluidificada e a água benta; bem como o passe e a comunhão, entre outros paralelos ritualísticos.

Essa discussão me instigou nesses últimos 25 anos, e percebi que outras pessoas também se sentem perturbados por essas questões, de falta de construção de uma identidade da prática espírita, assolado por vezes na importação de modelos dos cultos afro-brasileiros, do catolicismo e mais recentemente, de igrejas evangélicas, em uma avalanche de situações que apesar de boas, são questionáveis em relação aos pressupostos que abraçamos no seio do Espiritismo. Movimento é feito de práticas, de ações em conjunto e para além de rituais, temos atividades características, que necessitam de uma identidade coerente.

A questão é polêmica, mas nem por isso menos importante. Veio à tona novamente, ao tomar conhecimento de uma juventude espírita que saiu as ruas distribuindo exemplares de “O Evangelho segundo o Espiritismo” para os transeuntes, no sinal, nas praças, nas ruas, em uma prática bem similar à que observamos em nossos irmãos evangélicos, que alistam seus jovens em caravanas pelas ruas, distribuindo jornaizinhos, na busca de angariar adeptos a sua fé, no que poderia se aproximar de um proselitismo, ou seja, um intento ativista de converter uma ou várias pessoas, ou determinados grupos, a uma determinada causa.

Importarmos assim um modelo, ao meu ver, ausente de uma reflexão do que essa prática se traduz para o jovem e para comunidade. É uma questão preocupante... Ouviremos, certamente: “*Ah, que mal existe em distribuir pela rua o Evangelho? É uma coisa boa!*” Verdade, sem dúvida é uma prática do bem, mas no mundo das práticas, fazemos escolhas ao direcionar o nosso potencial e passamos mensagens para os que fazem e para os que são objetos de nossas ações.

O próprio Kardec, no Evangelho segundo o Espiritismo, promulga a supremacia do “Fora da caridade não há salvação”, explicando que o crescimento espiritual não se dá pelo encontro com uma verdade e sim com o amor. Qual o propósito de distribuímos a nossa obra básica vinculada aos ensinamentos de Jesus e ao aspecto religioso do Espiritismo pelas ruas? Desejamos divulgar o Espiritismo, como doutrina, para buscar a conversão daquelas pessoas, ou entregamos apenas uma obra que sabemos ser boa em sua mensagem? O que desejamos e como isso é percebido? Reflexões nos levam a essas questões...

Kardec em “O que é o Espiritismo” nos diz: “(...) *Não pretendo forçar convicção alguma. Quando encontro pessoas que sinceramente desejam instruir-se e dão-me a honra de pedir-me esclarecimentos, folgo e cumpro um dever respondendo-lhes nos limites dos meus conhecimentos; quanto aos antagonistas, porém, que, como vós, têm convicções arraigadas, não tento um passo para delas arredá-los, atento a que é grande o número dos que se mostram bem dispostos, para que possamos perder o nosso tempo com aqueles que o não estão.*”, indicando que o Espiritismo em relação a divulgação pousa como uma luz serena, para aqueles que o buscam e não como um farol a invadir a casa das consciências, pelas lutas de argumentos.

Aí, esbarramos na questão do tênue limite entre a divulgação e o proselitismo, no qual sempre invocam a frase

do livro "Estude e Viva", ditado pelos Espíritos: Emmanuel e André Luiz; psicografado por Chico Xavier e Waldo Vieira: "(...). Para isso, estudemos Allan Kardec, ao clarão da mensagem de Jesus Cristo, e, seja no exemplo ou na atitude, na ação ou na palavra, recordemos que o Espiritismo nos solicita uma espécie permanente de caridade – a caridade da sua própria divulgação".

Sempre esquecemos de ressaltar o trecho que fala "*seja no exemplo ou na atitude, na ação ou na palavra*", dando-nos a dica de como deve ser essa divulgação, a feição de vitrines vivas. Sim, é preciso divulgar o Espiritismo, e isso tem sido feito principalmente pelos nossos livros e por nossas casas espíritas, sempre localizadas em local visível, contando com o exemplo e a palavra amiga de cada frequentador para que as pessoas a conheçam e dela se aproximem. A questão aqui não é divulgar ou não o Espiritismo e sim a agregação de práticas que podem vir a se chocar com os nossos pressupostos, o nosso *ethos* como movimento.

Nesses mais de 150 anos de movimento espírita, em que pesem os nossos baixos índices formais no Censo, as nossas crenças em seus pilares básicos são difundidas em escala nacional e mundial (vide os filmes de sucesso), nossos livros são vendidos em larga escala e não precisamos, salvo melhor juízo, desses artifícios, pois o pressuposto é que o nosso foco é o homem de bem e não aumentar o nosso número de adeptos, o que não se vê em religiões cuja matriz é a salvação pela fé.

Somos uma doutrina que surgiu dentro de um tríplice aspecto (Ciência e filosofia com consequências religiosas, na proposta kardequiana), questionando muitas dessas práticas religiosas vigentes, no âmbito da Igreja católica, e construímos a nossa identidade nas casas espíritas a luz das ideias do codificador e dos que o precederam, com o foco na prática do bem, na vivência mediúnica e no estudo reflexivo e incessante da doutrina que abraçamos, na promoção do homem de bem,

na nossa renovação como espírito, avançando nessa encarnação, vivendo no mundo sem ser do mundo.

Infelizmente, a distribuição de obras não é a única prática que importamos recentemente... Valorização do luxo e da suntuosidade nas instalações, eventos grandiosos, obras literárias de cunho motivacional, uma busca de se apresentar como a verdade, o endeusamento de palestrantes e de médiuns, hipervalorização de práticas de cura, valorização dos textos dos livros como obras sagradas, preferência quase exclusiva de autores desencarnados, um desprezo pelo debate e pelo dissenso, isso somado a um modelo de arte industrializado, excludente de outras manifestações culturais laicas.

Esses modelos, oriundos de outras denominações, tem seu valor, e como dizia Paulo, examinai tudo e retende o que for bom. Mas, é preciso a reflexão, a luz de nossos pressupostos espíritas, no legado kardequiano, para analisar de que forma essas práticas contribuem com o nosso progresso espiritual. Não é uma questão de polemizar, mas de analisar e raciocinar, indigesta herança de uma fé que se propõe raciocinada, baseada na convicção construída.

Criticamos com veemência práticas oriundas dos cultos afro-brasileiros, mas absorvemos, tranquilos, práticas do catolicismo e das igrejas pentecostais, sem pensar nestas a luz da visão do Espiritismo da sua própria vivência. O ecumenismo, como movimento de integração e respeito entre as crenças, é admirável, mas precisamos saber por que escolhemos o caminho do Espiritismo e seus valores.

Longe de criticar a iniciativa dos jovens na distribuição dos evangelhos, defendo apenas que tenhamos o debate na importação dessas práticas, com análise e reflexão, a luz dos princípios da doutrina e da sua proposta revolucionária de prática religiosa, que rompe com paradigmas. Lembremos que quem não sabe para onde vai, qualquer caminho serve...

42. A FREQUÊNCIA MELHORA A FREQUÊNCIA

Às vezes, em meio a corrida da rotina, enquadramos as atividades espíritas de forma mecânica em nossas atribuições, como um compromisso a ser cumprido em meio a tantos outros.

E por vezes, ainda, esse compromisso disputa com outros, profissionais, familiares, de lazer, o que redundando em uma frequência baixa a casa espírita e as suas atividades. Às vezes, de forma sazonal, nos vemos envolvidos em uma ciranda de eventos e pouco “damos as caras” no centro.

Aí, vai uma vez a palestra e falta na outra. Chega só na hora do passe... Comparece esporadicamente aos grupos de estudos, em uma vivência burocrática da atividade espírita.

Vamos assim, administrando a relação com a casa espírita, de forma morna, no que entendemos ser uma vivência religiosa formal, de prática superficial.

A frequência a casa espírita, para além de uma assiduidade protocolar, necessita do envolvimento, do sentimento nas atividades ofertadas, elevando o padrão da nossa casa mental, de nossas vibrações.

A frequência a casa espírita melhora a nossa frequência mental!

A casa espírita é uma oficina bendita que nos oferece diversos campos de ação e estudo, em horários diversos, para perfis múltiplos, esse apresenta como opção integrativa de estudo e vivência do Espiritismo. Muito mais do que divulgar a doutrina espírita, a casa espírita tem o potencial de se tornar uma forja do homem de bem!

Lá fazemos amigos, ouvimos certas verdades, participamos de atividades como agente e paciente, estudamos em grupo no debate salutar, tudo isso em um espaço de crescimento que

nos torna melhores, sustentando o nosso ideal cristão nas lutas semanais, fora da casa espírita.

Cabe-nos ter coerência nos papéis... Para isso, necessitamos ser bons espíritas no lar, na escola, na rua, no trabalho, nas diversas roupagens sociais, ainda que na casa espírita busquemos mostrar o nosso melhor, esse nosso melhor deve se espriar pela vida cotidiana, como uma chama a nos conduzir.

Não defendemos aqui a hipocrisia de máscaras na casa espírita ou ainda, que a pessoa se insule no centro vinte e quatro horas por dia, em uma clausura kardequiana, fugindo do mundo perverso, ignorando os outros papéis para qual ela reencarnou. A doutrina não prevê isso, ela surge como instrumento de superação da formalização pela essência!

Defendemos a casa espírita como espaço de espiritualização, de estudo e de trabalho, desenvolvendo a nossa dimensão "espírito", na tarefa árdua de construção do homem de bem. E para tal, ela oferece instrumentos diversos!

Entretanto, para isso é necessário a presença, a adesão, o envolvimento. Ainda não encontrei uma modalidade de Espiritismo a distância... faz-se mister o engajamento na casa, para que ela faça parte de nossa vida e vice-versa, em uma construtiva relação, que faz de cada frequentador, melhor a cada dia.

Fica então a reflexão da relação que estamos construindo com o templo espírita que nos acolhe e de como esta relação está nos fazendo melhorar... Grandes, pequenos, distantes, informais... As casas espíritas estão aí, necessitando do nosso olhar atento, dos nossos braços produtivos, assim como nós precisamos de suas bênçãos no fortalecimento espiritual.

Como pássaros tenros, os mentores da casa espírita nos colocam lá, como frágeis galhos que unidos compõe um aconchegante e robusto ninho. Nesse feixe de forças, de cá e

de lá, é preciso colocar o nosso coração, na infância, na juventude e na madureza, e não apenas na melhor idade, na qual passamos a nos preocupar, compulsoriamente, como o desencarne e a vida espiritual.

43. RELIGIÃO: GRAXA E AREIA

Escrevo essas linhas em resposta a uma provocação amigável nas redes sociais, e que tratava dos sentidos da interpretação dados pelas religiões, na qual de cima para baixo adaptamos nossas crenças ao que é posto por estas, mas estas também fazem seus ajustes para atender as demandas dos seus rebanhos, em tentativas de comunicação e entendimento mútuo, dado que a verdade sempre tem um componente de subjetividade.

Esse interpretar típico das religiões, e digo todas, segue lógicas de acomodação, de jogos de poder, de porta-vozes, de consensos e dissensos, de ajustes e de endossos, na qual na nossa seara, em especial, vemos por vezes “visões espíritas” de temas na qual não se teria, em tese, necessidade dessa abordagem, ou ainda, se faz essa interpretação mediante pressupostos estranhos aos princípios da doutrina, na busca de encaixar um viés, ou de endossar algo, em meias verdades que se arvoram a título de revelações.

Essas interpretações e as suas imposições alimentam deturpações do espírito originário de determinadas abordagens do sagrado. Martinho Lutero, indignado, indicou na Europa pós Medieval que cada um devesse buscar a fonte de conhecimento direto no texto bíblico, como fonte confiável de conhecimento da verdade revelada por Deus, na busca de contornar essas interpretações, ainda que daí tenham surgido um sem número dessas que são estranhas ao espírito do carpinteiro que vivia acompanhado de pobres ao ouro. No Espiritismo também temos nossos consensos eivados de polêmicas.

Além de deturpações, essa luta hermenêutica das religiões, e de subgrupos nestas, pelo monopólio de interpretações, termina por ser fonte e palco de conflitos, alguns até armados. Muitas dessas interpretações são espelho de divergências

latentes, de interesses econômicos e de questões interiores mal trabalhadas, que encontram no campo da fé terreno forte para a luta, na busca de encontrar um aval lastreado no divino, na revelação e na verdade absoluta, como mandamento inquestionável.

Nesse contexto, a religião deixa de ser a graxa que facilitaria a nossa romagem terrestre, para ser a areia que emperra as nossas ações. Passa a ser motivo de discórdia, de disputas, e deixa de lado o ideal universal de um homem melhor, de um mundo melhor, preso a questões menores, que são pequenas, mas que tem por trás de si profundas divergências ancoradas nos preconceitos, nos desejos de poder, nas motivações pessoais.

Esse uso torto da religião como manifestação humana nos aponta que precisamos de uma religião que seja libertadora, emancipadora, e que nos seja útil como instrumento evolutivo. Isso não quer dizer uma fé cega, que não admita questionamentos, e que se impõe consensos a torto e a direito. Isso implica em uma fé viva, que se aperfeiçoe pelo estudo e pela reflexão, na qual cada um encontre suas verdades, convergências e divergências. Mais princípios, menos normas. Mais diálogo, menos patrulha.

Em tempo de divergências ideológicas profundas, de debates inflamados e de tertúlias agressivas em torno de diversos pontos, em especial nas redes sociais, inclusive no que tange a religião, pensamos que essa, que tem na sua raiz a nossa relação com o sagrado, o trato da nossa espiritualidade, quando se converte em arma de dor e opressão, afasta qualquer Deus de sua essência.

Guerras, crimes, intolerância motivadas pela fé... é um contrassenso que pensamos enterrados anteriormente nas cruzadas e na inquisição, mas que ainda são temas de periódicos, de conversas, na qual demonstramos que agindo assim, não entendemos a mensagem de religião nenhuma, e

que temos nessa mais um instrumento de atraso, fator que talvez leve a existir tantos que se professam ateus, decepcionados com modelos que andam por aí.

Se interpretações da letra para a realidade são fonte de luta pelo poder, façamos então a interpretação da realidade para a letra. Busquemos em nossa religião, qualquer que seja, que ela dê conta de nossos anseios espirituais, que nos console e liberte, que nos permita ser melhores a cada dia. Correntes, que sejam apenas a da fraternidade. Imposições, que sejam apenas do amor ao nosso irmão.

Por uma religião que facilite a nossa evolução. Que não nos atrapalhe. Essa é a reforma necessária, para que esta forma de expressão humana não seja palco do inverso do que ela em essência representaria. Para que seja um diálogo com uma divindade, justa e bondosa, que nos tem como filhos e que nos pede, acima de qualquer rito ou disciplina, que nos amemos uns aos outros.

44. HUMANICES

Pedro mudara de casa espírita novamente. Chegara agora com sua família ao Centro Espírita Hilário Silva, casa de vários trabalhos e palpitantes palestras. Ao chegar, como trabalhador que era, Pedro logo se engaja nas atividades doutrinárias, contribuindo com afinco na seara espírita.

Passado um, dois, três meses, e as relações de Pedro com o pessoal da casa começam a “azedar”. Começa o disse-me-disse, os ciúminhos, as invejinhas, as intrigas e fofocas. De burocratismos a mal entendidos, o trabalho começa a ficar pesaroso, desgastante para Pedro, que pensa em desistir. Ir a casa espírita torna-se um fardo.

A noite, em suas preces, ele pede fervorosamente orientação e quando dorme tem um sonho, daqueles nos quais nos comunicamos com o Plano espiritual. Nele um espírito com semblante sereno e experiente lhe diz: “– *Filho, tenha paciência... A casa espírita é uma organização humana, e como tal, é cheia de humanizes...*”

Pedro acorda sobressaltado, mas capta o recado. Muda sua forma de ver as coisas e as pessoas, e foca no trabalho. Relevando daqui, compreendendo de lá, adentra com mais força no trabalho na seara do Senhor.

Assim como o protagonista da breve história que abre esse artigo, todos nós cometemos o equívoco de atribuir a casa espírita, por ser um templo religioso, uma aura de local santificado, para além das fraquezas humanas. Buscamos lá encontrar santos purificados e nos enchemos de expectativas sobre as pessoas e suas relações. Mas a realidade vem, implacável, e nos decepcionamos...

Como disse o espírito no sonho de Pedro, a casa espírita é uma organização humana, um instrumento para nosso processo evolutivo, mas humano. Humano como é o hospital, a

escola, o clube, cada qual com a sua finalidade no nosso contexto social.

Sendo a organização humana que trabalha a nossa espiritualidade, ainda que esperemos que cada um mostre o seu melhor, cada um apresenta o possível naquele momento e terminamos, as vezes, por nos decepcionar, dada a grande expectativa em confronto as humanices que encontramos, em especial a inveja, o ciúme, a ganância e a maledicência.

Já conhecemos essa abordagem de ver no templo religiosos santos, fora do mundo real. Os túmulos caiados ao qual se referia Jesus. Sabemos que não dá certo... Temos que enxergar na casa espírita o irmão nosso de cada dia, que ali tenta se melhorar nos papéis que surgem, como evangelizador, como palestrante, como trabalhador, dirigente ou mesmo um atento frequentador.

Mais do que um local de santos, a casa espírita é um local de trabalho e estudo, ferramentas que nos farão melhores na mágica do cotidiano. Fugir do local pela decepção é esquecer que em outras casas encontraremos as mesmas humanices, humanices essas que também trazemos em alguma medida e que somente serão trabalhadas no convívio com o outro, aprendendo a amar.

45. PÉ DE BARRO, PÉ NO BARRO

Vivemos um tempo curioso. Após a chegada do homem à Lua, do telescópio Hubble ter ajudado a desvendar o espaço, de uma grande expansão de nosso conhecimento do Universo, nos decepcionamos com o que encontramos. Esperávamos algo divino, maravilhoso.

Esperávamos, na ratificação de nossa imaginação fértil, algo de civilizações intergalácticas, de descobertas de outros mundos, como um Cabral ou um Colombo moderno a busca de novas civilizações. Mas encontramos rochas e gases, e fomos buscar abrigos em teorias conspiratórias e fábulas modernas, sem ver a magnitude do que encontramos.

Da mesma forma, a profusão de comunicações, as redes, nos colocaram em tempo real em contato com a natureza humana. Ponto a ponto, sem filtros, viralizamos, nos comparamos com o vizinho nas redes sociais, e vemos do que o espírito encarnado é capaz. E nos decepcionamos. Quebramos as nossas expectativas com o homem que vemos no espelho. Sentimos vergonha da raça humana.

Sim, por vermos não somente o mal, mas por vê-lo sendo propagado, comemorado e consumido, misturando o mundo real e a ficção, destruindo a crença no homem como centelha divina, com potencial para fazer mais e melhor nesse mundo. Por vermos que desperdiçamos soluções e criamos problemas, e a despeito de toda a tecnologia, ainda padecemos da fome, da ignorância e da violência.

A decepção é o sentimento que habita bocas e corações. Uma tristeza infinda. Uma vontade de não se levantar, em um tempo curioso, de falta de fé, ainda que existam tantas religiões. De ídolos de "pés de barro", ainda que existam tantas celebridades instantâneas. Uma falta de esperança, de

concepção de um mundo melhor, abatido pela realidade que se descortina.

O Espiritismo, como doutrina libertadora, que concilia a vida eterna com a vida real, traz uma nova proposta de fé. Não somente por ser raciocinada. Não uma proposta de “pés de barro” e sim uma proposta de “pé no barro”, na qual essa decepção não se justifica. Uma proposta de mundo em transformação, pelas nossas mãos e guiado pelos nossos pés.

Sim, o Espiritismo convida-nos, espíritos encarnados, a uma fé ativa, produtora. A assumir as rédeas do mundo, para romper os determinismos da natureza humana, colocando os pés no barro e mostrando que pode ser feito diferente. Um mundo que será o que nós fizemos dele. Nós, as diversas gerações que encarnam sucessivamente no planeta.

Imagine uma mulher, um negro, um indígena no Século XVII. Ele olhava também para o mundo de baixo, sem fé. E hoje, apesar dos pesares, muita coisa mudou na relação do mundo com esses grupos. A evolução se fez e se faz. As vezes lentamente, as vezes de forma imperceptível, mas o mundo melhora e pode melhorar. Depende de nós.

Essa lógica que o Espiritismo traz, de deixar em nossas mãos a construção de um mundo melhor, converte essa decepção em trabalho, essa falta de fé em esforço, esse vazio em sede. Temos a ideia de reencarnação não como um dogma de sofrimento e Karma determinista, mas como uma chave libertadora do sofrimento e de promoção da fraternidade.

A pergunta 171 de “O Livro dos Espíritos” traz que “(...) a doutrina da reencarnação, isto é, a que consiste em admitir para o Espírito muitas existências sucessivas, é (...) a única que pode explicar o futuro e firmar as nossas esperanças, pois que nos oferece os meios de resgatarmos os nossos erros por novas provas.” Esse resgate não é somente na dimensão individual, mas também na dimensão coletiva.

A continuidade da vida permite ao homem-espírito exercitar a sua capacidade de se reinventar, de fazer diferente, de romper barreiras e construir novas pontes entre os fossos que se apresentam. E isso exige trabalho, esforço e dedicação. A fé sem obras é morta, diz o evangelho, e nesse sentido, temos que avançar, com o pé no barro e os olhos no céu.

Pois o nosso destino está nas estrelas. Mas o momento, aqui é agora, é que ele está sendo construído.

46. VINDOURA

Casal de idosos conversa no hall de espera da casa espírita, enquanto entram, apressados, jovens para um evento espírita.

“– Meu neto está aí, assistindo a atividade. Já o avisei que estou cansado e conto com ele para assumir as minhas atividades no trabalho assistencial que frequento”.

Diz o outro: *“– Minha neta não quis mais saber do centro. Se aborreceu e agora está às voltas com o vestibular. Não sei o que será de nossa casa se essa geração não assumir as suas responsabilidades frente a ela?”*

E ambos meneiam a cabeça, preocupados com a casa a que se dedicaram tanto tempo.

Um diálogo comum nas casas espíritas, de público e no privado, olhando o jovem espírita apenas como a geração vindoura que assumirá o legado da casa espírita. Há de se convir, um verdadeiro exercício de futurologia, dado que daquele grupo que hoje está na Juventude, tantos caminhos e mudanças virão, e tantos partirão e outros chegarão.

O jovem espírita, como qualquer jovem vinculado a uma atividade religiosa, tem as peculiaridades da sua idade, seus desafios, suas preocupações, dúvidas e encruzilhadas, e colocar nos ombros deste o fardo determinista dele assumir a casa é uma situação um tanto complicada.

Complicada pois coloca a casa como uma herança imutável que deve ser assumida, e não como uma construção de cada geração que por ali passa. Cada época, o grupo que está ali, encarnado e desencarnado, faz a sua hora e seu momento, o que não implica que não se deve abrir espaço para os mais jovens, em atividades que permitam a eles aos pouco se incluírem nas rotinas da casa, mas que sejam atividades que provoquem seu protagonismo pelo bem que isso fará a

formação de sua personalidade no campo da espiritualidade, e não como um teste de sucessores.

Da mesma forma, o jovem, com tantos anseios e desafios, se vê cobrado nessa visão de “você é o futuro da casa”, quando na verdade ele está precisando da casa para acertar o seu futuro, diante dos desafios de uma personalidade que emerge, em um mundo cada dia mais complexo, no qual ele tem dificuldades de encontrar referenciais, na chamada pós modernidade, e o Espiritismo tem o potencial de lhe ajudar nessa empreitada.

Em outros tempos do Espiritismo, desprezamos a peculiaridade do período jovem para o trato das atividades religiosas. Um tempo que foi, felizmente, superado. A casa deve ter espaços que atendam as especificidades das fases infantil e juvenil, por serem fases específicas da encarnação do espírito, com demandas que exigem evangelizadores preparados, currículos adequados e atividades sintonizadas com esses grupos.

E no caso do jovem, na sua trajetória de amadurecimento, essas atividades são fundamentais para a formação dos seus alicerces doutrinários, é fato, mas a casa deve, em seus currículos e temas, prezar as questões que orbitam na vida destes, servindo como local de orientação segura e de acolhimento desses jovens.

E a inserção do jovem nas atividades não pode ser a maneira do idoso comerciante que tenta forçar ao filho assumir o seu negócio, e sim uma forma de exercício do protagonismo do jovem, para que ele tome gosto da ação espírita nas palestras, na atividade assistencial, na questão mediúnica, podendo no futuro ele vir a trabalhar naquela casa ou em outra, dado as incertezas de nossos caminhos, em especial em dias atuais, nos quais questões profissionais e acadêmicas forcem nossos deslocamentos.

O importante é que aquele período na juventude espírita deixe nele marcas indeléveis que permitirão a ele, no futuro, vencer os desafios morais que se imporão. Esse é o legado interior que a casa deixa no coração do jovem e que ele levará, na forma de sementes, para as diversas casas que ele frequentará, para a sua família, para o seu trabalho, pois a finalidade do Espiritismo é formar o homem de bem e não o trabalhador da casa espírita de amanhã, ainda que essas coisas tenham uma relação entre si.

47. COMPLIANCE E A CURA

Com o escândalo de *Watergate* na década de 1970 nos Estados Unidos, surgem as primeiras movimentações legislativas no sentido de se punir empresas que compactuassem com atos corruptos, o que redundou na Lei *Foreign Corrupt Practices Act* (FCPA), promulgada em 1977, e de onde saíram diversas outras leis similares no mundo, como o *The Bribery Act* (2010) na Inglaterra e a brasileira Lei nº 12.846/2013, também conhecida como *Lei Anticorrupção*.

Essas leis se fundamentam não somente na punição de empresas corruptoras, mas na promoção do *Compliance*, ou seja, no fomento para que as organizações empresariais tenham mecanismos próprios que deem conta do risco de seus funcionários se envolverem em práticas corruptas na relação com os órgãos governamentais, o que traria prejuízos de imagem da empresa e a punição pela lei (multa).

Assim, *Compliance* é uma estratégia das empresas não só de reconhecer a existência e a possibilidade destas, por meio de seus prepostos, participarem de atos corruptos nas relações com os governos, mas também para criar medidas preventivas que deem conta dessas situações, mitigando o risco dessa ocorrência e as suas conseqüentes perdas.

Apesar de ser um assunto em voga, de que forma ele se encontra com a prática do movimento espírita? Simples. Pegaremos um exemplo comum no cotidiano das casas espíritas, as reuniões de cura, de todas as espécies e tipos, magnetização, receitas, cromoterapia etc. Concordando ou não, esta é uma realidade cotidiana e nelas a casa recebe diversas pessoas de fora, algumas desenganadas e desesperadas, na busca da cura corporal.

Ainda que de modo geral as casas sérias se pautem pela máxima evangélica do "dai de graça o que de graça

recebestes”, se existem várias pessoas envolvidas, existem riscos. E pela ótica do *Compliance*, qual o risco que se apresenta? O risco de algum colaborador, movido por oportunismo ou pela ganância, cobrar por locais na fila, por tratamentos especiais ou ainda, por coisas que são oferecidas gratuitamente, como a água fluidificada. Muitas vezes explorando o desespero dos pacientes.

Esse é um risco real, o que leva as casas a adotar medidas de *Compliance* interessantes, tais como munir seus colaboradores de crachás, tornar as regras de atendimento públicas no sítio na internet e ainda, espalhar cartazes indicando que nenhum colaborador é autorizado a cobrar nada, pois o serviço é gratuito.

Esse exemplo da atividade de cura pode se expandir para outras práticas da seara espírita, como a atividade assistencial, que pode ser, em épocas de eleição, objeto de captura de interesses locais. Ou ainda, nas palestras públicas, nas quais se deve evitar a divulgação de serviços prestados pelo orador na sua vida profissional. A cantina, as mensalidades dos mantenedores, com o balanço sempre visível aos frequentadores, cultivando a transparência. Coisas simples, mas essenciais.

A boa imagem do Espiritismo e das casas no qual ele é praticado depende de pequenas coisas, de enxergarmos alguns riscos, típicos da natureza humana e de adotarmos medidas para mitigá-los. Sim, aplicamos o *Compliance* a casa espírita, como local de relações humanas e que podem sim ser subvertidas, em especial no trato de coisas de alto valor percebido, como dinheiro e a cura, com prejuízos espirituais não somente aos agentes que praticam, mas também a toda uma comunidade que naquela casa trabalha a sua espiritualidade.

48. DUREZA DOUTRINÁRIA

Estava eu, dirigindo na engarrafada Avenida Brasil, em uma dessas manhãs ensolaradas, quando me deparei com o adesivo no carro da frente, com os dizeres gritantes: "*Em nome de Jesus, muita safadeza se produz!*", frase de efeito, um tanto chula, é fato, mas que me remeteu imediatamente a outra frase famosa na internet, "*Jesus é gente boa, o que estraga é o fã clube*", expressões emblemáticas da decepção vigente com as religiões e as suas sucessivas deturpações dos seus espíritos originais, adaptados não à realidade, mas às conveniências, fraquezas e ambições do ser humano, e seus jogos de poder.

Nesse movimento de deturpação, trocamos sem cerimônia, na História da humanidade, o amor pela graça, a plenitude pela salvação, a confiança pela fé cega e seguimos, de forma conveniente, adaptando verdades, calando o nosso bom senso, chegando a conjecturas ridículas, que viram verdadeiras piruetas filosóficas para adaptar escritos religiosos aos nossos conceitos. Vou abster-me de enumerar tais situações para evitar controvérsias estéreis, mas sabemos que essas manobras passam por questões de sexualidade, igualdade social e mitigação de conceitos humanistas.

Entretanto, nós outros, defensores das ideias do pedagogo francês que viu seus livros queimados em praça pública, que soube revolucionar paradigmas de forma coerente e pacífica, também padecemos de nossas fixações deturpatórias, inebriados por uma ideia de disciplina, de ordem, de padronização, em uma postura vestal e por vezes alienada do mundo real, e nesse sentido, destacaremos no presente artigo um grande instrumento de opressão e segregação nas fileiras espíritas: a pureza doutrinária.

Justificado pela observância dessa pureza, que busca catalogar atos e fatos como doutrinários ou não, com vieses na

prática no qual o próximo de uma cultura afro não recebe o mesmo tratamento de algo na linha cristã-ocidental, cometemos violências simbólicas de censuras, proscricções e banimentos. Fazemos da pureza doutrinária o que é e já foi a Bíblia, tratada como escritura sagrada, imutável régua a medir a tudo e a todos.

Esperem... esperem! Entendi bem, ou na constante pressão que sofremos no movimento espírita com a possibilidade de invasão de práticas estranhas, você autor está defendendo uma liberação geral de tudo e de todos, um suprarrelativismo, um grande "pan-Espiritismo ecumênico", no qual caiba tudo, independente dos ensinamentos kardequianos, agregando práticas e ideias de toda ordem, em especial ao gosto do freguês?

Não. Definitivamente não... Se estivesse propondo isso, seria compactuar com uma mercantilização religiosa, de agradar os demandantes, adaptando-se para se expandir. O que defendo aqui é que não precisamos de bulas papais ou comissões inquisitórias que classifiquem saberes à luz de suas interpretações, sem debate, de forma hierárquica. O que aponto é a necessidade de se fortalecer o diálogo crítico em relação às práticas e que sejamos caridosos nessas relações, respeitando as pessoas e as suas peculiaridades.

Falando do aspecto caridoso, inicialmente, até resgatando a ideia inicial de deturpação apresentada no artigo, cometemos absurdos em nome dessa pureza doutrinária. Somos duros, rígidos, encapsulados em relação às pessoas, mais preocupados com a forma e menos com o conteúdo, alheios às necessidades de cada um, tentando encontrar uma doutrina estática e universal, o que seria uma grande pretensão, vinculando todos a nossas interpretações. Um caminho perigoso, de autoritarismos...

E isso gera, por vezes, um patrulhamento doutrinário diretivo, que poderia ser substituído pelo debate franco sobre as ideias ali postas. Amigos do movimento mantêm página na

qual discutem abertamente a pertinência de determinadas obras, em face a profusão de literatura mediúnica na qual vivemos. Tem-se ali um debate, no qual se argumenta e se expõe o que daquela obra é incoerente com a lógica e com os postulados espíritas. Exercita-se assim, de maneira fraterna, o chamado diálogo crítico.

E no que se refere ao diálogo crítico, complementando a ideia do parágrafo anterior, a força de nossas convicções é a análise racional dos atos e fatos à luz de nosso paradigma, entendendo que, como dizia Gibran na sua obra "O profeta", não diga que encontrou a verdade, e sim uma verdade. Sim, o Espiritismo não é e nunca se propôs a ser estático, a verdade absoluta, mas isso não faz dele uma panaceia que tudo absorve. É preciso estudar e refletir, e não consumir pacotes prontos do que é bom ou ruim, e nisso está a capacidade de sobrevivência do Espiritismo.

Por isso, o espaço do doutrinário ou não doutrinário deve ser substituído, ao meu ver, pelo espaço do razoável ou não, do coerente ou não, ampliando-se discussões, abertos a realidades, para que se enxergue sem medo o que anda por aí, e que pensemos que torcer a cara sem nem saber direito do que se trata, ou abraçamos algo por que o médium "X" disse que é bom, é um raso olhar classificador binário, cabendo-nos entender o que daquilo fere o bom senso, mas respeitando aqueles que encontraram ali a sua verdade, rompendo as barreiras, como um certo francês que se recusou a crer que eram as mesas que falavam.

Afinal, esse é o segredo da convivência pacífica entre ideias, da chamada tolerância religiosa, ou mesmo das discussões ditas como ecumênicas. Entender esse contexto de ideias que surgem e que devem ser analisadas e discutidas, com respeito e humildade. Ideias religiosas, ideias do mundo. No mundo da ciência e do conhecimento, tudo muda, tudo se molda. Por isso, a ideia doutrinária e religiosa se impõe à força,

dilema que o Espiritismo vem romper com uma "*fé raciocinada, capaz de enfrentar a razão em todas as épocas da humanidade*", e isso gera uma constante reavaliação crítica.

Ilustrando essa assustadora possibilidade de mudanças, nos servimos de Thomas Kuhn, um estudioso que vincula a ciência à resolução de problemas em um determinado contexto, do qual emergem verdades em um paradigma, verdades úteis naquele grupo/momento e que podem ser substituídas por outras verdades, diante de situações que surgem. A ciência, para esse autor, se faz em ciclos, nos quais a ciência normal irrompe em crises, revoluções e depois volta a uma nova ciência normal, com o abandono do antigo paradigma e a adoção de um novo, cujos entendimentos sobre conceitos antigos se modificam, não sendo possível interpretar o novo sem uma nova visão, sendo, então, paradigmas incomensuráveis, ou seja, que não se comunicam.

Nesse sentido, uma visão doutrinária hermética e autoritária é um consenso momentâneo de Kuhn, que pode ser minada pela realidade, aquela que não nos pede licença para romper nossos paradigmas e impedir a nossa fossilização, cabendo a nós ter a mente aberta e afiada criticamente para analisar o que surge – mas com o respeito caridoso por outras verdades – e bom senso para ler as forças e os interesses que acompanham cada nova proposição.

Então já posso acender meu incenso na casa espírita ou estudar o levítico nas reuniões doutrinárias, alternado pelo Torá? Bem, o Espiritismo é uma visão de livre consciência, mas a casa espírita é um local de estudo da Doutrina Espírita. O único e especializado local para isso! Nessas casas construímos a relação desse conhecimento espírita com as realidades que se apresentam, respeitando outros saberes e visões, incorporando o que couber à sua lógica, entendendo que aí sempre existem consensos e jogos de força. O que se disse aqui é que estamos distantes de ter uma verdade plena e que

cometemos muitas coisas reprováveis em nome de manutenção destas pretensas verdades.

Por isso estudamos e refletimos, não cuidando de decorar trechos de livros como textos sagrados. Essa é a essência espírita, na qual o conceito vale mais que a letra. Se ficarmos estáticos diante dos conceitos que explicam a realidade, não alcançaremos o saber profundo, buscando discutir filigranas de nosso paradigma vigente e fechados ao que surge na realidade à luz de nossa visão. Precisamos de reflexão, humildade e uma mente aberta, para fazer essa relação tríplice de filosofia, ciência e moral (ética), entendendo que os efeitos são relevantes para que a pureza doutrinária não seja, pela sua dureza, um *revival* de tempos inquisitórios, deturpando a essência do Espiritismo como uma ferramenta filosófica de homens melhores, trabalhando a sua espiritualidade, guiados pela razão e com espírito investigativo.

49. "NÓIS É ESPRITO"

Certa feita, Samuel dirigiu uma peça na casa espírita, na qual interagiam encarnados e desencarnados, e o tom era um tanto cômico, retratando os espíritos como pessoas, com seus conflitos e as suas confusões. Nada diferente do que se vê no cinema todo dia. Tal representação foi objeto de pesadas críticas do grupo dirigente da instituição espírita, alegando que estavam debochando dos guias espirituais, e a peça foi proscrita.

Essa visão sisuda dos espíritos desencarnados, como avatares gélidos, oráculos com voz gutural, acima do bem e do mal, anjos modernos, é comum nas falas e nos textos espíritas. Um certo guiismo, perdoem o neologismo emprestado de outro amigo articulista, mas é uma percepção de uma espiritualidade distante da humanidade, angelical, sem sentimentos, infalível. Santos...

Esse caso fictício narrado, bem como outros que colecionamos no que tange a relação com a prática mediúnica, com o teor das mensagens, a sua pertinência, mostra que temos essa herança dos deuses greco-romanos, do judaico-cristão, bem como do afro, de entidades extracorpóreas que regem as nossas vidas, de forma alheia, superior, e que só podem ser objeto de adoração, jamais de contestação ou ainda, de comédia, posto que estão acima dos espíritos encarnados, os humanos.

Independentemente de onde vem essas ideias em nossa cultura e de como absorvemos isso no Espiritismo, o fato é que Kardec quebrou esse paradigma, e talvez não tenhamos percebido que a doutrina se pauta em outros referenciais, em pressupostos que mudam práticas e escritos decorrentes. Vejamos em alguns trechos da chamada codificação como Kardec se posiciona em relação aos espíritos desencarnados, como na introdução de *O Livro dos Espíritos*: "*O Espiritismo*

no-la mostra preenchida pelos seres de todas as ordens do mundo invisível e estes seres não são mais do que os Espíritos dos homens, nos diferentes graus que levam à perfeição.”, no qual Kardec se posiciona como fará ao longo dos outros livros, em relação a natureza dos espíritos.

Tem-se também o Livro dos Médiuns no seu item 19: “No Espiritismo, a questão dos Espíritos é secundária e consecutiva; não constitui o ponto de partida. Este precisamente o erro em que caem muitos adeptos e que, amiúde, os leva a insucesso com certas pessoas. Não sendo os Espíritos senão as almas dos homens, o verdadeiro ponto de partida é a existência da alma.”, bem como o item 49: “4º Os Espíritos não são seres à parte, dentro da criação, mas as almas dos que hão vivido na Terra, ou em outros mundos, e que despiram o invólucro corpóreo; donde se segue que as almas dos homens são Espíritos encarnados e que nós, morrendo, nos tornamos Espíritos.”

O Que é o Espiritismo, cap. 1: “Todos os Espíritos têm a mesma origem e o mesmo destino; as diferenças que os separam não constituem espécies distintas, mas exprimem diversos graus de adiantamento. Os Espíritos não são perfeitos, porque não são mais do que as almas dos homens, que não atingiram também a perfeição; e, pela mesma razão, os homens não são perfeitos por serem encarnações de Espíritos mais ou menos adiantados. O mundo corporal e o mundo espiritual estão em contínuo revezamento; pela morte do corpo, o mundo corporal fornece seu contingente ao espiritual; pelos nascimentos, este alimenta a humanidade.”

Apenas esses trechos são suficiente para exemplificar a visão de Kardec sobre os espíritos, seres criados por Deus, simples e ignorantes, e que se alternam entre mundos, como encarnados e desencarnados, pelo fenômeno da reencarnação, na busca de crescer e evoluir, sendo a mediunidade apenas a

faculdade de abrir portas entre esses mundos. Mas insistimos em buscar santos de pés de barro...

Sim, buscamos espíritos para saber nosso futuro, resistimos a analisar as comunicações destes (que audácia a nossa), e colocamos estes em um pedestal inatingível e de superioridade, que leva a situações de endeusamento, e até de dependência, na qual a mais simples é a crítica de um roteiro teatral. Queremos guias e não amigos espirituais.

Essa divinização é muito preocupante, em especial no que tange ao uso da razão como guia diante do nebuloso mundo das interações com os desencarnados, e é estranha a ideia essencial do Espiritismo, necessitando uma profunda reflexão (ou uma revolução) de como temos nos posicionado em relação aos espíritos, e a nossa interação com estes, sendo necessário humanizar estas relações.

O título do presente artigo, para fechar a ideia proposta, é oriundo de um vídeo de internet do Canal Amigos da Luz, que de explorando linguagem menos convencionais, tem abordado com seriedade temas espíritas, popularizando estes, e pela sua veia cômica, tem sido objeto de críticas. Um reflexo de como essa negação do paradigma kardequiano traz consequências por vezes inusitadas.

50. O SELO DO ACOLHIMENTO ESPÍRITA

Rosana liga para Adriana e diz: “- Colega, você precisa ir no Centro Espírita Samuel de Jesus, que ando frequentando no bairro da Cachoeirinha. Lá é massa!” “- É mesmo, amiga?” Pergunta a interlocutora. “- Mas, por quê? O que tem de bom lá? É a vibração?”.

Rosana, meio que hesitante, diz: “- Não sei, me sinto bem lá...” Insistindo Adriana. “- Já sei. Lá tem boas palestras? O ambiente é confortável? É bonito, pomposo? O passe é poderoso?”

Com a voz miúda, Rosana fala: “- Não, Adriana, é que lá me senti acolhida.”

Esse fictício, mas possível diálogo, reflete algo que não vai bem. Uma percepção apenas... As casas espíritas deveriam ter um selo de qualidade. Um selo vinculado a sua capacidade de acolhimento. Algo que identificasse e estimulasse as casas espíritas a desenvolver o envolvimento fraterno em relação com os seus frequentadores.

Por óbvio que boas palestras, instalações adequadas, oferta de serviços como evangelização e passe, são todos itens relevantes, mas precisamos de casas espíritas reconhecidas pela sua amorosidade.

Principalmente em casas maiores, nas quais o apego as normas, o malfadado burocratismo, tudo isso gera um ambiente coercitivo, de vigilância, pouco fraterno e com excesso de formalismo.

Vê-se, nesse sentido, pessoas na recepção amargas, enchendo os que chegam de questionamentos, exaltando regras de roupas e de silêncio, lembrando o ambiente da caserna, a feição de uma sentinela.

Da mesma forma, pessoas que chegam com suas questões mediúnicas se veem julgadas e interrogadas, de forma que o atendimento fraterno se converte em um confessionário, com desconfianças mil.

Lidar com o público, que chega e que já está, cada um com a sua visão daquela organização, com seus graus de comprometimento, limitações e demandas, é uma arte. Mas essa dificuldade não pode nos fazer perder a amorosidade, na lembrança de como os discípulos de Jesus serão reconhecidos.

Ordem... disciplina... regras... conceitos que não são absolutos e que devem ser sopesados diante da necessidade de receber bem quem chega e dialogar com quem fica, para que a casa de estudo e aprendizado também seja uma casa de amor e compreensão.

Desse modo, proponho um selo de certificação das casas espíritas, aposto de forma visível na entrada, para que a pessoa que ali chegue saiba que será tratada realmente como um irmão. Um alerta para que não sejamos engolidos por coisas ensimesmadas e esqueçamos que a casa espírita existe para os espíritos, de cá e de lá.

51. OS DESAFIOS DE UMA FÉ RACIOCINADA

Vou começar contando uma história que me contaram recentemente... Em uma juventude espírita, certo dia surgiu um jovem com alto grau de ceticismo, e no meio do estudo ele começou a questionar os pilares da doutrina – Deus, imortalidade, reencarnação, mediunidade – com argumentos sólidos e bem construídos, de quem sabia do que estava falando.

A dirigente da Juventude, em uma demonstração de sagacidade, ao invés de reprimir o jovem “quizumbeiro”, deixou o barco correr para ver como os jovens iam se portar. Os jovens titubearam, e na argumentação não lograram sustentar as suas convicções frente a tantos questionamentos de interlocutor tão assertivo.

Obviamente, o menino cético sumiu na semana seguinte e a dirigente aproveitou, pelo princípio da oportunidade, o ocorrido de forma construtiva e na próxima aula trouxe a temática da fé raciocinada, em rica discussão que provocou os jovens.

Parabenizando essa lúcida orientadora de juventude, temos que esse caso nos leva a uma profunda reflexão... Como estamos construindo a nossa fé raciocinada? Estamos nos pautando pela lógica, pela pesquisa, pela reflexão e pelo estudo? Estamos construindo uma fé sólida, que convive com a razão e com a dúvida, ou nos acomodamos na postura do que é assim por que está escrito na pergunta tal de O livro dos espíritos?

A via das simplificações, dos livros sagrados, da pasteurização, dos resumos e superficialidades não resiste a uma ventania mais forte, como no exemplo de Jesus da casa construída na areia, ou ainda, no exemplo concreto trazido aqui, que é uma replicação do que passamos todos os dias na

rua, no trabalho, diante dos jornais, nos quais a nossa convicção é posta à prova, não em um sentido do "eu acredito", mas sim do "eu faço".

Kardec, ao falar no "Evangelho Segundo o Espiritismo" da fé raciocinada, traz um trecho magistral quando diz: *"A fé raciocinada, aquela que se apoia nos fatos e na lógica, é clara, não deixa atrás de si nenhuma dúvida. Acredita-se porque se tem a certeza, e só se tem a certeza quando se compreendeu. Eis porque não se dobra, pois somente é inabalável a fé que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da Humanidade."*

Situação que ele exemplifica em vários momentos da origem do Espiritismo, em especial nos célebres debates com o cético e com o crítico, na obra "O que é o Espiritismo", nos quais Kardec sustenta com argumentos e fatos suas convicções, situação que fazemos hoje em melhor posição, pois no que tange a fenomenologia, por exemplo, avançou-se muito nos estudos sobre diversas situações que corroboram os postulados espíritas.

Note, estimado leitor, que não falamos aqui em se envolver em uma cruzada de tertúlias filosóficas na escola e no trabalho tentando angariar adeptos para as fileiras espíritas pela argumentação, em exercícios de maiêutica. Essa construção de convicção é para nós mesmos, para sustentar nossa fé e nossos exemplos, em especial nos momentos difíceis, e muito fáceis, que abalam a nossa fé, por ela confrontar a nossa conduta. Fé cega é uma faca amolada, já dizia o compositor Milton Nascimento!

E para construir essa convicção sólida, não vejo outro caminho que não o estudo disciplinado, a discussão em grupos, a luz de textos consistentes, em especial das chamadas obras básicas, ilustrado por outras obras respeitáveis, relacionando essas ideias ao cotidiano, por

exemplos concretos, na articulação de teses e antíteses que constroem sínteses.

Um caminho longo, mas árduo, que sedimenta o conhecimento espírita, fugindo da sedução de visões simplistas, abordagens superficiais, resumos, palestras, romances, em conteúdos soltos e frágeis que uma vontade mais determinada, ou um problema mais sério, derrubam como uma árvore podre na ventania.

A fé raciocinada é um grande desafio proposto pelo Espiritismo, e nos vacina de males antigos, como o fanatismo, o desânimo e a exploração religiosa. Ilumina a prática do bem, a ação mediúcnica, sobrepondo a quantidade pela qualidade. Espíritas convictos, trabalhadores coerentes!

Fugir disso é o dogma, o conteudismo, o formalismo, e já assistimos esse filme e já sabemos como ele vai terminar... Depois, nos restará o espanto diante de práticas estranhas, a importação de paradigmas, de causas, o assistencialismo, e as curiosas tentativas de se padronizar corações e mentes, ideias essas que ferem o cerne do Espiritismo.

A trinca de atividades estudo-mediunidade-caridade, presente nas casas espíritas, são todas fontes de conhecimento, são todas estudos-ação, pela reflexão e pela mudança de disposições íntimas que elas proporcionam. Tudo é estudo, em tudo se aprende! Mas o estudo tem a propriedade de fazer o “visgo” que relaciona no plano mental essas reflexões.

Como os jovens da história, terminamos pensativos sobre a fé raciocinada, nos perguntando em que base andam assentadas as nossas crenças, e que devemos refletir sobre esse conceito trazido por Kardec, de uma fé adjetivada da luz da razão, que a robustece em todas as épocas de nossa existência como encarnados.

52. TOLERÂNCIA É UMA PALAVRA FEIA

Tolerância é uma palavra feia... Lembra algo do tipo “*aceito por que não tem jeito, né?*”. Prefiro a palavra respeito, que lembra convivência pacífica e compreensão da pluralidade, como é a nossa sociedade, de pessoas, povos e ideias diferentes. Basta olharmos o mundo e a história dos homens encarnados e veremos isso. Jesus, em sua mensagem, pregava o amor, o sentimento mais universalizante possível, pois é acessível a todos em todas as eras, sem segregações.

De forma depressiva termina o mês de janeiro de 2016, pleno Século XXI, com o homem pensando em colonizar Marte, pois presenciamos no Jornal o incêndio com indícios criminosos em mais uma Casa espírita, agora em uma área carente de Sobradinho, na Capital federal. Não se trata de fato isolado, com reportes de ocorrências recentes, envolvendo espíritas e nossos irmãos de cultos afro-brasileiros, relembrando os tempos pouco democráticos na história de nosso país, na qual espíritas tinham suas reuniões monitoradas e eram fichados na polícia. Me pergunto se alguém acha que numericamente ou ideologicamente pertencemos, como espíritas, a crença hegemônica? Kardec foi um contestador de paradigmas vigentes!

Não alimentemos essa doce ilusão. Da caixinha que sai essa chamada intolerância religiosa, brotam as agressões de cunho racial, a violência por conta de orientação sexual, os linchamentos, a invisibilidade dos deficientes, os preconceitos de classe social, as piadas de aparência, o antissemitismo e toda sorte de manifestações que nos afastam do sentimento humanista e de fraternidade universal, que anda ladeado com a ideia de pluralidade e respeito. Mais que tolerar, respeitar é um ato de amor.

Para entender esse cenário, precisamos mergulhar no pandemônio em que nos vemos inseridos atualmente. Vivemos

em um período recente de pluralização do acesso a informação e mais, dos produtores de conteúdo, em um mundo que viveu algumas décadas de relativa estabilidade e de acréscimo de consumo as vidas cotidianas, após as tensões de conflitos e da guerra fria. No início de 2010, com acenos de crises mundiais e arranjos geopolíticos, o mundo começou a se agitar de novo, como épocas que havíamos esquecido.

Essa agitação, seguida de em um clima de liberdade no chamado pós-modernismo, no qual crenças e hábitos são rapidamente desconstituídos, em um mundo que se torna irreconhecível em menos de uma geração, gerou nas pessoas o medo, um pai zeloso do ódio. Surgem agitações, ao som de pandeiros, na busca por direitos, na contestação frente as dificuldades e problemas, como é habitual da vida política e toda essa agitação movimenta energias, de cá e de lá, causando choques, bandeiras e manipulação, em jogos de manutenção de poder, de luta por mudanças, apimentado pela falta de confiança no homem, santo de pés de barro que vê seu lado pior mostrado nos shows dos telejornais.

Nesse contexto, de medo e de desconfiança, emerge da carteira das soluções imediatas movimentos ligados a chamada pauta conservadora, na qual essa profusão anterior de mudanças e quebra de paradigmas é vista como ofensa e causa da ordem estabelecida, personificando grupos e pessoas como causa de nossas mazelas, de um mundo que adolece e não se entende em conflito. Daí, materializam-se cenas de ódio e agressão no cotidiano, temperado pela facilidade das chamadas redes sociais, em ações orquestradas e conexas, ainda que oriundas de diferentes agentes.

Confundimos meritocracia com falta de compaixão, justiça com ódio, diferenças com ofensa, colhendo as fraturas da globalização que foi mais econômica do que cultural. Com isso abrem-se caixas de pandora, que espalham a loucura em nossas manchetes, com a paranoia e a síndrome de

perseguição alimentando relações desumanizadas, em explosões de ódio, tiros e surras.

Por isso, não nos espantemos de agressão a grupos de religiões minoritárias como a nossa. Não fiquemos estarecidos por esse sentimento antipan-religioso que domina as pessoas, pois dentro desse contexto, é plenamente explicável o que está acontecendo. É tudo uma decorrência de uma grande agitação, desse grande pandemônio, que não se restringe ao Brasil e que vem sendo gestado por força de nossas imperfeições e de interesses de toda natureza.

O falso moralismo, a hipocrisia, a forma sobre o conteúdo, o burocratismo, a opressão, a busca do discurso em relação a ação, apresentam-se todos esses como porto seguro diante desse mundo em mudança acentuada e visível. Buscamos um inimigo, um Lúcifer para descarregar nossas mazelas de espírito encarnado, como um narciso cego, que se admira e se oculta e que rechaça tudo aquilo que é diferente ou que não entende.

Diante dessa agitação, dessas guerras santas, vale lembrar a lição evangélica da outra face, e do amor que cobre a multidão de pecados. Insta a nós espíritas não jogarmos mais querosene nesse incêndio, personificando situações na multiplicação do ódio. Para curar o ódio, só o amor, e seus irmãos, o respeito e a compreensão.

Nos pautamos por um pedagogo que teve seus livros queimados e por um crucificado, e como espíritas já fomos xingados, objeto de piadas e somente em tempos recentes passamos a ser vistos com outros olhos nas falas, figurando em telenovelas com destaque. Não caímos nas balelas de coisas sagradas ou povos eleitos, pois como disse Léon Denis, o Espiritismo será a religião do futuro ou o futuro das religiões, ou seja, influenciaremos positivamente a religião e para isso não precisamos entrar em disputas por espaços políticos ou na sanha de obter adeptos pelo proselitismo.

Esse frenesi deve ser olhado por espíritas como espíritas, com a nossa fé raciocinada, percebendo que postura nos é demandada nesse momento. Queremos o incentivo a intolerância ou o cultivo, de forma integral em nossa vida, ao respeito? A religião, na sua prática atual, necessita dar as mãos ao humanismo.

53. UMA ESTRATÉGIA, DIRIA EQUIVOCADA, NO TRATO DA QUESTÃO DA DEFESA DA VIDA

Navegando no mar revolto das redes sociais, observando eventos e narrativas no âmbito do movimento espírita, percebe-se que, no tocante à chamada defesa da vida, em sentido diverso da década de 90, debandamos de forma majoritária, como grupo religioso, para uma estratégia de atuação nessa questão pela via do debate político-legislativo, acompanhando projetos de lei, pressionando políticos, fazendo marchas, abaixo-assinados, tuitaços, panfletos e campanhas às portas da eleição, preocupados com ameaças às leis que existem, ou outras novas que floresçam sobre o tema. Pouco usual nas fileiras espíritas, mas é um caminho de se tratar essas questões...

É o que se vê por aí, via de regra, e tem sido, como se defenderá aqui, uma estratégia que pode ser sujeita a equívocos. Como no dito gaúcho, percebe-se que é “muita tosa e pouca lã”, atrelando a trincheira espírita nesse assunto a outros movimentos e jogos de força que se perdem por vezes em discussões estéreis, longe do mundo real das pessoas, suas dores e seus conflitos.

Cabe a reflexão do porquê essa linha político-legislativa é carente de efetividade.

O Código Penal de 1940 proíbe o aborto, com exceções, e o debate vai e vem, com discussões de interpretação dessa norma, como a atual no Supremo Tribunal Federal, à luz da Constituição Federal. Mas essa antiga vedação na Lei não tem se correlacionado com as estatísticas, e não tem impedido clínicas clandestinas, aborteiras e a realidade do “rica paga e pobre morre”, com uma visão da questão totalmente focada na mulher e na sua responsabilização, simplificando o problema a uma decisão de um agente somente.

Curiosamente, buscando dissociar o inseparável, essa discussão não se comunica com a intolerância à educação sexual nos currículos escolares, a campanhas de planejamento familiar e de uso de preservativos, ao fato do sexo ainda ser tratado como um tabu, carregado de preconceitos e vieses, não conseguindo materializar o ideal de laicidade da escola, necessária a uma sociedade democrática.

No campo espírita, nossos saberes nos mostram a importância da vivência da sexualidade com responsabilidade, e ainda, a relevância do processo de encarnação, de formação de uma vida pelo aspecto espiritual e de como isso vincula pais, mães e outros envolvidos, com o potencial de romper essa visão que joga na mulher todo o ônus dessa questão.

Em relação às chamadas drogas, algumas proibidas legalmente, outras estimuladas em fartas campanhas publicitárias, apesar de serem em parte proscritas por normas formais e informais, esse regramento não tem impedido um cenário de pontos de venda ao ar livre, corrupção dos órgãos repressores, deficiências de políticas públicas que tratem do dependente, e ainda, restrições sem fundamento ao uso medicinal destas.

Nas ditas drogas legais, o que se apresenta como efeito são acidentes automobilísticos, doenças crônicas, violência doméstica e uma gama de ocorrências associadas, que não as distinguem das demonizadas drogas ilícitas, ainda que na prática ambas figurem na realidade sem grandes problemas, dada a tolerância da população e a ineficiência dos mecanismos repressivos.

O Espiritismo, por trabalhar o respeito ao corpo, pela visão do perispírito e da reencarnação, e por tratar as discussões da lei de causa e efeito, pode ajudar a entender o quão prejudicial é o uso de substâncias que afetam a saúde corporal e espiritual, mostrando que além de trazerem prejuízos a vida social do espírito encarnado, afetam suas encarnações

vindouras. Substâncias em um sentido amplo, não apenas as previstas na legislação.

Por fim, a chamada pena de morte só é prevista legalmente no Brasil em caso de conflito armado, mas isso não tem inibido a ocorrência de linchamentos, autos de resistência, condenação de criminosos pelos seus pares nas comunidades, juntamente com a apologia explícita a execuções de diversas ordens como solução das mazelas da política de segurança pública.

Desde O Livro dos Espíritos, e outras obras subsequentes, esse tema comparece na discussão espírita, indicando a reencarnação como um elemento ressignificador da justiça e apresentando o perdão e a educação como saídas dos problemas da humanidade, enxergando pela ótica espírita as causas e contextos do crime e que dar asas aos anseios do cérebro reptiliano não resolve os problemas sociais.

Tomando-se apenas esses três mais emblemáticos pontos[1]: o aborto, as drogas e a pena de morte, percebe-se que a abordagem político-legislativa do tema pode nos conduzir a pouca efetividade, tendo como externalidade as tensões do extremismo atual, incisivo apenas no discurso, e pior, resgatando o conservadorismo alienado que em outras denominações religiosas não deu certo, podendo induzir a ideia de que essas coisas acontecem somente fora da porta das casas espíritas, cabendo a nós a cruzada moralizadora de levar essa mensagem ao resto da humanidade, utilizando para isso o caminho da política partidária. Caminho perigoso...

Temos na Doutrina Espírita elementos para que nós sustentemos a nossa prática em defesa da vida, por meio do exemplo que arrasta, fugindo ao cômodo debate de posições políticas, que deságua essa questão sobre uma legislação que já existe, mas que as estatísticas formais e informais, aliada aos noticiários, insistem em informar que algo não está certo, e que posturas apenas superficiais, de posições aferradas em

polêmicas de redes sociais, não nos permitem chegar ao âmago dessas questões, ao “coringa do baralho”. Talvez estejamos com uma estratégia equivocada...

O que leva uma pessoa a abortar? Por que as pessoas buscam a fuga das drogas? Por que a morte cruel é vista como instrumento de promoção da justiça? As respostas são complexas, profundas, e por vezes indigestas, mas podem nortear uma estratégia de luta pela vida mais plausível e mais afinada com a realidade, que traga mais resultados, longe dos holofotes e dos palanques.

O aborto surge de várias situações, das quais podemos enumerar a irresponsabilidade do uso da função sexual, mas também por conta da pressão social, da vergonha, da ilusão de promessas não realizadas, da ausência de planejamento familiar, bem como da falta de esclarecimento e até pela via de questões culturais.

As drogas emergem do culto ao prazer, do acesso a tecnologias químicas com a promessa de dar um sentido à existência, da busca de transcender esse cotidiano alienado da vida moderna, da fuga de problemas e frustrações, mas também com forte componente cultural e de aceitação social, em especial na adolescência.

O justicamento pelo assassinato é oriundo de um momento de valorização de extremismos, da falta de confiança nas políticas públicas, de decepção com o ser humano, de busca de respostas simples para problemas complexos, de forma a aplacar o ódio imediatista das pessoas, diante da profusão de comunicação que nos brinda dia a dia com desastres sociais e com lados menos conhecidos da natureza humana.

Como se vê, nossos “alvos” na verdade são consequências de coisas maiores, de questões do espírito e da sua vida em sociedade, de dilemas filosóficos e psicológicos que não encontrarão sua solução malhando no ferro frio de leis (que já

existem) e sim na atuação sobre a dimensão humana, fonte e origem desses males, com o que contribui muito o Espiritismo com a palestra e o livro, mais frios, mas também com o calor do atendimento fraterno, da boa conversa e do trabalho assistencial junto aos que sofrem. Velhos instrumentos que não podem ser abandonados!

Se a busca é por efetividade e não por discurso, tem-se na Doutrina Espírita elementos que subsidiam com tranquilidade a atuação nessa linha, junto ao nosso público, deixando essa e outras bandeiras legislativas, algumas ignoradas, para seu campo próprio, como cidadãos, pois o momento exige não os holofotes dos macrodebates, que escondem sepulcros caiados, mas sim a força da atuação nos espaços micro, de grande resultado, como dizia Jesus na fala da ovelha perdida.

[1] Lamentavelmente, o tema da defesa da vida focou recentemente na questão do aborto com grande ênfase, e pouco se fala nas discussões de Pena de Morte, Suicídio e Eutanásia, embora essas questões continuem presentes no cotidiano da sociedade, e em ascensão.

54. VIRTUS IN MEDIUM EST

Ainda que o livro bíblico do Apocalipse assevere: “Assim, porque és morno, nem frio nem quente, estou para te vomitar de minha boca”, fico com a sabedoria de Aristóteles, que afirma que a virtude está no meio, consoante com outro grande sábio da humanidade, Sidarta Gautama, que pregava na mesma linha.

O fato é que os extremos, em tempos extremos, e de radicalismo a saltar aos olhos, são facas afiadas, e faz-se necessário ouvir o convite da temperança, do comedimento, a busca de um equilíbrio, que seja razoável, e, de forma alguma, omissos. Inclusive nas questões mais filosóficas!

O Espiritismo, atualmente, também tem suas tensões, orbitando entre extremos. E são essas tensões que exploraremos nesse breve artigo, visando trazer alguma reflexão sobre a nossa necessidade de equilíbrio, inclusive no trato das questões mais espiritualizadas.

Ordem e participação: Falamos muito de disciplina, de obedecer, de seguir na casa espírita uma ordem, e quem assim não procede é criticado. Por vezes são ordens oriundas supostamente dos próprios Espíritos mentores da casa, e que não podem ser desrespeitadas. Mesclamos disciplina com autodisciplina e buscamos padronizações, formatações, desprezando a essência.

Mas a participação, a opinião dos frequentadores, trabalhadores, assistidos ou sei lá que título transitório a pessoa ostente, é fundamental, como feedback, como mecanismo de pertencimento e como filtro para sopesar verdades únicas e inabaláveis. Afinal, o método de Kardec da universalização das comunicações, tinha uma matriz bem democrática.

Material e espiritual: Ouvimos pessoas se dizendo espiritualizadas e, a partir dali, desprezam as questões materiais, os problemas sociais, as angústias do ser humano, se colocando acima do mundo material, tido como inferior, pensando apenas na sua vida após a morte, invocando o velho idealismo filosófico.

Esquecem-se de que estamos aqui encarnados com um propósito e que o instrumento de progresso da divindade é também o próprio ser humano encarnado. Não adianta ser um bom espírita e não buscar ser melhor como cidadão, como profissional, como pai, e toda essa sorte de coisas "mundanas", que nos serão cobradas pela nossa consciência quando do nosso desencarne. A vida terrena é oportunidade.

Determinismo e livre-arbítrio: A liberdade não é uma grandeza absoluta, em especial, no nosso nível, como Espíritos encarnados, mas oscilamos, na variância da expressão "o meio influencia, mas não determina", entre máximos compromissos reencarnatórios planejados e responsabilizações por questões da vida encarnada, quase em um revival do conceito de Karma.

Somos livres, mas somos limitados. Somos livres, mas somos jovens, espiritualmente. Temos opções, mas estas se constroem com o que se apresenta. Temos compromissos, mas eles nos escravizam em certa medida, permitindo-nos construir soluções alternativas. Profecias, oráculos e similares só veem do alto da montanha, mas os caminhos são vários, como já ensinava Kardec.

Razão e intuição: Uma parte de nosso ser calcula, pesa, pondera para decidir. Isso é bom, mas lento. Outra parte age de forma impulsiva, mediante informações incompletas. São lados de nossos cérebros, são aspectos de nossa personalidade.

Os Espíritos trazem as asas da razão e da emoção como grandezas que se equilibram. Polos masculinos e femininos no saudoso Dr. Jorge Andréa. Anima e Animus, somos um ser binário, não só no espírito e matéria, mas nessas potencialidades que precisam ser combinadas na medida certa.

Individual e coletivo: Ouvimos nas falas espíritas, na alegoria do quebra-cabeça que o menino monta e no verso tem a imagem de um homem, que precisamos nos melhorar e assim melhoramos o mundo. Uma visão extrema que, se interpretada de certa forma, nos joga no frio casulo de nossa individualidade ermitã.

A evolução é uma questão individual, mas só tem sentido no coletivo. Por isso, encarnamos em uma família, em uma sociedade, em um planeta e crescemos nessa interação com o nosso próximo, um elemento lembrado como de extrema relevância por Jesus.

Como se vê, as posturas extremas são ruins, e no cotidiano é que vamos construindo esse equilíbrio, entendendo, com muita humildade, que estamos ainda no alvorecer de um novo dia e que temos muito, muito ainda a aprender, e que adotar extremismos pode ser se encapsular, de forma tão omissa quanto quem não se posiciona.

55. FÉ RACIOCINADA, UM TANTO *DEMODÉ*, MAS TÃO NECESSÁRIA

O Livro dos Médiuns, de Allan Kardec (Item 253/Cap. XXIII), narra de forma incidental a história de um agricultor que padece com problemas no seu rebanho havia doze anos, e que para a solução buscou mandar rezar missas, fez novenas, buscou exorcismos e ao buscar Kardec, obteve deste uma orientação, oriunda dos espíritos, de forma que o problema era que o gado estava infectado, pois o homem economizava nas medidas preventivas necessárias.

Esse remoto fato não é muito distante do momento atual que passamos. Basta ligar a televisão, e ver que a racionalidade, e no caso especial a sua derivação trazida por Kardec – a fé raciocinada –, anda em baixa no mercado, no qual pululam soluções mágicas para questões complexas, soluções essas por vezes truculentas, perdidas em guerras de narrativas.

Essas breves linhas visam adentrar no complexo universo da fé raciocinada na seara espírita e apresenta uma singela tese de pôr que estamos com esse conceito tão desprestigiado, e que ele pode ser um dos caminhos para superação de nossos conflitos.

1 A racionalidade

A racionalidade é uma forma de se interpretar a realidade, e vem amadurecendo no decorrer da história da humanidade, com impulsos trazidos por diversos pensadores, como Descartes, Hume, Hegel e outros, em uma forma de contrapor a outras formas de interpretação, como a religiosidade, e é inconteste que o avanço dessa racionalidade permitiu a civilização superar doenças e problemas outros que tornavam a vida humana de menor qualidade.

Em uma visão mais psicológica, Gardner⁴ no estudo da obra dos psicólogos Paul Slovic (1938-) e Daniel Kahneman (1934-), esse último laureado com o Nobel de Economia em 2002, indica que a nossa mente funciona com dois sistemas.

Um que chamaremos de Razão, que é mais lento, e examina evidências, calcula e pondera, trabalha com o tempo e com causas, consequências e riscos. Tem suas motivações possíveis de serem traduzidas em palavras.

Um segundo, que chamaremos de sentimento, tem percepção rápida, mesclada de medo, de pressentimento e de intuição, e motiva a ação por impulso, não sendo possível traduzir essas motivações em palavras. Um mecanismo de defesa em situações que não se pode pensar, e se precisa agir.

O segundo foi muito útil em nossa trajetória, e ainda é. Ele não explica, simplifica, se relacionando com a ideia de instinto, presente em O Livro dos espíritos, como uma espécie de inteligência para conservação, mas também com a ideia de pensamento mágico.

O pensamento mágico se apresenta por mitos e contos de fadas, como uma forma de dar explicações rápidas para situações apresentadas, nos permitindo ficar seguros⁵ em nosso mundo interior. Assim, explica-se as trovoadas como São Pedro arrumando os móveis, ou se utiliza a história de João e Maria para se apreender a crueldade do mundo, em exemplos de formas de mediar a realidade de acordo com nosso estágio evolutivo.

4 GARDNER, Dan. **Risco**: A ciência política do medo. Rio de Janeiro: Odisseia, 2009.

5 BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

Essa visão mágica, direta e intuitiva, foi ao longo da história humana sendo acrescida de uma dimensão racional, que explica, compara, pondera e critica. Que não se contenta com essa explicação superficial e busca se aprofundar, na raiz, nas forças que levam aquele fenômeno.

Hoje em dia, em que pese a tecnologia, e suas maravilhas a olhos vistos, curiosamente temos sinais de que essa racionalidade anda meio em baixa, por movimentos terraplanistas, negação de vacinas, messianismos e polarizações, que simplificam o complexo, e fazem as decisões apartadas da realidade, e o movimento espírita não está longe desse contexto.

2 - A fé raciocinada

A princípio a ideia de uma fé raciocinada parece contraditória, dado que a fé visa suprir as lacunas, sendo um sentimento interior, misterioso e inexplicável, certamente residente no sistema "sentimento" do cérebro.

Nesse sentido, Kardec, ao trazer essa ideia, diferencia em O Evangelho segundo o Espiritismo a fé sentimento, confiança na realização de algo, da fé como crença em dogmas particulares, e daí, nesse sentido, ele adjetiva uma fé de cega, pautada em ilusões, isolando o indivíduo da realidade, de uma fé raciocinada, que teria um caráter libertador, por se valer da força da razão, como mecanismo de interpretação da realidade.

Mas por que algo sintonizado com a realidade tem sido tão mal cotado em nossas fileiras? É fato, é muito mais oneroso aplicar métodos as novas verdades, em relação a um caminho mais simplista. Assim como as verdades se vinculam a autoridades e questionar fere poderes, coisas postas, hábitos e seguranças ao qual as pessoas se agarram.

Mas pode-se dizer que o contexto externo, de confronto da racionalidade, dela se tornar um tanto *demodé*, também afeta

ao nosso singelo movimento, que oferta explicações complexas para situações que queremos simples, como um produto semipronto adquirido no supermercado, e que basta colocar no forno micro-ondas.

Não digo que necessitamos abandonar a dimensão simbólica, natural do ser humano (valei-me Carl Gustav Jung), ou mesmo que se proscruva a intuição, mas o que está acontecendo é o oposto, tratando-se da redução da racionalidade como caminho, esquecendo-se, no caso espírita, que essa é uma marca indelével de nossa filosofia, sendo uma bússola que nos orienta e protege.

3 - Assustados, fugimos da realidade.

Vivemos uma época de profusão de tecnologia, o que trouxe uma aproximação das pessoas, na ideia da Aldeia Global⁶, e na velocidade de um raio temos acesso ao mundo que alguém se dispõe a nos mostrar. Caem os véus, e isso desnuda a realidade e permite a sua manipulação. Temos mais acesso ao saber, mas isso também causa ansiedade e medo.

Um tempo pós-moderno, no qual tudo se transforma, tudo é um vir-a-ser e isso abala rumos e pressupostos, o que gera perplexidade, medo e abala a confiança, nas estruturas e nas pessoas. Recebemos coisas prontas, mas que não são confiáveis.

Hoje, com a revolução tecnológica invadindo cada espaço, a informação percorre milhas em segundos e o saber que vinha

6 Aldeia global é um termo criado pelo filósofo canadense Herbert Marshall McLuhan. Ele tinha o objetivo de indicar que as novas tecnologias eletrônicas tendem a encurtar distâncias e o progresso tecnológico tende a reduzir todo o planeta à mesma situação que ocorre em uma aldeia: um mundo em que todos estariam, de certa forma, interligados, conforme https://pt.wikipedia.org/wiki/Aldeia_Global

de longe, de boca em boca, perde a sua importância, fazendo com que os fatos já nos cheguem acompanhados da sua explicação. As informações surgem novas a cada segundo, sobre os mais diversos pontos, onde o valor maior desta é a sua estranheza, novidade ou violência. *“É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável. A faculdade de intercambiar experiências”*⁷

Nesse complexo turbilhão de forças e informações, queremos o pensamento mágico, simplificador, que nos trará a paz pelas narrativas heroicas, explicações fantasiosas, que nos abrigam diante da realidade que não damos conta, como crianças assustadas, que precisam de contos de fadas mediadores, ou de indígenas diante da grandeza de uma tempestade.

Aí, destrona-se a racionalidade, abandonando a essência, na busca da aparência, esquecidos que os avanços se dão na realidade, Fugas pelas drogas, pela fantasia, pelo fanatismo, pela idolatria. Fuga de um mundo que quando já entendemos, ele muda.

Conclusão:

O que o Espiritismo vem sofrendo com o enfraquecimento da racionalidade pode ter relação com o contexto mundial em que vivemos, de extremismos, de baixa confiança, de aversão a se adentrar na raiz das coisas, quebrando as ilusões.

A fé raciocinada se faz necessária. Mais do que nunca. Como forma de interpretar o mundo e trazer o equilíbrio concreto, na essência das coisas, como método de separação do joio do trigo, como orientação diante desse mundo

7 BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ciclópico. Junto da fé raciocinada, vem o diálogo, o respeito, a temperança.

O pensamento mágico tem seu papel, e já teve a sua predominância, mas para aplacar o medo nessa escura caverna platônica em que nos aninhamos, nos cabe largar o espetáculo de sombras e caminhar no sentido de ver o belo dia que desponta lá fora. E o sol é radiante!

56. PINCELADAS SOBRE ASSISTÊNCIA E PROMOÇÃO SOCIAL ESPÍRITA

Esse singelo artigo busca trazer algumas ponderações, breves reflexões sobre a prática em nossas casas espíritas da chamada assistência e promoção social, como um dos pilares presentes em nosso movimento e que precisa ser pontuado, para ser fortalecida, dado que é fonte de progresso e crescimento, sendo palco de momentos de alegria e de emoção, que nos fazem mudar como pessoas, como espíritos.

Essas atividades de cunho assistencial estão inseridas na cultura de nossas casas, e constituem formas sistemáticas, organizadas, de realização do bem, para permitir, por um lado, esse exercício pelas pessoas da casa, mas também para atender aos que necessitam, não se limitando apenas aos nossos irmãos mais vulneráveis economicamente, mas sim a todos que padecem de sofrimentos, de toda ordem, e que podem encontrar na casa espírita: o pão, a palavra, o abraço e o conforto.

Não se trata de apenas doar coisas a esmo. O amparo material é fundamental, posto que essa carência pode estar no eixo difusor do sofrimento de quem chega, mas trata-se também de um projeto de crescimento, de espaços de convivência, de auxílio mútuo, nos quais se adentra mais profundamente nas questões, e onde crescem os ditos trabalhadores e os chamados assistidos, como espíritos na romagem terrestre e que precisam, nessa troca, avançar, na bilateralidade da caridade, que ajuda quem acha que dá, e quem pensa que só recebe.

Os governos, nos seus diversos níveis, tem as suas políticas sociais, com seu corpo técnico, suas estruturas, e a casa espírita não visa pela assistência e promoção social espírita concorrer com essas ações, mas sim, dentro do possível,

agregar, compondo as redes assistenciais como forma de coordenação e otimização desses esforços, mas entendendo que o nosso trabalho transcende essa função do benefício, envolvendo suporte espiritual, mas que não implica em proselitismo.

Aí nos defrontamos com uma primeira questão. Como conciliar nossos trabalhos, que atendem irmãos de várias crenças, e a nossa natureza religiosa. O proselitismo não deve ser o fim, e nem a moeda de troca nesses trabalhos, e eles devem se destinar aos que dele necessitam, independente da crença, e a palestra, o estudo, em que pese devam trazer a força da filosofia espírita e do saber evangélico, devem respeitar o pensar dissonante, sendo focados na emancipação, no aspecto humanístico, no resgate da esperança e não em convencer pessoas em pontos específicos da doutrina, em ações dissociadas do contexto daquele trabalho e do espírito que está ali.

Da mesma forma, o trabalho no bem na casa espírita, como oportunidade, não pode ser terceirizado, substituído por funcionários, sob a justificativa de eficiência, dado que o seu resultado não se mede apenas por números de bolsas ou atendimentos, e sim pelo envolvimento das pessoas da casa, pelo aumento de seu desprendimento, do amor em seus corações, frutos de ações que não cabem a delegação, posto que os efeitos se fazem de coração para coração.

A relação com políticos, e com recursos públicos, é também uma questão recorrente, e vem à tona que a relação com esses recursos não só fere a laicidade do Estado em um aspecto, como coloca os trabalhos dependentes de financiamentos públicos, por vezes sujeito ao sabor do resultado das eleições, em que pese se reconheça que na prática temos um sem número de creches e hospitais ligados a casas espíritas e que são objeto de verbas governamentais, além de doações privadas, e em todos esses casos, é

mandatória a transparência na aplicação dos recursos, o respeito as finalidades, aos preços praticados, e a adequada e formal prestação de contas, constituindo orientações seguras para o cotidiano.

Trabalhos são feitos por pessoas, mas a promoção que se busca é do desvalido, e não dos seus dirigentes. Em um país de raiz patrimonialista e autoritária como o nosso, a tentação do trampolim, da evidência, do personalismo, além de criar dependência, centralização excessiva, com o tempo afeta a sustentabilidade dos trabalhos, por trazer desvios de finalidade da coletividade para a personalidade, que vira um personagem, no pouco emancipatório modelo dos "meus pobres".

Um outro fantasma que nos assola nessa prática é o medo do assistencialismo, ou seja, do bem que causa dependência, na famosa metáfora da vara e do peixe. Quanto se deixou de fazer por esse medo! Todo trabalho dessa natureza é um pouco de peixe, é um pouco de vara, mas é importante entender que o tempo da assistência é diferente, pois tratam-se de problemas de raízes profundas, que passam do material, pelo espiritual e pelo psicológico, e por vezes é preciso dar muito peixe até que a mão se anime a aprender a pescar.

Uma outra palavra que anda pelos trabalhos é o conceito de meritocracia, na qual pelo seu lado positivo traz a sabedoria do *"ajuda-te que o céu te ajudará"*, favorecendo o envolvimento na assistência, que cada um faça sua parte e se emancipe, sem perder a dignidade, bem exemplificada no bazar que vende peças a roupas irrisórias, para simbolizar a conquista, ou no auxílio na limpeza após o dia de sopa, tratando o irmão como alguém que pode colaborar, reduzindo a nossa tendência a enxergar neste apenas oportunismo.

Mas a meritocracia pode ter um lado funesto, no sentimento vil de controle, na qual entendemos, erroneamente, que o trabalho é para controlar pessoas, e focamos na prestação de contas de quantias pequenas doadas,

com documentos que pouco impedem o engodo, mas prezando a sensação de aplicação correta dos recursos, que pela sua centralidade, nos faz esquecer o que estamos fazendo ali, para além de um frio dever cumprido, ou de gráficos no mural da casa espíritas com número de atendimentos, esquecendo de enxergar os avanços reais, por vezes de difícil mensuração.

Nos tempos atuais, com tristeza percebemos também que essa pauta míngua, andando desaparecida de artigos, livros e palestras, com trabalhadores envelhecidos, sendo substituída essa vertente por outras ordens de atividades cuja interação humana é menos preponderante. Vê-se, com igual tristeza, produtos de cunho doutrinário, eventos, e outros que geram recursos financeiros e que não tem a sua destinação, mesmo que parcial, para trabalhos de assistência e promoção social espírita, o que gera um movimento espírita ensimesmado, descolado do mundo real.

A assistência e a promoção social espírita são viabilizadoras do amor, que nos invade nessas gratificantes atividades, que tiram a prática do bem dos púlpitos das palestras e das orientações na mesa mediúnica e trazem esta para o plano encarnado, envolvendo na sua ação os dois planos da vida, sendo um hábito a ser cultivado no jovem e na criança, e um compromisso para o adulto, para que ali ele exercite seu coração nessa vida cíclica, sendo melhor a cada dia, o que não se dá por mágica.

57. A BENÇÃO DE UMA FAMÍLIA ESTRUTURADA

Sejamos sinceros... Isso é fato. Quando somos adolescentes, a tendência é querermos dar um “chega pra lá” na nossa família. É o pai que achamos antiquado, a mãe que pensamos chata, o irmão mais velho que pega no nosso pé. Isso se acentua no contexto atual, onde o jovem sabe manusear melhor as parafernalias tecnológicas que permitem ao ser humano transitar pelo mundo, se sentindo mais “dono do mundo”.

Essa visão de autossuficiência, típica dessa fase da nossa vida como encarnados, nos faz esquecer de valorizar a família que temos. Pois é, muitas vezes não percebemos a benção que é a família estruturada na qual convivemos. Lembramos apenas dos problemas! Problemas... Ah, a família, como qualquer agremiação humana, os tem a vontade. Mas, existem problemas maiores e menores, e existem alguns cruciais, desestruturantes, que convertem a família em um verdadeiro inferno sob a terra.

Quem convive com problemas de drogas na família, com os males financeiros e comportamentais da dependência química, sabe do que eu estou falando. Essas pessoas que vivem nessas famílias sonham diariamente com uma família estruturada, com um lar tranquilo.

Aqueles que passam pela provação do alcoolismo na família, com a rotina de violência familiar, escândalos e conflitos advindos desse quadro, também anseiam por uma família que tenha o seu pai em uma mesa de jantar e não plantado em uma mesa de bar toda a noite.

Os que tem o pai ausente, violento e com mulheres na rua, o que não dariam por uma família estruturada, abençoada pela rotina diária?

Por rebeldia juvenil, não valorizamos os pais dedicados e amorosos, ciosos de nossa formação e do nosso amadurecimento. É fato também que esse orgulho, esse “caminhar por si só” faz parte da formação de nossa personalidade, do processo de autoafirmação típico da juventude. Mas não será possível se auto afirmar, sermos o que queremos ser, sem o bom exemplo de nossos familiares.

Eis o nosso grande desafio! Mediar liberdade e presença! Crescer, tomar nosso caminho, construir a nossa jornada e não abandonar a nossa família e seus valores. Esse desafio, certamente, é bem menos áspero do que enfrentar a juventude em famílias desestruturadas, açodadas pelo vício, com problemas viscerais, que somente espíritos amadurecidos conseguem sublimar e converter essa luta em espaço de crescimento.

Se fomos nesta encarnação agraciados com a benção de uma família estruturada, com pais amorosos, saibamos pesar na balança da vida a grande dádiva que isso representa. Nos permitamos esse amadurecimento, e veremos que nossos problemas são ínfimos e que não se equiparam aos quadros infelizes daqueles que anseiam, mais do que tudo, viver em um lar como o nosso.

58. NAMORO ESPÍRITA

Conheci vários... Conheci casais que começaram a namorar nas atividades da juventude espírita e que hoje se apresentam como belas famílias, integradas e felizes. Diria mais! A maioria dos enlaces são oriundos de amizades que cultivamos no ambiente escolar, no ambiente profissional e, para aqueles mais assíduos, no ambiente religioso, entendido este como local de convívio de pessoas que comungam a mesma visão da vida e que termina por ser a fonte de muitos e longos relacionamentos.

Daí surgem momentos de fortalecimento, de vivência, nas atividades do "Culto do Evangelho no lar", na emoção dos trabalhos assistenciais, nas discussões acaloradas e toda a gama de eventos mágicos que compõe a nossa juventude em uma casa espírita, vividas pelo jovem casal e que trazem as mais ternas lembranças, passados os anos.

O livro "Vida e Sexo", de Emmanuel, psicografia de Chico Xavier, com belas palavras descreve o período do namoro, como:

Inteligências que traçaram entre si a realização de empresas afetivas ainda no Mundo Espiritual, criaturas que já partilharam experiências no campo sexual em estâncias passadas, corações que se acumpliciaram em delinquência passional, noutras eras, ou almas inesperadamente harmonizadas na complementação magnética, diariamente compartilham as emoções de semelhantes encontros, em todos os lugares da Terra.

Mas nem tudo são flores. Nos momentos de desavenças, de conflito, de separação, o conhecimento espírita e a conduta digna deve também pautar a relação. É nessa hora que nós realmente nos mostramos espíritas. Culpabilizações, ciúmes doentios, traições, abandono afetivo, gravidez indesejada e

tantos outros eventos comuns aos relacionamentos não estão ausentes do mundo do relacionamento afetivo entre espíritas, o que demanda uma conduta cristã dos jovens e principalmente dos dirigentes da juventude e frequentadores da casa, entendendo os contextos, sempre com os "olhos do Cristo".

Enumero também as desavenças entre casais que causaram entraves nos trabalhos espíritas. Companheiros jovens, labutando no bem, e aí ocorre uma separação, uma briga e tudo se desarmoniza. Esse é um outro cuidado que nos cabe. Saber separar a individualidade da figura do casal.

Relações afetivas podem ter fim, principalmente no período da juventude, e sejamos sinceros, a "vida continua". Nossa relação com o trabalho no bem e com a Doutrina Espírita deve ser separada da relação afetiva. Talvez não dê para frequentar a mesma casa espírita, revendo sempre o ex-companheiro. Mas, existem outras casas e outros trabalhos...

E por fim, a questão do namoro espírita suscita no jovem ainda um outro grande desafio: E se o jovem espírita, ativo e trabalhador, engajado nas atividades doutrinárias, se apaixona por uma pessoa vinculada a outra denominação religiosa? Parece complicado... Mas tudo é uma questão de abordagem. Religião é questão de afinidade e entendimento. Deve servir para unir as pessoas e não para dividi-las. Caso o coração escolha alguém de outra seara, o "respeito mútuo a individualidade", uma grandeza que sustenta grandes relações, deve ser a tônica que permita a vivência do amor, compreendendo a sua identidade religiosa. E nada de se afastar do trabalho no bem! O nosso compromisso é com Jesus!

Tantas questões, tantos cuidados... Mas, ainda acho que uma das coisas mais belas do mundo é ver jovens casais irmanados no mesmo ideal, atuando na distribuição de sopa, consolando os doentes, sonhando o dia que terão o seu lar,

farão o Culto do Evangelho, na companhia de seus filhos, espíritos que desde aquela época de “namoro espírita” os acompanhavam, já sonhando com aquele espaço doméstico envolto em ideais sublimes.

59. O ABORTO, O ABANDONO E A RODA DOS SÉCULOS

Originada na Itália, durante a Idade Média, a Roda dos expostos era um engenhoso mecanismo que permitia a entrega de uma criança para ser criada pela Igreja, sem a identificação visual do “depositante”. Surgida da preocupação desses religiosos com o grande número de bebês jogados na rua, que pereciam de frio, fome e pelo ataque de cães, caracteriza-se a roda como um sistema de proteção à criança abandonada, e ainda que pareça pela sua descrição uma coisa bárbara, teve a sua gênese na preocupação cristã com o próximo.

Brasília, capital federal, primeira quinzena de janeiro do ano de 2012. No mundo de iPads, partículas subatômicas e viagens espaciais, mais uma vez os periódicos estampam, para a surpresa reiterada dos leitores, uma criança recém-nascida abandonada em uma bolsa de mercado nas cercanias do comércio, sendo encontrada por transeuntes no Plano Piloto. Passados mais de 500 anos da Roda dos expostos, agora extinta, a problemática de abandono de bebês ainda continua pungente na sociedade, encontrando soluções tão bárbaras como na Idade Média, repetindo a vida na roda dos séculos.

A Roda dos expostos, o aborto induzido por medicamentos caseiros, o abandono em vias de circulação, a interrupção da gravidez em clínicas de luxo... Todas essas medidas são soluções encontradas no decorrer da história da humanidade para uma questão subjacente, pouco lembrada na lamentação dessas situações hediondas, que é a gravidez indesejada, oriunda do ato sexual irresponsável.

A solução de abandono, de homicídio contra o indefeso, a venda de crianças, entre outros; são soluções encontradas para sanar a vergonha e fugir a responsabilidade, causa originária desses efeitos, pois a lógica nos indica que dado o sofrimento inerente a todas essas soluções, raros engravidariam lucidamente somente com o propósito de abortar ou abandonar seu filho ao relento.

Assim, impossível dissociar o fenômeno do abandono de bebês e do aborto delituoso da questão das relações adúlteras, das paixões ocultas, do abandono da responsabilidade paterna, do planejamento familiar, da falta de amparo da sociedade e da família, e ainda, do desejo egoístico de conforto e liberdade.

Discutir os crimes-efeitos sem analisar as causas é não avançar sobre formas efetivas de reduzir essas situações, que permeiam a sociedade desde antes da Idade Média, em uma roda de soluções mais ou menos cruéis de problemas que se perpetuam, sendo que algumas delas desrespeitam o direito à vida do espírito encarnante, gerando débitos nas reencarnações como pais e filhos.

Da mesma forma que surgem os algozes das soluções fáceis e ocultas, curiosamente nós mesmos hostilizamos as mães solteiras, heroínas desconhecidas (BARCELOS, 1995) e os raros, mas presentes, pais solteiros, que abraçaram diante da gravidez soluções dignas, mas trabalhosas, oferecendo ao irmão a oportunidade bendita da reencarnação, mostrando no plano concreto que caminhos diversos são possíveis.

Chico Xavier (1972) nos fala da importância do planejamento familiar de acordo com as possibilidades econômicas do casal, como solução honrosa para os problemas do aborto e do abandono, ainda que o planejamento familiar deva ser sempre sopesado em uma tabela de valores em que a espiritualidade se sobreponha ao conforto, para que não troquemos filhos por eletrodomésticos.

Da mesma forma, as mudanças de parceiros e os ritmos ciclóticos nas relações, presentes na história da humanidade, ainda que a família sempre tenha fulgurado como mecanismo equilibrador, não pode penalizar um terceiro que não pode de defender (ÂNGELIS, 1992), como um complicador de relações já complexas, olvidando que a consciência deve dirigir a conduta sexual de cada indivíduo (ÂNGELIS, 1990), e que isso implica em pensar-se nas consequências, mas também responder por elas, diante do parceiro e de um espírito reencarnante, na indissociável relação liberdade-responsabilidade.

Chocamo-nos com as estatísticas abortivas listadas nos periódicos e ainda, nos melindramos com mães que abandonam seus filhos pelas esquinas, revivendo o espanto de problemas que atravessa os séculos, pelo matiz de sua crueldade, incomodando a opinião pública que dela toma conhecimento.

Entretanto, o processo de gestação originário dessas crueldades é fruto de promessas, irresponsabilidades, transgressões morais e inversões de valores, que conduzidos a situações extremas, pela fraqueza dos espíritos, resultam em decisões desastrosas de indivíduos, com consequências gravíssimas.

Os algozes ocultos da infância, ainda que observados pela justiça divina, por vezes não sofrem a hostilização dos que assumem filhos fora do casamento ou dos que enfrentam o desafio da maternidade solitária, na contradição da condenação dos que optam pela vida, ignorando a opinião pública a miríade de problemas que cada criatura humana carrega no campo da sexualidade, no estágio evolutivo que nos encontramos.

Sem mergulharmos na essência dessa questão, iludidos pelas aparências dos efeitos, não perceberemos os pontos de inflexão e as responsabilidades nesse processo, nos

debulhando em lágrimas a cada telejornal, para depois nos divertirmos com os escândalos sexuais das telenovelas, não efetuando a associação necessária das situações execradas do aborto e do abandono com uma questão maior, e nem por isso menos complexa, que é a sexualidade, a ser trabalhada não na proibição, mas na educação, pelas sábias palavras de Emmanuel (1994).

Referências Bibliográficas:

ÂNGELIS, Joanna de (Espírito). **O Homem Integral**/Psicografia de Divaldo Pereira Franco. Salvador: Livraria Espírita Alvorada, 1990.

ÂNGELIS, Joanna de (Espírito). **Após a tempestade**/Psicografia de Divaldo Pereira Franco. Salvador: Livraria Espírita Alvorada, 1992.

BARCELOS, Walter. **Sexo e evolução**. Rio de Janeiro: Editora FEB, 1995.

EMMANUEL (Espírito). **Vida e sexo**/ Psicografia de Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: Editora FEB, 1994.

XAVIER, Francisco Cândido. Chico Xavier. **Dos Hippies aos problemas do mundo**. São Paulo: Editora LAKE, 1972.

60. O QUE ENSINO AS MINHAS FILHAS

Ensino não o que faço, mas aquilo que eu tento fazer.

Como espírito encarnado, ensino-as a respeitar suas limitações, crescendo um pouco a cada dia, mas sem perder de vista o ideal da melhoria constante.

Não deixo de mostrar a elas que cada um é um irmão que deve ser respeitado, em suas potencialidades e dificuldades e que o dito inimigo de hoje pode ser um grande amigo amanhã.

As minhas filhas tento mostrar o valor do dinheiro e a dor que traz a sua falta, assim como o fascínio que traz o seu excesso. Falo que o que acontece ao próximo, que padece de carências, é problema nosso sim.

A cada erro ou insucesso, procuro identificar junto a elas as oportunidades de aprendizado e afirmo que devemos ter a mente aberta sempre para novas soluções, aprendendo a levantar, sacudir a poeira e dar a volta por cima.

Procuro mostrá-las o equilíbrio do verbo ouvir com o verbo decidir, na certeza de que o medo e a coragem foram dados por Deus com um propósito, a se ajustar na dinâmica da vida.

A elas falo da importância da religião, não só como forma de aprimorar a espiritualidade de cada um, mas como uma oficina de trabalho no desenvolvimento útil de suas potencialidades.

A cada dia apresento a lição da iniciativa, de que elas não devem ser omissas, ainda que a bravura deva ser acompanhada da prudência, que nos protege das armadilhas e brinquetes.

Por fim, ensino a respeitarem os bens alheios e coletivos e que o sucesso fácil pode se converter em uma vergonha maior, nos caminhos rápidos e sem volta.

Como pai, tento ensiná-las algumas coisas, antes que o mundo o faça, com menos paciência e de forma mais assertiva.

61. REFLEXÕES SOBRE A VIDA A DOIS

A vida a dois merece muitas reflexões, nas horas de nosso precioso tempo olhando o azul do céu e filosofando na vida. Na verdade, merecia um curso. Fazemos cursos de tantas coisas, mas não realizamos cursos para refletirmos e analisarmos a importância e as questões envolvidas em se viver com outra pessoa e dali constituir o que chamamos de família. Sobre esse tema nos debruçaremos nesse texto em algumas reflexões, de forma encadeada.

A primeira questão é a pessoa com quem dividiremos a nossa caminhada. Deve ser mais igual ou mais diferente do que nós? O diferente complementa e o igual une... Penso que os dois aspectos são importantes, mas que devemos buscar o que temos de mais igual. Não nos aspectos do gosto e das vontades, que são da superfície. Devemos buscar a afinidade em fatores mais profundos, como os princípios e valores. Esses precisam se encontrar várias vezes na caminhada da vida a dois.

Outro ponto interessante é o respeito à individualidade. Termos nosso espaço é necessário! Não podemos nos sentir sufocados... Mas essa visão de respeito a individualidade por vezes se confunde com culto ao individualismo. Lotamos horários e espaços, achamos que respeitar o outro é ter o dia do futebol e o dia do chá com as amigas. É mais do que isso! É entender os projetos do outro, as visões e fazer com que o espaço coletivo tenha espaço para cada um, inclusive os filhos.

Não podemos deixar de falar da rotina... A rotina é boa, pois as surpresas podem ser desagradáveis. A rotina nos encaminha a reclamação sistemática, as frustrações que são comuns a vida, oriundas da nossa vontade de controlar o mundo. É preciso lidar com as frustrações, convivendo com a alegria do possível e a luta pelo impossível.

Da reclamação deve surgir o diálogo resolutivo. As frustrações nos fazem lembrar que não se pode ter tudo na vida, independente se a vida é a dois ou não, e que existem conquistas individuais e coletivas. A rotina não pode ser culpada da nossa ausência de capacidade de enxergar que cada dia é um dia novo, com desafios e oportunidades.

Os desafios, essa é uma reflexão muito interessante. Não nos preparamos para a vida a dois. Pensamos apenas nos momentos idílicos ou nos assustamos de forma maniqueísta com a possibilidade do casamento. A vida tem desafios- a subsistência, a doença, o desencarne, as ilusões- e os desafios demandam maturidade, coragem e solidariedade. Existirão dias de prosperidade, mas também dias de luta. Perceber isso é um grande sinal de maturidade.

Remete-nos essa questão que a vida a dois nos faz protagonistas, deixamos de ser adolescentes e somos agora adultos responsáveis – respondemos pela nossa vida. Precisamos romper os liames com os nossos pais, seguir adiante, mantendo a boa relação sem dependência. Taí mais um segredo da vida a dois! Ter uma vida a dois é ter o desejo de construir uma relação. É mais do que consumir em outro nível. É dar de si, abrir mão em torno de um novo instituto que receberá em breve novos espíritos, dando prosseguimento ao ciclo da vida.

E às vezes é do ciclo da vida as relações terminarem. Esse processo nos demanda civilidade, respeito e acima de tudo uma postura cristã. Se separar é uma arte quase tão sublime quanto se unir. O respeito, o cuidado com as crianças, o atendimento aos compromissos materiais assumidos e o clima de paz, devem ser situações observadas, onde a religião nos auxilia nesse processo.

Por fim, na nossa reflexão de ideias encadeadas, podemos asseverar que uma vida a dois saudável não prescinde de uma religião. A religião é que nos permite trabalhar a

espiritualidade, nos relacionar com outros planos da vida sem esquecer a vida no Planeta Terra. A religião nos brinda com a profundidade dos valores e os alicerces da fé nos sustentam nos momentos difíceis, naturais da vida a dois.

Refletir sobre a vida a dois, o que ela significa, é caminho de amadurecimento. Mais do que festas, cerimônias, imóveis e móveis, a decisão de trilhar caminhos conjuntos traz consequências para a nossa encarnação atual e para as futuras. Consequências felizes, mas por vezes desastrosas.

62. SOBRE BODES E CABRAS

Antigo adágio popular assevera que: "*prendo minhas cabras, por que os bodes estão soltos*", referindo-se a necessidade de supervisão da conduta afetiva das jovens do gênero feminino, a despeito da liberdade inerente atribuída ao gênero masculino. Como todo ditado, revela uma sabedoria do senso comum, presente na cultura das comunidades e no cotidiano das ações.

Quando vejo jovens moças acompanhando os pais e esses se orgulhando de dizer que a menina, quase na maioridade, ainda não namorou, estampando na face a tranquilidade da "zona de conforto", pelo fato de estar protelando problemas e desafios dessa experiência, me preocupo muito. Causa espanto e apreensão essa negação da vivência afetiva, entendida como uma coisa positiva, como se o relacionamento afetivo fosse uma coisa sempre nefasta, que deve ser adiada o máximo possível.

Essa visão dos pais, de que a menina está bem por não ter interesse em relações afetivas, pode trazer prejuízos sérios a formação de sua personalidade, decorrentes da fuga dos conflitos e das experiências naturais da adolescência, por vezes encontrando até na religião um refúgio, como no caso do voto de clausura⁸. Preocupa-me muito mais a solidão juvenil.

O isolamento juvenil da vida amorosa diminui aparentemente os riscos e as incertezas da vida, pode prometer curar chagas de dores mal resolvidas e ainda, adiar a

⁸ A palavra clausura vem do verbo "claudo" = fechar, de onde deriva o claustro, que se refere a ideia de um ambiente fechado. O voto de clausura trata de um compromisso de religiosas católicas, tradicionalmente ligadas a Clara de Assis, que se isolam do convívio comum para vivenciar a sua fé.

luta contra a timidez. Entretanto, ao mesmo tempo, nega a vivência saudável e produtiva de uma relação afetiva, onde se experimenta a dor da saudade, a força da paixão e a confusão do ciúme, tendo a adolescência também esse caráter de “escola dos sentimentos”, preparando para a vida.

A ausência de relacionamentos pode criar jovens amedrontadas, inseguras e frágeis para a vida que se segue, onde se incluirá a inevitável vivência de relacionamentos mais sérios e provavelmente o casamento. Não ver óbices e até exaltar a jovem de uma certa idade que não vivencia o namoro, por mais cômodo que seja para os pais, pode mascarar as frustrações de uma mente reprimida, que sofrerá mais a frente, quando a vida a empurrar do galho, tendo que, então, voar sozinha.

Da mesma forma, essa repressão polarizada no polo feminino pode romper o diálogo, criando um reino de mentira, de pessoas de duas caras, apresentando a família uma faceta e ao mundo masculino outra. O diálogo com a família permite repartir dúvidas e fortalecer a visão da jovem, às vezes ingênuas diante das armadilhas da juventude, na divisão de impressões diante dos “cantos de sereia” típicos da idade.

O dito popular citado reforça essa normalidade da pseudopreservação feminina, que pode representar uma virtude aparente, ocultando um sufocamento do convívio social, privando-a de uma das coisas belas da vida, que é namorar. Essa visão sexista traz embutida uma percepção negativa da afetividade, da relação entre as pessoas, do amor romântico, proscrevendo estas potencialidades naturais do ser humano, sagradas e benditas, como já nos asseverava Chico Xavier no programa “Pinga fogo” (1971), revelando que o problema não está na potencialidade e sim na imperfeição humana.

O complexo, o desafio posto é encontrar o ponto de equilíbrio entre o zelo pela criação da jovem e o medo da vida,

associado às questões mal trabalhadas nos corações dos próprios pais. A juventude é um momento de cuidado, crítico para pais e jovens, em que todo o processo de educação, associado à bagagem do espírito, se vê confrontado com o mundo, na formação da personalidade.

Por isso, adiar conflitos não conduz a solução dos mesmos, cabendo a orientação e o diálogo, como remédios em doses homeopáticas diante das dificuldades, inexoráveis na existência do espírito encarnado.

E para os jovens leitoras e leitores, bem como seus pais, concluo a reflexão com um trecho da poesia "Ter ou Não Ter Namorado? Eis a Questão!!!", de Carlos Drummond de Andrade:

"Quem não tem namorado é alguém que tirou férias não remuneradas de si mesmo. Namorado é a mais difícil das conquistas. Difícil porque namorado de verdade é muito raro. Necessita de adivinhação, de pele, saliva, lágrimas, nuvem, quindim, brisa e filosofia. Paquera, gabiru, flerte, caso, transa, envolvimento, até paixão, é fácil. Mas namorado mesmo, é muito difícil. (...)"

63. O TITULAR DA AÇÃO

Momentos recentes da política nacional trouxeram novamente a discussão da legalização do aborto para a pauta nacional, em um contexto de polarização entre religiosos e feministas/progressistas, nos debates inflamados e até violentos, permeados por disputas eleitorais e de grupos organizados de poder, onde vários movimentos religiosos cerraram fileiras sob a questão da criminalização do aborto, como se esse já não fosse um crime desde 1940, dada a sua previsão nos artigos 124 a 126 do Código Penal, em período que ultrapassa diversas gerações e perceptíveis mudanças de costumes.

Nesses embates calorosos, observa-se que terminamos por reduzir a luta em defesa da vida somente a sua dimensão político-legislativa, que a despeito de sua grande importância como posição conquistada, não encerra as questões subjacentes a interrupção voluntária da gravidez, que na afronta aos mecanismos legais e órgãos repressores, continua a ocorrer no cotidiano da clandestinidade e na opulência das clínicas luxuosas, ou até na simplicidade de remédios caseiros oriundos dos costumes populares, em um leque de soluções imediatistas que calam a consciência no assassinato de vidas indefesas.

Assim, a discussão desse breve artigo busca romper essa lógica enviesada de que apenas a luta no campo legislativo dá conta da complexa questão da defesa da vida, pois o titular da ação desse ato abominável transita entre nós, no ambiente profissional, familiar, religioso e urbano, exigindo de nós outras estratégias nessa luta.

Recente pesquisa da Universidade de Brasília em parceria com o Instituto de pesquisa Anis, divulgada em julho de 2010, revela que uma em cada sete brasileiras entre 18 e 39 anos já realizou ao menos um aborto na vida e que dentre o total de

mulheres que declaram na pesquisa já terem feito pelo menos um aborto, 64% são casadas e 81% são mães. Foi levantado também que pouco menos de onze doze avós das mulheres que fizeram aborto são católicas ou evangélicas, ainda que a pesquisa não cite os espíritas e outras denominações menos presentes percentualmente e que não tenha considerações sobre o nível de envolvimento dessas mulheres com a prática religiosa professada.

Números surpreendentes e ainda que venhamos a respondê-los com críticas sobre a pesquisa universitária ser de origem materialista e que podem servir de panfletagem pró-aborto, os dados ali expostos encontram eco no cotidiano percebido, inclusive em grupos de declarada fé religiosa. Curiosamente, outra pesquisa noticiada pelo Portal IG em 5.12.2010, indica que a rejeição a ideia do aborto tem altos patamares, tanto entre religiosos (86% dos evangélicos rechaçam a ideia), como entre os que dizem não ter religião (78%).

Esses dados nos conduzem a reflexão e nos servem de alerta para a questão de que o titular da ação abortiva não é uma mulher estereotipada, materialista, andando a margem da sociedade pelas esquinas e becos. Indicam se tratar de pessoas ditas comuns, com famílias e com religiosidade declarada socialmente. Na dicotomia do "contra X a favor", ainda que a opinião geral seja contra, na verbalização de uma luta que julgamos ser exógena, no cotidiano essas mesmas pessoas praticam o aborto via de regra.

A questão é que esse problema está inserido na sociedade, e nos incluímos nesta como espíritas, devendo em nossas ações focar esse titular da ação abortiva e as suas motivações, onde podemos citar pesquisa realizada nos EUA em 2004 que apontam, entre outras: eu não estou pronta para uma criança, eu não tenho condições financeiras, eu não quero ser mãe solteira, eu não sou madura o suficiente para cuidar de uma

criança, um bebê iria interferir na minha educação/carreira, eu não quero que os outros saibam que eu tinha relações sexuais, meu marido/namorado/pais querem que eu aborte.

Essas injunções cotidianas refletem valores, onde o genitor e a genitora adotam essa linha de ação como solução, em um teste real de sua crença viva, o que é muito mais consistente que uma mera opinião apresentada diante dos amigos e na defesa de posições em meio a discussões eleitorais.

Nesse ponto, devemos olhar de frente a questão e refletir que, se realmente defendemos a vida, se queremos reduzir as estatísticas abortivas no país, devemos focar no titular da ação – feminino ou masculino, esse segundo pela sua influência-, para que nas horas decisivas, dos problemas do mundo concreto, ele possa agir como cristão, encontrando estofamento na sua fé para não adotar a porta larga asseverada por Jesus.

Fugir dessa discussão é admitir que ela pertence ao cotidiano dos ateus-materialistas e que ela não se faz presente, de forma casuística, nas fileiras religiosas, inclusive nas nossas; e que apesar da defesa aguerrida no plano do discurso, miramos os outros de forma a ocultar a gama de conflitos da vida humana, que a prática religiosa auxilia no enfrentamento, mas não nos isenta deles, como bem nos lembrou os dados da pesquisa da Universidade de Brasília.

Assim, a discussão desse assunto nas palestras públicas, nas aulas de evangelização e nos demais círculos de estudo, não deve desconsiderar essa realidade, desse público alvo posto entre nós e não oculto nas trincheiras do mundo exterior a casa espírita, já que se trata de um problema grave, concreto e que merece enfrentamento da melhor maneira possível, mais pela decisão do que pela opinião.

Assim, na campanha a favor da vida, na idealização do titular da ação e de suas motivações, que o levam a realizar essa intervenção dolorosa e homicida, não esqueçamos de

olhar para a comunidade que nos cerca, promovendo a reflexão sobre o assunto em nossas casas e templos, para que a visão da questão não seja mais uma posição polarizadora em um tema polêmico, que defendemos em momentos públicos peculiares e sim uma postura vivida no plano real, onde Jesus e os amigos espirituais conhecem muito bem cada um de nós.

64. FRUTOS E SEMENTES

Certa feita, em uma noite de domingo, vi uma dessas reportagens com economistas realizando complexos cálculos e projeções. Nesta, em especial, calculava-se quanto uma família gastava para criar um filho, desde as fraldas do recém-nascido até os custos com a faculdade, observadas as correções monetárias e atualizações devidas. Não precisa dizer que os números foram astronômicos...

Se fossemos analisar a questão dos filhos apenas pela ótica econômica, teríamos aí um verdadeiro "investimento a fundo perdido", com grandes riscos de prejuízo no futuro. Mas, a vida não é só economia. É espiritualidade, principalmente. Pela doutrina espírita, aprendemos que os filhos são a oportunidade bendita de resgate, pelas vias da reencarnação, no reencontro dos compromissos assumidos com os espíritos e com a Lei divina. Ter um filho é sempre um fato fantástico, quando a nossa vida frutificada se perpetua na semente. O destino da flor é o fruto, reza acertadamente a cartilha da natureza.

Quando nos tornamos pais, a nossa vida se transforma de uma maneira irreversível. Quando assistimos no telejornal uma criança que morre ou adocece, está ali nosso filho também. Quando uma mãe, a beira do desespero e da insensatez, abandona o seu filho no lixo ou no lago, como por vezes cita o noticiário, olhamos para os nossos filhos e nos perguntamos o porquê desse ato.

Entretanto, muitos ainda tratam seus filhos como o "brinquedo novo que não tem na loja", delegando de forma incondicional todos os momentos para as empregadas domésticas (em que pese o amor que dispensam, não são os genitores e a criança sabe disso), abdicando dessa dádiva por motivações individualistas. Apesar de serem pais no sentido biológico, não sentem o aspecto profundo dessa dádiva.

A paternidade e a maternidade têm um caráter divino, compromisso e bênção, onde o crescimento do espírito deve ser o foco, aliando o equilíbrio na ternura e na exigência, com muito amor e diálogo. Ter filhos, no sentido biológico ou não, também é uma tarefa missionária, que costura compromissos passados e esperanças futuras. Para nós, espíritas, ela tem um caráter mais sublime, onde o filho de hoje é o irmão de amanhã, reforçando na carne os laços da parentela espiritual.

Que se trata de um desafio, não temos dúvida! É uma vereda de dificuldades, às vezes quase insuperáveis, criar um filho. Mas, também é uma jornada acompanhada de espíritos que brindaram o nosso lar e representam um instrumento do nosso crescimento. Essa é a forma que a providência divina, em uma atitude para além da perpetuação da espécie, permitir que o egoísmo latente ceda ao sacrifício de nos doarmos a um ser mais próximo, como escola para nos doarmos para aqueles nem tão próximos.

Desse modo, a experiência da paternidade/maternidade traduz-se em vivências exclusivas, de uma felicidade também exclusiva. Não é apenas um cálculo feito na ponta do lápis, é uma consolidação de laços anteriores que se traduz em crescimento mútuo para os envolvidos.

Em uma época de individualismo exacerbado, onde as belas flores não querem virar frutos, permitir a reencarnação de espíritos deve estar na pauta de nossos projetos. Importante lembrarmos que na paternidade/maternidade, a balança dos sacrifícios sempre se compensa pela das bênçãos e pelos sorrisos. Creiamos nisto!

65. A MARVADA

Clássico da música caipira imortalizada na voz da querida Inezita Barroso, "A marvada pinga" narra de forma cômica as situações vividas por uma mulher no seu processo de dependência do álcool. No contexto da música dita regional, essa exaltação é comum, como no recente sucesso "Nóis trupica mais num cai" (Rick e Renner), trazendo apenas a dimensão da graça de um fato muito preocupante, que é a dependência química de bebidas alcoólicas, em especial por conta dos mais jovens.

A bebida, culturalmente, foi associada a eventos recreativos. Na esfera jovem, tem-se que a intensidade de seus efeitos é proporcional a magnitude dessa diversão, na exaltação dos feitos no dia seguinte, no qual vira o assunto da roda de conversa que fulano teve uma PT (perda total), ou seja, ficou inconsciente por força da bebida, coroadado pela sua ida para o pronto socorro, em uma fraqueza que demonstra força, mais um dos curiosos efeitos da "marvada".

Quem convive com o ambiente juvenil percebe uma mudança de perfil no que tange a vícios das décadas de 70/80 para o período atual. A bebida entre jovens sempre esteve em alta e de lá pra cá, pela força de mudanças culturais e restrições legais, diminuiu o uso do tabaco. Quanto às outras drogas, as ilícitas, mudaram apenas dentro do portfólio, pelo requinte desse rentável negócio internacional, mas continuou presente no cotidiano juvenil, com a novidade de Crack, de alto poder destrutivo e vinculado a classes menos abastadas. Resumindo, perdeu espaço o cigarro, mas segue pujante o álcool entre os adolescentes, uma droga lícita e que tem efeitos danosos não só ao corpo de seu usuário, mas ao seu convívio social também.

Estudo de 2012 da Organização Mundial de Saúde (OMS), chamado de "Megacity", realizado aqui no Brasil em parceria

com a Universidade de São Paulo (USP), mostra que o maior índice de dependência e abuso do álcool está, atualmente, nas mulheres até 24 anos e nos homens após 45 anos, ao contrário do quadro de 20 anos atrás, onde o bebedor médio era o jovem masculino. Anteriormente, havia uma proporção de quatro homens para uma mulher bebedora, sendo que a pesquisa revela que hoje essa proporção é de um para um. Chegou-se a igualdade dos gêneros no campo do vício!

Da mesma forma, interessante matéria da Revista Veja, de 11.07.2012, traz uma pesquisa do Instituto de Pesquisas da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), mostrando que 70% dos adolescentes obtêm sucesso na aquisição de bebidas alcoólicas, apesar da proibição. A mesma pesquisa indica que o álcool na vida do adolescente potencializa o risco de problemas como: gravidez na adolescência, brigas, crimes, acidentes no trânsito, baixo desempenho escolar e o uso associado de outras drogas ilícitas. Além disso, a pesquisa revela que pelo fato do corpo do adolescente estar ainda em formação, a bebida tem seus efeitos destrutivos no cérebro, fígado e coração agravados.

A pesquisa revela também uma triste estatística: de que um a cada três jovens de 14 a 17 anos, no Brasil, se embebedou – o famoso “porre” – uma vez pelo menos no período de um ano. E que a classe “A”, mais abastada, tem uma frequência maior dessas ocorrências. Convencionou-se que o porre tem um caráter de rito de passagem, no qual o menino(a) já é adulto(a), como se isso significasse ser amadurecido.

É fato, não há o que se questionar, a rapaziada está bebendo mais e mais cedo e as mulheres jovens estão com uma participação crescente nessa casuística. Um antigo problema das famílias, reforçado pela propaganda, pela leniência das autoridades com a proibição e ainda, com uma visão hedonista de que o prazer é o objetivo primordial da

vida, como filho dileto do consumo, e que o álcool possibilita esse prazer maior, de mais qualidade.

Esse quadro revelado nas pesquisas não espanta qualquer jovem que dele tome conhecimento. Está aí, para qualquer um, essa realidade. Essa discussão no campo do Espiritismo geralmente descamba para a companhia indesejável dos espíritos sofredores e do suicídio inconsciente, pela destruição da benção do corpo físico na jornada reencarnatória. Porém, tudo isso é sabido, de alguma forma, pelos usuários dessas estatísticas, que contam com espíritas certamente, mas ainda sim são inócuas para impedi-los de se prender a esse vício na juventude. Por quê?

Bem, inicialmente existe uma questão biológica de certas pessoas, que por alguns motivos têm propensão a dependência química. O contato dessas pessoas com o álcool faz com que elas adquiram o vício, em um processo de difícil reversão. Por isso, os companheiros dos Alcoólicos Anônimos – AA, em sua larga experiência, recomendam não provar ou experimentar e temem, na abstinência, a famosa recaída.

Na juventude, em especial, a necessidade de aceitação do grupo e de demonstrar força diante dos desafios, faz da bebida um símbolo de exibição de resistência do corpo aos seus efeitos, comparando a tenacidade do jovem à quantidade de bebida que ele ingere sem ser vencido pelos seus efeitos. O rito de passagem tribal, em um desafio etílico.

Nessa mesma fase, pelo seu caráter de desinibição, o jovem, compelido a participar de forma ativa de vários espaços, na luta pela autoafirmação diante das suas tribos, utiliza-se da bebida como ferramenta encorajadora, que rompe a vergonha e a timidez, como uma fórmula mágica para superar os desafios que são seus, de megaexposição e de se tornar um indivíduo autônomo.

Por fim, por conta de um interesse comercial, de manter um consumidor jovem fiel a um hábito por uma janela de tempo maior, a publicidade de bebidas alcoólicas se concentra no público jovem, nos seus ídolos e manifestações, contraposto a uma pífia publicidade oficial que se restringe ao “se beber não dirija”, atacando os efeitos e não as causas da bebida, em que pese os visíveis ganhos da “Lei Seca” no que tange a acidentes automobilísticos, reforçando a relação da bebida com essas ocorrências.

Diante desse quadro, prezado jovem que lê essas páginas, vê-se que o hábito de tomar uma de vez em quando, que se torna o “de vez em sempre” (ainda que todos digam o contrário), não é de fácil combate e necessita de uma coisa mais rara na juventude, que é superar o imediatismo e pensar no futuro. Pensar que aquela “marvada”, hoje engraçada e desinibidora, como porta de acesso a um mundo de amigos e diversão, carrega em si um potencial destruidor de famílias, da sua saúde, do seu psiquismo e de seus relacionamentos e isso não aparece em horário nobre. Falo com o conhecimento de causa de quem entregou alguns dos seus ao túmulo por conta da bebida, e testemunhou a série de problemas advindos, que vão muito além da saúde.

O grande desafio e demonstração de coragem estão em ser diferente, ser você mesmo e saber dizer “não”, quando todos esperam de você um “sim”, sem precisar se justificar ou desculpar-se, pelos motivos que interessam apenas ao seu foro íntimo, e que todos, se são realmente seus amigos, devem saber respeitar. Coragem é mostrar que você não precisa de muletas para crescer!

Essa autoafirmação real é fundamental para você, jovem, pois fará de você um adulto sereno, decidido e amadurecido. Agora, se a sua motivação é o prazer, a sensação química, saiba que ela é passageira, como o vento, e que ela tem um custo amargoso, no presente da dependência e do acidente de

automóvel e no futuro da sua saúde física e espiritual. Você deve considerar que se divertir é uma arte, na qual existem formas saudáveis de encontrar o prazer, na sua medida certa, sem destruição, e que a juventude também é um momento do aprendizado dessa importante lição.

Quanto ao jovem dependente, chegando à juventude espírita, devemos ampará-lo e respeitá-lo. Respeitá-lo não é apoiá-lo em seu vício e sim ajudá-lo a sair dessa, com amor e diálogo - um desafio-, enxergando quando ele pede ajuda. Não se trata uma questão de preconceito e sim de saúde, espiritual e corporal, a relação com a "marvada". Não é um hábito, é um vício com consequências terríveis, para o usuário e para os que o rodeiam.

Por fim, penso que na sua mocidade espírita, o tema da bebida deve ser discutido, com a franqueza necessária, entendendo os seus efeitos, mas a força de seus apelos. Se não fizer parte do programa, pergunte ao seu orientador sobre essa temática. Faz parte do papel orientativo da juventude espírita e devemos, jovens e orientadores, trazê-lo para a pauta, como um tema atual e necessário. Que o alcoolismo não seja mais um dos temas que no Espiritismo fechamos os nossos olhos, mas que ao mesmo tempo, a prática nos diz que devemos rever nossas estratégias de atuação diante da "marvada", pois esta se readapta as investidas, movida por interesses poderosos.

66. A LINDA ROSA JUVENIL

Para uns, ser jovem significa interromper forçosamente seus estudos para se alistar nas fileiras da vida profissional, em repetitivas tarefas de cunho braçal para a garantia da subsistência. Para outros, representa horas diante da televisão, acompanhando séries e novelas em suas tramas.

Para uns, ser jovem significa amargar as dificuldades da deficiência em um mundo não inclusivo, sofrendo o preconceito e a limitação para as atividades simples do cotidiano. Para outros, é o momento de curtir os sabores do risco, das aventuras radicais, vivenciando os prazeres do perigo iminente, desafiando o perigo.

Para uns ser jovem significa visitas infundáveis a hospitais e especialistas, na busca de tratamentos que possibilitem uma vida melhor ou mais longa diante da doença, na infundável luta dos dolorosos exames. Para outros, é um baile de substâncias de caráter alucinógeno, em um banquete insaciável de sensações, na busca sem fim pelo prazer.

Para alguns aparentemente afortunados, a juventude representa força, beleza e vitalidade, nas selvas do relacionamento humano, em jogos e disputas de popularidade. Outros, entretanto, não tem a oportunidade de desfrutar das míticas vantagens dessa fase da vida, forçados ao amadurecimento pela luta e pela dor.

Para todos estes, nas provas da carência ou da fartura, a religião se apresenta como fonte de respostas para as suas dúvidas, aviso para a consciência nos excessos e tocha luminosa diante da estrada do futuro, na visão de um ser para além da matéria, mas imerso nesta.

Chico Xavier, no Pinga Fogo de dezembro de 1971, conforme estampado no Capítulo 9 da obra "Chico Xavier-dos hippies aos problemas do mundo", da Editora Lake, 1972,

indica que: "(...) *comunicação nunca foi censura sistemática* (p. 50)", apresentando a necessidade de orientação e diálogo com nossos jovens, para além da reprimenda, em especial na dimensão espiritual, campo de atuação da religião.

Ainda que isso não exima a família de suas responsabilidades, aqueles que se alistam nas salas de aula das diversas juventudes espíritas do país e do exterior, ainda que não sejam isentos das lutas e dos chamamentos da fase da mocidade, podem lá desfrutar do esclarecimento que saciará suas necessidades intelectuais e espirituais, além de receber uma base moral sólida para conduzir a sua vida diante dos desafios na família, no trabalho e na comunidade.

A linda rosa juvenil, com seu perfume e seus espinhos, representa oportunidade de avanço do espírito encarnado, seja em cenários de dor, seja em encarnações mais aquinhoadas. Em todas essas situações, a vivência religiosa, e no nosso caso, em especial, a espírita, permite um solo firme e fecundo para sustentar essa flor, para que ela se torne fruto e semente, no eterno ciclo da vida.

67. ALVORADA JOVEM

Gostaria de iniciar esse artigo falando das revistas *National Geographic Brasil* (nº 140/NOV/2011); *IstoÉ* (nº 2.189/OUT/2011); e *Cult* (nº 157/MAI/2011); que dedicaram as suas edições citadas sobre a temática da peculiaridade do período chamado de “Juventude”, a luz das recentes descobertas científicas, no que tange ao desenvolvimento de nosso cérebro.

De forma resumida, os estudos estampados nesses periódicos indicam que o cérebro do adolescente não é um rascunho do cérebro de um adulto e que mais do que uma fase de transição, a juventude tem características próprias, já que o cérebro do espírito encarnado, de 12 a 15 anos, passa por um processo de remodelagem, que o torna mais sofisticado, com maior velocidade em suas conexões, com aprendizados e vivências próprias, para além da construção social que é a juventude.

No aspecto morfológico, os estudos apontam características cerebrais que confirmam que o jovem tem uma busca intensa por novidades; que estes tendem a valorizar as recompensas em detrimento das consequências, nos famosos episódios de imprudência; a predileção dos jovens por emoções fortes; e ainda, a busca pelo estabelecimento de relações sociais, repetindo os comportamentos observados, na força dos grupos e tribos.

No campo sociológico, surgem nessa época os questionamentos dos valores paternos como suporte da crise de identidade e de autoafirmação; a ambiguidade reinante pela exaltação da juventude na sociedade, aliada a uma ausência de reconhecimento social; o rompimento da família patriarcal combinada a uma inserção tardia no mercado de trabalho, alongando a adolescência; e por fim, a exaltação do corpo

perfeito, e a força dele advinda, como elemento de violência concreta ou simbólica.

Apesar do senso comum ratificar essas conclusões, a inovação está no reconhecimento da juventude com peculiaridades, para além de uma transição criança-adulto, e que apesar de ser vista como uma fase problema, a ser suportada pela família, é um período singular, que exige abordagens próprias, inclusive no campo da educação espírita.

Entender essas peculiaridades, que sofrem influências da classe social, gênero, geração, localização geográfica, mas que ainda sim trazem regularidades, nos faz ver o jovem como mais que apenas o futuro da casa espírita ou aqueles que lembramos no momento de carregar cadeiras, como infelizmente se vê ainda. São espíritos encarnados em um período específico, que demandam ações educativas direcionadas a essas especificidades.

A abordagem educativa deve abrir espaços para descobertas, valorizar o reconhecimento da categoria juvenil como autônoma e destinar a estes, no seu microcosmo, o protagonismo que permitam as emoções de fazer e acontecer. Quanto as relações de jovens e outros grupos de adultos, que o convívio permita o aprendizado mútuo, de fases diferentes e gerações distintas, com respeito e intercâmbio.

O grupo de referência dos jovens e as suas iniciativas devem ser respeitados, no estímulo de valores fraternos. A responsabilização deve ser gradual e deve-se garantir a resposta clara frente ao questionamento de valores, somado a autonomia que permita o erro e a reflexão.

As diversas realidades do movimento espírita revelam espaços e tempos de proibição de atividades de jovens, de rotulações, de isolamentos, de perseguições, de negações... Mas também apontam experiências maravilhosas de jovens nos

diversos campos da atividade espírita, fazendo a diferença, no fazer e no falar.

A casa espírita como um todo, para além do setor de Infância e Juventude, deve considerar com carinho as peculiaridades e potencialidades dessa fase ímpar da vida do espírito encarnado, que traz a beleza e a força como marca, mas também os desafios da construção da identidade e do gosto pelas emoções, para que esse período seja divertido, mas também construtivo.

68. ENCONTRO DE JOVENS

“Sem boa semente, não há boa colheita.” - André Luiz
no Livro Conduta Espírita

1 A pergunta:

Indagado as vésperas do feriado de Carnaval por um amigo das lides profissionais sobre como eu empregaria os dias de Momo, respondi que iria a um encontro de Jovens. A curiosidade do meu interlocutor não se conteve e este perguntou o que fazíamos nestes encontros... Como o tempo era escasso (normal no cotidiano profissional), falei que ficamos em um espaço, no caso uma escola (No meu caso particular, a Confraternização de Mocidades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro-COMEERJ-Polo Petrópolis, evento na sua 26ª Edição em 2005, envolvendo mais de dez mil pessoas no estado), cantando, estudando e orando. Diante desta minha definição simplista, o amigo pensou que aquilo era “coisa de maluco”. Manter mais de uma centena de jovens em um colégio rezando e cantando em pleno Carnaval, é inconcebível... Tive que ouvir essa. Motivado por esta situação e por outras semelhantes que vivenciei nesses mais de dez anos nesse encontro no Carnaval, decidi por escrever essas linhas para meditarmos sobre a importância dos encontros de jovens no âmbito do movimento espírita.

2 Os encontros:

Os encontros de jovens não são exclusividade do movimento espírita, sendo uma manifestação comum em outras denominações religiosas. São espaços de reflexão coletiva, de vivência de valores através de atividades pedagógicas e artísticas, buscando também a confraternização entre os jovens, em momentos significantes para fortalecer a

presença da doutrina espírita por toda a vida daqueles espíritos encarnados.

O encontro, no caso a COMEERJ tomada como exemplo, é aguardada com ansiedade pelos jovens e existem amigos que os jovens só veem nesses encontros. Bem verdade, alguns sólidos casamentos surgiram de amizades desse encontro, bem como amizades sólidas que articularam importantes trabalhos no movimento espírita. Infelizmente, por vezes essa intensa movimentação passa no ostracismo pela casa espírita.

3 O jovem e a casa Espírita:

Para o movimento espírita das mocidades, esses encontros são fundamentais, pois grandes valores e ideais de vida são sedimentados na juventude. Não podemos nos esquecer também que naqueles encontros estão as gerações vindouras do Espiritismo e que nos momentos vibrantes dos encontros é que se constrói uma relação marcante daquele jovem com a doutrina e conseqüentemente com a casa espírita.

Por vezes, os pais se veem muito envolvidos com as atividades da casa espírita, atividades que podem estar roubando os pais do convívio com o adolescente, que hoje tem também uma vida muito atribulada, estabelecendo-se aí uma relação de disputa do adolescente com a casa espírita. É a nossa eterna busca por "cargos" e não por "encargos". O encontro de jovens é a "pedra de toque" que atinge o coração muitas vezes rebelde do jovem, integrando ele na casa com o apelo do sentimento.

As casas espíritas precisam descobrir o jovem. Muitas atuam ainda como se o jovem fosse ainda aquele que é lembrado apenas para carregar mesas no almoço beneficente da casa. Pergunto-me se não é por que geralmente a reunião dos jovens é no sábado à tarde ou domingo de manhã, quando só há essa reunião na casa? Já soube de casas espíritas que experimentaram de forma bem-sucedida: nas palestras da

reunião pública colocaram como oradores jovens de 16/18 anos da Mocidade, em meses específicos e sobre temas afetos a juventude. Além de ter atraído os jovens da mocidade para a reunião pública, para prestigiar os seus amigos, mais da metade desses jovens que participou deste projeto tornou-se no presente expositores da casa, nos diversos lugares que a vida lhes encaminhou. É preciso criar a oportunidade e o encontro favorece essa oportunização.

4 O protagonismo:

No encontro de jovens, estes protagonizam ações em um micromundo no qual a doutrina espírita vai fazendo cada vez mais parte de sua vida. É como um gigante psicodrama em quatro dias, uma imersão total naquele mundo com outros valores e outras propostas. O processo de amadurecimento ali no encontro ajuda a romper aquele jovem muitas vezes ácido e crítico, direcionando essa energia de forma construtiva para a esperança de um mundo melhor, onde ele tenha voz e vez. Coleciono exemplos de vários daqueles coordenadores de estudo de encontros que eram em um passado bem recente jovens confraternistas ativos e protagonistas, participando dos encontros. Esse jovem que “ganhamos” será o futuro trabalhador da casa, como também nos atesta a prática.

Poderiam alguns argumentar que o encontro de jovens é uma atividade pontual. Isso é verdade... Mas, essas atitudes pontuais revelam mudanças processuais, em um dizer matemático, um verdadeiro ponto de inflexão. O encontro de jovens não é um retiro onde se busca o isolamento do “mundo lá fora” e sim um instrumento de fortalecimento para o nosso enfrentamento como cristão desse mundo.

5 O perfil da equipe

A disciplina também é fundamental para o sucesso de qualquer encontro com tantos jovens. Mas, essa disciplina somente será efetiva se houver diálogo e o exemplo. A palavra

“orientar” deve suplantar a palavra “vigiar”, cabendo as casas espíritas que enviam estes jovens avaliar criteriosamente o perfil e a maturidade deste jovem, pois um jovem em pleno estado de desequilíbrio atralhará mais do que será ajudado.

O mesmo sentimento vale para a equipe da coordenação, onde pessoas maduras e com desejo sincero de trabalhar operarão grandes feitos. Entretanto, o estrelismo, a falta de tato com o jovem e a falta de espírito fraterno pode contribuir para tornar o encontro uma grande decepção com o próprio Espiritismo.

6 O potencial artístico:

Uma outra questão nos encontros de jovens é o uso de expressões artísticas, como a música e o teatro. Essas manifestações são motivadores dos jovens, conduzindo a sua participação e a sensibilização necessária. As oficinas de arte permitem que o tema do encontro seja trabalhado de diversas formas, mesclando o intelecto e a emoção. A vaidade, a evidência e a promoção de personalidades devem ser evitadas, permitindo sempre a ampla participação. Afinal, não é um encontro de artes.

7 O aspecto espiritual:

Uma outra questão que não podemos desconsiderar é o aspecto espiritual envolvido em um encontro deste porte. Além das narrativas de médiuns que trabalham nestes eventos, perfeitamente consoantes com o descrito nas obras da codificação e de André Luiz, é de se esperar que um lugar que concentre tanta gente voltada para coisas sublimes seja palco de trabalho dos espíritos voltados para o bem. Isso nos remete a necessidade da vigilância dos pensamentos e da conversa construtiva, elementos essenciais para manter essa ambiência.

8 Será que ele entendeu?

Como pode se vislumbrar, seria difícil explicar para o meu amigo com palavras a complexidade das questões envolvidas em um encontro de jovens espíritas. "*Passar o feriado trancado em uma escola?*", é o que continuarão pensando muitos. Entretanto, ali temos uma oportunidade bendita de evangelização e para os que participaram de vários encontros como evangelizador ou como confraternista, sabem que cada um representou um momento ímpar, uma vivência marcante e inesquecível que na balança das nossas escolhas como espírito encarnado, pesou muito na bagagem.

69. INFÂNCIAS ARMADAS

Certa feita na fila do caixa eletrônico, um menino na flor de seus quatro anos olhava insistentemente para a arma no coldre do Policial Militar que se postava na fila, à espera da sua vez. O menino, ao se aproximar do policial para tocar na arma, ouve desse que com aquele brinquedo ele não poderia brincar, pois era perigoso. De forma surpreendente, o menino responde que não se trata de um brinquedo e sim de um revólver e que atirava.

Das espadas de madeira aos revólveres de espoleta na década de 80, passando pelas atuais armas padrão "*paintball*", temos uma cultura bélica sempre presente em nossa infância. Essa cultura é reforçada em filmes, animações e toda gama de produção cultural que rodeia o universo infantil. Nos videogames simulamos com armas destruições cada vez mais realistas. Corpos viram números... A psicanálise nos apresenta a arma para a criança como um símbolo de força, de derrota de seus medos e de exercício de heroísmo, na luta para superar a selva desvairada que é a vida.

Entretanto, no mundo real, a nossa infância armada assalta nos sinais, comete genocídios nas escolas, fere o rival da gangue, brinca com a arma do pai e mata o amigo, sonha com uma arma no seu armário (ou na cintura) quando for adulto. Resolverá meus problemas... Me protegerá.... A arma fascina e as casuísticas povoam os periódicos de situações onde armas caem nas mãos de crianças e se convertem em tragédias, que merecem nosso choro e consternação.

Faltam seguranças armados nas escolas, bradam os defensores das armas nos Estados Unidos, em uma solução que coloca mais armas no sistema. Precisamos da arma para defender a nossa família, afirmam outros, sem sopesar o custo-benefício dessa estratégia defensiva. Em um quadro herdado das guerras, frias ou quentes, ainda no século XXI nos

vemos diante de uma incógnita para a questão da infância. Até que ponto essa cultura bélica fomenta a atitude violenta no processo de formação do espírito encarnado?

Afirmam alguns que essas brincadeiras não afetariam em nada, por serem apenas vivências psicológicas de situações, no processo de enfrentamento do mundo, como a violência estampada nos contos de fadas, que prepara o indivíduo para o mundo real. Não desconsidero isto, mas preocupa-me a violência exacerbada, a “terra arrasada” apresentada como solução para os problemas, inundando a criança pelas múltiplas influências. Ensinamos o diálogo ou a destruição para a solução dos problemas? Realengo no Brasil e as incontáveis chacinas na América do Norte desde Columbine nos apresentam uma tipologia de espíritos oprimidos, que alimentam a raiva de seus opressores e resolvem -Bum-explodir tudo, como em um “game” que você “reseta” e começa tudo de novo após seu fracasso.

Não tenho uma visão utópica de banir armas e explosões totalmente do convívio das crianças. Se tornará uma jornada ingrata, desgastante e inútil. Porém, a competência do diálogo, da compreensão que cede e avança, não pode dar lugar a uma relação com o mundo isolada e repleta de mitos e medos, que engendra soluções exclusivas de natureza violenta, cuja relação construída com os armamentos oferece o aparato necessário. Ataques de ódio na internet ou verbalmente são expressões mais brandas desse problema, que somados a uma arma, transformam-se em verdadeiros desastres. Dialogar é uma competência da vida, seja pessoal, profissional ou espiritual. Mas, a arma se apresenta como força, poder para resolver todos os problemas, de forma unilateral, rompendo essas relações dialógicas.

A obra “O menino do dedo verde (1957)”, de Maurice Druon, apresenta o menino Tistu transformando a fábrica de armas da cidade de Mirapólvora em um jardim florido, em um

sonho utópico pós-guerra de trocar canhões por flores. A infância, momento de sonho e de esperança, precisa encontrar soluções para seus problemas por outras vias que não o canhão. Ao comprarmos uma arma de brinquedo ou um jogo violento para nosso filho, refletamos sobre o presentearmos com outras possibilidades. Não escondamos dele a violência e os problemas da vida, mas façamos com ele a reflexão sobre como superar as dificuldades da vida e que aquela violência toda estampada na televisão, ainda que real, não é construtiva e que o diálogo é um caminho possível. Muitos desses autores de chacinas necessitavam apenas de um amigo para conversar.

A indústria de armas, reais ou de brinquedo, buscando dar vazão aos instintos violentos de crianças-adultas e de adultas-crianças, é uma realidade da qual não podemos nos isolar. Os fatos nos indicam, como pais e educadores, que a reflexão é um bom caminho, em doses homeopáticas, para dar elementos a criança para conviver nesse mundo no qual a violência será uma constante, mas isso não quer dizer que ela deve ser violenta. Arma machuca, dói. O outro é nosso irmão. Devemos compreender, perdoar, educar... A lição é difícil e nos encaminhamos para soluções imediatas de uma época na qual tudo tem pressa. Como Tistu, na visão da vida eterna e da feira das reencarnações, precisamos utilizar nosso "dedo verde" para transformar pólvora em flores.

70. INTERNET, INFÂNCIA E JUVENTUDE

Muitas invenções e descobertas do ser humano modificaram a sua vida cotidiana de forma irreversível. A lâmpada elétrica, o avião, a propulsão a vapor, a pílula anticoncepcional... somente para apresentar as mais relevantes no campo da tecnologia.

A última década inseriu com grande capilaridade em nossas vidas uma outra descoberta – a Internet – que pela sua capacidade de vencer distâncias e a interação entre os componentes dessa rede, trouxe mudanças significativas em nossos hábitos, em especial das crianças e jovens atuais, que cresceram a luz desse mundo multiconectado.

Para além da questão da habilidade em operá-la, onde jovens e crianças manuseiam os computadores com destreza e naturalidade, a Internet mexeu diretamente com o contato destes com o mundo, sendo esta agora uma relação mediada em maior intensidade. Conversam os nossos jovens com seus amigos por meio de teclados, monitores e programas. Os encontros, as brigas, o lazer, tudo se faz por intermédio da máquina, em jornadas de horas a fio, em dias e madrugadas, conversando, navegando e interagindo.

Além da mediação, a Internet cria no jovem e na criança o hábito de realizar várias coisas ao mesmo tempo, a similitude do ambiente multitarefa dos computadores, com múltiplas janelas abertas, disputado a atenção dos sentidos sobrecitados, entre sons e imagens, entre pessoas e mídias.

Por fim, a Internet traz ao jovem e a criança uma lógica programática, de seguir um rumo pré-determinado pelos sistemas, à maneira dos "IF-THEN-ELSE" da programação, atingindo os níveis pelo seu esforço e dedicação e pouco pela sua criatividade, no perigoso "efeito RESET", onde não gostou, reinicia tudo. O amigo máquina pode servir de substituo do

convívio, do abraço e do "bom dia". O jovem vê tudo pela lente, escravo daquela forma de se relacionar com o mundo, como uma muleta para ser ele mesmo.

Essa vivência mediatizada pela máquina esconde o jovem dos outros, dos seus próximos, em máscaras de "nick-names". As ações múltiplas que trazem movimento, ao mesmo tempo impingem pouca profundidade nas relações. A visão programática favorece o individualismo, a competitividade e o desapego. Pequenos exemplos de pontos negativos na personalidade e que necessitam ser trabalhados, entendendo a Internet como algo irreversível, que trouxe avanços, mas como tudo, demanda cuidados.

Entretanto, como tudo na vida, a Internet guarda em si grandes possibilidades, latentes, que precisam ser exploradas. As construções colaborativas (WIKI), as possibilidades de pesquisa e ainda, a imensa capacidade de mobilização da rede, agindo no mundo virtual para operar mudanças no mundo real são exemplos dessa atuação que enriquece. A Internet, bem dosada, é ferramenta de desenvolvimento e de amadurecimento da infância e da juventude, de avanços no campo educacional.

Como realidade incontestável e sem volta, cabe a nós educadores, que labutamos na seara infanto-juvenil, propiciar a orientação adequada ao uso dessa potencialidade, incentivando nessa rede as opções de crescimento, de troca de material, de divulgação de artigos, de reencontro dos amigos, de debates virtuais, blogs, coberturas on-line, campanhas fraternas e uma gama de boas práticas que mostram que usar essa rede é muito mais que isolar-se no seu mundinho em jogos e movimentos superficiais.

Não adianta torcer o nariz para essa inovação tecnológica que diariamente bate à porta de nossas residências. Importa enxergar nesse instrumento um caminho de fraternidade e de união entre os espíritos encarnados, na realização do grande

sonho da comunicação global, do respeito as diferenças e na construção da almejada fraternidade universal entre os povos, que depende muito mais de nossa transformação moral do que de equipamentos eletrônicos.

Faz-se necessário incluir a Internet em nossas aulas, atividades e discussões com os jovens, aproveitando essa dádiva. Negá-la é isolar-se do mundo dos jovens e das crianças, afastando-os da mesma forma.

71. TESOUROS DA JUVENTUDE

Uma questão se coloca sempre que ouvimos que ter sido jovem espírita fez diferença na minha vida. O que é ser jovem espírita? O que me diferencia dos outros ostentando esse adjetivo?

Em um estudo realizado no início do ano de 2010 com os jovens da nossa casa, resolvi consultar vários amigos, jovens da década de 80/90 e hoje adultos, já "homens-feitos". Perguntei-lhes o que significou em suas vidas ter sido um "jovem espírita". Compilei as respostas e veja, prezado leitor, que rico:

1 *"Foi descobrir que o corpo envelhece, mas o espírito pode ser sempre jovem"*

2 *"Ter sido um jovem espírita significou muita coisa... Mas hoje significa ser uma adulta melhor. Mais equilibrada, mais lúcida com uma família maior, de amigos profundamente amados."*

3 *"Me ensinou a ser "gente grande".*

4 *"Ter sido um jovem espírita foi viver intensamente com alegria, responsabilidade e compromisso com o próximo"*

5 *"O Espiritismo me deu os elementos necessários para que eu escapasse com tranquilidade das muitas 'armadilhas' que se apresentam à vida dos jovens (tais como: álcool, drogas, sexo sem responsabilidade, ócio...) e construísse uma família e uma carreira sobre bases sólidas."*

6 *"Ser um jovem espírita significou saber as razões para ter certeza de qual caminho seguir em todas as bifurcações que a vida me apresentou. E também saber quando fiz a escolha errada..."*

7 *"Vivia e vivo minha juventude buscando ser uma pessoa cada vez melhor comigo e com os outros e sabendo das minhas responsabilidades para com o mundo em que eu vivo".*

8 *"Ser jovem espírita é percorrer no presente uma estrada que aponta pro futuro, e que, se a gente precisar acertar o rumo quando este futuro chegar, poderá fazer do passado o presente, e assim nos apontar de novo a direção do futuro."*

9 *"Na minha vida, ter sido jovem espírita significou segurança, equilíbrio e uma diretriz correta e indispensável para a minha formação para a idade mais adulta."*

10 *"Ter sido um jovem espírita me deu forças e coragem suficiente para atravessar as intempéries da vida, caindo e levantando, mantendo a fé na providência divina."*

11 *"A Doutrina Espírita foi ferramenta essencial para entendimento da vida, da minha família, dos meus problemas e do mundo de forma geral. Guia certo nas escolhas, incertezas e decisões... Foi Ela que me aproximou de Deus e que me ajuda a ser uma pessoa melhor!"*

12 *"Na minha vida, ser jovem espírita significou ter um grupo de amigos com uma visão de mundo comum – uma compartilhada certeza na existência de uma força maior que nós, de uma razão maior para viver, de um lugar neste e no outro mundo."*

13 *"Efetivamente, posso garantir que hoje minha ética, minha vivência de vida são retas em virtude de grandes discussões, amigos e livros os quais tive contato ao longo de minha vida espírita."*

14 *"As imagens, emoções, vibrações que vivenciei naqueles momentos da minha vida, continuam presentes no hoje, me amparando, guiando e fortalecendo. Sou uma pessoa melhor do que jamais teria sido se não tivesse vivenciado todas aquelas experiências..."*

15 "Para mim ter sido um Jovem Espírita significou ter uma juventude intensa, sem por isso ser negligente. Aprendi a trabalhar em equipe, a humildade de pedir e fiz grandes amigos. Revelou-me a realidade espiritual e também a realidade da miséria material do mundo."

Esses depoimentos, carregados de sentimentos em cada linha, revelam a grande experiência que foi para cada um deles ter sido um jovem espírita atuante. Foi uma experiência profunda, que marcou as suas vidas e ajudou-os a erigir no templo interior de cada um, a sua tabela de valores.

Uma vivência que rendeu alegrias e dores, que fez cada um ser forte e ao mesmo tempo, mais humano. Um caminho seguro que revelou a realidade da vida, ao mesmo tempo que mostrou a importância de se sonhar com um mundo melhor.

Mas, por que falar disso? Por que buscar no passado dessas pessoas esses significados? Talvez por que você, jovem que nos lê, não tenha percebido o tesouro que repousa em suas mãos, que é pertencer ao movimento espírita. Um tesouro que só tem valor se sabemos mergulhar na sua essência. Se não, pode se converter em uma prática exterior e fria, distante de nosso coração.

Fica então a reflexão, sobre o que tem significado na minha vida ser um jovem espírita. Como tenho lidado com a minha espiritualidade? Assunto proveitoso para pensarmos, como espírito imortal que somos, na longa trajetória da evolução.

72. MÚSICA PARA OUVIR E MÚSICA PARA SE CANTAR JUNTO

A música é uma das formas de arte mais difundidas no contexto atual. Arrasta multidões... Quem não gosta de uma boa música? Ouvimos música no carro, em casa, na festa, para meditarmos, para dormirmos e até cantamos no chuveiro. A música faz parte da nossa vida como expressão cultural.

No campo religioso não é diferente. As religiões, de diversas matrizes – africana, oriental, cristã – todas, de um modo geral, utilizam cânticos, hinos, mantras e instrumentos musicais em suas práticas e cerimônias. Nesse sentido, a prática religiosa espírita também é rica em expressões musicais, principalmente nas atividades ligadas a infância e juventude.

Nas atividades espíritas utilizamos a música em diversos momentos – encontro de jovens, para a sensibilização antes da prece ou do passe. A música serve também como recurso didático em nossas aulas ou ainda, como expressão artística para apreciação pelo público, tratando as temáticas afetas ao Espiritismo, não com o sentido de isolar o espírita do mundo e sim como forma de expressão religiosa. Entendo que a música espírita não implica necessariamente que os espíritas devem somente ouvir esse tipo de música, isolados do mundo e de todos, como um monge da idade média.

Falamos de música espírita. O que é música espírita? A feita por espíritas? A feita para espíritas? Com conteúdos espíritas? Toda classificação é falha e incompleta, ainda que tenhamos essa necessidade eterna de rotular. Entendo a música espírita como aquela que nós utilizamos em nossas práticas de religiosidade, com conteúdo coerente e consoante com nossos ideais e nossa visão de mundo.

Já que falamos de classificações, as músicas têm diversas - por ritmo, estilo etc. Nesse breve artigo dividiremos, para fins didáticos, a música utilizada na prática espírita em dois tipos: música para ouvir e música para se cantar junto.

Música espírita para ouvir é quando em auditórios, teatros e eventos, nos sentamos para apreciar uma apresentação musical. Compramos CDs, colocamos no nosso carro e ouvimos, meditando e viajando no pensamento por aquelas ondas musicais.

A música para cantar junto é aquela que cantamos em coral, é quando na abertura das atividades, com a letra projetada na parede, cantamos em um quase uníssono, as vezes meio desafinados, buscando em uma só voz elevar o nosso pensamento.

O leitor já percebeu que a mesma música pode se encaixar nas duas classificações. Não é essa uma tipologia de músicas e sim da nossa postura diante da peça musical. Um paradigma se caracteriza, com as devidas proporções, a uma postura de consumo da música. O outro se apresenta em uma vivência mais participativa. São classificações de abordagens necessárias ao seu momento e que por vezes se confundem e entrelaçam. Existem momentos que precisamos de uma interação mais passiva, de audição. Em outros, nos empolgamos, queremos dar as mãos, nos abraçamos e cantamos juntos.

A questão crucial dessa discussão é que por vezes, pela força dos modernos equipamentos e instrumentos, das bandas organizadas, da difusão pela internet das músicas, relevamos a um menor grau a importância das interações participativas. Para além dos estúdios e dos shows, penso que devemos sempre propiciar ao jovem o canto "ao pé da fogueira", como elemento de coesão do grupo. Afinal, nada substitui o grupo, como elemento vivo e pulsante em cada acorde de canção.

Por isso, ainda que tenhamos na música para ouvir excelente instrumento de sensibilização, de meditação e como recurso didático, na prática das juventudes espíritas não podemos esquecer a força de se participar de um coral ou ainda aqueles momentos em que a música nos enlaça, no canto uníssono, nas atividades antes da reunião. O discurso da qualidade musical, da técnica, não pode suplantiar a força agregadora da música, como visgo que une corações e mentes.

73. O INDIVÍDUO COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS (DEFICIÊNCIA MENTAL) E A CASA ESPÍRITA

1 Introdução:

De todas as necessidades educacionais especiais: a deficiência visual, auditiva, motora... Dentre todas o grande nó da aprendizagem está na questão da Deficiência Mental, pois esta afeta diretamente a questão cognitiva e não os caminhos da sua construção. Durante séculos o deficiente mental foi confundido com o doente mental, associado a possessões demoníacas e restrito do convívio social. Nos dias de hoje, ainda existem famílias que insistem em manter seus entes deficientes mentais isolados do convívio social normal, como a escola e o lazer.

Vale lembrar que a deficiência mental está representada em uma série de síndromes, fruto de alterações genéticas e de problemas na formação, que afetam o lado cognitivo do indivíduo na sua fase inicial, como a síndrome de Down, Triplo X e outras tantas não classificadas. O doente mental é um indivíduo que adquire uma doença, muitas vezes por pressões psicológicas extremas de acontecimentos e frequentemente por predisposições genéticas, doença esta que atinge o seu lado afetivo, como as psicoses e a esquizofrenia. É importante salientar bem essa diferença, desconhecida por muitos ainda. O nosso objetivo neste artigo é discutir a importância do nosso irmão deficiente mental frequentar a Casa Espírita e como esta pode se preparar para recebê-lo.

2 A importância:

Quantas vezes ao observarmos uma família ou uma professora em contato com um indivíduo com deficiências cognitivas, ouvimos a célebre frase: *"Não sei por que ensinar,*

pois ele não aprende nada”. Nós, que raciocinamos no paradigma espírita das múltiplas existências, não podemos nos deixar levar por essa ideia. O fato é que aquele espírito nem sempre foi assim e nem sempre será e se ele reencarnou com essas dificuldades é devido a uma necessidade de superação que ele tem para essa existência, ainda que seja curta. E essa Provação/Expição também conta com o resgate dos que o cercam.

Como negar a ferramenta que é o Espiritismo para o progresso e compreensão da vida para esse espírito? A compreensão destas verdades poderá aliviar a sua revolta ou mesmo fazer de suas reflexões, em espírito, salutarens para as próximas encarnações. Como privar este indivíduo do convívio social, única forma de crescimento apresentada pelos espíritos quando rechaçam o isolamento em “O Livro dos Espíritos¹”? Como privar os outros da convivência com alguém só por que este outro é um pouco diferente? Se não convivemos nos ambientes comuns, como esperar que sejam rompidos esses muros de separação entre os indivíduos com alguma deficiência, que vem de séculos?

Colecionamos vários casos na literatura pedagógica⁵ de pais que exigiram a saída do aluno com necessidades especiais da escola regular por medo e incompreensão. Apesar deste convívio ser amparado por lei, a questão transcende as questões legais, pois não será somente a lei que irá convencer as pessoas desse entendimento. É uma questão de mentalidade, de amadurecimento...

Quando observamos nas Casas Espíritas que apesar destas possuírem muitos frequentadores, não conhecemos nenhum indivíduo com necessidades especiais que frequentasse suas atividades, contrariando qualquer estatística, observamos a necessidade de um atendimento voltado para o especial, inicialmente durante o horário da evangelização e veremos que muitas crianças aparecerão a partir deste momento.

Os olhares de medo e apreensão dos outros pais ao verem as crianças participando junto de seus filhos ocorrerão. Mas, como na vida o costume é o imperativo, com o decorrer do tempo os mitos irão sendo derrubados e aos poucos os olhares irão se “normalizando”. A piedade cederá lugar a ação!

Desse modo, é inegável que o atendimento ao indivíduo com necessidades especiais (digo atendimento no sentido pedagógico, de espaço de sala de aula preparado) deve existir na casa espírita, para que ele tenha acesso aos conhecimentos da nossa doutrina consoladora, como a todos é garantido nas palestras e outras atividades. Muito nos preocupamos em relação a esses indivíduos no seu atendimento fonoaudiológico, fisioterápico, médico e social. Em relação a questão da assistência, que muitas vezes está associada, a casa espírita pode prestar este serviço como presta tantos outros. Mas, a questão sempre olvidada é o pedagógico, o aprendizado dos conceitos da doutrina espírita. Essa é a lacuna a ser preenchida. Mas, que conteúdos e quais estratégias devem ser utilizadas?

3 O currículo:

As escolas de Evangelização, de um modo geral, seguem as diretrizes curriculares emanadas pela Federação Espírita Brasileira através do “Currículo para as Escolas de Evangelização Espírita Infanto-Juvenil⁴” e utilizam apostilas de diversas procedências, inclusive de federativas estaduais. No caso do indivíduo com necessidades especiais, o conteúdo é o mesmo dessas diretrizes, diferindo em especial nas abordagens e estratégias didáticas.

Um indivíduo com restrições cognitivas, que geralmente traz associado restrições motoras, deve apreender os conceitos de forma concreta e lúdica, utilizando das metáforas das histórias e a concretude das sensações. No trabalho da questão da reencarnação, de fundamental importância, pode-se tratar da questão da chuva e da água, usando o algodão

como nuvem e a água como água mesmo. Após tomar contato com o vapor (pode ser usado um nebulizador doméstico), falamos do ciclo da água e falamos depois do ciclo da vida. Para a criança, comparativamente a questão da chuva, vai ficar a ideia de ciclo, de renascer, o que já leva a reencarnação.

Neste ponto deste artigo, o prezado confrade que tem mais contato com essas questões afirmará: "*Ora, isso é muito fácil com uma criança com um nível de compreensão alta. Mas, eu quero ver resultados nos casos mais severos!*" Realmente, o confrade tem razão. Existem síndromes que o nível de apreensão mediante estimulação é bem alto. Quando vemos na publicidade falar da deficiência, sempre nos mostram o lado menos severo da questão. Pois aí que entra o diferencial espírita. Os mais severos são também espíritos e apesar dos profissionais dizerem que aquela determinada síndrome somente permite o desenvolvimento até determinado ponto, em um determinismo biológico, devemos acreditar, consoante com as ideias atuais da ciência da aprendizagem do redescoberto educador Vigotzky³, que o indivíduo irá aprender se for apresentado aos elementos do mundo com maior constância e cada vez mais cedo. A diferença é somente na velocidade que esse processo ocorre, quando se trata do deficiente mental. Um olhar, um pequeno gesto depois de muito tempo revelam que conceitos foram aprendidos. Quem está acostumado a trabalhar com esses espíritos, sabe a profundidade dessas palavras.

Assim, não podemos deixar de acreditar no potencial desses indivíduos e de insistir com eles para o aprendizado e reflexão desses conhecimentos espíritas. O esforço por parte do Evangelizando vai ocorrer se as condições de favorecimento ao aprendizado surgirem. O apoio do alto não pode ser esquecido... A prece, as palavras, os sentimentos no momento da aula também ajudam a tocar aquele espírito, no cognitivo e no sentimento (cada vez mais vejo que é impossível dissociá-los), lembrando-lhe a mensagem do Mestre Jesus.

4-Estrutura:

Um dos problemas da humanidade, causador de guerras e conflitos é o radicalismo. Ao constatarmos alguma coisa nova, assumimos muitas vezes posturas radicais, ignorando que "a natureza não dá saltos". Isso acontece em relação a questão da inclusão dos deficientes. Um dia concluímos, após séculos de segregação, que o nosso mundo não era um lugar inclusivo – um salto para a humanidade – Em se tratando de mundo, inclui-se as ruas, o comércio, as escolas, a fábrica, as igrejas. Daí partimos para um processo extremamente salutar de descobrir esses indivíduos na busca de incluí-los na sociedade. Outrossim, devemos ter claramente que essa inclusão é um processo e que não será do dia para a noite que mudaremos estruturas sociais seculares.

Digo isso, pois muitos acham que incluir o aluno deficiente na sala de aula é colocá-lo no mesmo ambiente físico e enquanto a aula acontece, ele fica lá no seu cantinho, incluído fisicamente e não cognitivamente. Penso que devemos assumir um modelo de transição gradativa com objetivos. Inicialmente, após identificar as crianças que trazem deficiências cognitivas (e não as crianças agitadas ou indisciplinadas), preferencialmente com a interação com pais e com a presença de laudos médicos, deve-se no mesmo horário da evangelização, com uma equipe um pouco mais numerosa e com a participação inicial das mães, iniciar a evangelização.

Músicas e atividades comemorativas teriam a participação de todos juntos, mais na hora da troca do conhecimento, uma visão mais individualizada para os que trazem esta dificuldade traria a estes uma maior aprendizagem. Posteriormente, deve-se aumentar a integração com as outras turmas e aqueles que já puderem ser incluídos que o sejam, sem prejuízo na questão cognitiva de um modo geral.

Dois questões práticas se apresentam neste aspecto.
Primeiro: Não adianta pegar um indivíduo com uma

deficiência severa e que nunca foi a escola ou teve outros estímulos na família e pensar que ele vai se adaptar a uma classe de evangelização. Esse é um processo lento e que não pode violentar o indivíduo. **Segundo:** Não existe na aprendizagem o conceito "*ele tem uma mentalidade de quatro anos*". Os alunos têm uma deficiência cognitiva, mas seu corpo se desenvolve naturalmente. Então, achar que por que o jovem tem uma deficiência cognitiva e que ele vá gostar apenas de temáticas infantis é um engano. Eles veem novelas, gostam de músicas como outro adolescente qualquer, pois é assim que ele se vê no espelho. Então, não adianta colocar este indivíduo nas turmas dos pequeninos para fazer atividades infantis. Deve haver uma destinação por turma associando os fatores cognitivos e a idade cronológica, não dispensando o acompanhamento de um evangelizador nesta passagem para uma nova turma inclusiva. Preconceito se difere de previdência no trato de questões do ser humano.

Também se faz mister uma estrutura de estudo de literatura espírita afim e de troca de impressões, podendo inclusive contar com a presença dos pais. Atividades que envolvam expressões artísticas são salutares no desenvolvimento dos conceitos e o acompanhamento de casos obsessivos junto a reunião pertinente na Casa é fundamental.

4 A Casa:

A nossa sociedade está caminhado ainda rumo a inclusão. Ao contrário da Europa e dos Estados Unidos, nossas ruas não tem rampas, nossos locais públicos são repletos de escadas e nossos sanitários não são adaptados. Imagine você sendo cego ir comprar pão sozinho na padaria da esquina ou sendo cadeirante, ir a rua tirar uma fotocópia... Muita dificuldade no quadro atual. Assim como as casas espíritas estão inseridas nesta sociedade, elas também padecem dessa estrutura não-inclusiva: Salões com escadaria e sem rampa, sanitários sem adaptação, acessos apenas por escadas, falta de palestras

traduzidas para o Libras (Língua Brasileira de Sinais-Para surdos) e até a falta de literatura espírita sobre o assunto e eventos/artigos que tratem dessa questão mais amiúde.

A iniciativa de adaptar a nossa casa espírita para que todos possam dela usufruir é fundamental e incluir no projeto de reforma ou construção essas questões resolveria um pouco este problema. Também incluir nos ciclos de palestras questões sobre as deficiências na visão espírita, incentivar palestras, artigos e painéis nas atividades de evangelização que capacitem o pessoal é importante para que essas pessoas não sejam esquecidas, independente das instituições assistenciais espíritas voltadas para esse fim.

5- Conclusão:

Com certeza, em nossa casa espírita ou município, existem diversas famílias espíritas que tem integrantes com necessidades educacionais especiais, principalmente na questão da Deficiência Mental. Eles estão na Casa espírita? A casa espírita está atendendo eles de forma adequada? Não digo na questão clínica-terapêutica, mas no papel da casa de divulgar a doutrina consoladora dos espíritos. Se observarmos bem, veremos que fora das escolas especiais e clínicas de orientação espírita, nós ainda estamos engatinhando na presença dos nossos irmãos na casa espírita e lembrando as palavras do Mestre Jesus², que nos faz pensar nos pequeninos sem distinção, verificamos que a seara é grande, necessitando cada vez mais de trabalhadores.

Referências bibliográficas:

KARDEC, Allan. O livro dos espíritos, FEB.

KARDEC, Allan. O Evangelho segundo o Espiritismo, FEB.

OLIVEIRA, Martha Kohl de. Vigotzky – Aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico – Editora Scipione – São Paulo-2001.

ROCHA, Cecília – Currículo para escolas de evangelização Espírita Infanto-Juvenil, FEB, 1998.

WERNECK, Cláudia – Ninguém vai ser bonzinho na sociedade inclusiva – WVA – Rio de Janeiro – 1997.

74. O SUPER JOVEM

Em relação à geração de jovens atual, a geração "Y", guardamos uma relação meio contraditória. Por um lado, endeusamos os jovens pelos seus prodígios na informática e pela sua habilidade de transitar no mundo, trazendo em si a geração nova que pelo mito da tecnologia transformará o mundo em um lugar próspero e justo.

Da mesma forma, no mundo louco e perigoso que nos encontramos, onde por força dessa mesma tecnologia não conseguimos nos esconder dos males ocorridos aqui ou na China, tutelamos essa mesma juventude, trocando sua autonomia por conforto, excluindo-os de processos decisórios, das tentativas de fazer e de ser sujeito, restringindo-os ao seu mundo virtual que não conseguimos entender.

Assim, seguimos com jovens que não querem crescer, ampliando os limites superiores e inferiores do que entendemos por juventude. Seguimos, lastreados por adultos de um mundo mais estável, de valorização do consumo, e que não dão espaços para esses jovens, tendo esse mesmo mundo suas referências culturais e sociais ainda lastreadas nas décadas de 70 a 90.

Quadro curioso que tem seus reflexos em diversos campos da vida humana, inclusive no ambiente religioso. A postura de enxergar o superjovem, mas ao mesmo tempo o jovem bibelô, que não pode fazer nada, mas que sabe tudo (ainda que superficialmente), nos leva a inibir o que de mais tenro tem a juventude. A sua capacidade de promover mudanças pelas suas próprias mãos.

A juventude na casa espírita é aquele grupo sonhador, que luta pela sua autonomia, no exercício da construção de espaços, no microcosmo que é uma mocidade espírita, que

canta, estuda, trabalha, dentro de seu mundo, para se preparar para ser no futuro o agente daquele mundo.

Essa vivência protagonista da juventude, de querer fazer e nesse processo errar e acertar, é o que forja o espírita que aquele adulto será. As práticas na juventude espírita burilam valores, apontam ideais e constroem referências. E para isso, é preciso ousar, é preciso mudar e também aprender, equilibrando a sabedoria da tradição e os benefícios da inovação.

Entretanto, vivemos uma época de inovação da tecnologia, de vivência em mundos virtuais e ainda, de uma geração madura que construiu parte do mundo como é hoje e que pela sua estabilidade, se vê como protetora incondicional da nova geração, impedindo esta de fazer, errar, decidir e sofrer.

Do lado jovem, o consumo e o prazer suplantaram o ideal, substituído pelo desejo de criar uma empresa no fundo de quintal para vender programas inovadores e ganhar muito dinheiro. Os rankings virtuais e o jogo de máscaras fazem da juventude um duelo de subterfúgios, no qual se busca ser jovem cada vez mais cedo e se alimenta uma fobia indescritível do processo de crescimento.

Essa combinação explosiva, obviamente uma generalização que ignora experiências salutares encontradas no mundo concreto, nos alerta, como membros da geração madura, se estamos realmente incentivando a geração mais nova a crescer. E crescer implica em limites, em desafios e até em lidar com as frustrações. Estaremos realmente preparando esses jovens para serem os trabalhadores de amanhã da casa espírita ou queremos que eles sejam o trabalhador que nós somos?

Essa reflexão é oportuna no nosso movimento. Já não lutamos mais contra o preconceito e para sermos aceitos na sociedade. Já não precisamos de livros impressos para obter o

conhecimento espírita. A luta da implantação, da difusão, da relação com as questões sociais, se faz apagada diante do livro novidade do mês, da palestra show e do show de música espírita. Ficamos pasteurizados em um mundo pasteurizado. E para o jovem, restou reproduzir aquele espaço, sob a tutela vigilante dos mais velhos, em um burocrático arranjo de tarefas no contexto da casa.

Criar, inovar, só no ambiente virtual. Coube a ele esse santuário, onde ele muda de identidade, lança protestos e vive, fugindo das agruras de crescer e enfrentar esse desafio, vivendo a margem do mundo, que o admira, mas o tolhe em suas potencialidades.

A verdade é que os jovens de hoje são tão jovens como nós fomos. Sem tirar nem por. Tem os mesmos sonhos, as mesmas necessidades, a mesma demanda por cavar seu lugar no mundo social, inclusive na casa espírita. Mas, se veem segregados no gueto virtual, vendo seus sonhos deslocados para desejos individualistas, sem encontrar lugar para o coletivo.

Termo essa reflexão pensando o que queremos do movimento espírita daqui a 20 anos. Ficar se lamentando que o jovem não tenha interesse ou formatá-lo pelo medo de errar são posturas que somente reforçam essa situação. É preciso enxergar o jovem como jovem, e ajudá-lo nesse mundo que é estável, mudando de roupagem, a encontrar o verdadeiro sentido da juventude, em especial no Espiritismo.

75. OS FILHOS DA COMEERJ

Gostaria de iniciar esse artigo compartilhando uma experiência pessoal... Esse Carnaval de 2012 desloquei-me da Capital Federal, percorrendo mais de mil quilômetros (de ônibus), no intento de levar a minha filha adolescente para participar da sua primeira COMEERJ – Confraternização de Mocidades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro, no meu caso, no Polo da cidade de Petrópolis – RJ (Polo II – Belém).

Na sua 33ª edição, para os que não a conhecem, a COMEERJ é um encontro de jovens espíritas no feriado do Carnaval, que ocorre no Estado do Rio de Janeiro, dividido em polos (hoje são 19), onde cerca de 250 jovens por polo passam esses quatro dias nas dependências de uma escola pública, envoltos em atividades de estudo, permeadas de dinâmicas de grupo e expressões artísticas, em um ambiente de amizade e confraternização. Não se trata de um retiro ou um isolamento do mundo e sim uma oportunidade de estudo e reflexão em conjunto, movida pela mais pura amizade.

Evento promovido atualmente pela área de educação espírita do Conselho Espírita do Estado do Rio de Janeiro-CEERJ, foi e continua sendo um momento mágico na vida dos jovens nesses trinta e três anos. Difícil descrever essa experiência com a limitação das palavras. Falo isso, pois fui a várias como confraternista e como membro de equipe e sinto essa carência de meios de narrar o que realmente significa a COMEERJ para um jovem espírita.

Já em meados de junho ficávamos ansiosos para saber qual seria o tema da COMEERJ e passado o encontro, só se falava dele nas rodinhas da juventude espírita durante algumas semanas. Sem chamarizes ou prêmios, a COMEERJ atrai os jovens pela força do sentimento que transborda naqueles quatro dias, criando um vínculo sólido e profundo com a doutrina espírita, vivenciada e sentida.

O tema da COMEERJ é o seu eixo pedagógico, onde se desenvolvem as atividades de estudo, as peças artísticas e todas as demais ações que de forma integrada, constroem nos quatros dias a reflexão coletiva e individual sobre aquele tema. Digo isso, pois apesar de ser uma confraternização no nome, trata-se de fato de um celeiro farto de estudos e reflexões, que talha no coração de vários jovens o vínculo indelével com a doutrina espírita e com o trabalho no bem.

A contribuição da COMEERJ é pluridimensional. Muito se produziu em termos de músicas para o movimento espírita nesse encontro, nas suas variadas edições. Além disso, toda uma geração de evangelizadores de juventude se formou a sombra dessa árvore chamada COMEERJ. Técnicas, abordagens, experiências, visões... Um cabedal de "know-how" de evangelização juvenil floresceu nesses trabalhadores, a se irradiar no cotidiano das casas espíritas do Rio de Janeiro e do Brasil, nos caminhos insondáveis do futuro, em iniciativas imensuráveis por conta dessa influência.

Poucas vezes em minha vida vi um trabalho voluntário dessa envergadura funcionar tão bem! A organização da COMEERJ, com suas diversas equipes, envolve uma preparação prévia, com reuniões, estudos e discussões por domingos a fio, na busca de oferecer aqueles jovens o carinho no estudo, na alimentação, na estrutura, nos murais etc. Tudo com muita amizade, compromisso e sintonia com a espiritualidade, em um respeitoso clima de trabalho entre os tarefeiros, muitos deles ex-confraternistas, outros com décadas de contribuição na causa espírita.

Ainda em meu depoimento pessoal, na "entrega" de minha filha na recepção da COMEERJ, com atraso devido a problemas mecânicos com o ônibus na ensolarada Avenida Brasil, encontrei antigos companheiros de COMEERJ nas equipes de trabalho, assim como seus filhos, hoje jovens confraternistas, estampando no rosto a mesma alegria que experimentei

outrora naquelas canções e momentos. O mundo mudou, com suas maravilhas tecnológicas, mas vejo cada jovem daqueles seduzido pela magia de encontrar o outro e juntos, encontrarem o Cristo.

Observamos gerações se sucedendo no espírito da COMEERJ, filhos virando pais de filhos que vivenciam agora a grandeza dessa comunhão de espíritos encarnados e desencarnados. Sim, a COMEERJ também é um grande trabalho no plano espiritual, no atendimento de espíritos sofredores, na imersão da vibração daquele encontro.

Entretanto, o grande trabalho da COMEERJ, em minha opinião, é na vida daqueles jovens, na sua capacidade de despertar neles a espiritualidade, de mexer com seus sentimentos, com a sua visão da vida e com a sua relação com a doutrina espírita. A COMEERJ surge como uma "carga coletiva" na bateria das juventudes espíritas fluminenses, um momento de comunhão e de sinergia, onde um mais um é sempre mais que dois. Em momentos difíceis da vida, lembramos daquelas músicas, dos momentos singelos, que nos avisam que outro mundo é possível.

Em uma produção incessante, a COMEERJ continua espalhando seus filhos pelo mundo. Olhar para o passado, olhar para frente, olhar para o lado... Em todas essas ocasiões enxergamos os filhos desse movimento de mocidades espíritas, deixando a marca da COMEERJ em textos, trabalhos assistenciais, palestras, sites, eventos, músicas e peças de teatro espalhados pelo movimento espírita.

A COMEERJ produz e se reproduz, não como um padrão de evento, mas como o espírito de construção de atividades customizadas para o jovem, em uma linguagem própria, em um acolhimento peculiar, preparando não só as futuras gerações do movimento espírita, mas sim construindo em cada um daqueles corações idealistas o homem de bem que Jesus

espera de nós, em um momento de tantas bifurcações e conflitos como é a juventude.

A jovem lá de casa adorou o encontro, os amigos, as músicas, as atividades, os estudos... Povoou suas redes sociais de amigos da COMEERJ. Na minha chegada, na quarta-feira de cinzas, fui recebido com um solene *"-Como faço para me inscrever para o ano que vem?"*. O mesmo sentimento de meus tempos de COMEERJ, como jovem. Um sentimento herdado e ao mesmo tempo construído pelos anônimos e incansáveis trabalhadores dessa seara, do lado de lá e de cá.

76. A SEMENTE DO HOMEM DE BEM

Certa feita, em uma reunião de início de ano de um trabalho assistencial que contava com quase trinta anos, determinado dirigente, que labuta desde o início naquela seara, comentou em tom avaliativo que o trabalho de evangelização infantil rendera frutos naquele longo período, pois entre outros sinais, verificava-se que os meninos que frequentavam aquela casa espírita, incrustada em uma comunidade carente, repleto de tensões e pressões, não tinham bandeando para o caminho da criminalidade.

Difícil avaliarmos os frutos dos trabalhos espíritas nas plagas assistenciais, com pessoas que se abeiram ali muitas vezes à busca apenas da cesta básica que será pega em outra denominação no dia seguinte... Difícil, pois temos carência de material didático voltado a pessoas de baixa escolaridade e de produção literária que nos ampare a lidar com famílias em condições de vulnerabilidade, as vezes refletidas em desagregações familiares com o alcoolismo e outros problemas comuns a comunidades carentes, em especial na cidade do Rio de Janeiro, e suas mazelas já conhecidas.

Ainda que muito frequente na prática, os trabalhos assistenciais não gozam de uma discussão robusta e de produção que os permitam avançar sobre os paradigmas vigentes, com raras e valorosas colaborações que surgem por aí... Essa falta de discussão, por vezes, nos leva ao desânimo e a valorização do "bem quantitativo", refletido na soma de benefícios distribuídos, de forma descontextualizada, social e espiritualmente.

A evangelização infantil, comum em trabalhos de natureza assistencial, necessita de uma discussão profunda sobre currículo, pressupostos, abordagens e visões pedagógicas que percebam ali, em sala de aula, espíritos, em verdade imersos

em um ambiente de carência material, mas espíritos sequiosos de conhecimento que os console, liberte e ampare.

Nesse contexto, temos, sim, objetivos programáticos de melhoria a um longuíssimo prazo daquele grupo humano, ainda que nos vejamos, ocasionalmente, frustrados pelas forças presentes na capacidade de perpetuação de hábitos tristes, como a gravidez precoce, constantes a cada geração, em um ciclo de difícil rompimento. Mas a feliz fala desse amigo dirigente nos aponta para interessantes indicadores de nossos trabalhos espíritas no campo da infância, na percepção da importância de plantarmos as sementes do homem de bem, em qualquer espaço, seja ele carente ou não no campo material. E o homem de bem se fará percebido no futuro!

Jesus na parábola do semeador fala que um homem saiu a semear, a espalhar sementes por diversos terrenos, que diante das diversidades, buscavam crescer. Todas falharam, mas a que *"caiu em boa terra, deu boa colheita, a cem, sessenta e trinta por um"*, indicando-nos uma profunda reflexão que pode nos servir ao direcionamento das finalidades de nossos trabalhos assistenciais. Uma reflexão do nosso papel de semeadores e do crescimento no ato de semear.

Amparamos aquelas famílias materialmente pela bolsa, pelo material escolar, pelas roupas... Buscamos instrumentalizá-las a caminhar sozinhas pelas oficinas, que possam com dignidade permitir a elas ganhar algum dinheirinho... Apoiamos as suas iniciativas no campo escolar, pretendendo que a nova geração transcenda a miséria material da anterior. As abordagens assistenciais clássicas aqui estampadas cuidam do emergencial, da impossibilidade de se falar de Jesus para quem tem fome, mas necessitam de um complemento, de um pão mais sublime, que emancipe espiritualmente aquelas pessoas, na reflexão de sua condição de espíritos encarnados, na chamada resignação produtiva, que converte dor em amor.

Insta desenvolver, com igual força, as nossas atividades doutrinárias nos trabalhos assistenciais, a evangelização, a palestra, o estudo, que para além de um caráter proselitista e catequizador, visem, por meio dessa interação diria “filosófica”, trabalhar valores morais, pela ótica da imortalidade da alma e da reencarnação, levando aos chamados, erroneamente ao meu ver de assistidos, uma reflexão que os permitam adotar disposições renovadas, diante das provas da carência material e dos desafios morais da vida encarnada.

A atividade de discussão, de interação intelectual-moral na área assistencial, tem um caráter emancipador, que liberta aqueles espíritos de armadilhas morais, indicando o caminho do estudo, do trabalho e do esforço na superação de suas dificuldades e apontando que a dor é uma mola para despertar o nosso amor. E nessa construção, nós, ditos trabalhadores, amadurecemos, pois a falação bonita e vazia não encontra eco diante dessas dores, nos fazendo amadurecer na vivência do Cristo.

A parte boa do trabalho atinge a todos os atores, como oportunidade bendita de amadurecimento e reflexão, representando muito mais do que ir lá ensinar o evangelho para as pessoas pobres. O pão material que dá o peixe, a oficina que dá a vara e ensina a pescar, são polos fundamentais da equação da assistência... Entretanto, a discussão doutrinária, o fortalecimento filosófico, lastreado pelos pilares da doutrina espírita, traz a reflexão que faz a pessoa entender o peixe, a vara, o rio e os seus braços, convertendo todos em pescadores de almas, como disse Jesus. Não queremos fazer daquelas pessoas espíritas no sentido de que elas leiam avidamente as obras básicas e tenham um conhecimento formal. Necessitamos de uma abordagem pedagógica que mostre esse conhecimento espírita na prática, no mundo concreto, sentido, como forma de espalhar as sementes em cada coração, tornando-os sim, eles e nós, pessoas melhores, fim maior.

Essa abordagem robustece a bolsa e a oficina, contribuindo para um caráter consolador, diante da dor, é verdade, mas também de superação, fazendo que a pessoa venha à busca do alimento e saia com a sua alma revigorada, com novos horizontes. Para isso, precisamos nos adaptar... Nossas palestras, nossos estudos, nossos currículos, para que vejam nesse contexto a melhor forma de passar o Espiritismo e todo seu valor transformador de atitudes, em sua expressão mais simples, nesses trabalhos, em especial na infância.

A reencarnação liberta, pois mostra a nossa situação como transitória e que pode mudar pelo esforço cotidiano, na busca de construir o homem de bem naquele espírito imortal que hoje enverga uma roupagem de carência. O livre arbítrio, a prática de bem, são valores espíritas que possibilitam construir uma vida melhor, em um sentido amplo. Tesouros morais que podem e devem colaborar na superação de situações de carência material, fortalecendo aqueles espíritos na sua prova, buscando a senda do bem.

Fica a reflexão para os que trabalham na seara espírita na evangelização de crianças que padecem de miséria material e que por esta são influenciadas, sim, no aspecto moral, podendo essa dor servir de trampolim que as impulse ou de buraco que as afunde. Para além do peixe que mata a fome, demandamos ouvir o convite de Jesus no chamado milagre dos peixes, para falar de pães e peixes que se multiplicam e aplacam a fome do espírito.

77. PAULO DE TARSO E A JUVENTUDE

Paulo, o apóstolo dos gentios, foi um dos personagens mais marcantes na história do cristianismo. Nos deixou de herança, além de belos exemplos de vida, de conversão e de luta incessante na divulgação da mensagem do Cristo, escritos profundos, nas suas famosas cartas, cujos trechos inspiraram músicas e mensagens mediúnicas.

Uma delas, em especial, a primeira carta aos Coríntios (habitantes de Corinto, na Grécia), no capítulo 6, versículo 12, apresenta uma de suas insignes sentenças: *"Tudo me é lícito, mas nem tudo me convém"*.

Nessa singela frase, Paulo apresenta a liberdade de proceder do ser humano, espírito encarnado e cocriador. Contudo, aponta também as limitações da Lei divina, do convívio com o próximo, onde essa liberdade é cerceada pela questão da conveniência e da oportunidade. Apresenta aí a justificativa perene que nós temos em nossas reflexões, cotidianamente, diante de uma decisão a ser tomada.

Em relação à juventude, essa máxima se reveste de um significado especial. Afinal, no processo de desenvolvimento do espírito encarnado, é na juventude que ampliamos a nossa autonomia, a nossa possibilidade de se exercer a vontade. Entretanto, ao mesmo tempo, nesse período nos vemos no processo de construção do nosso juízo, representado folcloricamente pelo nascimento dos dentes denominados "sisos", mas que se trata sim da questão de nos sabermos capazes de algo, mas que ainda sim ele não deve ser feito. Um passo marcante da conquista da maturidade.

Podemos exemplificar essa assertiva de Paulo de Tarso em três dimensões interligadas, aplicadas a vivência da juventude. A do QUERER, a do PODER e a do DEVER. Uma divisão didática de três fases da vida do jovem, no exercício de sua

liberdade e na construção de sua responsabilidade, a capacidade de responder por.

O querer é o indicativo da opção. É dentre os diversos caminhos, escolher algo por si só, longe do direcionamento aplicado costumeiramente à criança. Obviamente, nenhuma escolha é totalmente livre nesse contexto e o querer do jovem, diferente da criança, na maioria dos casos não sofre grande influência da família e sim do seu grupo de referência, que pode ser da escola, do esporte ou da prática religiosa, ainda que o jovem acredite decidir apartado de influências.

A dimensão do poder, é onde o jovem possui não só a vontade, mas a possibilidade de fazer algo. É o momento onde ele adquire a capacidade de tornar realidade o que ele escolheu, residindo aí os maiores riscos, das escolhas e caminhos errados, onde a inconsequência na busca por loucuras desenfreadas pode afetar seriamente a sua encarnação.

Por fim, a questão do dever é onde o jovem busca a sua consciência e avalia se aquilo que ele quer e pode fazer é realmente pertinente. É o desenvolvimento da capacidade de avaliar situações a si apresentadas e que postura se deve adotar. A rebeldia natural da juventude, o desejo de transgressão na busca de afirmação de personalidade, interferem nessa questão, inibindo essa capacidade de julgar o certo e o errado, pelo desejo de se fazer o que não se deve, pautado por outras motivações.

Essa sequência de QUERO-DEVO-POSSO é fundamental para a reflexão do espírito encarnado, para o seu processo evolutivo, em especial no período da juventude, onde aumenta o leque de escolhas e a capacidade de escolher e fazer, ainda que tenha incipiente a noção de julgar o que deve ser feito, ou não. É uma época de diversões, de sensações, de cantos de sereia e bifurcações no caminho, em lutas necessárias, mas que devem nos trazer como dividendos as lições aprendidas.

Errar sem aprender é extremamente danoso...Melhor aprender sem errar.

Por isso, cabe aos pais e educadores trabalharem com os jovens esse processo de construção de sua autonomia de saber o que quer-deve-pode e não aprisioná-los em uma redoma, longe do mundo, privando-o do exercício dessa tríade tão necessária, ainda que as vezes se faça por processos dolorosos.

A lição de Paulo de Tarso, de que devemos sopesar a conveniência diante das possibilidades, é um farol na nossa caminhada no mundo, e aos jovens, saindo da proteção do núcleo familiar para enfrentar as agruras e alegrias da vida adulta, se apresenta a sentença como basilar, para que saibam estes o que querem, até onde alcançam e se aquela atitude é a que o Cristo espera de nós, relembrando outra importante frase de Paulo, na sua conversão à porta de Damasco, quando pergunta ao Cristo: "*Senhor, o que queres que eu faça?*"

78. REMINISCÊNCIAS DA ORIENTAÇÃO NA JUVENTUDE ESPÍRITA

Perdoe, estimado leitor, o uso de uma narrativa pessoal, mas exemplos vivos, ainda que por vezes idealizados, nos fazem pensar que é possível mudar e fazer diferente, como heróis de carne e osso que tentamos ser, nas lutas cotidianas da existência encarnada.

Ultrapassada essa breve justificativa introdutória, remeto o leitor ainda atento a década de 90, quando eu como jovem frequentava a chamada Juventude Espírita, nas manhãs ensolaradas de domingo. Um tempo de aprendizado, como é a juventude, e de sedimentação da personalidade, no qual fui brindado com dois exemplares orientadores de mocidade, os grandes X. e Y.

X. e Y. conduziam a Mocidade Espírita Z. em um grupo de cerca de 40 jovens e atuavam nessa coordenação com a combinação de duas virtudes: "autonomia" e "aprendizagem vivenciada", em dois eixos que classifico agora, imperceptíveis a época, e que auxiliaram nessa forja daquele grupo que hoje eu encontro por aí, nas quebradas da vida, e vejo que deu frutos, profundos e tenros.

A autonomia se dava por nos enxergar como jovens, com suas limitações, mas que detinham o potencial de romper esses limites. Autonomia que pensava no futuro, que seríamos adultos em breve, pensando que esse período da juventude deveria ser bom, mas que também iria passar.

Nessa linha, com ousadia e carinho, X. e Y., com o apoio da casa espírita, colocavam os jovens durante um mês do ano para dar palestra na reunião pública de sábado à noite. Na reunião da juventude quem dava o estudo era o jovem, desenvolvendo nestes o ímpeto da pesquisa e da construção do pensamento espírita.

Imagine, ainda atento leitor, que alegria, e que “frio na barriga” era você, um jovem, proferindo uma palestra... quanto risco... quanto crescimento... era romper para quem assistia a ideia retrógrada de que jovem na casa espírita somente servia para “carregar cadeiras”.

De forma democrática e respeitadora, o início do ano era utilizado para o planejamento das atividades da juventude, envolvendo todos (note atento leitor, todos!) os jovens nessa discussão. E ao final do ano, nos reuníamos, para avaliarmos o que foi feito, desabrochando com essas modernas práticas, em cada um, uma maturidade voltada para resultados, qualidade e transformação. Um exercício para a vida social, religiosa e profissional.

No que tange a dimensão da “aprendizagem vivenciada”, os nossos coordenadores de juventude X. e Y. nos engajaram, jovens de 14 a 18 anos, em um trabalho assistencial de evangelização, que já existia, dentro de uma comunidade carente, no qual nós jovens coordenávamos as nossas turmas e as atividades correlatas, como festas para arrecadar gêneros, por exemplo.

Pense só, você que ainda nos lê nessa narrativa, como lapidava o nosso coração essa experiência. E como fazia bem aquelas crianças a nossa energia para cantar, brincar e ensinar. Uma escola de vida ver, como jovem, o valor das coisas junto aqueles que não tinham muito, e ver que apesar disso um sorriso poderia fazer milagres.

Nessa mesma linha, vez ou outra um jovem era convidado a participar da Reunião Mediúnica da qual X. e Y. frequentavam, para ali desmistificar a questão do intercâmbio e aprender um pouco, naquele momento especial dessas atividades, no qual morremos um pouquinho diante dos depoimentos dos irmãos desencarnados em sofrimento.

Por óbvio, fazíamos campanha do quilo, organizávamos peças teatrais, encontros e outras atividades comuns nas juventudes espíritas, sob a supervisão confiante de X. e Y., mas tínhamos em nós, bem claro, que a condução das tarefas da juventude tinha a nossa digital, o que nos fazia crescer, na teoria e na prática, sem padecer daquele medo vigilante do jovem que vai deturpar o mundo.

Para X. e Y. a constância era um valor. Ouvíamos que não poderíamos ser como o beija-flor, bicando várias flores, que o trabalho deveria ser constante, com envolvimento, o que traria modificação espiritual a todos os envolvidos. As atividades culturais, encontros, visitas a outras juventudes eram boas, estimuladas, mas com o alerta do comedimento que inibe o turismo na vivência espírita.

Um tempo bom que deixou suas marcas nas nossas personalidades. Marcas oriundas de práticas, de visões que seriam salutares as juventudes espíritas e aos trabalhos em geral na doutrina. Autonomia, que se constrói com confiança e participação! Aprendizagem vivenciada no diálogo permanente da teoria e da prática.

Essa equação da juventude X. e Y. souberam bem resolver. Com amor e diálogo, souberam trabalhar a tenra flor dessa idade mitificada, na qual o Espiritismo tem um grande papel, como alicerce para o futuro, mas como espaço também de vivência de um feliz presente.

79. A DIMENSÃO PEDAGÓGICA NA EVANGELIZAÇÃO DE CRIANÇAS SOCIALMENTE CARENTES

A pobreza é uma realidade em nosso país, manifestando-se não apenas pela carência financeira, mas espraiando-se em suas consequências pela deficiência nutricional, falta de acesso à escola, saneamento precário, negativa de acesso à energia elétrica, instabilidades familiares, trabalho infantil e o chamamento da criminalidade, dentre outras problemáticas. Uma realidade em bolsões que margeiam as grandes cidades, mas que também se faz presente nas áreas rurais, sacrificando gerações em uma provação das mais difíceis, que nos preocupa como cidadãos e como espíritas.

Como não poderia deixar de ser, na lição do codificador que exalta o primado da prática do bem, as casas espíritas atuam também nesse segmento, no campo de suas ações da chamada promoção social, com uma diversidade de trabalhos que busca mitigar o sofrimento dessas pessoas, seja pela bolsa, seja pela sopa, ou ainda, pela presença de casas espíritas incrustadas nas comunidades, com a finalidade de atender aquelas pessoas, material e espiritualmente, de forma mais próxima.

Muitos desses trabalhos incluem em suas linhas de ação a evangelização espírita infanto-juvenil para essas crianças, convergindo nessa ação a dimensão assistencial, dada pelo apoio material; com a dimensão espiritual, por meio do passe e da oração; e ainda, a dimensão pedagógica, que se apresenta pelos ensinamentos morais e os conceitos espíritas trabalhados nas aulas de evangelização.

Sobre essa dimensão pedagógica é que nos deteremos nesse singelo artigo. Das peculiaridades que as aulinhas têm, voltadas para esse público, que não vem necessariamente de

uma família espírita de moldes tradicionais, que nem sempre assim se vê e que padece de carências materiais que se espalham em outras dimensões, afetando a relação ensino-aprendizagem da Doutrina Espírita e a sua formação psicobiológica.

O primeiro passo é reconhecer que sempre que possível essas aulas de evangelização devem ser em conjunto com os filhos dos demais frequentadores, evitando a segregação e o preconceito, nos muros de trabalhadores/frequentadores/assistidos, favorecendo a indulgência e a aprendizagem mútua.

Porém, por questões de horários, não é o que ocorre na prática na maioria das casas, desconsiderando-se que essa inclusão é salutar e que rompe as barreiras das desigualdades, fortalecendo o crescimento pela integração, possibilitando a construção de outros paradigmas sociais para todos os envolvidos, no Espiritismo vivo e vivido.

Considerando-se o que se vê na maioria das instituições espíritas, na qual temos um dia na casa de trabalhos assistenciais e em paralelo, as aulas para os filhos dos ditos assistidos, devemos refletir inicialmente sobre o currículo a ser adotado, no qual deve comparecer o Espiritismo em sua expressão mais simples, com conteúdos morais e evangélicos, com certeza, mas também com princípios básicos da doutrina, em especial a reencarnação e a imortalidade da alma.

Sim, faz-se mister trabalhar os conceitos essenciais da Doutrina, pois a visão de conduta cristã saciará nas crianças a demanda por um regramento que elas muitas vezes não dispõem, mas o saber espírita atenderá as suas necessidades mais profundas, de compreensão de suas dificuldades, fortalecendo a esperança, a coragem e apaziguando a revolta. O aprendizado como espírito, escondido ali naquele papel transitório.

No que tange a abordagem, isso tudo deve ser trabalhado com muitas histórias, dinâmicas, em uma visão lúdica e concreta que dê conta das restrições de ordem material e escolar que essas crianças venham a ter, mas procurando passar a essência do ensinamento espírita, não na busca de formá-los espíritas, mas sim para instrumentalizá-las para as lutas de agora e do futuro. A caridade também se faz em lhes fornecer um alicerce para que ali se erga um homem de bem.

Para mediar a construção desse conhecimento, não bastarão apenas metodologias e artifícios pedagógicos, em que pese esses sejam de grande relevância para todo aquele que labuta na evangelização. Será necessário também que essa dimensão pedagógica se revista de um aspecto afetivo, pelo abraço e pela palavra afetuosa, pela música e pelo exemplo, de modo a tocar o coração daquelas crianças, por vezes imersos na revolta que deságua no ódio, para que elas possam converter aquelas breves aulas em degraus que as possibilitem crescer como espíritos diante da prova da carência material.

Assim, os pilares dessa evangelização para o público de trabalhos assistenciais se fazem pela conduta cristã, no trabalho dos valores morais, mas também pelos conceitos espíritas, concretos e vividos, sem formalismos de obras e autores, mas com uma profunda verve conceitual, de aplicação daquela visão a realidade prática. E tudo isso trabalhado de forma lúdica e com valorização da afetividade, como elemento mediador que possibilitará o atingimento daqueles corações e mentes.

A evangelização espírita necessita construir futuros. A realidade da pobreza, em todas as suas dimensões, afeta sobremaneira o processo de desenvolvimento das crianças... inclusive o desenvolvimento como espírito. Evangelizar é uma relação entre espíritos, e aqueles irmãos hoje na dificuldade material necessitam de nossa mão estendida, para avançar, mas também tem muito a nos ensinar. Precisamos tocar

aquelas histórias, para que elas sejam reescritas. Mas também precisamos nos deixar tocar por aquelas narrativas, para que possamos ressignificar a nossa existência, e dessa forma tornarmos o mundo melhor. Somos evangelizadores, fazemos a diferença.

80. INABALÁVEL, NA BALADA

Julia é o que chamamos de uma jovem espírita. Frequenta a juventude espírita da casa "Fraternidade em nós", ajuda na campanha do quilo, na evangelização infantil, procura sempre estudar a doutrina e entre desafios do vestibular, afazeres domésticos, anseios profissionais e lutas afetivas, toca a sua vida nessa complexa fase da existência encarnada.

Com a vida atribulada, Julia ainda arruma tempo para cultivar os amigos da escola, da infância, da casa espírita, em grupos que guardam entre si poucas interseções. Julia, como toda jovem, tem uma intensa vida social, com atividades culturais, passeios ecológicos e... festas!

Sim, a Julia adora uma festa, dançar, pular e tudo mais que compõe essa bela e alegre fase de nossa vida. Sábado à noite, é balada na certa. Domingo, 9hs da manhã, Julia está lá, a postos, na salinha de evangelização, na qual figura como monitora da turma do Jardim.

E como Julia se porta na balada? De forma inabalável! Cabeça feita, a menina sabe se divertir com responsabilidade, se posicionando, com a maturidade de quem sabe a importância da coerência entre os múltiplos papéis que desempenhamos na vida.

Julia, temos diversas no movimento espírita, e o nosso discurso paterno/materno, esquecido de nossa juventude e temperado de medo urbano e conservadorismo, idealiza em Julia uma jovem que não existe, descontextualizada de escola, rua, grupos sociais e cobra dela uma visão postiça da juventude.

É preciso enxergar Julia como um espírito em construção, que precisa fortalecer a sua autonomia, seu discernimento, para que seu caráter seja forjado de maneira inabalável, diante dos desafios do mundo, que não são apenas as festas, mas se

materializam na idade adulta, na qual teoricamente somos “donos de nossos narizes”, nas questões do trabalho, da vida em sociedade e da gama de papéis que precisamos saber nos portar como espíritos e espíritas.

Julia precisa saber, na lição de Emmanuel a Chico Xavier (Vide “Lindos Casos de Chico Xavier”, de Ramiro Gama), em relação a lugares e ambientes, não se ela pode entrar, mas sim se ela vai conseguir sair. E para isso ela precisa desenvolver sua personalidade, seu bom senso, uma convicção raciocinada que a permita distinguir o que é bom para ela, uma tarefa na qual a Doutrina Espírita será valorosa.

Adotar uma postura de colocar Julia na redoma, de um isolamento do mundo, é tão pernicioso quanto o extremo de abandoná-la a sua sorte, sem orientação frente aos desafios. A juventude, como fase essencial do desenvolvimento do espírito, assusta os mais velhos desde a Grécia antiga, mas como etapa de autonomização, de prova do que foi ensinado, necessita que se deixe, aos poucos, o pássaro voar.

Assim, o jovem espírita é um espírito eterno, mas tem como encarnado as peculiaridades da dimensão social, seus ritos e manifestações, a vinculação afetiva a grupos e isso tudo é muito natural, como processo de amadurecimento. A postura inabalável, na balada, se constrói com vivência e reflexão, e causa medo, é verdade, mas nos lembra que precisamos aprender a viver no mundo, intensamente, sem ser do mundo, no entanto.

Fim

Notas sobre o Autor:



Marcus Vinicius de Azevedo Braga é carioca, e tornou-se espírita em 1990, quando interceptou na sala de aula do Ensino Médio um exemplar de *O Evangelho segundo o Espiritismo* sendo passado para a frente por um amigo.

De lá para cá, nesses trinta anos, frequentou diversas casas espíritas, atuando na divulgação doutrinária, na evangelização infantojuvenil e em atividades assistenciais e mediúnicas.

Lançou em 2001 o livro *Alegria de Servir*, pela FEB, em 2013 o livro *Você sabe quem viu Jesus nascer* (pela EVOC) e em 2018 foi coautor da coletânea *Fome de quê* (Editora EME).

Atualmente frequenta o Grupo Espírita Francisco de Assis, na Ilha do Governador, no Rio de Janeiro, RJ).

Colaborador constante dos veículos *Correio Espírita* (RJ) e revista eletrônica *O Consolador* (PR), entre outros, consolida agora essa contribuição para a imprensa espírita desde 2002 com as obras "Fruto Forte" e "Viajor", publicadas no formato de e-book pela EVOC – Editora Virtual O Consolador.